

Lembranças, quantas lembranças

Escrito por Maria Aparecida Carpanez dos Santos

*Atenção! Compro gavetas,
Compro armários,
Cômodas e baús.*

*Preciso guardar minha infância,
Jogos da amarelinha,
Os segredos que me contaram
Lá no fundo do quintal.*

*Preciso guardar minhas lembranças,
As viagens que não fiz,
Ciranda, cirandinha
E o gosto de aventura
Que havia nas manhãs.*

*Preciso guardar meus talismãs,
O anel que tu me deste,
O amor que tu me tinhas
E as histórias que eu vivi.*

Roseana Murray

Casarão assobradado, confortável e espaçoso, numa rua calma, próxima ao museu do Ipiranga - era onde residíamos em 1970. Em maio de 1962 eu já estava casada. Júnior tinha um ano e meio de idade. Grávida da Elizabeth, fui morar na casa de meus pais. Minha mãe, com a saúde já debilitada, dizia sentir-se mais tranqüila com a presença de uma das filhas em sua casa.

Assim, naquele casarão onde duas famílias conviviam - uma ainda em expansão - nasceram Elizabeth e Paulo Sérgio, cercados pelos carinhos e mimos do vô Emílio, da vô Helena, do nono Henrique e dos tios Toninho e Zélia, ainda adolescentes. Meiga e doce Zélia!

Nem sempre era fácil coordenar aquele aglomerado. Quatro gerações convivendo sob o mesmo teto. Dos avós, somente o temido nono Henrique, pai de minha mãe, restava agora. Ele havia se tornado um bisavô doce e paciente. Quanto carinho com meus filhos pequenos! O maior teste de paciência era quando, sentado numa cadeira no quintal, entretido fazendo seu inseparável cigarrinho de palha, era obrigado a aceitar a ajuda sempre desastrada do bisneto. E como se lembrava de datas...

“Em 1902...” e lá ia discorrendo sobre fatos acontecidos e vividos. Velhas histórias... Nisso passavam-se horas em que seu ouvinte predileto era meu marido William.

Com profunda tristeza, eu via o estado de saúde de minha mãe Helena agravar-se. A artrite lhe causava muitas dores, tolhia-lhe os movimentos, e ela passava a maior parte do tempo na cama, em um quarto contíguo à copa-cozinha.

Nos dias em que, sob o efeito de analgésicos, sentia-se melhor, ficava comigo na cozinha, na cadeira de rodas. Enquanto eu preparava o almoço, conversávamos sobre os mais variados assuntos, relembando fatos passados. Fazia questão de inteirar-se de todos os problemas da casa, tinha sempre uma solução e, mesmo estando presa a uma cadeira de rodas, fazia grandes projetos de vida. Espírito forte, não se deixava abater.

Certa ocasião, orientou da cama a execução de um armário embutido em um dos dormitórios do andar superior. Estudou o projeto juntamente com o marceneiro, levando em conta a metragem disponível. Escolheu a madeira, discutiu o preço e mandou executar o trabalho.

Quando conseguia uma boa noite de sono, logo pela manhã dava-me a feliz notícia:

-Noite santa! Dormi quase a noite inteira.

Outras vezes:

-Esta noite sonhei que trabalhava. Trabalhei a noite toda. Se Deus me desse essa graça... Eu só queria melhorar para poder trabalhar.

-Gosto mais besta esse, mãe, retrucava eu.

Olhos também glaucomatosos, já não podia ver seus programas preferidos na televisão. Gostava das lutas do Ted Boy Marino. E como torcia! Vibrava também com as novelas da época.

Toda essa força só poderia vir da fé inabalável que possuía, o que a tornava uma doente tão especial. Nunca se revoltou. A tudo aceitava, sempre oferecendo ao Coração de Jesus seus sofrimentos e dores. Havia momentos de desânimo, mas eram raros. Sempre nos incentivando na fé, nos encorajando na luta contra os reveses da vida. Era, assim, nosso porto seguro; para ela corríamos nos momentos de dúvida.

-Tenha paciência, filha. Tudo nessa vida passa tão depressa... Olha, a minha já esta acabando...

Recebia visitas que, condoídas com sua situação, vinham dar uma palavra de ânimo. Uma senhora que a visitava constantemente comentava comigo:

- A gente vem para consolá-la e somos nós que saímos consolados!

Isso graças à sua resignação e aceitação. Ela era assim. Tinha sempre uma palavra de encorajamento e fé para todos.

Dentre as inúmeras pessoas que vinham visitá-la destaca o Padre Pedro Balint. Chegava normalmente aos domingos, sempre depois do almoço. Passos trôpegos, idade avançada, mas incansável no compromisso de pastor. Ia direto para o quarto dela. Às vezes saía emocionado. Celebrou muitas missas em nossa casa e minha mãe, já no final de sua vida, delas participava com grande sacrifício.

Marisa, filha de minha irmã Elisa que na época contava com dois ou três anos, associava o nome do padre à guloseima e quando presenciava as visitas não o perdia de vista. Padre Balint se despedia e, quando já alcançava a porta de saída, Marisa, correndo com as mãozinhas estendidas, tentava acompanhar as passadas largas do padre:

-Padre, balinha?! Dá balinha, padre!

O que Marisa não sabia era que o “padre Balinha” só dava mesmo era santinhos!

O bairro do Ipiranga deve muito do seu desenvolvimento à garra e coragem desse sacerdote. Entre suas inúmeras obras, destaca-se a Fundação do Círculo Operário, Matriz de São José - de quem era grande devoto -, Hospital Leão XIII e Colégio Cardeal Motta, para citar algumas delas.

Outra pessoa que também nos visitava era a Julieta. Com que carinho me recordo dela! Era cunhada do tio Ernesto, irmão de minha mãe. Chegava de mansinho, muitas vezes me surpreendia já na cozinha com seu jeito humilde e sotaque interiorano:

- Tá boa, Maria? Como tá a Lena, ta mió?

Enquanto conversávamos, ia enxugando o rosto avermelhado e suado em seu lenço branco amarrado nas pontas, que tinha também a serventia de guardar o dinheirinho da condução. Boa e doce Julieta. Morava em Utinga (subúrbio), vinha de trem até a estação do Ipiranga e subia a pé até nossa casa, onde geralmente ficava para o almoço, só retornando à tardinha. Minha mãe sentia muita satisfação com essas visitas. Sempre tinham o que conversar, dada à forte amizade que as unia desde os tempos de mocinhas.

Quando não tínhamos visitas, às vezes distraíamos minha mãe levando para seu quarto o papagaio Loro, que morava na lavanderia. Bicho muito falante, imitava com perfeição uma tossinha quase crônica que eu tinha. Certa ocasião compramos um gravador Geloso, com o qual gravamos as conversas e cantos sacros de mamãe, além do falatório das crianças.

Minha mãe, apesar do sofrimento, gostava bastante de passear. Chegamos a levá-la para sua cidade natal, Jardinópolis, onde ainda tinha tios e primos. Apesar das dores que a incomodavam bastante, percebia-se nela satisfação em rever lugares e pessoas queridas. Passamos por Ribeirão Preto, São Joaquim da Barra e Ipuam. Só não conseguimos levá-la à Fazenda Santa Luzia, lugar onde morou, e de onde guardava muitas recordações.

Apreciava também as viagens para o sítio de São Roque, terra nua na qual meu pai, aos poucos, fazia melhorias. Ela aproveitava a sombra das árvores na companhia dos filhos e netos. Lá pela tardinha, depois do churrasco e da piscina (muito tosca, um tanque revestido de cimento), nos reuníamos em volta dela, acomodada em uma cama de abrir. Zélia dedilhava em seu violão antigas músicas, acompanhada pelo coro nem sempre afinado dos meninos e demais que se achegavam.

Dizia gostar de dormir com o barulho do mar e era em nossa casa de praia em Suarão, perto de Itanhaém, que ela podia desfrutar desse prazer.

As dores eram muito fortes, constantes e ela viveu muitos anos sob cuidados médicos. Apesar disso, quando tínhamos conhecimento de algum tratamento alternativo e ela demonstrava interesse, arriscávamos uma visita ao novo profissional com esperanças de

alguma melhora. Analgésicos e corticóides tomados por longo tempo já a prejudicavam. Não foram poucas as vezes em que ela teve complicações alérgicas.

Um desses tratamentos foi feito no largo São José do Belém, na clínica de um “doutor” que garantia a cura de todo tipo de reumatismo. O lugar estava sempre lotado de pessoas, umas mancando, outras com o pescoço duro ou carregadas, formando um entra-e-sai interminável. A todos ele atendia com solicitude e atenção. Um após o outro, iam entrando na saleta para receber a vacina, que era o segredo do tratamento. Dali minha mãe saía com o rosto meio inchado, e nos mostrava vários pontos vermelhos e volumosos nas mãos, braços e pernas. Logo após as primeiras sessões, começou desconfiar e nos falou:

- Aquilo lá não é vacina coisa nenhuma, é picada de abelha. Olha aqui o ferrãozinho dela. Maldito embrulhão!

Indignada, ela nos explicou como funcionava o tratamento: o médico encostava um tubinho de papelão na pele do paciente e o cutucava com um palito. A reação imediata do bicho era a picada que o “profissional” chamava de vacina. Mesmo assim, continuou a tomar ferroadas por um bom tempo. Ouvira dizer que dava resultado.

Em outra ocasião submeteu-se com o Dr. Joaquim a um tratamento de injeções intramusculares - nas nádegas – feito a partir de remédios associados à urina do próprio paciente, colhida na hora. Seu consultório era no centro, na rua Conselheiro Crispiniano, onde ainda circulavam bondes. Era penoso, pois a artrite, em seu estado avançado, não lhe permitia muitos movimentos, principalmente o de andar. Assim, em dias alternados, meu pai a levava com uma das filhas como acompanhante.

Injeções dolorosas, na maioria das vezes inflamavam. Havia duas opções para o passo seguinte: ou cediam depois de horas de compressas quentes ou evoluíam para grandes abscessos. Mesmo com toda dificuldade, ela ainda apreciava essas saidinhas. Chegando dos curtos passeios, contava entusiasmada o que vira e o que ouvira.

-Sabe quem estava no Dr. Joaquim? A mãe da Lolita Rodrigues. Mulher alegre, sem nenhum luxo. Simples, conversou com todos.

Meu pai, há alguns anos já estabelecido com uma firma de prestação de serviços de cargas e descargas junto a grandes armazéns, levava uma vida muito agitada. Entre seus clientes estavam a Cia Brasileira de Armazéns Gerais (grupo da Sanbra), a Gulf (companhia petrolífera), a L. Figueiredo de Armazéns Gerais e outras mais. Sempre tenso, era desgastante gerir tudo aquilo, já que, mesmo contando com equipe boa, para certas pendências sua presença era necessária. Na época de safra, tínhamos uma folha de pagamento com mais de duzentos nomes.

Nesta época, meu irmão Toninho já trabalhava com ele, o que eu também fiz antes do meu casamento durante anos.

A tensão de meu pai ficava clara em suas frases, sempre expressadas por muitas tarefas a serem cumpridas. Todos ficavam contaminados por elas e isso lhe rendeu o apelido, criado por minha mãe, de “espalha brasa”.

-O Aguiar esta me esperando na Brasileira para resolvermos o aumento da tabela.

Ou ainda:

- Tenho uma reunião no Figueiredo às cinco horas. Já estou atrasado. Vamos depressa que na volta ainda preciso passar na Gulf; o pessoal de lá está querendo entrar em greve.

Um dia após voltarem do Dr. Joaquim, meu pai já partia apressado para um desses compromissos inadiáveis, enquanto minha mãe, na ânsia de contar um episódio, era interrompida pelo vozerio dos meninos e também da Zélia. Entre um gemido e uma risada, contou-me que, quando voltavam para casa, o carro enguiçou sobre os trilhos do bonde. Chovia. Veículos estacionados em ambos os lados da rua impossibilitavam o carro de ser

empurrado para cima da calçada. Para desespero de meu pai, já se enfileiravam atrás dele um bonde e outros veículos. Nervoso, depois de muitas tentativas para fazer o automóvel pegar, abriu o capô e com uma enorme chave em punho fingia consertá-lo. Tudo o que ele sabia fazer naquela máquina era dirigir, e ainda assim muito mal. O motorista de trás, sempre buzinando, despejou sua fúria em palavrões, retribuídos por meu pai com outros tantos. Transeuntes curiosos paravam e até arriscavam algum palpite de ordem mecânica. Caos instalado. No meio daquele buzinaço e do “dim, dim, dim” do bonde, meu pai atarantado, sem saber o que fazer, empunhou a chave inglesa com os braços para cima ameaçando todo mundo: “venham, venham!”

Os meninos, que estavam aproveitando o passeio, tomaram as dores do avô e gritaram as ofensas que sabiam com as cabecinhas para fora da janela. Zélia contou o embaraçoso desfecho do incidente:

-...até que o bendito do carro resolveu pegar. Meu Deus, que vergonha! Me encolhia toda lá dentro, para não ser vista.

Essas saídas foram escasseando com a piora do estado de saúde de minha mãe e quando ocorriam eram um verdadeiro tormento. As articulações endurecidas impediam a realização de qualquer movimento e a tornavam totalmente dependente. Como se isso não bastasse, havia ainda a angina, com suas dores e agonia, e o glaucoma, que quase zerava sua visão. Às vezes, ainda pedia para que a levássemos ao jardim, onde via as roseiras carregadas com suas flores prediletas.

Muito ainda poderia escrever e testemunhar a respeito desses seres amados que, pela graça de Deus, foram nossos pais. Entregaram serenamente suas almas a Deus. Ela aos 3 de agosto de 1977, aos 71 anos, sete meses depois do casamento da Zélia, como ela desejava. E meu pai no ano seguinte, aos 26 de dezembro. Nos educaram na fé cristã e deixaram de legado ensinamentos, orientações e exemplos de trabalho e caráter dentro de vida humilde. Acredito que uma de suas maiores virtudes tenha sido a generosidade.

Peregrinos da Esperança

O tempo flui, passa com indiferença.

Marca nosso rosto e amarela nossas lembranças

Dá-nos infância, adolescência, juventude,

Maturidade e decrepitude.

E o tempo passa com pressa

Enquanto nós, peregrinos vestidos de esperança.

Pena que nos custa muito entender

Que a vida é o Dom de todos os dons

Que estamos aqui de passagem

Que o mundo é travessia

Sucessão de jornadas

Pujante saudade de nossa origem: Deus.

E assim, entre sonhos e realizações,

Dores e amores, quedas e soerguimentos,

O nosso tempo expira a e a vida nos leva

O mundo pensa que morremos

Mas... vivemos

Transcendemos o tempo e o mundo para sermos eternos.

Frei Zeca

Deolinda, afilhada de minha mãe, era nossa hospede naquele julho de 1970. Seu filhinho de um ano e pouco fazia um longo tratamento no Hospital das Clínicas. De tempos em tempos se deslocava do lugar onde morava - uma cidade do norte do Paraná - e ia para nossa casa dar continuidade ao tratamento. Uma manhã, quando estávamos as duas na cozinha preparando o almoço, ela me fez o convite à queima roupa:

- Por que você não vem comigo, Maria? Vou passar na casa de meus pais, em Tupã, antes de voltar para o Paraná. Não agüento de saudades deles.

Conversando com ela uns dias antes, eu havia manifestado o desejo quase secreto de rever o sítio onde eu nascera. Pega de surpresa, só pude balbuciar qualquer coisa como a dificuldade de me ausentar, mas aquela proposta martelava em minha cabeça. E lá estava essa pessoa, que ajudaria a tornar realidade um passeio tido por mim como muito improvável.

- Chegando em Tupã, está praticamente no sítio, pois as terras do seu avô Natal fazem divisa com a fazenda de meu pai. Lá, um dos meus irmãos te acompanha até onde era o sítio. Há tantos anos que não piso por aquelas bandas que não sei como está. Assim me animava Deolinda, pois já sabia o quanto era difícil eu me ausentar, mesmo que por poucos dias.

Quando falei do convite, meu pai foi o primeiro a incentivar:

- Vai sim, filha. Lá em Tupã o compadre Pedro leva vocês até onde ficava meu sítio. Fica pertinho. O problema é que você não vai ver nada. Do sítio não sobrou nem um pé de café para contar a historia. Da ultima vez que estive lá, não dava para reconhecer o lugar. É tudo pasto e gado, nem um capão de mato, um rapadão só.

Zélia, em férias da faculdade, prontificou-se a cuidar da mãe, com a ajuda das empregadas. Beth, minha filha de oito anos, avessa a viagens longas, também ficou.

Ozaide e Eliza, minhas irmãs, com casa e família para cuidar, não dispunham de tempo para olhar minha mãe, mesmo morando bem perto. Ozaide morava no sobrado da Rua Ethel, agora ocupado por sua filha Marilena (essa casa no alto do Ipiranga, perto do museu, tem uma história à parte).

Enfim, tudo acertado

Finalmente, depois de tantos anos, eu iria rever o sítio onde nascera. Shangrilá perdido no passado, tantas vezes evocado nos momentos de nostalgia. Saímos em um sábado cedo: meu marido Willian, Paulo, Deolinda, seu filho e Pedrinho (seu irmão) que, servindo na aeronáutica em São Paulo, teria a oportunidade de ficar alguns dias com a família. A bordo do nosso possante Simca Esplanada, saímos rumo ao “matão”, como dizia meu pai.

Depois do falatório animado das primeiras horas, e com as crianças já começando a se impacientar, paramos para o almoço na cidade de Marília - lugar tantas vezes citado por meu pai em seus “causos”. Refeitos, tocamos para a frente e chegamos em Tupã no começo da tarde.

Comadre Antonieta foi só alegria ao me abraçar:

- Maria, nunca que eu esperava você aqui, ainda por cima trazendo meus dois filhos. Tá bom demais! Como tá a comadre Lena? E o compadre Emílio?

Enquanto se inteirava das notícias, encaminhava-se para a cozinha, onde iria providenciar o indispensável cafezinho. Compadre Stefanelli, já meio alquebrado, mas ainda animado, queria muito saber do compadre. As amizades do povo do interior eram assim. Amizade de peito aberto, de irmãos, com duração para a vida inteira.

Nesta altura, Antonieta já dispunha sobre a mesa recoberta por uma toalha alvíssima um montão de guloseimas. Doces, queijos, bolos, pão, tudo feito por ela. Tinha orgulho disso. Queria sempre que comêssemos mais e já se preocupava com o jantar.

Antonieta, pessoa linda. Houvesse o que houvesse, não perdia o bom humor. Cheia de frases espirituosas, os “causos” contados por ela tornavam-se muito mais engraçados. Era com quem minha mãe dava mais gargalhadas. Foi nossa hóspede inúmeras vezes, sempre acompanhada por doentes: ora filhos, ora netos, ou até mesmo cunhados. Iam para a cidade grande sempre animados com a esfuziante propaganda que meu pai fazia de São Paulo:

- Em matéria de saúde não havia doutor melhor que o Dr. Montenegro.

Quem tinha algum recurso financeiro procurava a capital. Quem não tinha, era confiar em Deus.

Compadre Pedro, comedido, fala mansa, pausada. Porte alto, pele queimada do sol, olhos de um profundo azul. Deveria ter sido muito bonito na mocidade. Seu sítio, que fazia divisa com o do meu avô, agora era uma grande fazenda de gado. Comprara os sítios dos vizinhos que, desgostosos com a falta de incentivos, geadas, dívidas e terra já cansada, partiam para tentar a vida em outros lugares. Uns iam para a capital, outros para o norte do Paraná, “terra boa, da promessa.” E assim aqueles belos sítios, com cafezais a perder de vista e grandes pomares, transformaram-se em latifúndios. Pastos ressecados, tristes, e seus antigos proprietários espalhados por sabe Deus onde. Muitos, seduzidos pela fama de São Paulo, eram atraídos para possíveis bons empregos, vida boa, conforto na capital. Lá chegavam sem profissão, sem dinheiro e enfrentavam dificuldades de toda sorte. Alguns bem depressa se desiludiam. Outros, porém, se davam muito bem.

No domingo cedo fomos para a fazenda, localizada a poucos quilômetros da cidade. Um carro lotado e os demais no caminhão, entre solavancos e muita poeira da estrada. Percebia-se claramente a tristeza de Antonieta, olhando aqui e ali junto com a caseira - uma nordestina cheia de filhos - fazendo perguntas sobre as criações, as plantas, o pomar:

-Quando morava aqui era uma lindeza - lamentava ela. Hoje choro só de ver o abandono. Os filhos têm cada um seu modo de vida, uns longe dos outros, e nenhum quer saber dessa lida. O jeito é vender, porque a gente já tá com idade, não agüenta mais cuidar de tudo.

Tentamos consolá-la, dizer que já haviam trabalhado muito, que agora era hora de descansar e passear, mas sua expressão de tristeza, os olhos rasos d’água, mostrava que não havia consolo.

Na segunda-feira, entre efusivos abraços e promessas de próximas visitas, nos despedimos emocionados. Arlindo, um dos filhos, nos acompanharia. Ele morava na cidadezinha de Quatá e nos levaria com prazer ao lugar onde fora o sítio do velho Carpanezzi. No entanto, não fez isso sem antes repetir que nada veríamos do antigo sítio. Na minha obstinação, queria ver de perto. Impossível não haver um sinal, por menor que fosse. Almoçamos cedo em sua casa e saímos. Mostrou-nos a cidade toda - o que não levou muito tempo - e dizia, apontando para determinada construção antiga de fachada amarela:

-Aqui é a máquina de beneficiamento de arroz de fulano de tal. Seu pai se lembra muito bem. Agora é um dos filhos que toca o negocio. Ali é de cicrano...

E assim apartava e explicava, como se eu ainda me lembrasse. Sentia-se nele também uma ponta de nostalgia. Desde cedo naquele dia, eu tinha uma sensação estranha. Cada vez que lembrava estar próxima do lugar sentia uma pontada no peito, que me gelava. Dormira pouco à noite. Recordações intermináveis me acudiam à mente. Deixava-me envolver por uma saudade quase angustiante de um tempo longínquo, como se tudo tivesse acontecido em uma outra vida e agora voltasse à tona.

Enquanto o carro percorria a estradinha mal conservada, poeirenta, Arlindo falava sem parar. Havia tomado gosto pela incumbência de nos ciceronear.

-Aqui era o sítio do velho... Mais na direita era de ... Lá mais abaixo era da família tal...

Quase tudo grego para mim. Só alguns desses nomes me soavam familiares. E ele continuava:

-Aqui era a antiga venda do Taruma...

Quando chegamos a uma certa elevação, pedi para o William que diminuísse a marcha - marcha, aliás, que já vinha pouco veloz desde a saída. Arlindo apontou uma velha árvore, quase debruçava sobre a estrada, e disse com emoção:

-Maria, fala para a sua mãe que aquela figueira ainda esta viva.

Depois de mais um trecho percorrido, senti que nos aproximávamos. Pedi para o William entrar um pouco à direita e parar. Em seguida ele saltou e aproximou-se da porteira que dava entrada a um casebre quase à beira da estrada. Batendo palmas, gritou:

-Oi de casa!

Saiu um senhor de aspecto sofrido, já acompanhado por aquela que deveria ser sua mulher e por um bando de filhos de todos os tamanhos, que nos cumprimentaram com um misto de acanhamento e curiosidade. Depois que nosso companheiro de viagem explicou o propósito da visita, esse senhor, que a essa altura já entabulara uma conversa cordial conosco, disse trabalhar há alguns anos de retireiro naquela fazenda. Gentilmente nos abriu a porteira e nos acompanhou. Seguimos uns duzentos metros a pé por uma trilha, quando Arlindo começou a falar. Júnior e Paulo, indiferentes, passavam adiante, entretidos em correr atrás das codornas que ciscavam aqui e ali. Arlindo apontava para determinada direção e dizia:

-Maria, mais ou menos aqui ficava o terreiro de café. A estradinha que vinha da roça passava ao lado dele e acabava na casa de sua avó. Ficava mais ou menos aqui. E continuava mostrando, como se conseguisse ver tudo aquilo no meio de um pasto sem fim, triste paisagem, só quebrada por uns amontoados de gado.

-Lá, mais ou menos perto daquela moita, era a sua casa.

Emoção à flor da pele. Eu não conseguia dizer qualquer palavra. Grossas e quentes lágrimas teimavam em rolar pelo meu rosto. Chorava a perda de um tempo e de pessoas que me foram tão caras, que deixaram vazios imensos. De repente senti-me envolvida por uma sensação profunda, como se a fenda do tempo não mais existisse, ou, como por milagre, tivesse se juntado novamente.

O sítio

Dominada pelo enlevo, revia agora a casa da nona Pina no sítio onde nasci, em idos de agosto de 1932, no Município de João Ramalho. Casa tosca de madeira, escurecida pela ação do tempo. A porta de entrada dava para uma grande sala. Mesa comprida no centro, rodeada de cadeiras. Pelas paredes viam-se muitas fotografias e estampas de santos. Um quadro me chamava particularmente muita atenção.

-Este aqui é o retrato do rei da Itália. Vitória Emanuele, dizia meu avô, num misto de respeito e orgulho.

Dois dormitórios, cujas portas davam para aquela sala. O da frente era dos avós. Cama alta, dois colchões, um de palha de milho macia e outro de algodão. Sobre eles ainda tinha o “pissotto”, um colchonete feita de penas de galinha. Quantas vezes acordei de manhã entre os dois, naquela cama.

Grande e sombria cozinha, ainda mais escurecida pela fuligem do fogão a lenha. Uma grande dispensa, pegada à cozinha, era o lugar onde tudo se guardava de tudo: sacaria, ferramentas...

Meus pais moravam no mesmo sítio, a alguns metros, mas era na casa dos meus avós onde eu passava a maior parte do dia. Território livre, lá tudo podia. Cercada pelo carinho deles e dos tios, aquele era o meu mundo. Os tios Basílio e Angelim contribuía para que eu me tornasse uma criança mimada. Sua indulgência para com os meus caprichos não tinha limites, já que eu e Ozaide éramos as únicas netas moradoras do sítio. Minha irmã, dois anos mais nova, ainda era um bebê e por isso todos os privilégios eram meus.

Nona Pina era franzina, tinha rosto sulcado de rugas e corpo bem feito, apesar da idade. Vestiu-se eternamente com roupa surrada e escura; saia rodada até o chão, lenço do mesmo tecido amarrado na cabeça, tira estreita apertando a cintura. Quase sempre pés no chão. Espírito irrequieto, muito falante, parecia que pensava em voz alta. Falava em italiano, misturando algumas palavras em português, o que na maioria das vezes acabava em um grande “imbróglio”.

Nono Natal era alegre, gostava de cantar e assobiar. Loiro, muito loiro, olhos azuis, estatura baixa. Corpo já levemente curvado, vivia em função do pomar, da horta e das flores que tanto amava. Raramente ia para a roça.

Quando me achegava com um choro manhoso, largavam tudo. Procuravam rapidamente alguma maneira de me acalmar, contavam histórias, desviavam minha atenção para algum inseto, chamavam o cachorro, inventavam um diálogo entre eles e o animal. Se o choro persistisse, a nona me levava para o jardim em frente à casa, acima do caminho antes do cafezal. Passeávamos entre as plantas, ela sempre falando:

- Guarda, Maria, a rosa branca come é bella! Oia il garofano. Senti il suo profumo. Insistia com carinho para eu cheirar a flor que segurava entre os dedos. E como eram belas e viçosas, bem cuidadas pelo nono. Roseiras, hibiscos, dalias, cravos, capitães, periquitos e brincos de princesa, misturadas sem nenhum planejamento numa profusão de cores, formas e fragrâncias. Mas era no canteiro das “onze horas” que eu me detinha a olhar fascinada para aquele tapete florido, trama rasteira fechada.

Aqui e ali cresciam aleatoriamente robustos pés de “maravilhas”, exalando suave perfume no começo da tarde. Flores populares encontradas em todas as casas do interior, milagre da multiplicação e divisão fraterna.

-Maria, por que você apanhou essas flores? Olha, vão morrer! Que pena... Flor só fica bonita no pé, repreendia-me docemente o nono. Difícil era me convencer.

Nossa casa

Nossa casa ficava mais no alto. Era de pau a pique, parece-me que tinha três cômodos. No quarto, uma cama de ferro, onde dormiam os meus pais. Bonita, até. Minha pequena cama, o berço da Ozaide. Quadros com estampas de santos, atrás dos quais eram guardados os ramos bentos ressecados para o caso de temporais. Um quadro de Santo Antônio pendia da parede sobre a cama de meus pais. Contava minha mãe que uma noite o quadro despencou sobre a cabeça de meu pai, no auge de seu sono profundo, pois o barbante fora roído por ratos. Ela acordou assustada com o grito dele:

-Santo Antônio! (era o próprio)

Sala pequena. Além da mesa e cadeiras, um guarda-louças e a máquina de costura, uma Pfaff 1931. Era o xodó de minha mãe. Nós a conservamos até hoje. Nas paredes, fotografias de família e estampas de santos. Tinha também uma cantoneira com o pote de água.

Na frente da casa, uma grande paineira, uma goiabeira e o jardim, onde não faltavam as roseiras, arbustos de brinco de princesa, dalias multicoloridas e um gramado que ia até o cafezal.

Minha mãe, sempre muito atarefada, corria para dar conta da faina diária. Tinha de ser muito forte para agüentar aquela gincana doméstica. Ela tinha porcos, galinhas e cavalo para tratar e, além disso, ainda teimava em costurar. Fazia toda a roupa da família, desde calças até paletós. O que lhe dava mais prazer, no entanto, era bordar à máquina, o que fazia com perfeição.

À tarde, quando jogava milho no terreiro chamando as galinhas, era uma beleza ver o chão tomado por aves de diversas cores em disputa pelo alimento. Vinham do mato, de todas as direções. Muitas vezes apareciam com uma ninhada de pintainhos. Havia também as galinhas d'angola, que gritavam o dia todo "tô fraco, tô fraco"...

Lembranças esparsas. Cenas isoladas emergem nebulosas do recôndito da mente. Fiapos de vida vivida em um lugar, em um tempo. Vejo o quintal de nossa casa forrado por sacos de mantimentos. Meu pai fechava suas bocas com enorme agulha e barbante, muito atarefado. E eu por ali, pulando de saco em saco. Em dado momento, certo dia, deixei cair seu canivete entre as frestas da sacaria e isso o deixou muito irritado.

Cheguei correndo na casa da nona e encontrei um braseiro no chão, perto da cozinha. Pelo aspecto esbranquiçado do carvão, acreditei já estar apagado e pisei bem no centro do braseiro. Com os meus gritos, sou acudida pela avó, que tenta aliviar minha dor molhando a sola do meu pé queimado com água fria.

Um dia, todos na roça. Minha mãe ajudava meu pai na colheita do café. Eu brincava aqui e ali, batendo na ramagem com uma varinha. De repente, fui tomada por picadas de marimbondos, cuja caixa havia atingido com a vara. Sensação horrível de muita dor! Gritava assustada e agoniada. Em um relance, estavam todos ao meu redor, igualmente assustados. Puseram-me no carroção de volta para casa e ninguém mais trabalhou naquele dia.

Meu pai carpia o cafezal, e eu por perto - penso que me levava com ele para dar um pouco de sossego em casa. De repente ele gritou nervoso para que eu me afastasse. Enrolada na enxada, uma enorme cobra. Quanto mais pedia para eu me afastar, mais me achegava, movida pela curiosidade. Ele, desesperado, gritava comigo e lutava com a cobra que tentava dar um bote. Finalmente conseguiu matá-la e estendeu-a, enorme e medonha, sobre um tronco de árvore. Ainda estremecia, apesar de morta.

Noutra ocasião minha mãe atendia uma moça amiga que trouxera uns tecidos para costurar. Em pé, a estranha debruçava sobre a mesa, apoiada em dos cotovelos, folheando um figurino à procura do melhor modelo. Conversava distraidamente. Eu e a Ozaide brincávamos com carretéis vazios em baixo da mesa. Em dado momento, ao sair de gatinhas, olhei para cima e me chamaram a atenção as pernas da moça mais abertas do que o devido, ocasionando uma cena inusitada. Cheguei mais perto para observar melhor. Não resisti e chamei a Ozaide:

-Zaide, Zaide, vem vê o cueto da moça! Vem vê o cueto dela, Zaide!

Assim que minha mãe percebeu o motivo da algazarra, tirou-nos constrangida da sala, dando um bom puxão em minha orelha.

Não posso esquecer da minha boneca de papelão. Ao ganhá-la, imediatamente fui dar-lhe um banho, colocando-a numa bacia de água. Sobrou muito pouco daquele presente.

Vem-me também à mente uma cena na sala da casa de minha avó. Tia Amélia e minha mãe recortavam toalhinhas de papel de seda em artísticos barrados para enfeitar as prateleiras dos guarda-louças. Elas se entendiam muito bem. Irmã mais moça de meu pai, recém-casada com tio Renato Loureiro, moravam com o marido no sítio de seu sogro. Tiveram um bebê, o Francisquinho, que morreria logo depois.

Ao contrário da família de minha mãe, a de meu pai era composta por mais mulheres: as tias Maria, Isetta, Rosina, Itália e Amélia, a única que morava perto. Os tios Basílio e Angelim ainda eram solteiros. Pena que ao escrever essas linhas já não reste ninguém para responder às minhas dúvidas. Ao que me consta, havia também Tio Alberto, morto prematuramente.

Bem mais alegre ficava o sítio da Água Boa quando, num domingo ou outro, recebíamos a visita dos tios e primos. Tio Afonso, marido da tia Isetta - falecida no nascimento do Osvaldo - tinha um caminhão e, mesmo morando longe, na Água Reta, nos visitava sempre. Bem antes de chegar, antecipávamos sua visita pelo ruído do caminhão cada vez mais perto. Os primos vinham na carroceria. Seis ao todo. Assim que desciam, cumprimentavam, pediam a benção dos avós e saíam em disparada pelo sítio afora, numa algazarra só. As meninas, mais acanhadas, ficavam perto dos pais.

Enquanto as mulheres, conversando e rindo muito, cuidavam do almoço - nesse dia mais caprichado - os homens, quando era tempo de frutas, iam para o pomar ou faziam caminhadas pela lavoura, em conversa animada e interminável. Assunto era o que não faltava! Sentia-se alegria em receber. Cordialidade fraterna. Amor profundo e verdadeiro.

Geralmente, quando se juntavam no pomar, ficavam de cócoras em semi-círculo e, entre um "causo" e outro, eu, agarrada ao meu pai, distraía-me vendo-o descascar a fruta. Laranja bahia, enorme, cheirosa, cujo umbigo dava para ser destacado em gomos, como sendo outra fruta. Sua casca descendo lentamente em espiral e enrolando-se inteirinha...

Nessas ocasiões, meu avô, habitualmente arredio, tomava parte na conversa, dando sonoras gargalhadas. Ele também ficava contente com a companhia dos parentes. Mudava o comportamento. O nono parava pouco dentro de casa, sempre receoso de minha avó, que com bastante frequência lhe dava pitos.

Meu pai admirava o tio Afonso, "homem trabalhador, inteligente, homem de progresso", dizia. Tinha nele um ponto de apoio muito grande, pois, sendo o primeiro homem depois de quatro irmãs, viu-se muito cedo com a responsabilidade da família sobre os ombros. Vítima do vício da bebida, meu avô de há muito relegara ao filho mais velho todas as decisões. Conhecia seu valor e o respeitava. Essa situação se intensificou quando, oriundos de fazendas da Noroeste do Estado, onde trabalharam como reles colonos, conseguiram a duras penas comprar um pedaço de chão na Alta Sorocabana. Foi naquela região da Noroeste que meus

avós paternos, na qualidade de imigrantes italianos, tiveram o primeiro contato com as terras do Brasil.

Imigrantes

Diziam que, oprimidos por grande miséria que assolava a Itália naquela época, arrancados de sua terra, de sua gente, aventuraram-se à procura desesperada de uma vida melhor. Iludidos por propaganda enganosa que anunciava “terras de graça, muita terra para os imigrantes”, imaginavam que era só ter vontade de trabalhar – e isso era o que mais tinham. Aqueles que poderiam contar essa verdadeira história já silenciaram para sempre, levando para o túmulo os detalhes de nossas origens.

O que consegui recolher foram fiapos aqui e ali ouvidos de meus pais e parentes. Pouca coisa, já sem a clareza e emoção de quem viveu os fatos. Quando já moça, não tinha tempo ou paciência para ouvir o que os nonos faziam tanta questão de contar. Uma carteira de identidade para estrangeiro de minha avó paterna: "Ranpom Albina. Natural: Itália. Nascida a 7 de Setembro de 1875. Filiação: Antônio Rampon e Luiza Fincato. Data de desembarque: 14/05/1897. Porto: Santos. Passaporte n.º 1238, expedido em Pádua em 1/4/1897", e a assinatura tremida dela.

O jornal “O Estado de São Paulo” do dia 1º de Julho de 1997, em sua seção “Há um século”, publicou: “Imigração. Durante o mês de maio findo entraram no porto de Santos 4.056 imigrantes por conta do governo do Estado e 93 espontâneos”. Estariam eles nesse número?

Naquele dia longínquo, meus avós partiam do porto de Gênova com destino ao Brasil, já casados, com uma filha de um ou dois anos (Maria), os pais (do avô Natal) e o irmão caçula de meu avô. Mal acomodados na terceira classe do navio, sem nenhum conforto, encontraram uma situação de comida escassa bem diferente da propaganda que os tinha convencido a mudar o rumo de suas vidas. Quanto à ilusão que os norteava, de “fazer a América”, enriquecer fácil e depois voltar, já não havia tanta certeza.

Contava minha mãe: “seu avô cantava canções sempre com grande emoção”. Às vezes se sentava perto da máquina onde ela costurava e contava sobre o passado. Fora dos períodos de bebedeira, era uma pessoa adorável. Costumava cantar uma música italiana sobre o navio que melancolicamente se afastava do cais do porto enquanto os imigrantes de partida acenavam com lenços para quem ficava. “E la lanterna de Gênova, qui al meno vediamo mai piú...”

Minha avó Albina, filha de camponeses, contava que ela e o irmão trabalhavam no campo, conduzindo carroções carregados, desde pequenos. Meu avô, acredito, seria gente de alguma posse, pois morava na cidade (até chegou a estudar em seminário)

- Ficamo em barco un mese, até arrivari in Brasil, dizia ela.

Ao chegarem ao porto de Santos estavam fracos, a maioria doente - muitos morriam nessa travessia, principalmente crianças, que eram atiradas ao mar. Tinham de enfrentar outra viagem para a capital de São Paulo, onde esperavam ser escolhidos pelos fazendeiros ou por algum representante, na Hospedaria do Imigrante, como animais, para só então irem para as fazendas de café do interior paulista.

Ali, bem depressa descobriam o logro. Ao chegarem, tiveram logo a confirmação da desventura. Regime de semi-escravidão, em algumas fazendas eram alojados nas senzalas. Desiludidos e sem condições de volta, o remédio era enfrentar e confiar em Deus. Trabalho pesado, de sol a sol, sem entender a língua e convivendo com costumes completamente

diferentes. Só tinham deveres, nada de direitos. Nossos bisavós paternos, Luiz Carpanezzi e Luiza Marquetti, voltaram à Itália com pouco tempo de Brasil.

Com sangue, suor e lágrimas, estas terras foram irrigadas primeiro pelos escravos, e depois pelos imigrantes. Essa tragédia só era suavizada um pouco pelo apoio e solidariedade daqueles que haviam chegado antes. Assim, de fazenda em fazenda, de capataz em capataz, foram nascendo e morrendo os filhos, enquanto o tempo passava. Minha avó se lembrava muito das fazendas: “Morro Azul”, “Grotão”, “Chico Ayello”.

Meu pai nasceu em São Manoel, na fazenda da família do Ademar de Barros, dizia ele com orgulho. Em certas fazendas, no acerto de contas anual, ficavam sempre devendo para o patrão, pois este fornecia o estritamente necessário, mas a peso de ouro. Evidentemente havia fazendeiros mais humanos e compreensivos. De algumas fazendas, sem poderem se libertar das dívidas, a solução era fugir. E assim, altas horas da noite, saíam em carroções carregados com o mínimo de pertences. Crianças e até animais por vezes viajavam o dia todo, até chegar a outra fazenda, às vezes previamente contratados, para tudo se repetir novamente. Andavam irmanados, espanhóis e italianos. Sempre procurando lugares onde já houvesse compatriotas. Ficavam assim mais seguros.

Esses cidadãos, que tiveram uma pátria, uma bandeira e que nunca deixaram de amar sua terra distante, sentiam-se órfãos e abandonados à própria sorte. E essa Itália, indiferente aos filhos emigrados para vários países, parece que os esquecera definitivamente. Assim, os governos iam resolvendo os seus respectivos problemas. De um lado, a Europa diminuía a fome entre os seus. De outro, o Brasil tinha mais braços para a lavoura. Mas muitos deles, depois de algum tempo, finalmente venceram. Tinham seu chão, agora só seu. Libertos de patrões e capatazes, já não se sentiam vigiados e ameaçados.

Aos poucos, aquelas plantinhas cruelmente transplantadas se enraizavam, cresciam e davam frutos. Aqui cresceram e multiplicaram-se, tornando-se fortes. Aprenderam a amar essa terra abençoada, e a maioria nunca mais falou em voltar.

Avós maternos

O nono Henrique Giroldo, também imigrante italiano, era de Treviso, norte da Itália. Chegou ao Brasil aos dois anos de idade na companhia de seu pai e irmãos. A nona Maria, filha de pais italianos chegados lá pelos idos de 1888, nasceu aqui. Ângelo Frezzatti era seu pai (a maioria dos sobrenomes sofreu alterações aqui no Brasil, graças ao desleixo da burocracia). Contam que o bisavô Ângelo trabalhava em Poços de Caldas, na canalização das águas medicinais.

Meus avós moravam na Água da Prata (João Ramalho), vindos da região da Mogiana. Não devia ficar longe de casa, pois íamos a pé. Tenho vaga idéia de que passávamos por pastos e pelo meio de cafezais. Só o grande amor de minha mãe por seus pais valia tal sacrifício. Ela percorria o caminho com Ozaide no colo e eu cansada, sob aquele sol quente, empacando vez ou outra. Eu tentava ainda equilibrar aberto o guarda-sol, teimosamente arrebatado de minha mãe, que ora tombava, me tirando a visão, ora rolava longe. E assim caminhava, ouvindo o coro das duas:

-Anda Maria! Se não te dou um “tunta pé.”

Minha irmã fora acometida pela poliomielite aos quatro meses de idade e por isso não andava.

Na chegada era só alegria. Ozaide era arrebatada do colo de minha mãe e disputada por todos. Era uma criança linda. A casa da nona era alegre, cheia de gente. A nona era alta,

magra, sempre séria. Impunha respeito. Muito doente, vivia deitada em um quarto sempre em penumbra. Quando chegávamos, ficávamos um pouco na sala, indo em seguida para o seu quarto. E minha mãe aflita, querendo saber de sua saúde e das notícias de todos.

O nono era baixinho, também muito sisudo. Sabia que quando ele estava por perto tinha de me comportar. Mas havia os tios, muitos tios. Tio Ernesto, casado, com dois filhos; tio Olímpio, casado, parece-me que morava na casa dos avós. Tia Nené, casada, três filhos, morava longe - Rio do Peixe. Solteiros eram o tio Adelino, Emirene, Tônico, Aurélio, Orlando, Amábile - parece-me que Aparecidinha ainda era viva. Todos brincavam comigo. Chamavam-me “zóio de gato”, referindo-se à cor dos meus olhos. Mas, assim que chegava, era pela tia Amábile que ia procurar. Ah, doce e linda tia Amábile! Tão carinhosa, tão querida. Teria uns doze ou treze anos. Geralmente íamos para os fundos do quintal, onde tinha uma casinha montada em baixo das goiabeiras. Tudo tão caprichado! Sempre me recomendava para não desarrumá-la.

Na volta para casa, íamos sempre acompanhados por um dos tios, às vezes à cavalo, outras a pé, eu sendo puxada dentro de um carrinho feito de caixotes, me equilibrando entre garrafas de leite, mel ou frutas que ganhávamos da nona. O impacto com o chão, além de ferir as costas, produzia um tremor horrível. Assim, aos solavancos, chegávamos à “reta”, uma estrada oficial de terra batida. Entrávamos novamente no carreador do nosso sítio, para lá chegarmos exaustos.

Algumas vezes, a Amábile conseguia, depois de muitos rogos e interferência de minha mãe, comover a nona a deixá-la passar um ou dois dias conosco. Eu ficava radiante. Não sei se sua insistência era mais por amor a nós ou para ficar perto do Angelim - irmão caçula do meu pai. Eram da mesma idade. Ela dava novo colorido ao sítio com sua animação e alegria esfuziante. Inventava mil brincadeiras, sempre interessada na participação do tio. Quando brincávamos de casinha, era sempre eu a filhinha. Não escapava de ser carregada pelo quintal afora naquele torturante carrinho. O tio também montara um, especialmente para me levar passear pelo sítio. Muito caprichoso, passava horas tentando aperfeiçoá-lo.

Êxodo

Dava para perceber um movimento de gente fora do normal em nossa casa nos últimos dias. Meu pai, falando alto e gesticulando mais do que o costumeiro, fazia recomendações ao meu avô. E naquelas reuniões, no meio da conversa que se estendia noite adentro, eu ouvia muito a palavra “São Paulo”. Minha mãe andava nervosa. Surpreendia-a chorando. Sempre separando roupa, fazendo malas.

Dias depois, via os vizinhos do sítio, nossos amigos, meus tios que moravam distante, todos entrando e saindo de nossa casa carregando objetos: a cama de meus pais, os baús, minha caminha. As mulheres levavam as panelas, potes, pilão, chaleira, bacias, tachos... Olhava sem entender e com tristeza via a casa cada vez mais vazia. Depois me vi em um trem. Eu, meu pai, minha mãe e minha irmã.

Muitos anos depois é que fui entender o significado de tudo aquilo: deixavam para trás todos os parentes, indo para um a cidade grande, da qual se contavam histórias tenebrosas. Sem amigos ou recursos, optaram pela mudança a fim de tratar minha irmã no “único lugar que pode oferecer tratamento para esse mal”, aconselhavam.

O que me marcou nessa viagem foi uma moça que ocupava o banco ao lado do nosso. Em dado momento, abriu um volume envolto num pano branco que levava no colo e tirou de lá algo que passou a comer com muito apetite. Levantei-me num impulso, me equilibrando entre

os bancos, cheguei perto dela para ver o que comia. Surda aos rogos de minha mãe, permanecia olhando insistentemente, até que a moça resolveu dividir comigo seus pasteizinhos, enquanto tentava entabular diálogo comigo (no meu entender, absolutamente desnecessário). De repente, suas unhas chamaram-me à atenção! Eram cor de sangue! A mistura de cheiros da fuligem do trem, de pastel de carne, de mictório e a visão das unhas vermelhas fundiram-se em uma só sensação.

Isso tudo aconteceu em meados de setembro de 1936. O que me dá a orientação é uma caderneta da “Casa Japonesa Soiti Taruma”, da cidade de João Ramalho, onde meus pais faziam as compras domésticas, cujo balanço se encerrava nessa data. “Liquidado em conta corrente. 10 de Setembro de 1936.”

São Paulo – Capital

Nosso primeiro domicílio foi no município de Santo André, Rua Coronel Oliveira Lima. Influenciados pelo otimismo exagerado que meu pai mandava por meio de cartas, tio Renato e tia Amélia resolveram também tentar a sorte na cidade grande. Ocupavam um quarto contíguo - a cozinha era comum. Chegaram bem a tempo de viver o drama da adaptação que ainda reinava lá em casa.

Por um lado, meu pai pensando com o trabalho, era tudo diferente. Minha mãe, cada vez que saía tinha problemas. Ou ela se perdia e levava o dobro de tempo para voltar ou retornava muito rápido para casa. Motivo: desistia do passeio por medo de pegar a condução errada e nunca mais achar a nova moradia.

Entre os dissabores que São Paulo lhes proporcionava, um era dramático: acender pela manhã aquele maldito fogareiro de carvão. Geralmente eu era acordada pelo vozerio na cozinha - cada qual dando uma sugestão, uma zoeira total. E o carvão, nada de pegar.

-Está quase pegando, traz mais papel, dizia a tia, entusiasmada.

- Tudo que tinha pra queimar já se queimou, respondia o tio, desanimado.

Certa manhã, acordada com o costumeiro alvoroço, acudiu-me uma idéia. Se o problema era só papel, sabia onde encontrar mais. E, juntando a idéia ao ato, desci da cama e passei por eles em disparada rumo ao fundo do quintal, onde ficava a privada. Rodeei-a por trás, abracei a maior quantidade possível de jornal (já usado) e corri ao encontro deles.

Com olhar triunfante, adentrei vitoriosa à cena do conflito, oferecendo a preciosa carga. Quando perceberam a origem do material, dividiram-se em um misto de diversão e pena, para caírem em uma gargalhada só.

A primeira crise de bronquite asmática de que tive consciência, muito embora minha mãe assegurasse que eu já tivera muitas outras, curti naquele quarto infecto e úmido. Não me lembro da fase aguda, ficou registrada só a convalescença: foi um emergir suave. Sensação de calor reconfortante. Mais um problema para a minha mãe, que naquela altura dava início ao tratamento da Ozaide. Era uma peregrinação sem fim, de hospital em hospital.

O primeiro trabalho de meu pai foi na repartição de águas. Trabalhava abrindo valetas por vários bairros da cidade.

De Santo André, mudamos para um cortiço no Cambuci. Eram quartos e cozinhas enfileirados por toda a extensão do terreno, cujas portas e janelas davam para um corredor comum. No fundo, uma única privada, usada por todos os locadores.

- Como é triste morar de parede e meia. Não se dá um peido sem que os vizinhos fiquem sabendo, lamentava minha mãe.

Durante o dia o barulho do cortiço se misturava com o da rua: era verdureiro, amolador, padeiro, carvoeiro e leiteiro, entre outros, apregoando suas mercadorias. À noite, com o cessar do alarido da rua, ficávamos conhecendo mais intimamente nossos vizinhos. Era choro de criança, pai que dava surras em filhos, marido que ia tirar satisfação com o vizinho, brigas de casais de vez em quando, algumas pancadarias. Aconteceu até de acordarmos assustados com gritos de mulher pedindo socorro.

- É nossa vizinha, a mulher do guarda, Mílio! Tem que acudir, implorava a minha mãe.
- Deixa que eles se entendem, Lena.

No dia seguinte, para nossa surpresa, lá estava a mulher, cantando, feliz da vida.

Como a Ozaide não podia andar, eu ficava confinada às quatro paredes. Devagar, fui saindo para o quintal, tomando contato com outras crianças, apesar das proibições de minha mãe. Aquela gente toda, aquele burburinho foram me contagiando. Não parava mais em casa. Quanta vontade de sair portão afora! Mas não me atrevia.

O senhor José, dono do cortiço, morava em uma boa casa separada. Era um italiano ranzinza. Passava o dia implicando com os inquilinos, principalmente as crianças. Fazia questão do portão fechado e amarrado. Até que comecei a dar umas escapadelas para a rua, aproveitando a distração de alguém. Quanta criança! Quanta alegria! Bem diferente de ficar dentro de casa. Começava a mudar minha impressão a respeito de São Paulo. Tudo era novidade aos meus olhos desejosos de conhecer o mundo.

Não me enturmava com as meninas ainda. Quando havia grupinhos, preferia ficar observando de longe, ou então perambulava ao sabor da fantasia. Só ia para casa na hora da comida, apesar das surras que minha mãe me prometia.

Nessa época, a Ozaide estava internada na Santa Casa de Misericórdia - pavilhão Fernandinho. Sem a Ozaide em casa, o zelo por mim era dobrado e ficava difícil conseguir ir para a rua. Minha irmã exames para uma futura operação. Meus pais vinham com os olhos vermelhos de chorar, na volta das visitas. Minha mãe contava para tia Amélia:

- A um quarteirão do hospital ainda se ouviam os gritos desesperados da Ozaide.

E chorava convulsivamente junto com a tia. Eu não entendia bem toda aquela tristeza.

Costurar foi sempre uma das paixões de minha mãe. Talvez tenha sido essa atividade que a segurou naqueles dias sombrios.

Carnaval

Uma tarde, a filha mais moça do senhor José e uma amiga chegaram em casa pedindo para que minha mãe fizesse suas fantasias para o carnaval. Carnaval? Procurei não perdê-las de vista, pois só assim descobriria esse mistério. Dias depois - seria domingo, pois meu pai encontrava-se em casa -, eu brincava na soleira da porta quando elas passaram cantando animadas uma música, tomando o rumo do fundo do quintal. Saí disfarçadamente atrás. Em baixo da parreira começaram a dançar e a cantar, inibidas no começo, depois numa animação só. Era isso o tal do carnaval? Para mim, uma festa jamais vista. Pena que toda essa imensa alegria não tenha contagiado meus pais.

Primeira transação comercial

Há dias eu via a criançada com baldes, bacias e sacos, juntando ossos. Havia uma disputa ferrenha pela rua e terrenos baldios. Falavam que iam vender para o seu Paco. Me vi tentada a acompanhá-los. Afinal, iria ganhar dinheiro também. Osso é que não faltava por lá. Munida de uma latinha de sardinha vazia, passei a seguir de longe a turma, que no afã de juntar cada qual a maior quantidade, pouco deixava para trás. Finalmente, com a latinha cheia de ossinhos de galinha, arrumei um esconderijo, aguardando o dia da venda. Achei por bem colocar a latinha embaixo da cama, vigiando-a constantemente.

Num belo dia, pela manhã, chamou-me atenção o alvoroço das crianças e o pregão que se ouvia na rua:

- Ferro velho. Metaleiro. Garrafeiro.

Não tinha dúvidas, era o seu Paco.

De posse da latinha, corri para a rua. Mulheres carregadas de toda sorte de tranqueiras rodeavam a carroça. Antecedendo as crianças, que mal disfarçavam sua ansiedade, fiquei de lado, timidamente esperando minha vez, meio encabulada diante dos risinhos que me endereçavam. Não me deixei intimidar. Iria até o fim. Quando a maioria já estava se dispersando e alguns discutiam o que comprariam com o dinheiro recebido, chegou a minha vez. Levantei minha latinha e, sem dizer palavra, ofereci-a ao seu Paco. Olhando curioso para a latinha e para mim, caiu na gargalhada. Percebendo minha encabulação, penalizado, afagou minha cabeça, deu-me uma moeda e nem ficou com minha mercadoria, o que me deixou frustrada. Afinal, ossinho de galinha não era igual aos outros? Não. Os ossos disputados eram os grandes, de bovinos, para as fábricas de pentes, botões, cabo de facas, calçadeiras, fivelas para cintos, etc.

Mais tarde, ao ouvir o peixeiro apregoando em altos brados as qualidades de sua mercadoria, de posse de minha moeda, fui até lá. Ao me perguntar o que queria, disse-lhe que desejava tudo aquilo de peixe, mostrando a moeda quente, de tanto que eu a apertava nas mãos. Nova gargalhada. Além de me presentear com umas três sardinhas, ainda devolveu-me a moeda.

Agora minha irmã, já operada, estava em casa conosco. Podia perceber quase alegria no semblante de minha mãe. Como permanecesse engessada ainda, tinha que ser carregada no colo. Não dava para me acompanhar nas minhas andanças. Quanto queria lhe mostrar... Quanta coisa para ver na vizinhança...

Certo dia, voltando da rua e não as encontrando em casa, corri a vizinhança, chamando. Encontrei minha mãe com minha irmã ao colo, conversando com seu José. Ozaide comia um doce gulosamente.

- Mãe, também quero! Como não me atendia, pedia cada vez mais alto e já em prantos.

Embaraçada com minha impertinência, pegou o doce, dividiu-o ao meio e deu-me uma parte. Agora era Ozaide que gritava, querendo o pedaço de volta. E eu, olhando para aquela metade, atirei-a ao chão, gritando:

- Quero um doce inteiro, não quero só um pedaço!

O senhorio, indignado com minha birra, segurou-me pelo braço e aplicou-me violenta palmada na bunda diante do olhar perplexo de minha mãe.

Se esse foi o motivo, não sei. Só sei que no carnaval de 1937 já estávamos em uma outra casa. Era agora uma casa assobradada na Rua Mesquita, ainda no bairro do Cambuci. No terreno acidentado havia uma escada de uns trinta degraus. Os proprietários moravam no andar superior. Resumia-se em um único quarto e cozinha. A privada continuava sendo comunitária. Aquela escada dava muita preocupação para minha mãe, pois todo aquele

sofrimento da operação resultara numa grande desilusão. O pezinho da Ozaide estava do mesmo jeito. Ela continuava a andar de gatinhas, arrastando a perna como antes. Uma tarde, em um descuido momentâneo, ela conseguiu chegar até o topo da escada e rolou pelos degraus até a rua. Minha mãe, desesperada, tentava agarrá-la, mas em vão. Ozaide deixou atrás de si um rastro de sangue.

A vingança

Em uma das saídas de meus pais para o hospital onde periodicamente levavam minha irmã (ela usava um aparelho ortopédico que ia até a cintura), meu pai chegou em casa muito bravo, nervoso. Demorou para entendermos que minha mãe havia se perdido dele no trajeto. Colocou a Ozaide na cama, pedindo para dona Carmem (nossa vizinha de quarto, amiga do interior e viúva, que morava com seu filho) para olhar-nos e saiu rápido, ainda maldizendo, a fim de tentar localizar minha mãe.

Dona Carmem, aflita no terracinho com a Ozaide no colo, olhava para o final da rua, na esperança que surgissem a qualquer momento. Sabia por experiência própria o que era se perder numa cidade como aquela. Finalmente chegaram. Meu pai exagerava, se justificando e esbravejando com gestos e palavras. Minha mãe, chorosa, não tinha nem ânimo para revidar as injúrias. Depois que ele voltou ao trabalho, mais calma contou o sucedido: foi na hora de pegar o bonde na praça da Sé.

- O Mílio, com aquelas passadas largas, não andava, corria, sem se importar se eu tinha condições de acompanhá-lo ou não. Eu fazia o possível, mas no meio daquela multidão... Só conseguia divisá-lo no meio daquele povo pela cor do paletó. Quando chegou no ponto do bonde olhou para trás e gritou: "Corre, o bonde!" Quando cheguei, o maldito já arrancava, barulhento. Acho que ele só deu pela minha falta na hora de "apiá". Fiquei lá no ponto feito besta, sem saber o que fazer, ruminando minha revolta. Aí, pensei: "Aqui ele me largou, se quiser que me venha buscar no mesmo lugar."

Eu sentia falta do cortiço, ou melhor, da criançada de lá; também a nostalgia do sítio me atacava forte. Sentia falta do carinho de minha avó. Na Rua Mesquita ainda não tinha amigas para brincar. Passava um bom tempo observando minha mãe bordando. Aquele movimento rítmico do bastidor, para cá e para lá. Olhos fixos no trabalho. Às vezes, conforme o humor dela, eu arriscava uma brincadeira: encostava a tesoura na roda da máquina, produzindo um barulhinho estridente, para mim glorioso, até que ela, sem tirar os olhos do trabalho, me atingia com um tapa. Algumas vezes eu conseguia desviar a tempo.

Nessa ocasião ela tinha sempre por perto uma latinha de arroz, que mastigava sem parar. Cuspia muito e vomitava também. Dona Carmem falava para ela:

- Lena, Você precisa ir ao médico, não pode continuar desse jeito. Assim você acaba perdendo a criança. Só água com vinagre não é alimento.

Gradativamente fui fazendo amizades. O mundo voltou a sorrir. Andávamos em bandos. Agora eu era chamada de "Coisa".

- Coisa, vamos brincar? Coisa, olha minha boneca.

Certo dia, uma alegria maior invadiu a rua. Era o carnaval de 1937. Muitas pessoas fantasiadas, com máscaras no rosto, algumas assustadoras. O que mais gostava era das serpentinas e confetes, tão coloridos. Agora, a luta entre a meninada para resgatar do chão a maior quantidade de confetes era lavada às ultimas conseqüências. E eu sempre levando a pior. Ah, o lança perfume! Tão perfumado. Tão friozinho. Disputávamos suas embalagens

vazias jogadas fora. Aquilo tudo me fascinava. E lá ia eu, tentando acompanhar um cordão de criançada cantando:

- Mascarado, do cu rasgado! Mascarado, do cu rasgado!

A única nota destoante eram os dois filhos da senhoria, que teimavam em me perseguir, tentando me ensinar boas maneiras. A mãe a chamava de turca. Trabalhava numa sala fazendo enormes tapetes, sustentados em cavaletes. Quando me davam chance, ia espiar aquele trabalho estranho com lãs multicoloridas que ela, com o auxílio de uma tesourinha, enfiava e amarrava numa tela. Quando eu, entusiasmada, começava a recolher os restos de lã, apareciam os grandalhões e me espantavam de lá com hostilidades:

- Some daqui, sua caipira porca. Vá para sua casa. Sua mãe não te dá educação?

O “porca” ficava por conta da sujeira que eu aprontava na privada.

Eles - os meninos - cantavam músicas engraçadas, entre elas uma: “Faccetta nera della Abissínia!”

Minha mãe detestava aquele lugar, chamava-o de “grotão”, “barroca maldita”. Será que era efeito da gravidez? O lugar era acidentado, em quase toda a redondeza havia barracos, subidas e descidas. A nossa rua, vítima de erosão, tinha um valo no meio, que quase tomava conta dela. Mas para nós, a criançada, era um lugar encantado. Quanta brincadeira fazíamos dentro dele! Subíamos e descíamos o dia todo, fazendo coro com a meninada:

“Hoje tem marmelada?

Tem, sim senhor.

Hoje tem goiabada?

Tem, sim senhor.

E o palhaço, o que é?

É ladrão de mulher!”

Outra mudança, desta vez para a Vila Prudente. Rua Nove, travessa da rua São Roque, hoje Dona Maria Dafré. Casa alugada, simples como a maioria das casas. Mas havia uma diferença fundamental: era só nossa, dos tios e tinha quintal. Muito diferente do cortiço!

Novamente voltamos a dividir a casa de dois quartos com meus amados tios Amélia e Renato. Tão diferente daqueles quartos acanhados do cortiço, onde eu e a Ozaide, além das crises de bronquite, curtimos a coqueluche (tosse comprida), no dizer daquela época.

Depois de inspecionar muito bem a casa e o quintal nosso e dos vizinhos, me aventurei pela rua. Estranha no pedaço, sem amigos, olhares arredios. Tudo de novo?

Dona Angelina, nossa vizinha do lado direito, morava em uma casa grande, bonita. Tinha vários filhos já moços: Meldred, mocinha, bonita, roupas lindas. Tito, rapazinho, sempre às voltas com gaiolas e passarinhos. Não deixava me aproximar delas. Dos outros eu não me lembro. Senhora boa, de quando em quando mandava um dos filhos levar um prato com bolos, doces ou até alguma comida. Nossa pobreza e dificuldade de adaptação eram facilmente notadas.

A única coisa com que minha mãe implicava era com o rádio dela, que não parava de “gritar” o dia inteiro:

- Taí coisa que nunca vou querer na minha vida! Essa coisa, quando não esta falando, está cantando umas musicas tão feias... Voz tão fininha que ate dói nos ouvidos! Por que eles não cantam aquelas valsas tão lindas? Tanta moda linda que tem...

Certo dia, dona Angelina pediu para que nos arrumássemos, que o Tito iria nos levar para tirar um retrato. Lá fomos nós: vestidas, calçadas e penteadas (um enorme laço de fita em

nossas cabeças) para a casa da vizinha. Puseram a Albina - filhinha de meses da tia Amélia - sentada em uma poltrona de vime toda forrada de almofadas para poder equilibrá-la, e nós, uma de cada lado. Tudo em ordem, Tito pede para que as mulheres se afastem e dispara. Dois dias depois nos trouxeram a foto revelada. Surpresa: as mulheres em primeiro plano e eu virada pra trás!

Do outro lado da rua, defronte à nossa casa, morava uma família de portugueses. Vários filhos, entre eles duas meninas de uns 10 ou 12 anos. Uma delas tinha o nome de Odete. Da mãe, senhora gorda, intrigava-me seu estranhíssimo bigode. Estava sempre com uma saia preta rodada que ia quase até o chão. Muito brava, passava o dia gritando com os filhos. Ela costurava e montava guarda-chuvas, e exigia que os filhos a ajudassem tanto no trabalho quanto nos afazeres domésticos. Assim, raramente eles podiam vir para a rua tomar parte nas nossas brincadeiras.

Uma vez - não sei se sensibilizada com a nossa situação - ofereceu serviço a minha mãe, que aceitou com muito entusiasmo. Costurava o tecido e armava o guarda-chuva. Por muito tempo ela trabalhou com isso. E ainda pegava costuras aqui e ali para ajudar no orçamento.

Nessa época meu pai e tio Renato trabalhavam nos Armazéns Gerais que beiravam a estrada de ferro no Ipiranga. Vinham almoçar em casa. Na volta, minha mãe colocava a garrafa térmica com café - novidade maravilhosa - para meu pai, que era aficionado pela bebida, num embornal de pano que ele carregava pendurado no ombro. Lembro-me do seu desapontamento quando um dia bateu a garrafa na quina da cadeira, quebrando-a.

Veza por outra ia encontrá-lo à tarde no final da rua, na esperança de algum agrado. Meu pai, que sabia das minhas intenções, parava na esquina e me comprava um pacotinho de balas "Mistura", dividido entre mim e minha irmã em ordem de números e cores.

Havia dias que a tia Amélia, de cócoras no quintal, dava violentas marteladas sobre uma prancha de madeira. Passava horas endireitando pregos para uma construção próxima. Às vezes, manhosa, se achegava ao tio mostrando os dedos feridos por marteladas mal direcionadas. Ele brincava:

- Arranja um martelo de borracha, Mélia! E quanto mais ela fechava a cara, mais ele ria.

Lembro-me com muita nitidez de um vestido que minha mãe fez para ela: era de uma cor neutra, com mangas "presunto", muito em moda. O único vestido decente...

Parece que um vento mais ameno soprava agora em nossa casa, refrescando todos nós. Via meus pais mais serenos, conversando mais, fazendo planos.

A rua Nove era linda! Tinha o tamanho do mundo. À medida que os dias iam passando, eu me enturmava com a meninada. Todos juntos, os maiores sempre no comando. Brigas, havia. Nessas ocasiões não dispensávamos o ritual apropriado que rapidamente aprendi. De mal: com o polegar, tocávamos o queixo de dentro pra fora e ao mesmo tempo dávamos cuspidelas; o desafeto imitava os gestos. De bem: entrelaçávamos o dedo mínimo com o do inimigo e aguardávamos uns instantes, balançando. Com este gesto apagava-se todo e qualquer mal-entendido que pudesse ter manchado a amizade.

Zepelim

Certo dia minha mãe saiu apressada de dentro de casa, atendendo ao chamado aflito de dona Angelina:

- Olha dona Helena, que coisa mais linda! E apontava para o céu onde uma enorme “coisa” pairava não muito alto.

Quando minha mãe viu aquilo, correu buscar a Ozaide, que ficara dentro de casa e, nervosa, exclamava:

-Maria Vergine! Mamma mia! Dio santo! Será que é algum aviso de Deus? O que é esse monstro?

E agarrava pelo braço Dona Angelina que, emocionada, tentava explicar que aquilo era o Zepelim, um balão cheio de gás que levava muita gente dentro. Estava dando a volta ao mundo, ouvira no rádio - tudo era sempre confirmado pelo marido ao lado. Mais calma, mas não totalmente convencida, minha mãe olhava e chamava por todos os santos.

- Como pode? E ainda está cheio de gente?

Foi aí que larguei suas pernas, onde estivera agarrada o tempo todo. Pude então vê-lo: majestoso, movimentava-se lenta e silenciosamente. Por muito tempo ficamos olhando calados, em uma atitude de respeito diante do grandioso, do incompreensível.

Passado o susto, deparamos com nosso quintal cheio de vizinhos, cada qual com uma exclamação de admiração, assustados, ou rindo. Foi quando divisamos tia Amélia atrás do pilar do terraço, com a Albina nos braços, assustada que dava dó. À noite, quando o Zepelim dava voltas pela cidade, era mais lindo ainda, todo iluminado. Seria o mesmo que explodiu a 6 de maio daquele ano sobre a cidade de Nova Iorque?

Céu e inferno

Naquele dia nosso grupo estava bem reduzido. Juntaram-se aos pequenos alguns grandes, o que não costumava acontecer. Os maiores não permitiam a presença dos pequenos por perto – só quando lhes convinha. Estávamos sentados na calçada com os pés dentro do reguinho. Esse era o sistema de recolher as águas servidas. Vinha do fundo do quintal até a rua. Tudo a céu aberto. Um de frente para o outro, os maiores contavam vantagens, anedotas. Como não entendia quase nada, permanecia calada, só ouvindo. De repente, um deles teve uma idéia. Vamos brincar de céu e inferno? E explicava: todos teriam que mostrar o bumbum. Os meninos e as meninas, cada um na sua vez. Quem não concordasse iria para o inferno, lugar de castigos insuportáveis. E pelos gestos e caras dramáticas, não restava dúvidas: não era uma decisão fácil. Assim, um de cada vez, as meninas baixavam as calcinhas e os meninos abriam a braguilha ou desciam os calções e mostravam. À medida que íamos mostrando, os maiores gritavam: “Céu, céu!” Assim, um de cada vez ia salvando sua alma dos tormentos eternos. Com exceção de Odete, que percebendo a safadeza, ainda ameaçou contar para as mães.

Eu atazanava muito minha mãe. Quando estava dentro de casa era um rebuliço só.

- Desce daí, Maria. Você vai se arrebentar! Cuidado com a sua irmã! Não mexe aí! Ainda te dou uma surra e você vai dormir com a bunda quente!

Era essa ladainha de todo dia. Ozaide, mais calma, entretinha-se com qualquer brinquedo por horas. Penso que minha mãe respirava aliviada quando eu não estava dentro de casa, pois não tinha com o que se preocupar. Estávamos sempre por perto; na casa de um ou no quintal de outro. Quando na rua, não passávamos de nosso quarteirão.

Naquele lugar eu me sentia livre. Cada manhã trazia em seu bojo promessas de aventuras. Nosso mundo era rente ao chão; seus limites mal chegavam aos joelhos dos adultos. Conhecíamos cada sulco na calçada, cada depressão, cada buraquinho de formiga ou de besouro, cada planta ou mato que crescia ao léu. Tão diferente do enorme mundo complicado dos adultos, sempre teimando em invadir o nosso com tantas regras e restrições.

Minha mãe era uma pessoa dinâmica e de muita fibra. Certa ocasião, atrasou-se na entrega de uma calça de um colega de serviço de meu pai. Diante da zanga dele, costurou a noite toda, deixando-a pronta na hora de meu pai ir para o trabalho. Dentre as maravilhas que ela via na cidade, uma era a luz elétrica. Acostumada no interior com luz de lampião e lamparina, admirava essa comodidade, pois podia costurar roupa preta à noite com maior facilidade.

Boca de anjo

De longe ainda, ouvíamos sua voz de meio tenor, apregoando suas delícias:

- Booooca de anjo. Booooooca de anjo.

Passava esse homem pela nossa rua de quando em quando, jaleco e boné brancos, carregando uma bandeja enorme junto ao peito, presa por correia que pendia dos ombros. Naquela bandeja, coberta por um pano imaculado, ocultavam-se aquelas bombas deliciosas, recheadas de chocolate ou creme. Manjar dos anjos!

Vinha devagar e de vez em quando soltava seu brado, tentando cativar a atenção. Só calava-se quando envolvido pelos fregueses.

Ele era motivo de grande alvoroço entre a criançada e muito choro também. Os que estavam fora de casa corriam para dentro, na esperança de conseguir dinheiro. Os que estavam dentro corriam para fora, ostentando galhardamente a moeda conseguida. Os menos afortunados corriam para assistir. De posse do doce, o felizardo tentava inutilmente se desvencilhar da turma, engolindo rápido e gulosamente. Era seguido onde quer que fosse.

Havia até uma brincadeira inventada pelos maiores para surrupiar as guloseimas dos mais ingênuos: era a tal “tata, deixa!” Aquele que era surpreendido comendo, ouvindo essas palavras, teria que dividir com o outro. E havia também os que simplesmente pediam:

- Me dá um teco? Me dá um teco?

E eu tentando sensibilizar minha mãe, com a voz chorosa:

- O “Boca de Anjo”, mãe. Deixa eu comprar um? Um só, vai? Eu dou metade para a Zaide!

Dinheiro curto não dava pra caprichos- dizia ela. Raramente conseguia êxito

Nasce Elizia, minha irmã

Mal engolia a comida, indiferente à solidão de minha irmã, que não me acompanhava, eu me esgueirava pelo corredor, cujo final dava para um céu: a rua.

Ah, aquelas tardes, aquelas chuvas passageiras de verão! Cada qual com seu barquinho de papel, ou mesmo simples pedaços rasgados de jornal, corríamos para a rua a fim de lançá-los nas enxurradas e ir acompanhando sua descida com emoção e alvoroço, numa torcida barulhenta.

A mãe às vezes perdia a paciência comigo, de tanto me chamar para dentro. Queria que eu distraísse um pouco minha irmã para que ela pudesse cuidar do trabalho de casa. Eu ficava um pouco, mas, ao menor descuido, lá ia eu novamente.

Em uma dessas tardes, eu brincava com a Ozaide. Minha mãe, muito compenetrada num trabalho que fazia (crochê), cantava uma canção que dizia mais ou menos assim: “Na oficina onde trabalhava éramos sete costureiras. Todas as sete trabalhavam, só eu que namorava”. E logo começava outra: “Acorda, Maria que é dia. São oito horas, o sol já raiou. Os passarinhos fizeram seus ninhos na varanda do seu Bangalô”.

Prestando atenção àquela cantoria, comecei a olhar para o trabalho. Era em lã branca e formava leques de canudinhos. Coisa mais linda, tão fofinho! Um casquinho de bebê. Mas para quem? Diante de minha indagação ela desconversava.

Dias depois, meu pai estava em casa. Minha mãe permanecia no quarto com uma mulher gorda, que quando chegou carregava uma maleta. Apesar de minha insistência, não me deixavam entrar. Eu observava tia Amélia entrando e saindo várias vezes. Não entendia, mas pressentia algo fora do normal. O pai fazia o possível para nos distrair, longe dali, mas eu sempre voltava para lá. Uma das vezes em que a tia Amélia saiu, ela cochichou qualquer coisa e meu pai, dizendo que íamos comprar balas, nos levou para um longo passeio.

Ao voltarmos, tia Amélia veio alegre ao nosso encontro e falava nervosamente;

- É uma menina. A coisa mais linda!

Meu pai entrou rápido e emocionado no quarto. Eu, ansiosa, não podendo ainda lá entrar, pude ver pela porta entreaberta umas perninhas se debatendo, enquanto um choro forte e insistente enchia a casa toda.

Elisa, minha irmã, acabara de nascer. Era o dia 31 de Julho de 1937, às 15 horas.

Casamento da tia Mirene

Tempos depois, nova agitação na casa. A mãe passava horas na máquina costurando: era vestido para nós, roupas para o meu pai, para ela. Compraram sapatos, meias e uma porção de coisas. Eu andava num frenesi só. Eram só novidades e em meio a tudo isso, eu mal saía de casa. Diante das minhas indagações, ela me explicava que íamos viajar para o interior, para a casa da nossa nona, assistir ao casamento da tia Mirene.

-Aquele vestido branco que fiz e que seu avô levou, era o vestido da noiva.

Apesar de tantas explicações, não absorvia quase nada, apenas registrei que voltaríamos para o sítio. Voltaria ao sítio. A nona Pina, os tios, a tia Amábile, tão querida. De relance me veio a lembrança de nossa casa. Tudo ainda tão vivo em minha mente... Apenas deixara em um canto, adormecido para melhor absorver aquele mundo fantástico da cidade grande. Fui sendo tomada por uma alegria incontrolável e não saía mais à rua; ficava junto de minha mãe observando tudo com a maior atenção, tentando ajudá-la. A amada rua nova e sua patota foram ficando para trás. Descolorida. Perdera metade de sua magia.

Finalmente chegou o dia da partida. Parece-me que embarcaríamos no noturno da Sorocabana - o “Ouro Verde”. Acordei cedo, mal ouvi barulho na cozinha, pulei da cama. Aflita, não via a hora de partir. E como demorava!

Terminados os preparativos, minha mãe passava as últimas peças de roupa, quando interrompeu o trabalho para comprar macarrão para o almoço. Na ânsia de ajudá-la, achando que assim abreviaria o tempo de espera pela partida, subi numa cadeira e, erguendo com grande esforço o pesado ferro, descansei-o sobre a saia de um vestido novo - que por desgraça era o meu. Tentava fazer o movimento característico que a via fazer ao passar roupa, para a

frente e para trás. Tudo em vão. O ferro - a carvão - não saia do lugar. Grudara no tecido. Percebendo o desastre, gritei pela tia Amélia. Quando a tia chegou, alarmada, já não podia fazer mais nada. A reação da minha mãe, não registrei.

Tio Renato nos acompanhou carregando as malas. O trajeto até a estação da Sorocabana - Júlio Prestes - exigia enorme sacrifício de meus pais, pois, além das malas, havia um bebê, a Ozaide, que não andava, e eu que, andando depressa demais, causava muita preocupação.

Muita gente na estação. Era gente apressada. Curvadas sob o peso de enormes malas, pessoas arrastavam enormes sacos em direções diversas. Além do burburinho, ouvia-se choro de crianças por todos os lados. Grande confusão! Havia uns homens que andavam para cima e para baixo, vestidos de jaleco branco. Eram os carregadores de malas, comuns das estações de trem, vestidos como o “boca de anjo”.

Dessa viagem, somente algumas cenas dispersas na mente. Pela janela via um carro que trafegava na estrada paralela, parecendo apostar corrida com o trem. E a vegetação que passava, ora veloz, ora lentamente para trás: eram árvores, cafezais, pastos e lagoas.

Da nossa chegada à casa da nona Maria e do nono Henrique, somente cenas isoladas. O cantar do galo naquela madrugada fria acordou-me na lembrança cenas já vividas. O doce aroma do café vindo da cozinha e espalhando-se por todo o aposento. O aconchego da cama. Aquela luz filtrada e trêmula da lamparina da cozinha, projetando sombras pelo teto.

À tarde, no terreno do café, seguras nas mãos da tia Amábile, eu de um lado e a Marcina, minha prima, de outro, girávamos e cantávamos: “Corre galinha que o galo te pega!”

À tardinha, quando perguntei o que era aquele bando de pássaros juntos, formando um lindo balé nos céus, minha tia respondeu-me que eram anjinhos voando.

Do casamento propriamente dito nada me lembro além de um caminhão parado em frente à casa, sendo rapidamente lotado com homens, mulheres e crianças, numa alegre algazarra. Ter que usar meu vestido novo com aquela marca do ferro não me incomodou. O que realmente me incomodava eram os olhares insistentes e curiosos.

No dia seguinte ao casamento saímos cedo para o sítio do nono Natal. Ainda no carreador, ouvimos os latidos dos cães, cada vez mais próximos. Os primeiros a nos saudarem. Sensação estranha. Um misto de alegria e vontade de chorar. Fiquei mais pra trás. Meus pais, continuando o trajeto, eram cercados pelos parentes, numa profusão de abraços, choros e latidos.

- Dio Santo! Maria Vergine!

- As meninas! As meninas! Exclamava a nona, muito emocionada. Agora havia mais uma. Logo fomos envolvidas pelos tios e pelos avós. Efusivos abraços, lágrimas. Parece que tudo e todos estavam um pouco diferentes. Como se fosse irreal. Até minha casa não era mais a mesma, agora com uma família estranha em seu interior. Mas no dia seguinte eu já brincava com os filhos dos colonos na maior harmonia. Corria pelo sítio todo, matando saudades. Revirava tudo, brincava de casinha debaixo das árvores do pomar. As crianças me mostravam seus brinquedos, alguns feitos por elas mesmas.

No domingo, a casa dos avós ficou cheia de visitas; tios que vinham de longe para nos ver e saber das novidades de São Paulo. O pai estava até rouco de tanto contar, num entusiasmo só! Até que chegou o dia de regressarmos. Muita choradeira, mais abraços emocionados. Confesso que já estava saudosa da Rua Nove.

O regresso

Mal de lembro da nossa chegada. Parece que foi à noite. Tia Amélia nos recepcionou com uma macarronada. Na falta de recipientes adequados, e por ser grande a quantidade, levou o macarrão para a mesa numa bacia de cozinha. Comemos com grande apetite. Novamente, tudo parecia meio estranho.

Acordei tarde no dia seguinte. Sai perambulando ao léu, meio deslocada, até que parei em frente à casa do vizinho, cuja cerca sustentava pesada ramagem de madressilvas. Naquela hora exalava doce e suave perfume. Fui arrancando as flores e chupando o melzinho. Meus amigos foram chegando de um em um. Formaram uma turminha e me perguntaram sobre a viagem, e se eu tinha ganhado algum presente. Rapidamente me enturmei de novo. E o sítio foi ficando no passado, cada vez mais distante.

Visita do nono Natal

Um belo dia o nono Natal chegou em nossa casa. Pena que veio só. Meu pai, trabalhando, e minha mãe, com a lida da casa, não tinham tempo para sair com ele - só aos domingos. Assim, de vez em quando o vô me convidava para dar umas voltas pelo bairro. Eu gostava, pois ele sempre me enchia de balas e doces.

Quando o passeio já se prolongava, eu, cansada de dar informações, nem sempre conseguia responder às suas perguntas. “Onde é o lugar que o pai trabalha? Quantos trens passam por dia? Fica longe a estação?” Nessa altura estávamos perto da estação Ipiranga, no lugar onde o “DNC” queimava café. Em dado momento, saturada de andar e de responder perguntas - respostas na maioria inventadas - sapequei por conta própria:

- O senhor sabe que nesta rua também passa trem?

Ele, percebendo minha mentira, observou:

-Mas não tem trilhos...

E eu, muito segura, arrematei:

- Quando o trem vem vindo eles correm na frente e pregam os trilhos com um martelo...

Aventura arriscada

Tínhamos um lugar estratégico, onde estávamos quase a salvo dos olhares da vizinhança: era um terreno baldio na esquina da nossa rua com a rua São Roque, coberto de vegetação rasteira. Aqui e ali havia algumas moitas, boas para brincar de esconde-esconde. Perto das cercas, entre montes de entulho e lixo, ficavam as mais altas, que podiam perfeitamente esconder até os meninos maiores. Ali brincávamos e perambulávamos, nem sempre em harmonia. Às vezes, nós, os menores, éramos escorraçados sem piedade: “dá o pira! pira daqui, já!” E os maiores se juntavam atrás de uma das moitas aos cochichos. Quando a Odete - sempre a Odete - estava revoltada pela discriminação, do outro lado da rua, onde nos postávamos observando os menores movimentos deles, enraivecida gritava: “Vou contar para as suas mães que vocês estão fumando! Vou contar que estão fazendo porcaria!” E contava mesmo. Eu não entendia o que havia de errado em fazer “porcaria”, pois mais porcaria do que já tinha naquele lugar, impossível. Bem mais tarde fui entender que a “porcaria” que ela se referia era outra.

Esse local, nosso pequeno Shangrilá, era invadido nos dias de sol forte pelas mulheres que vinham quarar roupa. Vinham com enormes bacias apoiadas sobre a cabeça. Paciente e caprichosamente estendiam sobre a grama aquelas peças brancas, uma junto da outra. Nosso espaço ficava recoberto por um festival de lençóis, toalhas, camisas, cuecas... E para que não ressecassem, vinham regá-las várias vezes, aproveitando para chamar nossa atenção, recitando sempre a mesma ladainha: “Vão brincar longe daqui! Essa bola ainda vai sujar a roupa. Sumam daqui!”

Dona Lúcia, uma das que quaravam roupa, morava na rua São Roque. Era mãe do Luizinho, filho único, e se preocupava com ele. Quando conseguia burlar a vigilância materna, ele corria para a rua, perambulava sozinho, ansioso, querendo fazer o máximo no pouco tempo de liberdade. Assim que percebia sua ausência, dona Lúcia vinha gritando do fundo do quintal até chegar ao portão: “Lu-i-zi-nho! Lu-i-zi-nho!” Aquelas chamadas já faziam parte da rotina diária. Um dia, assim que dona Lúcia entrou porta adentro, começaram os falatórios entre os maiores. À medida que falavam, iam se aproximando do local das roupas. De toda aquela balbúrdia só conseguia entender que diziam “Quem não correr é cagão! É um mariquinha! Um, dois, três, já!” E saíram em disparada na direção da roupa “imaculada”, pisando com os pés vermelhos de terra, deixando-a toda marcada. Com a mesma rapidez, tomaram a direção de seus portões, sumindo como fantasmas.

Nós, os pequenos, mesmo percebendo o perigo da situação, fizemos a mesma coisa. No resto do dia não se ouviu nem um “piu” de criança na rua, somente os gritos histéricos de dona Lúcia.

Maldade havia também por parte daqueles que pareciam amigos sinceros, como no dia que me incentivaram a comer o miolo de um copo de leite, flor que abundava em nosso quintal. Não sei quanto comi, mas chorei por muito tempo com forte ardume na língua e na garganta. E minha mãe, nervosa com meu choro, desabafava: “Não comeu? Agüenta agora!”

Mais mudança

Que pena! Tia Amélia mudou-se para o lado oposto da nossa rua, mais perto da esquina da Rua Amparo. Perto dos Ferrari e dos Polloni. Ali nasceu Osvaldo. Em uma visita, minha mãe permitiu que eu a acompanhasse. A tia ainda estava acamada. O farmacêutico viera aplicar-lhe injeção. Quarto escuro, sensação de tristeza e de abandono apoderou-se de mim. Tão diferente da alegria que aquela tia constantemente me passava.

Dias depois, nova mudança. Agora para a rua Ibitirama, no mesmo bairro. A rua Nove ficara definitivamente para trás. Mas com tanta novidade, com tantos mistérios para desvendar, não sobrava tempo para lamentar. Nossa nova casa era dividida em duas moradias. Ocupávamos um quarto e cozinha. Do outro lado - parede e meia - moravam os proprietários, Frederico e Dona Máxima. Mulher bonita, morena clara, grandes olhos verdes. Tinha uma filha chamada Terezinha, uma linda menina de uns quatro anos.

Dessa casa me vem à lembrança uma cena: eu, debilitada por mais uma crise de bronquite, sentada em uma cadeira na cozinha, de onde acompanhava melancolicamente o entrar e o sair de minha mãe em sua rotina. Meu pai chegou da rua com uma sacola e dela tirou alimentos e doces para mim, em uma euforia exagerada, tentando me reanimar. Da sacola retirou uma cestinha de taquara recheada de figos secos. “Uma gostosura”, na opinião de minha mãe. Detestável para o meu gosto. Seria natal de 1937?

Tempo triste, chuvoso. Não dava para sair nem no quintal. Em desespero, minha mãe se lamentava: “Quase um mês chovendo sem parar. Não sei mais como secar a roupa. E essa menina com a barriga ruim... Toda manhã é um montão de roupa para lavar, que ela suja durante a noite. Não há jeito de cortar essa disenteria da Lisa!”

Mas os dias de sol voltaram, e com eles renasceram o entusiasmo e a alegria.

Nossa vizinha do lado esquerdo era uma senhora idosa, russa, que tinha uma filha chamada Ana. Entendia-se com minha mãe através de mímica. Eu não perdia a oportunidade de vê-la “falar”. Tão engraçado! Em casa, meus pais conversavam entre si em italiano, principalmente quando não queriam que eu entendesse. Casa assobradada; parte era alugada. Uma delas para um casal sem filhos. Eram russos, e a esposa trabalhava num ateliê de costura. Sempre muito bem vestida, saía na maioria das vezes com chapéu. Minha mãe a admirava pelo bom gosto. Mas lamentava as brigas do casal. À noite, quando se encontravam, o marido enciumado, com algumas doses de vodca a mais, fazia voar todo tipo de objetos pela janela.

Certa vez, a senhoria chamou a minha mãe e eu fui atrás. Em atitude cômica, com o chapéu todo amarfanhado da inquilina na cabeça, andou para cima e para baixo, imitando a dona. Depois, sempre rindo, contou como conseguira retirá-lo do telhado, onde fora parar depois da última briga. E também mostrou pedaços que sobraram de uma rica blusa bordada.

Na parte de baixo, no porão, morava um senhor viúvo, pai de vários filhos, entre eles Zaia e Odete, respectivamente com dez e doze anos. Tornaram-se as minhas primeiras amigas. Terezinha, filha de dona Máxima, a senhoria, se entendia melhor com Ozaide. Ela agora já se locomovia com mais desembaraço, mas sempre ajudada pelo aparelho ortopédico. Era doloroso para nós. Sempre se queixava de ferimentos feitos pela bota e pelos ferros que davam apoio.

Como o tanque e o poço ficavam no fundo do quintal, era necessário quase uma mudança todas as manhãs. A Elisa e seu carrinho, a Ozaide, trouxas de roupa, sabão, pregadores. Fora água, bolachas... Mesmo assim, eram manhãs gostosas. Enquanto o balde d'água despontava na boca do poço, trazido pelo esforço junto ao sarilho, ou no bater espalhafatoso de roupa na pedra do tanque, iam dona Máxima e minha mãe contando as novidades, um papo alegre e descontraído. Elas procuravam sempre lavar a roupa juntas.

Em um desses dias, ao ouvirem um grito, foram aflitas para o local onde brincavam Terezinha e Ozaide, encontrando-as uma agarrada aos cabelos da outra. Quando conseguiram separá-las, o sangue escorria pelo rosto de minha irmã. Terezinha havia lhe dado uma mordida violenta no nariz. Dias depois, Ozaide ainda exibia aquela crosta no ferimento quando, em novo desentendimento, a amiga lhe aplica outra mordida no mesmo local, em retribuição à mordida que acabara de tomar em seu ombro.

Terezinha também adorava a rua. Assim como eu, não perdia a oportunidade de escapulir. Certa manhã, chegando ao portão e vendo-o amarrado, pediu ajuda para um moço que passava. Minha mãe, que acompanhava toda a cena da janela, vendo a disposição do rapaz em auxiliá-la, advertiu:

- Não, moço! É a mãe dela que amarra para que ela não saia!

Ele sorriu amarelo e retirou-se, envergonhado da própria ingenuidade.

Dona Máxima saía muito; sempre bem arrumada. Nessas ocasiões, evitava minha mãe, talvez

por não se sentir bem na presença dela, muito humilde e sem nenhuma vaidade. Muitas vezes, ao ser surpreendida por minha mãe no portão, meio sem jeito, exclamava:

- Ai, Dona Helena, que vergonha! Estou com o batom vermelho!

Geralmente deixava Terezinha só. Só não, pois sabia que a filha, ao perceber a falta da mãe,

correria lá para casa. E foi naquela tarde que eu e Zaia, aproveitando essa ausência, invadimos sua casa e fizemos uma longa inspeção: armários, gavetas, latas de mantimentos... nada interessante. Resolvemos ver o que havia naquele caldeirão que fervia sobre o fogo. Com o auxílio de cadeiras, conseguimos, com muito custo, destampar a vasilha e... decepção! Era uma sopa de grãos estranhos que pulavam sem parar. Daí fomos para o quarto. Fuça aqui, fuça ali, descobrimos, em uma das gavetas do pechinche, suas pinturas. Seus idolatrados batons!!! Não podia acreditar que agora podia tocar em tudo! Zaia, bem mais velha, achava-se no direito de mandar; tive que me contentar em ser pintada por ela. Depois, sob a orientação dela, foi a minha vez. Tanta excitação resultou em vários batons partidos, fora a bagunça. Tentamos restabelecer a ordem, mas sem muito sucesso. Tinha marca de batom por todo lado. Depois fomos para o quintal. No varal, em frente à cozinha, estava estendido um vestido de crepe, verde cana, bem conhecido nosso. Ela ficava mais bonita quando estava com ele, que contrastava com sua pele morena, e fazia com que seus olhos ficassem mais verdes ainda.

Varal baixo, estava bem ao nosso alcance. Com nossas mentes momentaneamente sincronizadas, ocorreu-nos a mesma idéia: vingança!!! [por que?] Zaia partilhava dos meus sentimentos. Automaticamente, como que conduzidas por força estranha, apanhamos várias folhas da trepadeira que recobria a cerca, esmagando-as e esfregando sobre o tecido. Folhas grossas, sumarentas que deixaram horrível nódoa.

VARA MALDITA

A rua Ibitirama é longa. Liga o largo de Vila Prudente a São Caetano. Naquele tempo, apesar do pouco movimento, causava preocupação às mães.

Naquele dia eu estava quase perto da Av. Zelina. Fui surpreendida por minha mãe me chamando. Percebi seu aspecto enraivecido, comecei logo a tremer. Nunca a vira tão zangada! Desde o episódio do vestido, ela queria me pegar de jeito. Com uma vara nas mãos - viera prevenida - esbravejava:

- Tive que largar as suas irmãs para te procurar. Você sumiu cedo, cansei de te chamar, procurei pela vizinhança toda!

Com a rapidez de um raio, passei por trás dela e disparei numa corrida desesperada em direção à nossa casa, achando que não me alcançaria. Naquele dia estava mesmo encapetada... Mas ela me alcançou com sua vara. E tome varada!!! Vara seca, cheia de galhos, maior do que meu corpo. Quando pegava só nas pernas, doía ainda mais! E tome varada! De vez em quando, já cansada, arfando muito, ficava para trás, mas, esperança perdida, lá vinha outra varada com mais precisão. E essa minha casa que não chegava nunca... Enfim, portão adentro, chorando, corri para baixo da cama. Ai ela se enfureceu mesmo: "Saia já daí, Maria!" E tentava me alcançar com a maldita vara. Vendo a movimentação de suas pernas, eu me esgueirava para o lado oposto.

Ficamos assim nessa dança por um bom tempo, ela tentando me bater, eu me esgueirando como podia. E eu ainda tinha que dividir aquele espaço com caldeirões, panelas, coador de macarrão e sei lá mais o que! Lugar estratégico para esconder das vistas de meu pai toda sorte de mercadorias compradas a prestação.

Mercadoria comprada aos poucos, até completar a bateria, orgulho das donas de casa da época, só sairia dali para reluzir na estante da cozinha depois de totalmente paga. E eu, nessa disputa de espaço com os alumínio, desesperada, mandava para o meio do quarto, num barulhão infernal, ora panelas, ora tampas...

Ironia das ironias! Dona Máxima foi quem me salvou. Nervosa com aquela confusão, entrou no quarto, tirando minha mãe dali. Conversou um bom tempo com ela, até que se acalmasse. E eu em baixo da cama chorando, curtindo as varadas.

VISITAS

A saúde da Elisa piorava. Seu estômago não aceitava nenhum alimento, e aquela disenteria sem fim. Minha mãe nos deixava aos cuidados de vizinhas, enquanto peregrinava de médico em médico. Um deles recomendou que procurasse dar leite materno - o seu há muito secara -, e minha mãe encontrou uma senhora que se ofereceu para amamentar a menina duas vezes ao dia; ela não melhorou quase nada.

Passou a levá-la, por indicação, à Clínica Infantil do Ipiranga. Saía de manhã com a Elisa ao colo, sacola de roupas e guarda-chuva; caminhava a pé da nossa casa até o alto do Ipiranga - local da Clínica - e voltava também a pé. Sol quente, cansaço, desânimo. Ao chegar em casa, almoço para preparar, e demais afazeres. Trazia uma receita de sopa para a Elisa: “Uma folha de alface, uma batatinha, cenoura, 100 gramas de carne magra etc.” Preparava-a com todo cuidado, na esperança de resolver a situação. Estava tão magra, era pele e osso. Uma tristeza. Tudo inútil. Assim que o alimento chegava ao estômago, era tudo devolvido. Às vezes, minha mãe me pedia para que mastigasse algumas bolachas Maizena para depois colocá-las na boca da Elisa. Eu engolia quase a metade.

Foi mais ou menos por essa época que recebemos tia Nené em casa. Minha mãe, além de poder matar as saudades, ainda teria com quem desabafar as suas magoas e preocupações. Tia Nené viera a São Paulo para fazer uma cirurgia e, enquanto aguardava a internação, ajudava muito nos afazeres da casa. Conversavam por horas. Riam muito, lembrando fatos passados. Mas durou pouco; assim que Tia Nené ficou hospitalizada, minha mãe se deu conta que estava com dois cagões. Antônio, filho caçula de minha tia, era uma criança de um ano mais ou menos. Além de chorar muito, também estava com a barriga desarranjada.

Num domingo de manhã, tia Nené, em franco restabelecimento, ajudava minha mãe nos serviços leves, e foi varrendo o quarto que ela espalhou, numa firme vassourada debaixo da cama, a bateria de alumínio, agora quase completa. Diante de seus olhos assustados, rolam pelo quarto, seguindo várias direções, caldeirões, panelas, tampas... Incrédulo era o olhar de meu pai quando um dos caldeirões só parou quando bateu em seus pés.

Tempos depois, chega tio Lino, também irmão de minha mãe, para tratamento de saúde. Homem franzino, sempre muito doente. Hospedou-se em nossa casa. Ficamos amontoados no quarto, que acomodava a família toda e os que chegassem. Quanta gente ela abrigou...

Meu tio, por causa de seu tratamento, era obrigado a tomar uma sopa rala, que minha mãe teimava em me fazer tomar também. Eu odiava. Havia ainda um remédio cremoso e branco, que era guardado na geladeira do armazém do Sr. Fernando. Toda noite o tio ia lá para

tomá-lo, e eu insistia em ir junto. Lembro-me da vez em que apanhei uma surra de cinta de meu pai, pois eu teimei em sair com o tio, e a noite estava muito fria.

As irmãs mais velhas de Zaia, solteiras, enchiam-me de perguntas sobre aquele moço que toda tarde, depois que chegava do serviço, tocava valsas tristonhas em seu bandolim.

Foi pelas mãos desse tio que pela primeira vez, consciente, entrei numa igreja. Ele freqüentava semanalmente a igreja de São José do Ipiranga, única das imediações. Tomei banho, pus meu único vestido de passeio e, feliz e saltitante, nos dirigimos à igreja. Como os homens ficavam separados das mulheres, sentou-me num banco do lado feminino e eu, temerosa por perdê-lo, fiquei o tempo todo olhando para ele no outro lado.

E foi esse tio tão querido que, um pouco antes de falecer, em junho de 97, deixou-me algumas informações precisas para meu livro. Dizia ele ter chegado a São Paulo em 17 de dezembro de 1937.

LEITE DE BURRO

A rua Ibitirama, próxima à rua Nove, tinha suas peculiaridades. Na primeira vez que vi aquela carroça puxada por dois cavalos, toda fechada, esquisita, com uma minúscula torneirinha na parte de trás, de onde aquele senhor tirava o leite, mal pude acreditar!

“Quanto vai hoje? Um litro? Meio litro?” E, abrindo a torneirinha, ia enchendo as canecas e toda sorte de vasilhas com aquele leite branquinho...Geladinho! Às vezes, interrompia para tocar o sino que ficava na frente, para chamar a freguesia.

Naquele dia, sempre preocupada com a saúde da Elisa que piorava, minha mãe veio comprar-lhe leite. Muito curiosa, eu não perdia um só movimento. Rodei a carroça examinando tudo e não me contive:

- Que gozado, mãe! No sítio a gente bebia leite de vaca, e aqui a gente bebe leite de burro!

ESTREPOLIAS

Agora minha turma compunha-se só de meninas, de várias idades, e entre elas havia, obviamente, algumas Marias. Assim, para não haver confusão, e sendo a última a chegar, passei a ser chamada por “Maria Pequena”. Foi com elas que aprendi muitas cantigas, poesias, brincadeiras. Lembro-me da “Terezinha de Jesus”:

Terezinha de Jesus, de uma queda foi ao chão.

Acudiram três cavalheiros, todos três chapéu na mão.

O primeiro foi seu pai, o segundo seu irmão,

O terceiro foi aquele a quem Teresa deu a mão.

Da laranja quero um gomo,

Do limão quero um pedaço,

Da menina mais bonita

Quero um beijo e um abraço.

Tinha também “A Batatinha”:

Batatinha quando nasce, se esparrama pelo chão.
A menina quando dorme, põe a mão no coração.

Assim que eu decorava, repetia o dia todo sem parar, deixando minha mãe agoniada. O pai da Terezinha, Seu Frederico, cantava para ela carinhosamente:

Eu fui às touradas de Madri-i-i...parará-ti-bum, bum-bum,
Parará-ti-bum, bum-bum,
E quase não volto mais aqui-i-i, prá ver Ceci-i-i.
Parará-ti-bum, bum-bum,
Parará-ti-bum, bum-bum..
Conheci uma espanhola natural da Catalú-u-nia.
Queria que eu tocasse castanhola e pegasse um touro a u-unha!
Caramba, carambola, sou do samba não me amola,
Pro Brasil eu vou fugir.
Isso é conversa mole para boi dormir.
Parará-ti-bum, bum-bum,
Parará-ti-bum, bum-bum.

Aprendi a fazer o sinal da cruz rapidamente, devido a um grande aperto. Todos os quintais do lado em que eu morava faziam fundo para um córrego, que recolhia em seu leito o esgoto das residências. Eu e a turminha, proibidas de acercar-nos daquele local, sempre achávamos um jeito de transgredir. Indiferentes àquela poluição e fedentina, ali era para nós um lugar de encantamento. Passando sob a cerca - dois fios de arame farpado - e transpondo a frágil pinguela, íamos dar nuns terrenos baldios... Ali, livres, dávamos asas à imaginação, transformando-nos em tudo que quiséssemos, até em princesas encantadas. Eu achava tudo aquilo maravilhoso! Pena que minhas irmãs não pudessem participar de toda aquela alegria... Descíamos até o córrego e apanhávamos braçadas de flores de chaguinhas, enfeitando com elas nossos cabelos. Nem percebíamos que no final dessa colheita tínhamos arrasado também com a cultura de agrião que um dos vizinhos teimava em manter dentro do riacho. E como eram viçosas as plantas lá embaixo!

Às vezes éramos brutalmente despertadas desse devaneio pela hostilidade dos meninos que, com estilingues em punho, nos ameaçavam.

Naquele dia, sempre comandada pelas maiores, a brincadeira – para mim uma agonia - era pular o córrego. O lugar escolhido foi um dos trechos onde ele se estreitava bastante, devido a uma enorme touceira de capim crescida junto à margem. Uma de cada vez, fazendo primeiro o sinal da cruz, pulava para o outro lado, sobre a moita, dando gritinhos eufóricos. Eu, cheia de medo, tentava me esquivar, sem sucesso.

- Agora é sua vez, Maria Pequena! Não tenha medo, não! Quem faz o nome do Pai, perde o medo e não cai! Caiu alguém?

E, pressionada pela turma, mesmo fazendo o que recomendavam, o medo persistia. Não tinha jeito. Afastei-me, como faziam as outras, vim correndo e pulei! O sinal da cruz valia mesmo!

Terezinha não teve a mesma sorte. Apesar de ter feito tudo como era para ser feito, desequilibrou-se ao saltar, tentando ainda agarrar-se ao capim, mas... caiu de costas dentro do

rego, ferindo a cabeça num caco de vidro. Quando percebeu o sangue correndo, entrou em pânico - e nós também.

Zaia me tratava com carinho, me levava para sua casa, mostrando as roupas que suas irmãs mais velhas ganhavam das patroas. Trabalhavam a semana inteira. Só chegavam em casa no domingo à tarde. Se coincidissem, quando traziam alguma guloseima ganha dos patrões, sempre dividiam comigo. Era uma festa!

Uma vez, Zaia chegou de mansinho comendo um doce. Vendo o meu olhar de gula, propôs-me: “Se você me der um pedaço de carne que sua mãe fez hoje, te dou o meu doce”. Não tive dúvidas, corri para a cozinha que estava deserta, abri a panela e mergulhei uma das mãos naquele molho, tirando um bom pedaço, que ofereci, aguardando ansiosa apoderar-me do doce, que nessa altura já estava bem menor.

Foi por ela que obtive o primeiro arremedo de árvore de natal.

- A gente pega um galho de cipreste, planta numa lata e vai enfeitando com balas, bolas, fitas, pedaços de algodão. Mas precisa ter umas bonequinhas, se não não fica bom.

Impressionada e animada com a novidade, tanto azucrinei minha mãe que, vencida pelo cansaço, consentiu. Conseguimos comprar quatro bonequinhas de celulósido; o galho de cipreste não sei como apareceu. Só lembro que começamos logo sua armação. Eu, admirada e feliz, não perdia um movimento. Também não me lembro se a árvore enfeitada chegou até o Natal.

Seria Natal de 1938?

VOLTA PARA O SÍTIO

Numa noite, depois da janta, fui com meus pais à casa do tio Renato. Ele morava na rua Amparo, quase esquina com a Rua Dez. Viajara precipitadamente com a família para o interior, por causa da morte súbita de seu pai. Por ser o filho mais velho, viu-se na obrigação de tomar a responsabilidade do sítio.

Encarregados de despachar os pertences, meus pais trabalharam arduamente algumas noites encaixotando a mudança. Sentia tristeza ao ver a casa da tia aos poucos ir ficando vazia. Meu pai sentia-se duplamente triste. Com a partida do tio, amigo e companheiro de trabalho, alguém de quem tanto gostava, teria que desistir de um terreno que há pouco haviam comprado em sociedade; não poderia arcar com essa prestação sozinho. Por essa ocasião, a família de minha mãe já residia em São Paulo numa casa alugada na rua São Roque, e minha mãe, desolada com a perda daquele terreno, temia ter que se mudar para longe dali.

Terminado o trabalho da mudança, o pouco que pertencia aos meus tios estava agora na carroceria de uma caminhonete, que seguiria até a estação do Ipiranga, de onde a mobília voltaria, despachada, a João Ramalho ou Quatá.

CASAMENTO DE MEUS PAIS

Percebia algo diferente no ar, pelo comportamento de meus pais.

Numa manhã, enquanto lavava a roupa, em conversa com Dona Máxima, minha mãe falava em casamento (casamento?!)

- Aí, Maria! Então sua mãe vai casar, hein?! Vai ter festa, Dona Helena?

Assim que entramos em casa, comecei a crivá-la de perguntas. Mais tarde Zaia completou a confusão em minha cabeça:

- Sua mãe vai se vestir de noiva como nas revistas! Vamos comer muitos doces e beber gasosa!

Fiquei numa expectativa enorme, acompanhando todos os acontecimentos. Chegando o tal dia, logo começaram as decepções, pois além de não permitirem que eu os acompanhasse, saíram com roupas comuns. Ainda assim eu acreditava que na volta minha mãe estaria linda num vestido de noiva, como o da tia Mirene, e que em nossa casa, de repente, haveria uma festa maravilhosa.

Era o dia 28 de janeiro de 1939. Muitos anos mais tarde, minha mãe contava que eles, na ocasião do casamento religioso, temendo que meu pai fosse convocado para a revolução de 1931, acharam por bem evitar o casamento civil. Nenhuma de nós era registrada até então.

CACHORRO LOUCO

Detestava quando, pela manhã, ao levantar-me, não encontrava minha mãe na cozinha para me servir o café.

Roupas amarfanhadas - não havia roupas para dormir - cabelos eriçados, pés no chão, sem nenhuma higiene. Xixi, fazíamos no penico, que ficava embaixo da cama. Eu subia na cadeira e, de cócoras, procurava me servir. Numa das vezes derrubei o café sobre mim, tentando tirá-lo da 'mariquinha'.

Sonolenta ainda, enquanto comia, observava as coisas à minha volta, tão familiares, como aquela lata de pó de café sobre a mesa, mostrando cenas rurais nas quatro faces. Olhava agora o lado que representava um cafezal lindo que ia até o horizonte, onde despontava um sol radioso. Distraída nesse enlevo, só agora percebia que estivera coçando freneticamente as feridas - naquele tempo era comum ver as crianças com feridas nos braços e pernas.

- Maria, traz o anil! Gritava minha mãe do fundo do quintal, onde desde cedinho lavava a roupa.

Gostava de ver aquela pedrinha tão azul, igual a tinta de escrever, desembrulhada e amarrada num pedaço de pano que era mexido para lá e para cá, dentro da bacia cheia de água. Nessa água azulada eram passadas todas as roupas brancas, tornando-as mais brancas. Orgulho da dona de casa caprichosa.

- Maria, corre, vai no "seu" Fernandes comprar manteiga para o pirão (purê de batatas) da Lisa!

Agora ela gritava da cozinha para mim, que estava brincando perto do tanque:

- Não se distraía pelo caminho, venha correndo que ainda tenho muito o que fazer!

Peguei a caderneta e saí em disparada. Assim que passei do portão, uns poucos metros à frente fui atacada por um cachorrinho que vinha na mesma direção. Mordeu-me no peito do pé e depois agarrou-me na perna. Assustada, dava gritos apavorados. Ao acudir-me, minha mãe insistia nervosa para que eu falasse o que tinha acontecido. Eu, gritando ainda, apontava para os ferimentos. Só momentos depois foi que consegui contar.

- O que você tinha que mexer com o cachorro, sua espoleta?

- Eu não mexi não, mãe...

- Se não tivesse mexido, ele não teria te mordido, sua “chiveta”!

Em vão tentava convencê-la. Levou-me para dentro. Pior que a mordida, foi o álcool que passou em meu ferimento.

- Vai, isso não é nada. Logo passa. É bom para você aprender! Dizendo isso, saiu para comprar manteiga. Deixou-me com as vizinhas que, atraídas pelos meus gritos, vieram saber o que havia ocorrido.

À noite, meu pai, orientado por algumas pessoas que diziam da possibilidade do animal estar louco - pois mordera uma outra pessoa em nossa rua -, resolveu que no dia seguinte tomaria providências. Aconselharam-no que procurasse a “Central”.

- Lá, “seu” Emílio, eles encaminham o senhor para o lugar certo.

Na opinião de minha mãe, estavam fazendo um carnaval à toa. Não passava de uma mordida de cachorro. E quantas mordidas tinham levado no interior? Médicos? Só em casos extremos. No mais eram chás e toda sorte de medicina caseira. Ferimentos, quando inflamados, eram tratados à base de compressas com urina e fumo de corda, fervidos juntos. Pregos enferrujados eram perigosos. Quando acontecia de alguém pisar e furar o pé num deles, batia-se forte e insistentemente à volta do ferimento com um pedaço de madeira - no caso, um tamanco era ideal -, até sair bastante sangue, “sangue envenenado. Não tinha erro.

No dia seguinte cedo, mancando, mal acompanhava os passos firmes e apressados de meu pai até o ponto do bonde, na Vila Prudente. Descemos na praça da Sé, e nos informaram onde ficava a “Central” (Pátio do Colégio). Lá, meu pai teve que contar a história para várias pessoas em salas diferentes. Fomos encaminhados para o Instituto Pasteur, que dali em diante passou a ser chamado por nós de “Instituto *Pasteúr*”, com acento bem marcado no ‘u’. Lembro-me vagamente deles exigindo que levássemos o cachorro para exame, e meu pai dizendo que não sabia de seu paradeiro. Nesse dia tomei a primeira injeção. Segura entre as pernas do enfermeiro, entre choro, lágrimas e torções, vi penetrar em minha barriga aquela enorme agulha. Reação forte, passei o resto do dia na cama, minha mãe fazendo compressas no local. Igual àquela tinha ainda mais, muitas mais.

Meu pai não podia perder dia de serviço. Assim, minha mãe era obrigada a deixar minhas irmãs com as vizinhas para me levar ao Instituto, em dias alternados. Esse fato só veio complicar mais um pouco sua vida, já tão cheia de problemas.

E foi por causa de um cachorro louco que fiquei conhecendo a Avenida Paulista. Parece-me que o bonde subia a Avenida Angélica, seguindo depois pela Paulista. Avenidas lindas, arborizadas, com palacetes maravilhosos. Quanta coisa linda! Tão diferentes do nosso bairro, onde as casas eram pobres e feias, as ruas esburacadas e barrentas, que se tinha que fazer uma força danada para tirar água do poço. E naquele lugar tão lindo era só rodar uma torneira e a água saía da parede!

Tempos difíceis! Por essa época, numa noite acordei assustada com vizinhas gesticulando e falando em nosso quarto. Minha mãe chorava desesperada. Ouvi os gemidos da Elisa. De repente, colocaram uma vela acesa na mãozinha magra de minha irmã. Não entendia bem o que estava se passando; sentada na cama, acompanhava o movimento das pessoas. Aos poucos tudo foi se acalmando e dormi novamente, sem ter consciência dessa noite de angústia para os meus pais. Seria final de 1938.

CHEGADA DE MEUS AVÓS MATERNOS

A mudança de meus avós para São Paulo trouxe novo alento para minha mãe. Sentia-se mais animada, mais segura. Quase veneração, era o que ela sentia por sua mãe. Achava sempre um tempinho, e dava uma escapadinha para ver se estavam precisando de alguma coisa. Depois de conversar um pouco com minha avó - sempre de cama -, vinha mais reconfortada.

Com a ajuda e orientação de meu pai, os tios já estavam procurando serviço. A maior dificuldade era achar os endereços e as conduções certas na cidade tão grande e desconhecida para eles (com relação a isso, conto um episódio mais adiante).

Dias movimentados à procura de móveis, colchões, utensílios. Nisso minha mãe tinha muita prática. Sabia, através das informações das vizinhas, do verdureiro, do leiteiro, quem estava vendendo alguma coisa nas redondezas. O preço das lojas não se podia pagar.

Tio Adelino, que estivera conosco até aquela data, com a vinda da família para a capital, junta-se a ela. Com sua partida ficou um vazio em nossa casa; eu sentia falta dele e do seu bandolim.

Tio Tônico, ainda desempregado, ficou incumbido de me levar ao “Pasteúr” nos dias de vacina. Na primeira vez, desambientado, precisou ir com minha mãe.

Eu costumava dar meu “escandalozinho” na hora de tomar a vacina. Na primeira vez que fui só com ele, foi me dizendo no trajeto de volta: “Você não tem vergonha de chorar?! Chorona!”

Suas duras repreensões caíam sobre mim como um soco no estômago, ou melhor, na alma. Então passei a fazer uma força enorme para não chorar. Sentia-me só e desamparada.

Quando pisava no primeiro degrau da entrada, começava aquela dor de barriga e aquela tremedeira. O enfermeiro, já sentado, me agarrava e me prendia entre suas pernas, atacando-me com aquela terrível e enorme agulha! Nessas horas sentia falta de minha mãe, pois ela me consolava dizendo que faltavam poucas injeções para terminar meu sofrimento. E me levava para os fundos ajardinados do Instituto, mostrando-me as muitas gaiolas com coelhos. Diziam que deles eram feitas as vacinas.

DONA TEREZINHA

De simpatias a benzedeadas, tudo era tentado para a melhora da saúde da Elisa. Dos médicos minha mãe já havia desistido. Foi quando vieram lhe contar sobre Dona Terezinha. “Dona Helena, doença de macaco, médico não cura, é só na benzeção”.

Depois de se certificar de que não se tratava de espiritismo - abominava -, resolveu tentar mais essa vez. Saiu um dia cedo com meu avô, sempre disposto a andar e a aprender caminhos. Numa rua do alto da Mooca, onde essa senhora dava as consultas, já encontraram a sala de espera cheia. Acomodada numa cadeira com a menina no colo, resignada a esperar, percebeu ser alvo de olhares e cochichos.

Meu avô, que desde que chegara não tirava os olhos de uma senhora forte, bem vestida, arrogância de grande dama, conservando ainda resquícios de beleza antiga, cutuca minha mãe e pergunta se não reconhece nela sua prima Ângela, de Ribeirão Preto.

Nesse mesmo instante, a mulher se levanta e, com voz autoritária, comunica às pessoas que ali aguardavam que pela gravidade do estado de minha irmã, minha mãe teria a preferência no atendimento daquele dia.

Dona Terezinha pegou Elisa no colo, examinou-a calmamente, fez suas benzeduras e ordenou que minha mãe retornasse mais nove vezes em dias preestabelecidos. Lembro-me das massagens na barriguinha, com azeite “Galo” morno. Toda noite, pacientemente, minha mãe fazia esse ritual; ordens de Dona Terezinha cumpridas fielmente, até à exaustão.

O reconhecimento da prima ricaça de Ribeirão Preto, só foi possível tempos depois. Foi um reencontro emocionante.

1939 - NOVA MUDANÇA

Finalmente, depois de muita economia, meu pai conseguiu dar entrada num terreno - dois lotes de esquina - em Vila Tony. Loteamento novo. Lugar afastado, sem nenhuma benfeitoria, perto do atual crematório de Vila Alpina.

Os corretores asseguravam que a “Light” se comprometera a colocar os seus postes assim que começassem a levantar as casas. E ainda mais: “Na compra de um terreno, os tijolos para o quarto e a cozinha seriam de graça.” Diziam ainda, na tentativa de comover o comprador, que naquele alto em frente, seria construído, num futuro próximo, o maior cemitério da cidade de São Paulo.

E assim, minha mãe, mais uma vez, num misto de tristeza e euforia, ia encaixotando nossos míseros pertences.

Fomos nos despedir dos meus tios e avós. Minha mãe, chorosa ao abraçar minha avó, dizia: “Pois é, *mama*, agora a gente vai pra longe outra vez!”

-Tenha paciência, minha filha! A vida é assim mesmo, ao menos vocês vão morar no que é seu. Deus vai abençoar muito vocês.

Apesar de muito triste também, minha avó tentava reanimá-la.

Meu pai alugara uma casinha próxima ao terreno, enquanto a nossa era construída. Lembro-me que sua proprietária, que por sinal ainda lá residia e parecia não ter pressa de sair. Era uma russa de meia idade. Mudamos assim mesmo, e tivemos que acomodar aquela senhora por uma noite. Ela não falava nada em português, acabamos não sabendo de suas intenções. Com o único acolchoado grosso, disposto sobre uma fileira de cadeiras na cozinha, minha mãe improvisou a cama para ela.

Fazia um frio horrível.

Pela manhã, ao acordar, senti um cheiro esquisito vindo da cozinha. Pulei da cama e, ainda sonolenta, ouvia minha mãe reclamando, enquanto escolhia feijão:

- Russa mais esquisita! Não quis tomar café. Comeu três sardinhas fritas com um copão de vinho e saiu falando e gesticulando. Não entendi nada. Espero que não volte.

Tempo úmido. Frio cortante. Solidão. Tristeza. Silêncio absoluto, só interrompido por latidos de cachorro e mugidos de vacas mais ao longe. De repente, aquela alegria, aquela agitação da criançada da “Quinta da Paineira” desaparecia para sempre.

UMA COMUNIDADE RUSSA

Naquele grupinho de casas mais antigas, onde morávamos naquela ocasião, - duas ruas somente - destacava-se mais ao alto de nossa rua uma igreja. Diferente, mas bonita! Suas paredes de um branco imaculado contrastavam com o azul celeste das duas cúpulas redondas, cujo centro afunilava-se para o alto, terminando em uma cruz de duplos braços. “Não é da nossa religião. Essa igreja é dos russos”, dizia minha mãe.

E era só deles mesmo. Talvez pela dificuldade do idioma, eram unidos e fechados. Tentei fazer amizade com a Agripina, minha vizinha. Era a mais velha de três irmãs. Sempre carregando uma criança ao colo. Apenas saía do portão, sua mãe a chamava-a para dentro e me encarava com ares de poucos amigos.

Fiz nova tentativa de relacionamento com outra russa, que morava em frente de minha casa, um tanto mais velha, nome esquisito. Soava “Hulliúta”. Além de hostil, tinha uma mãe doente que a chamava todo o tempo. Mais interessada fiquei quando descobri que perto da frágil cerca de arame - dois fios apenas - que dava para um terreno baldio, embaixo de uma goiabeira, ela brincava numa casinha montada por ela mesma, com esmero e capricho. Mesinha com toalhinhas, prateleira, uma tijelinha de louça de verdade, onde fazia as saladinhas. Meu Deus! Tudo eram objetos dos meus desejos!!!

Eu ficava do lado de fora da cerca olhando, na esperança de um convite para tomar parte - o que não acontecia. Ela, do lado de dentro, conversava com uma amiga invisível, ignorando totalmente minha presença, o que me fazia sentir ainda mais rejeitada. Num dia, aproveitando sua ausência, passei pela cerca e furtei-lhe a peça que eu mais cobiçava: a tijelinha. Não demorou muito para ela dar falta do objeto. Ela veio direto para minha casa na companhia de duas sobrinhas (Maruça e Anastácia) muito zangadas. Ameaçaram-me, obrigando a devolver a tijelinha. Desse dia em diante tornei-me indesejável. Quando acontecia de nos encontrarmos, mostravam a língua para mim. Felizmente minha mãe não soube de nada.

Dois ou três anos depois, Anastácia e Maruça tornaram-se amigas de escola e esquecemos o incidente.

Minha mãe percebia minha tristeza. Às vezes, saía comigo para o campo, quando pedia para ajudá-la a recolher macelinha para encher travesseiros. Aí conversava mais comigo. Chamava minha atenção para as plantas. “Esse aqui é um pé de murta! Aquele lá é de gabioba, fruta boa para se comer.” Voltava para casa com braçadas de galhos de murta carregados de frutinhas vermelhas. Outras vezes, colhíamos flores. Ela só não gostava quando eu me aventurava para o lado do loteamento, tinha muita preocupação com cobras.

Nossa rua, ladeada por grossas moitas de capim “barba-de-bode” em toda sua extensão, continuava deserta. Deserta de crianças, de adultos. Parecia que os seres humanos haviam desaparecido do mundo...

Quando eu ouvia o ronco de um motor de caminhão, corria para a rua afobada. E ia acompanhando de perto o material sendo descarregado para a construção de alguma casa.

Aqui e ali viam-se pedreiros rasgando em linhas retas o ventre da terra, mostrando suas entranhas vermelhas em forte contraste com o verde esmaecido do capim meio seco que recobria tudo.

Nessas ocasiões, procurava entrar quietinha em casa sem ser notada. Sabia bem a bronca que levaria por estar onde não devia.

Ali semeavam tijolos de onde brotariam lares que abrigariam tantas e diversas vidas...

LUZ DA LAMPARINA

Era um custo salvar o lampião e a lamparina das insistentes investidas da Ozaide e da Elisa. Novidade. Queriam agarrar as chamas de todo jeito. Pela manhã, nossas narinas escurecidas pela fuligem eram motivo de muitas risadas entre nós.

A Elisa melhorava a cada dia. Minha mãe estava mais calma; novo ânimo com o começo da construção de nossa casa. Parece que uns ventos amenos começavam a soprar.

Logo nos primeiros dias ficamos conhecendo a portuguesa da chácara, de quem passamos a comprar todas manhãs o leite para Elisa (meio litro). E também a venda do “Való”, bem mais adiante, noutra pequeno núcleo de casas mais antigas. No mais, era só campo. Bem distante, divisavam-se as primeiras chácaras da Vila Ema.

AVÓS PTERNOS EM SÃO PAULO

Esses acontecimentos coincidiram com a mudança de meus avós paternos para São Paulo. Com o dinheiro da venda do sítio, compraram uma casa na rua Pindamonhangaba, Vila Prudente.

No domingo em que saímos para visitá-los, minha emoção era grande. Queria correr para abreviar a distância. Uma puxada e tanto a pé até a Vila Prudente. Meu pai os via sempre depois do trabalho, tentava dar-lhes toda a assistência, e já providenciava para que seus irmãos Angelim e Basílio trabalhassem com ele nos armazéns gerais.

Minha mãe insistiu em uma parada para descanso na casa de seus pais (era caminho). Assim ela veria também como estavam todos. Minha ânsia era tanta que, pela primeira vez, senti pressa em sair da casa da tia Amábile.

Sensação estranha ao ser abraçada pelos queridos tios e avós. Parece que faltava neles alguma coisa que não conseguia definir. Não estavam lá por inteiro...

Trabalhador, meu avô Natal foi de grande valia na construção de nossa casa. Chegava cedo, quando não dormia em casa, tomava o cafezinho e saía “pitando” seu cigarro de palha em direção à construção. Incansável, trabalhava até à tarde. Ele fazendo o barro que era cavado de uma pequena elevação no terreno, e minha mãe buscando água de uma mina a uns trezentos metros. Meu pai, agora trabalhando muito mais distante, saía cedo e voltava bem tarde para casa.

Mesmo com toda essa economia, o dinheiro só deu para levantar as paredes e cobrir. Ainda assim nos mudamos, para economizar um mês de aluguel.

Várias vezes minha mãe havia alertado meu pai:

- “Milho”, aquele homem não é um bom pedreiro, as paredes estão cheias de barriga!
- Por que você não fala? Não é você que está o dia inteiro lá? Você não vê a hora que chego, quebrado, exausto de carregar aquela sacaria na cabeça, fazendo hora extra pra conseguir acabar essa casa!?

E o bate boca ia longe...

Com “barrigas” e tudo, o pedreiro deu a casa por terminada e notava-se a satisfação de meu avô e de meus pais. Etapa vencida. Duramente, mas vencida.

ABRIGO PARA TEMPORAIS

Construção de pobre. Tijolos assentados só com barro. E aquelas “barrigas” eram o pesadelo de minha mãe.

- Essas paredes tortas têm que ser rebocadas o quanto antes. Se der um temporal forte, pode vir tudo abaixo!

Quando ameaçava algum temporal, apavorada, ela nos obrigava a entrar no buraco de onde fora retirada a terra para o barro da construção e, cobertas com um encerado, lá ficávamos até passar a chuva. Isso tudo depois dela ter distribuído cruzeiros de pedaços de madeira pelo chão, rodeando toda a casa, e invocado todos os santos, principalmente Santa Bárbara.

A VILA CRESCE

A vilinha começava a despontar. Aqui e ali viam-se pilhas de tijolos, indício de iminente construção. Algumas até vizinhas a nós. “Mas é mesmo como fala o ‘seu’ Canja (seria Arcanjo?), esses dois lotes são os melhores! Flor da Vila!”, dizia o meu pai, cheio de orgulho.

Muito embora a prioridade de minha mãe fosse o reboque das paredes, meu pai convenceu-a de que o mais importante era o poço. Era muito sacrifício para ela trazer água da mina até a casa. Já se tornava rotina vê-la chegar ofegante, equilibrando a lata sobre a rodilha na cabeça e com outro balde numa das mãos.

O poço ia sendo furado e as paredes das casas vizinhas iam subindo, principalmente aos domingos, quando trabalhavam a família e os amigos, num alegre alvoroço. Raros os que construíram mais que quarto e cozinha. Paredes prontas, davam início à cobertura. Geralmente esse último trabalho era feito num domingo. Coberta a casa, colocavam um feixe de mato em pé no telhado, para dar sorte. E começavam a festa, toda vizinhança era convidada para a comemoração. Dias depois entrava a mudança, ficando o acabamento para ocasião mais propícia.

Já não estávamos sós. Foram juntando-se a nós Dona Ana (espanhola) com três filhos: Toninho, Orlando e o bebê Mário; Dona Helena (húngara) com dois filhos e vários irmãos morando com ela; Dona Mercedes, com quatro filhos, entre eles Cidinha e Naura, mais ou menos da nossa idade.

Fácil demais fazer amizade com os recém-chegados. Era um tal de troca de favores sem fim. Empréstava-se tudo, desde a mais simples ferramenta até alimentos, sem contar a água, que era generosamente cedida. Ciumento de suas ferramentas, meu pai mandava-me buscá-las, caso a devolução demorasse.

Cada tostão economizado era empregado em material. Acostumados ao duro e penoso trabalho da roça, meus pais não perdiam um minuto de tempo, sem esmorecer, trabalhando sempre juntos em cada detalhe da casa e do quintal.

Como eles se entendiam em matéria de trabalho!

Terminado o poço, rebocaram casa. Meu pai convidou “seu” Américo, um amigo de Vila Prudente, pedreiro de “mão cheia”, para dar uma caprichada na parede da frente. Num domingo, entre o vinho tinto que acompanhava a macarronada do almoço e a talagada da boa “branquinha” pela tarde afora, a frente ficou pronta. Na fachada, entre as duas faixas laterais e

pequenos recortes que se encontravam no alto, um pequeno retângulo em diagonal onde se lia “1939”.

A CERCA

Agora estava com mais jeito de casa. No quintal, os pés de frutas começavam a soltar os primeiros brotinhos. Meu avô continuava lidando na terra - sua predileção. Chegou a fazer vários canteiros de verduras, viçosas, verdinhas.

Tínhamos uma cachorra branca - não me lembro o nome - que na época do cio deixava minha mãe meio louca (ela já tinha um porrete à mão, para correr com os machos mais atrevidos). Começava xingando e jogando água fria, e terminava com pauladas. Pudica ao extremo, quando por descuido seu, “acontecia”, gritava para que entrássemos em casa correndo, enquanto ela tentava resolver o problema com a água fria e as porretadas. Pela expressão de seu rosto e seu comportamento, eu achava, em minha ingenuidade, que algo de muito grave se passava com os animais.

Numa manhã, Dona Joaquina veio à nossa casa à procura de minha mãe.

- Sua mãe não está, Maria?

- Não, ela está correndo atrás dos cachorros lá na rua debaixo.

- Por que correndo atrás de cachorros? perguntava admirada.

- Ah, não sei. Eles estão latindo muito para minha cachorra e estão com as pernas enroscadas. Por mais que minha mãe bata neles, não desgrudam.

Ela foi saindo com um risinho disfarçado, dizendo que voltaria mais tarde.

Até parecia que os cachorros provocavam minha mãe. Quando corria atrás deles, paravam adiante, esperando sua reação. Se ela continuasse a ameaçá-los, corriam mais um pouco e se postavam novamente a observá-la, “com cara de provocação”, dizia ela.

Assim, meu pai não teve outra alternativa. Deixaria para mais tarde o forro do teto e assoalho. Tinha mesmo que cercar o quintal todo, convencido pelo agravamento da situação.

E aquela cachorra, cujo nome não guardei, teve um triste fim. Apesar de minha choradeira, minha mãe mandou matá-la com um tiro. Nunca mais quis saber de outro cachorro ou gato.

Nessa época, ela já estava costurando e bordando para a vizinhança. Elisa, quase curada, já arriscava uns passinhos, para nossa alegria e meu alívio, pois vivia com ela atravessada nos meus quadris.

Nosso terreno fazia face para duas ruas - rua Angélica e rua dos Goivos. Todo cercado com ripas, meu pai começava a enchê-lo de plantas. Quando não fazia “serão” no emprego, trabalhava até tarde removendo a terra. Na entrada do portão, um pé de cipreste (planta muito apreciada pelos russos), já despontando pequenos brotinhos. Seguindo a cerca, na direção da esquina, vários pés de café. Ele também plantou uma paineira, árvore de sua predileção. Mandioca “vassourinha” - a melhor. E quiabo, pimenta, berinjela e as rasteiras: abóbora, batata-doce, melancia, pepinos... No tempo de milho o quintal ficava tomado por bonecas de cabelos coloridos, despontando entre verdes e compridas folhas. Verduras viçosas, graças ao esterco das galinhas, eram distribuídas aos vizinhos.

O ROUBO

Tio Gustin era tio de minha mãe e residia em Ipuam. Certa ocasião ele nos mandou uma lata de vinte litros de mel puríssimo e um engradado de frangos, que minha mãe guardou como pôde, até construírem, às pressas, um galinheiro de tábuas usadas.

Pegado ao galinheiro, que ficava na divisa, junto a um terreno ainda baldio, foi construída a “privada”, também de tábuas usadas. Meu pai ganhou um vaso sanitário rachado e instalou a peça, revestindo-a, por precaução, com grossa camada de cimento. E quando, anos depois, nos mudamos, ela ainda resistia galhardamente.

Numa manhã de domingo, perplexa, minha mãe constata que daquela galinhada toda, não sobrara uma. Todas roubadas!

- “Dio benedetto!” Quem foi o “maledetto” que fez isso? Como não escutei nem um barulho?

E passou vários dias num lamento consternado. Em sua revolta, rogava umas boas pragas “ao desalmado”.

Solidária, eu sentia tristeza também. Fazia falta aquele galo índio que cantava quase o dia todo, com ar de ameaçadora superioridade. Eu vivia mexendo com as aves, mas a ele não ousava enfrentar.

AMIZADES

Moradora nas proximidades, foi na venda do Valódia que minha mãe fez amizade com Dona Líbera, italiana. E numa das vezes que fui junto buscar a lata d’água em sua casa, fiquei conhecendo seus filhos. Ester - uns seis anos -, Féa, um pouco mais nova, e Bepim, o mais velho (nove ou dez anos). Logo fiz amizade com as meninas. Simpatia à primeira vista.

Bepim mantinha-se à distância, reservado. Convidei as meninas para brincar em minha casa, mas a mãe delas, uma senhora muito severa, raramente permitia. Então, sempre que eu podia, dava uma fugidinha para brincar na casa delas; gostava muito da Ester.

Num domingo à tarde, chegaram as duas e me convidaram para passear pelas redondezas. Estavam bem vestidas e penteadas, sombrinhas abertas para resguardarem-se do sol. Corri lavar os pés vermelhos de terra e saímos pelos trilhos, à procura de frutinhas do campo. Quando percebemos estar nas proximidades da casa da “Nhá Chica” (hoje Parque São Lucas), por medo do “João Bobo”, seu filho, voltamos apressadas e temerosas. Diziam que ele corria atrás de moças e crianças.

Quando estava na companhia da Ester e da Féa, pensava como seria bom se minha mãe fosse como a delas, só cuidando da casa e dos filhos. Minha mãe estava sempre atarefada. Além das atribuições domésticas, tinha duas filhas que não andavam. Não recusava trabalho. Agora estava fazendo, a pedido da vizinhança, fornos de barro e até tanques. Tudo como elas viam lá em casa. E no final, por amizade, acabava ficando tudo de graça.

Chegando em casa naquela tarde, depois do passeio, surpreendeu-me a visita do tio Lino. Dada a distância, era raro alguém nos visitar. Em conversa com meus pais ele contou que a tia Mirene e sua filhinha Odete, então com um ano, estavam na casa da *nona*. O *nono* fora buscá-las onde moravam (em Apucarana, no Paraná), ao saber, por carta, que Pedro, marido da tia Mirene, havia se suicidado – ele tinha uma enfermidade mental.

No dia seguinte minha mãe anuncia que iríamos à casa da *nona* antes que o sol esquentasse. Não sei como ela agüentava carregar as duas filhas no colo em grande parte do caminho. Eu até ajudava a carregar a Elisa, magrinha, que não pesava tanto. Mas a Ozaide era gorda, pesadona.

Quando chegamos, minha mãe entrou apressadamente no quarto onde invariavelmente minha avó estava deitada e, como de costume, perguntou:

-Sta meglio, mama?

Antes que minha avó se levantasse da cama, minha mãe viu a tia Mirene. Se abraçaram e choraram muito. Odete, sentada na cama da tia Amábile, segurava a chupeta, assustada.

Passado o primeiro impacto, eu e Ozaide fomos à cata das bananas que a *nona* escondia, estrategicamente, embaixo da sua cama.

Dessas visitas, muitas vezes só voltávamos à noite, na companhia de meu pai, que trabalhava perto. Assim dava para ver a *nona* Pina também.

Sentia-me tristemente encabulada quando tinha que aceitar os melosos carinhos de meu avô embriagado. Quando a *nona* tentava afastá-lo, dava-se início - ou prosseguimento - a uma discussão interminável.

Como me doía vê-lo fora de sua razão! Aquele homem alegre, trabalhador, íntegro, ficava ali reduzido a uma triste figura. Quando sóbrio, era com alegria que nos recebia, comprando todo tipo de guloseimas para agradar. Levava-nos com satisfação para ver sua horta, suas flores tão bem cuidadas.

HISTÓRIAS DO PAI

Já não sentia aquela vontade louca de correr para a rua atrás de companhia. Entretinha-me no quintal com minhas irmãs. Na frente de nossa casa, o jardim. De qualquer lugar que minha mãe voltasse, vinha sempre com novas mudas de flores, somando às muitas que já cresciam. Algumas até florescidas: sempre-viva, perpétua, crista de galo, margarida, hortênsia. No centro, um pé de romã. E tantas outras... Fazia questão de me mostrar tudo, cada novo brotinho. Quando chovia, me chamava para ver:

- Olha, Maria, como elas ficam contentes... Estão agradecendo a Deus pela chuva, com seus movimentos para cá e para lá!

Agora eu prestava mais atenção em suas conversas. Nos entrosávamos melhor.

- Mudou da água para o vinho, dizia, referindo se à minha fama de endiabrada.

Depois da janta, nas noites em que meu pai estava em casa, sentadas nos degraus da escadinha do terraço, ouvíamos embevecidas suas histórias. Elas se sucediam e só eram interrompidas quando uma de nós queria maiores detalhes ou saber se existia mesmo aquele "bichão".

Suas histórias começavam invariavelmente com: "um rapaz desiludido da vida, que saía de seu lugarejo para conhecer o mundo..." (sonho secreto?). Uma delas falava sobre um grande monstro, que soltava labaredas pelas narinas, rosnando ameaçador: "Escundi, escundi, sererê! Lá vem o bicho pra te comê!". Com voz cavernosa, repetia várias vezes esse refrão, enchendo-nos de medo.

E era sempre assim que finalizava a noitada: "Acabou-se a história, morreu a Vitória! Entrou no cu do pinto, saiu no cu do pato, quem quiser que conte quatro..." Noutras vezes nos cantava cantigas italianas ou cantigas de seu tempo de menino, que na maioria das vezes eram acompanhadas também por minha mãe.

Pobres têm suas vantagens: por dormirmos todos no mesmo quarto, continuávamos partilhando daquele clima de união e de amor. Na hora de dormir, meus pais desfiavam todas as orações que sabiam de cor. A maioria em italiano, algumas em latim:

- 'De profundis clamavi ad te Dominum... requiem aeternam dona es Domine et lux perpetua luceat eis...' Fervorosos devotos de Santo Antônio, não esqueçam seu 'responso': se milagre desejais, recorrei a Santo Antônio, vereis fugir o demônio e as tentações infernais. Recupera-se o perdido, rompe-se a dura prisão e no auge do furacão cede o mar embravecido. Todos os males humanos se moderam, se retiram. Digam-no aqueles que o viram e digam-nos os paduanos. Pela sua intercessão, foge a peste, o erro, a morte, o fraco torna-se forte e torna-se o enfermo são.

Transcrevo essa oração quase na íntegra, não posso parar. É como se o eco de suas vozes me ressoasse aos ouvidos ainda hoje... Tantos e tantos anos depois... "Vereis fugir o demônio...", "foge a peste o erro a morte..." Como aprendiam ouvindo outros rezarem e, muitas vezes sem entenderem o que diziam, muitas palavras acabavam tornando-se estranhas e até mesmo hilárias.

HISTÓRIAS DA MÃE

Entre as histórias que nos contava, enquanto costurava ou bordava, uma em especial ficou-me gravada: a da madrasta malvada que enterrou viva sua enteada, porque a menina, num descuido, teria deixado os pássaros estragarem os figos da figueira que lhes foram confiados. Só seus cabelos longos e compridos haviam ficado para fora da terra. O pai, triste e desconsolado, chorava o desaparecimento da filha, andando pelo pomar. Foi quando ouviu um canto triste vindo de perto da figueira:

- Chô, chô, passarinho, não toques seu biquinho. Minha madrasta me enterrou por causa dos figos da figueira...

O pai, reconhecendo a voz da filha, desenterrou-a, castigando a madrasta como merecia.

Em noites frias ou chuvosas, todos fechados na cozinha (um "puxado" de madeira) meus pais procuravam apaziguar nossas brigas inventando brincadeiras. Gostava quando minha mãe - era perita nisso -, colocando as mãos em frente à lamparina, projetava sombras de bichos na parede. A preferida era a sombra da cabeça de cachorro latindo, que ela imitava.

Outras vezes, não conseguindo nos silenciar, meu pai erguia a voz e bradava: "O que é isso, caramba! Parecem burros nas baias, um dando coice no outro! Só que eles são burros!!!".

Minha mãe se empenhava em manter-me ocupada, pois assim evitava que a criançada da vizinhança viesse fazer bagunça, atrasando seu trabalho.

Também não gostava que fôssemos à casa dos vizinhos, com exceção da casa da Ester, mas só de vez em quando. Percebia seu desagrado quando me via com os filhos de Dona Mercedes. "Eles são muito 'mexelões'; e a Cidinha é muito 'chivetona', sempre pondo malícia em tudo.." Dona Mercedes e o marido, "seu" Nunes, trabalhavam no bairro do Ipiranga, saíam muito cedo. Com os pais ausentes, eles estavam sempre disponíveis para qualquer brincadeira. E na opinião de minha mãe, "como inventavam artes..." Estavam sempre de porta em porta e, vez por outra, numa distração de minha mãe, eu escapulia para a casa deles. Para mim, uma glória !!!

VENTANIA CRUEL

A ventania de agosto e setembro corria veloz por aqueles campos abertos, despejando areia, terra, folhas e galhos secos para dentro das casas e sobre os quintais. Tudo o que pudesse levar de roldão, para deixar em seguida cair mais à frente, recomeçando tudo novamente. Dependendo da sua fúria, telhas e telhados mais frágeis eram arremessados, portas e janelas batiam sem parar, roupas eram arrancadas dos varais. À noite, passava por baixo das telhas, com seu uivo intermitente, e ia sumindo para longe, ora num triste assobio, ora num gemido agourento...

- Vento desgraçado! Se eu achasse o buraco de onde ele sai tapava sem dó... – minha mãe dizia revoltada, enquanto passava uma pasta de sabão nos calcanhares rachados e ressecados por obra do vento.

Eu tinha medo dos redemoinhos. Muito magrinha, temia ser levada por eles, mormente quando sozinha em campo aberto, a caminho da venda ou outro lugar. Tinha pavor em pensar ser surpreendida por aqueles monstros terríveis, girando rápido em espiral. Iam chegando ameaçadores, passando perto, até desaparecer lá longe.

- É coisa do demônio. Tem sempre um demônio no meio. Fuja deles!

De quando em quando, Aparecida e Landinha, enteada e filha temporária do tio Toni (irmão do tio Gustin) passavam uns dias em casa.

Aparecida aprendia a bordar na máquina com minha mãe. Morena clara, moça feita, cuidava com carinho de sua irmãzinha Landinha, menina de uns seis anos, loura, cabelos dourados, que lhe caíam em cachos na altura dos ombros. Parecia uma boneca. Mimada, dengosa, dava-lhe um trabalhão, sempre com caprichos e vontades.

Nossa casa ficou mais alegre com a chegada delas. Minha mãe, mais descontraída, ria dos “causos” que Aparecida contava. Era uma moça jovial, engraçada, sempre disposta e falante.

Um dia, logo na manhã seguinte à chegada delas, minha mãe estava na cozinha. Era um puxado de madeira, seguindo o corpo da casa. Era grande, feita por meus pais, de tábuas de ferro, coberta de telhas, piso de cimento. A um canto, o tão sonhado fogão de lenha, uma mesa com cadeiras e o guarda-comida. Guardava-se de tudo nele: de louças a ferramentas, além da comida. Minha mãe servia a mesa para o café e, ao invés do costumeiro meio litro de leite, mandou que eu fosse comprar um litro. Ao voltar, notei que ela havia tirado do guarda-comida sua relíquia mais cara: a caneca de porcelana japonesa dourada, usada apenas para servir às visitas. Aliás, só para uma – era a única...

Não demora muito para a dita caneca começar a ser motivo de disputa entre eu, Ozaide e Landinha. Minha mãe não perdeu tempo, interveio determinada: pegou de minhas mãos o objeto de discórdia e deu-o a Landinha, que passava vitoriosa os dedos pelos delicados desenhos. Senti-me humilhada e traída, achando que minha mãe já não gostava mais de mim.

Landinha fazia um carnaval depois do banho - que não era diário. Corria para o quintal chorando e gritando, porque não queria que a irmã lhe desembaraçasse os longos cabelos. E lá ia Aparecida atrás da menina, pente em punho. Para nós essa correria era uma deliciosa diversão. Mas a mãe já começava a demonstrar impaciência:

- Dá mimo prá menina, é isso que dá! Filhos têm que obedecer, se não é por bem, é por mal!

Acontecia outra choradeira quando, uma vez por dia, sua irmã tinha que fazer curativo em suas orelhas recém furadas. Naquele tempo, furava-se a orelha com uma agulha grossa enfiada com linha de cordonê. Essa linha amarrada com um nozinho permanecia na orelha até

sua completa cicatrização. Era virada diariamente, para que não grudasse na pele, e esterilizada com tintura de iodo. Só depois é que viriam os brincos definitivos.

Landinha sofria. E Aparecida também... E era um reboliço atrás do outro. Um dia, Landinha aparece chorando e pulando, com um estrepe no pé. Sua irmã tentava convencê-la a retirar a imperceptível farpa. Como a coisa não se resolvia, minha mãe, com a paciência esgotada, enlaçou-lhe a cintura, sentou-a no colo e, segurando com firmeza o pé da sapeca, bradou:

- Vamos, Aparecida! Tira esse estrepe de uma vez e chega de tanta gritaria!!!

PAPAI NOEL

Numa noite, na salinha, Aparecida conversava com minha mãe, meio sonolenta, cansada da faina diária. Meu pai, extenuado, já havia se recolhido. Eu, prestando atenção na conversa delas. Noite de natal! Presentes, doces... Quando me viu por perto, Aparecida entusiasmou-se a falar sobre Papai-noel. Bom velhinho que passava de casa em casa, deixando presentes para as crianças boazinhas na noite de natal. Mas para isso elas teriam que deixar os sapatos na porta. Minha mãe, que a todo custo tentava manter-se acordada, olhava para Aparecida, querendo saber onde ia dar aquela conversa.

Fui para o quarto muito pensativa. Seria mesmo? Como nunca me haviam dito nada? Fiquei acordada, esperando todos se deitarem. Minha mãe continuava na sala, ajeitando as coisas. Já com meu sapato na mão, saí disfarçando. Colocá-los à porta do quarto, minha mãe acabaria vendo. Resolvi então deixá-los no terraço, em frente à escadinha. E se fosse mentira da Aparecida? E se ela estivesse querendo brincar comigo? Fui para a cama com esses pensamentos, e custei a dormir.

Assim que acordei, lembrei-me do Papai-Noel!

Pulei da cama, coração disparado. Corri até o terraço, meu sapato estava lá, do jeito que o havia colocado. Parada, olhava para o sapato sem vê-lo direito. Via somente o grande vazio ao seu redor. Decepção profunda. Doída.

Permaneci ali por instantes. Ainda sob o efeito daquela frustração, ouvi minha mãe da cozinha me chamando para que fosse buscar o leite. Sentia-me meio vazia. Ela muda, sequer me fitava.

Dias depois em casa da *nona* Maria, minha mãe falava de Aparecida e do insucesso das aulas de bordado.

- Ah, "mama"! Ela não aprendeu nem a colocar os bastidores no tecido! E aquela menina malcriada não lhe dá sossego. Birrenta, chorona. Melhor ela procurar um emprego qualquer. Para bordado e costura ela não dá!

E assim ia terminando o ano de 1939. Ano de muito trabalho e realizações para meus pais.

Sem nenhum meio de comunicação, quando entrava alguma folha de jornal em casa, era embrulho de alguma mercadoria comprada. Enclausurados naquele nosso mundinho apertado, nem imaginávamos que longe dali uma guerra estava começando. Uma guerra que dizimaria muitas vidas e que num futuro bem próximo iria nos afetar também.

CASAMENTO DO TIO BASÍLIO

Os padrinhos seriam meus pais. Uns dias antes, o terno - o único - do meu pai recebeu os tratos de minha mãe. Ficou no sol e foi escovado até à exaustão. O vestido de minha mãe era de fundo escuro, com delicados ramos de campânulas em cores variadas. Tecido comprado do mascate, em prestações, tudo às escondidas, pois meu pai não admitia compras a prazo. Sentia nisso uma certa humilhação.

Chegou o dia esperado. Lá fomos rumo à Vila Prudente. Cada qual com uma criança nos braços. Meu pai, com passadas largas, nos deixava para trás e de vez em quando parava para nos esperar.

Na casa da *nona*, nem um sinal de festa. Ela, falando sem parar, queixava-se do *nono* que, ameaçando todo mundo, cambaleava da sala para a cozinha.

Enquanto minha mãe ajeitava os cabelos, ouvi-a pedir à minha avó que olhasse as meninas. Minha *nona* não iria ao casamento, considerando o estado em que se encontrava meu avô. Ao sentir que também não iria, desatei num berreiro. Puxava a saia de minha mãe, pedia que me levasse. Chorei com todas as forças de meus pulmões. Minha mãe me explicava que eu não poderia ir ao casamento vestida como estava:

-Você não tem roupa nem sapatos. Veio de casa com roupa velha, como posso te levar assim?

- Eu vou assim mesmo, não faz mal!

Chorava sem parar, e o final da história foi que, com a interferência de meus avós, acabei indo.

Meus tios se casaram na matriz de São Caetano do Sul. Fomos de carro, eu espremida entre várias pessoas. Sentia a reprovação muda de minha mãe; procurava não encará-la.

Na igreja, meus pais, como padrinhos, encaminharam-se ao altar e recomendaram ao tio Angelim que tomasse conta de mim. Não me cansava de olhar para todos os lados. Tudo era surpresa e novidade. Nunca tinha visto tanta gente junta, tão bem arrumada. Cada vestido! Um mais lindo que o outro, e as mulheres tinham até batom vermelho na boca!

Quando a noiva irrompeu no corredor central pelo braço de seu pai, quase perdi o fôlego. Jamais vira coisa mais linda! Agora passava pertinho de mim, arrastando uma cauda imensa de véus. Duas meninas, suas sobrinhas, vestidas com riquíssimo organdi suíço, levavam na cabeça coroinhas com rosinhas brancas e luvas nas mãos. Elas acompanhavam a noiva bem mais atrás, segurando-lhe a ponta do véu com uma das mãos. Na outra traziam uma minúscula cestinha, toda enfeitada de filó e florzinhas. Visão celestial!

Quando começou a cerimônia, todos concentrados no ato, sem que meu tio notasse, fui-me aproximando das meninas, na intenção de ficar mais perto daquela maravilha. Quando me achei, sorri para uma e para a outra. Mas o que recebi foi uma cutucada de uma delas. Mandaram-me embora:

- Ela é nossa tia! Não é sua, vai embora daqui!

Em cada nova investida minha, elas, agora mais juntas, impediam que me aproximasse. Lancei um olhar para minha mãe pedindo ajuda, mas ela fuzilava-me com olhar de recriminação. Desci as escadas do altar encabulada, mas não vencida. Fiquei mais ao lado, aguardando uma oportunidade.

Termina a cerimônia, os noivos voltam-se para a entrada, e as meninas, nos primeiros degraus do altar, aguardam a saída. As senhoras e parentes ajudam a compor a imensa cauda da noiva corredor a fora. Quando o cortejo passa por mim, rapidamente passo pela primeira menina e tento agarrar a cauda bem entre as duas. Não podiam me empurrar agora. E eu,

triumfante, num misto de orgulho e felicidade nem de longe imaginava o ridículo da situação. Quase terminei a marcha, não fosse minha mãe agarrar-me pelo braço, tirando-me do posto duramente conquistado.

Por castigo, não me deixou ir à festa. Fiquei com minhas irmãs na *nona*. Dessa vez não adiantou a choradeira. Mesmo assim, sentia-me vitoriosa! Eu havia participado ativamente daquele acontecimento maravilhoso, coisa que nunca vira!

Era o dia 23 de dezembro de 1939.

1940

Pelo fato de minha mãe costurar e bordar, muita gente a procurava solicitando seus serviços. Assim foi ficando conhecida, e as amizades solidificando-se.

Numa ocasião, bordou uma cortina para Dona Ana. Trabalho delicado: dentro de uma guirlanda de rosas que tomava todo o tecido, um tronco podre de árvore, de onde saía um ramo com várias orquídeas. Levou tempo nesse trabalho, pois nessa ocasião estava tratando os dentes, ou melhor, arrancando-os para colocar dentadura.

Quando ia ao dentista, saía cedo com meu pai. Ia ao Círculo Operário de Vila Prudente, levava a Elisa e preocupava-se em voltar logo para casa, pensando nas outras duas que lá ficaram. Pedia sempre para Dona Ana nos dar uma olhadinha. Numa dessas vezes resolveu deixar-nos trancadas no quarto. Lá pelas tantas, esgotados todos os atrativos, gavetas, pastas de documentos, fotografias...tudo remexido, olhei pela janela e concluí que por ali daria para sair. Com grande esforço levantei a vidraça para a Ozaide, e gritei para ela passar. Assim que ela colocou a cabeça, percebi que não iria agüentar o peso do caixilho. Com esforço, fiz com que ele descesse lentamente, mas, mesmo assim, a cabeça dela ficou presa. Felizmente nessa hora ia passando um verdureiro pela rua, que nos socorreu.

Naquele dia, minha mãe chegou com cara esquisita, querendo rir. Pela minha insistência, abriu a boca constrangida e me mostrou a dentadura. Admirada, exclamo: “Quanto dente, mãe!”

Não cansava de lhe pedir para que me deixasse ver toda aquela carreira de dentes alvos. Era mesmo um milagre para quem só tinha uns três frontais superiores. Só seu modo de falar me decepcionava, jeito estranho. Não perdíamos por nada vê-la tirar a dentadura para lavar.

REMÉDIOS

Minhas crises de bronquite persistiam, principalmente na entrada do inverno. Era só esfriar, e já vinha uma crise. Preocupada, minha mãe nunca me deixava andar descalça. Arranjou um jeito de me proteger o peito das intempéries, fazendo um corpinho de flanela dupla. Ele era emendado à calcinha, abotoado atrás por dois botões. Como eu não conseguia abotoá-lo, depois de ir ao banheiro, vivia com “a tampa arreada”.

A cada crise forçavam-me a tomar uma colherada de óleo de rícino. Desesperador. Purgante grosso, quente, enjoado. Minha mãe chegava com aquela maldita colher de óleo coberto por uma camada grossa de açúcar.

- Bebe, bebe! Engole depressa! Engole, engole. Não “gospa”, se não vai beber outra vez!

Dizia meu pai que o purgante limpava todo o corpo, inclusive o catarro do peito. E depois... haja banheiro! Do xarope “Bromil” até que eu gostava. Ainda me lembro do gostinho

das “pílulas de vida“, que minha mãe sempre escondia, para que não as chupássemos todas. Aquele gostinho doce...

MAIS ESTREPOLIAS

Meu pai, no terraço, tentava fazer a Elisa andar, e comentava com minha mãe sobre a construção que começara, vizinha a nossa casa. Ficaria mais descansado, pois aquele terreno tornara-se passagem para quem vinha da Vila Alpina. Nesse ínterim, Elisa se solta e dá uns passinhos desajeitados. Que alegria para todos nós! Teria ela uns três anos.

Ainda encantada com o acontecido, minha mãe passa a narrar detalhes das estrepolias do dia, tentando segurar o riso: “... alertada pelos gritos da Ozaide, chego no quarto correndo, e quem poderia ser? A Maria no chão, coberta com todas as roupas da cômoda, e por cima os santos, a lamparina de óleo e todo o resto do oratório...” Enquanto ela ia contando, eu ia me encolhendo, preocupada com a expressão de meu pai. Pegou-me pela orelha puxando-me para perto:

- O que você tinha que se pendurar nas portas da cômoda? Sabe que podia ter se arrebetado toda? Quando é que você vai tomar juízo? As suas irmãs não dão metade do trabalho que você dá!

Fui me postar num canto, sem graça, fazendo força enorme para não chorar. E ainda a Ozaide, desalmada, ajudando a me acusar. Maldita! Tomara que...

Eu tinha um esconderijo secreto. O guarda-roupa, encostado na quina da parede, deixava um espaço anguloso atrás. Entrava por baixo e, encostada na parede, suspendia as pernas, apoiando-as no móvel. Mesmo olhando por baixo, não me viam. Assim, cheguei a me livrar de vários “coques“ na cabeça. Tempos depois, descobriram meu esconderijo.

DONA HELENA E DONA JÚLIA

À primeira vista, Dona Helena nos assustou. Húngara, falava alto, numa linguagem atrapalhada que pouco se entendia. Gesticulava muito e parecia estar sempre brigando. Olhos estrábicos de um verde profundo. Esquisita mesmo! Apesar desse seu jeito, dava-se bem com minha mãe, Faziam muitas coisas juntas, minha mãe costurando suas roupas, e ela retribuindo de alguma maneira. Sua irmã, Dona Júlia, era o oposto: humilde, calada, sofrida. Era casada com um cigano - seu Júlio, que vivia de “calotes”. Para sustentar a família numerosa, ela trabalhava de faxineira em casas ricas. À tarde, quando voltava do trabalho, passava no mercado Central, de onde vinha carregada de mercadorias recolhidas no lixo. Muitas vezes minha mãe comprava dela alguma coisa, quando tinha certeza da qualidade. Assim, nossa comidinha simples, arroz e feijão com verduras da horta, um ovo de vez em quando (tinha que guardá-los para Elisa), ficava mais enriquecida com canja de pés de galinha ou batatas ensopadas.

Como tínhamos forno de barro, juntavam-se lá em casa para fazer roscas doces em todos os natais. Lembro-me de algumas comidas húngaras, dentre elas, o nhoque recheado de marmelada, envolto em farinha de rosca. Deliciosos, inesquecíveis!

- Esse é do “nosso” terra, dizia com seu forte sotaque, trocando sempre os artigos.

ESCOLA

Certa manhã, fui à casa da Ester, e ela me exibiu orgulhosa seus materiais da escola, novinhos em folha. “Agora eu já estou na escola, hoje à tarde eu vou, meu irmão vai me levar. Meu pai vai me fazer uma mala muito linda de madeira, com meu nome na frente”.

Fiquei chateada. Por que ela, tão minha amiga, não me falara nada? Eu também queria ir à escola!

Daí em diante, não dei mais sossego, e minha mãe, vencida pelo cansaço, acabou cedendo. Não via a hora de ir na companhia da Ester para a escola, de uniforme, mala, material novo... Chegava a sonhar com isso. Esse entusiasmo só fenecera um pouco com as advertências da Ester sobre os castigos aplicados pela professora, caso a gente não se comportasse. Eu ficava cismando, admirada com a sabedoria de minha amiga e de seu irmão mais velho, que tudo lhe ensinava. Minha mãe me alertava para que tivesse cuidado com os moleques, “moleque é bicho do cão!”

O Beppin era muito educado. E foi ele, a pedido de minha mãe, que comprou meu material escolar, na Casa Carioca, em São Caetano.

Não tendo meu uniforme pronto, nos primeiros dias iria com um vestido feito às pressas, de algodão estampado de rosa, com elástico na cintura.

Finalmente chegou o dia tão sonhado. Desde cedo sentia aquela fisgada gelada no estômago. Ester passou em casa. Trêmula, dei “tchau” para minha mãe. Chegando lá, no meio daquela criançada a correr, aquele vozerio ensurdecador, uma sensação de desamparo e estranheza toma conta de mim. Quase em pranto, sou empurrada para dentro de uma sala. Sento-me numa carteira junto da Ester, que me apresenta à professora. Dona Cidinha era seu nome, e sua primeira atitude foi colocar-me em outra fileira. Eram duas as salas. Crianças por todo o lado, algumas me olhando curiosas. No recreio, só Nair, uma menina de grandes olhos castanhos, manifestou-se solidária com minha situação de pânico. Pânico acrescido mais ainda pelos berros do professor Miguel, tentando pôr ordem na sala dos meninos ao lado. Homem grande, imenso, olhar penetrante e fisionomia dura. Nó na garganta, arrependida, sentia falta de minha mãe, de minha casa.

Com o passar dos dias, tudo foi ficando mais sereno. Dona Cidinha revelava-se uma senhora quase paciente. Raramente se exaltava. Isso normalmente acontecia quando perdia algum aluno para Dona Glorinha, dona de outra escola nas proximidades.

Mesmo assim, até que me acostumassem com essa nova etapa de minha vida, sofria. Em casa, o simples toque do material escolar fazia-me voltar inteira para a atmosfera hostil da escola. Tinha de decorar a lição, não largava a cartilha enquanto não a decorasse.

Eu já sabia nome e sobrenome de todos da sala, de tanto prestar atenção à chamada. E, graças ao meu desfilar de sobrenomes, meus pais encontraram antigas amigas do interior, dentre elas os Peres, que moravam na Vila Alpina, próximo à escola. Duas meninas dos Peres, Geralda e Maria, estavam na escola.

VISITA MALOGRADA

Era domingo, e eu insisti para que minha mãe me deixasse ir brincar na casa da Maria Peres. Levaria a Zaide comigo; minha mãe acabou deixando, com uma condição: que voltássemos cedo, antes do pai chegar.

Entretidas na brincadeira, só demos conta do horário quando começou a escurecer. Chegando em casa, minha mãe nos pergunta se não havíamos encontrado o pai pelo caminho.

Daí a pouco ele chegou, lívido de raiva, esbravejando “se aquilo eram horas de duas meninas pequenas andarem pela rua!” Ia falando e desabotoando a cinta, me segurou pelo braço e descarregou toda sua indignação em cintadas, que pareciam cortar. Da bunda, iam descendo até as pernas, chegou a desferir algumas cintadas na Zaide também. Minha mãe, aflita, pedia para que ele parasse, aparando alguns golpes com as próprias costas. Fiquei marcada por um bom tempo. Ele achava que assim cumpria seu papel de educar. Assim também fora criado.

COTIDIANO

Manhãs ensolaradas. Luz refletida nas pequenas gotas de orvalho que a noite deixara sobre o capinzal. Relva úmida. Florzinhas multicoloridas quebrando a monotonia daquele verde sem fim. Algumas moitas de arbustos aqui e ali. Campos que só terminavam nas primeiras chácaras da Vila Ema.

- Acabe logo com esse café! Vamos levar a “bitona” no pasto e depois quebrar cupim para as galinhas.

Era nessas horas que eu via minha mãe mais descontraída, quase afável. Com o enxadão nas costas e puxando a “bitona” pela corda, lá ia, e eu atrás. Cachorros, gatos, galinhas e pintinhos e, à medida que íamos andando, mais crianças juntavam-se a nossa estranha comitiva, num alegre alvoroço.

“Olha que beleza a natureza!” Mostrava-nos as flores que nasciam quase rentes ao chão. “Só podem ter sido feitas pela bondade e vontade de Deus. Tão bonitas, uma igualzinha à outra no tamanho e na cor. Conte as petalazinhas! Números iguais. Morrem, e no ano que vem, florescem novamente, sempre iguais. Amarelas, azuis, lilases, brancas... E ninguém se preocupa em guardar as sementes para semeá-las”.

Era sempre com essa doçura que nos instruía nas coisas de Deus.

Como já era tarde, começamos nossa tarefa pelo primeiro bloco de cupim avistado. Pancadas certeiras com as costas do enxadão, e o cupinzeiro se desmoronava aos pedaços, fervilhando de pequenos insetos engraçados. Iguaria fina para as galinhas, que atacavam com alvoroço.

- Filha, preste atenção na galinha choca. Ela não come, só fica chamando e mostrando o petisco para os pintinhos.

Agora tínhamos leite pela manhã, dado pela “bitona”, cabra de cor marrom e branca, moxa, dócil, generosa. Com ar de satisfação, minha mãe entrava na cozinha logo cedo com o canecão cheio; leite branquinho, espumante. Livrei-me assim da obrigação de buscar leite na portuguesa. Em compensação, era meu dever levar o animal todo dia ao pasto e recolhê-lo na hora do almoço.

Minha mãe, cuidadosa, não admitia que animal seu sofresse com o calor, amarrado no pasto. Bitona, além de poder fazer a sesta, ainda ganhava uma bacia de farelo molhado, que devorava com gula. Outras vezes, eu ainda era obrigada a descascar, lavar e cortar fatias de mandioca, para que ela comesse. A água tinha que ser sempre limpa e fresca, “bitona” era exigente, e carinho não faltava.

Meu pai não tomava leite. Fazia questão de um café bem forte e fresco, que bebia em pé, falando e gesticulando até a hora de sair para o trabalho. Como não almoçava em casa, comíamos as sobras do jantar. O feijão, para que não azedasse, era cozido sempre à tarde. A janta era mais caprichada, pois ele vinha faminto, “baqueado” de tanto carregar sacaria na cabeça. Serviço pesado, bruto mesmo. Não passava sem carne, arroz e feijão. Apreciava o

torresmo feito pela mãe. “Arroz e feijão têm que ser com gordura de porco. É isso que dá sustância”, dizia ele.

Aos domingos era infalível a macarronada. Nas compras era incluído o toucinho salgado da venda do Való. Verduras, tínhamos no quintal, viçosas, adubadas com esterco de vaca. Minha mãe dizia ser muito quente para as verduras o esterco de galinha, pois queimava as folhas. Nos campos atrás da chácara da portuguesa, apanhávamos esterco de vaca.

- “Muié ridica!” Com tanta bosta que ela tem na cocheira... “Vegliacchi. Maledetti!” Pensa que eu não sei que eles põem água no leite que vendem? De leite entendo muito bem. Fui nascida e criada em fazenda! Meu pai sempre “trabaiô” de “retirero”, queixava-se minha mãe contra as esquisitices e implicâncias da tal portuguesa, que não gostava de dar esterco de seu curral.

A bosta de vaca bem seca tinha outra serventia: queimava-se no quarto, dentro de bacia velha, à noite, para espantar os pernilongos. Era mais barato que o “Flit” (inseticida usado numa bomba especial para pulverizar).

BRINQUEDOS

De bom humor, minha mãe até tomava parte, de quando em quando, em nossas brincadeiras. Fazia bonecas de pano, de retalhos. Tínhamos nossas horas de harmonia, quando brincávamos de casinha. Era armada sempre na sombra do pé de maracujá. Ela nos ensinava a fazer vaquinhas de bucha, e palitos de fósforos usados serviam para completar as patas e os chifres.

Na escola eu já aprendera algumas brincadeiras como “barra-manteiga” e “bola atrás”. Frustradas tentativas de brincar com a Ozaide. Ela tinha dificuldades para me acompanhar.

Com a ajuda de minha mãe, arrumávamos talos de folhas de mamão e, com latinhas vazias de massa de tomate “Elefante”, água e um pedacinho de sabão, passávamos bom tempo fazendo bolhas. Algumas grandes subiam, multicoloridas, para estourar mais adiante. Alegria maior quando conseguíamos mantê-las por instantes na palma da mão.

Meu dia-a-dia na escola... O medo de me atrapalhar na hora de responder à chamada... Como seria mesmo o nome daquela menina que vivia me censurando na hora de cantar o hino?

- Por que você nunca canta os hinos? Você só mexe a boca!

Vozes entusiasmadas de crianças. À entrada das aulas, as duas classes reunidas entoavam o hino nacional. Conforme o entusiasmo do dia, emendavam com o hino à bandeira e, na saída, o hino da independência.

Noite. Minha mãe na sala costurando, eu sentada à mesa fazendo o dever de casa, com a ajuda confortadora de meu pai. Sem querer, abaixei a cabeça, encostando-a à lamparina que estava bem próxima. Calorzinho estranho e um clarão maior que a luz da lamparina. “Porco boia ! Pela madona santa !” A camisa de meu pai me sufocando, minha mãe aos gritos de “Dio santo benedetto”, “Maria vergine benedetta, essa menina não tem jeito, mesmo!” Cabelo todo chamuscado, franja sapecada... Terminada a operação rescaldo do laço de fita engomado, sobrara apenas um torresmo retorcido.

Cotidiano de ontem, visto de hoje, fica tão diferente... Há um perfume no passado que o “hoje” rasteiro não tem. Como bolhas de sabão, aquelas que tentávamos manter por segundos na palma da mão, as lembranças de hoje, por mais que eu tente, não conseguem reter as sensações daqueles dias distantes, daquelas multicoloridas bolhas...

FINANÇAS

Dores de dentes! Será que foi nesse ano que elas começaram?

Quando meu pai estava em casa, curava-me com paciência e carinho. Limpava a “panela” com algodão enrolado num palito. Depois, embebia um novo algodão em “Guaiacol”, remédio horrível, ardido, que permanecia na cárie, sapecando toda a boca.

Dente de leite não era tratado. “Pra que? vai cair mesmo”. Não tínhamos o hábito de escovar os dentes. Apenas enxaguávamos a boca.

Era domingo de manhã. Estávamos todas em volta de meu pai, que fazia alguma coisa, às voltas com pregos, tábuas, martelo e serrote. Minha mãe chega da venda transtornada, parecia que ia chorar.

- Você sabe o que aquele desgraçado teve a coragem de me fazer?! Depois de ter pagado a caderneta... depois de receber o dinheiro, jogou a caderneta no balcão e na frente de toda a gente me fala que lá eu não tinha mais crédito! Eu disse que precisava comprar mais umas coisinhas... que a gente atrasou o pagamento por causa da doença de seu irmão Basílio. Nem me olhou na cara, o “maledetto”! Nem ele, nem o irmão, o Alexandre! Fiquei ainda um tempo parada, humilhada, esperando sua decisão. E ele, depois de me deixar um tempão esperando: “Já não disse que a senhora aqui não tem mais crédito!?”

- Saí de lá arrasada. Não sabia nem onde estava pisando...

Enquanto falava, caíam lágrimas de seus olhos. Senti tanta pena dela... Pobre mãe...

Meu pai, que já era normalmente corado, à medida que ouvia, ia ficando mais vermelho. “Aquele moleque! O que ele pensa que é? Há quanto tempo compramos deles, nunca atrasei um pagamento sequer. Aquele bicho d’água não perde por esperar. Vou ter uma conversa com ele!”

Mas a conversa nunca aconteceu. Passamos a comprar no “Mineiro”, cuja mulher era freguesa de costura. Ficava próximo à Avenida Giacaglini (hoje Costa Barros).

Voltando um pouco no tempo, e justificando o atraso no pagamento do empório, aconteceu a doença do tio Basílio, meses depois do casamento. Pneumonia. Passou muito mal - não havia ainda penicilina. Meu pai, como irmão mais velho, tinha o dever de socorrer a sua família. Dever de honra.

Tio Angelim também fraturou um pé; não sei se na mesma ocasião. Ficou sem trabalhar por um tempo. Já havia seguro contra acidentes do trabalho, mas ele recebia uma miséria.

Esses contratemplos foram responsáveis pelo desacerto nas finanças lá de casa. Tostões contados, qualquer vento contrário era suficiente para abalar o frágil orçamento.

Com certeza meus pais jamais esqueceram esse episódio, que lhes causou dor, humilhação e revolta, de quem nada pode fazer contra o destino de ser pobre. Meu pai, trabalhador honesto e corajoso, dizia: “Chego quase a me borrar para levantar aqueles sacos de café e colocá-los sobre a cabeça, caminhando até a galera (vagão de carga) ou empurrando carrinhos com fardos de algodão. E o capitão, sempre querendo que a gente faça mais e mais... Se não corro, não ganho quase nada no dia... ‘Cê’ sabe que ganho a contrato, né Lena!”

Assim era o meu pai! Um homem desafiando a própria capacidade humana para atingir a meta estabelecida a cada dia.

Penso que não foi tirar satisfação com o russo (o “bicho d água“, como dizia), pois em sua dignidade e honradez sabia que o russo tinha razão: Quem deve tem que pagar!

Minha mãe não perdia uma oportunidade de cutucá-lo. Vira e mexe voltava ao assunto. Afinal, fora ela que passara o vexame. Acho que sentia um pouco de ciúmes da cunhada (tia Maria, mulher do tio Basílio). Cunhada que não trabalhava fora, casa impecavelmente limpa, e a tia sempre muito bem arrumada.

- E aqueles móveis tão bonitos! Tão modernos... Até pechinchê ela tem, todo enfeitado com bibelôs... Deve ter custado uma fortuna. E eu que dou um duro danado, o que tenho? Acha que aquele fanfarrão do Basílio tem competência para alguma coisa? Só sabe beber e contar mentiras! Tudo isso sai das costas do seu pai e das suas, Mílio!

Nessas alturas, meu pai, louco por colocar um ponto final naquelas lamúrias, arrematava: “Você só vê o que eu faço pela minha gente, e não vê o que faço pelos seus parentes... Todos doentes, não tem um que sobra! Parecem todos podres!”.

E passavam dias emburrados, curtindo mágoas um do outro. Eu sofria muito quando isso acontecia.

Minha mãe não estava errada por ter ciúmes da tia Maria. A casa dela e o que ela tinha dentro eram realmente bonitos para a época. Lembro-me bem de minha cobiça por uma de suas estátuas, a de Maria Antonieta.

Eu começava a tomar mais consciência das coisas. Começava a mudar. Até minha mãe havia percebido. Com a escola parece que ia descobrindo um mundo novo. Melhor?!!!

Penso ter sido no final de 1940 que minha mãe sofreu um aborto espontâneo. Ficou uns dias no hospital e *nona* Pina veio ficar conosco. Não bastando sua presença tão querida, ainda tomava para si as tarefas que minha mãe nos impunha. Assim, ela lavava a louça, limpava a casa, o quintal, cozinhava, cuidava das galinhas e da “Betona”. Isso logo de manhã. À tarde eu ia para a escola, e a Ozaide ajudava-a nas tarefas, de acordo com sua capacidade.

Minha mãe exigia tudo limpo, para não dar cheiro. O esterco da casinha da cabra era varrido para o galinheiro, onde tudo junto passava por um buraco rente ao chão, que chegava à horta, ficando estocado até seu destino final.

Era um domingo, depois do almoço. Pedi para a *nona* me deixar ir à casa de amigos. Ela nunca negava nada para os netos: “Não volte tarde, seu pai fica bravo“, recomendou ela.

Assim, de casa em casa, ia engrossando a comitiva. Éramos quatro ou cinco ao chegarmos à casa de Alzirinha, uma das filhas do Orlando Grassi. Tomamos refresco perto do tanque, coberto por frondosa trepadeira. Alzirinha nos apresentou sua prima de uns quatro anos, Terezinha. Bem vestida, linda! Dizia que os tios estavam construindo casa e que logo se mudariam para a vila. Poderíamos, assim, brincar com a prima e o primo Vicente. Pouco depois, entra pelo portão um menino de dez ou doze anos. Rosto afogueado com leves sardas. Olhos de um azul profundo (ou seriam verdes?). Bem arrumado. Calças que lhe chegavam aos joelhos, camisa branca. Boné da cor das calças, azul marinho. Que visão diferente dos meninos que eu conhecia: descalços, camisas sujas fora das calças, só com um suspensório a segurá-las, o outro arriado, e sempre com aquela aparência suada de quem havia corrido muito.

Sigo-lhe os movimentos. Observo que, ao entrar na sala, tira o boné da cabeça, pedindo bênção aos tios. Notei leve rubor nas faces de Alzirinha; não estava alegre e solta como de costume. Fomos terminar o domingo na frente da minha casa, pulando corda.

NOVA DESILUSÃO

Ao ouvir a voz de Dona Helena chamando por minha mãe, desço da cadeira onde tomava o café, de cócoras, enquanto estudava a lição. Vou abrir a porta da cozinha, fechada com a taramela, e dou de cara com ela tentando se equilibrar na lama junto à porta. A muito custo conseguiu agarrar-se ao batente. Um de seus tamancos permaneceu grudado no barro pegajoso. Com um dos pés levantado, exclama meio sem graça: “Fio dum puta essa tamanco! Quase me joga na chão!”

Chovera na noite anterior. Terra vermelha molhada, pegajosa, grudenta; agarrava-se nas solas dos calçados e, acumulando-se, quase impedia o caminhar. Raspador de pé era imprescindível na porta de todas as casas. Feito com fitas de metal resistente que envolviam os barris já sem uso, presa entre dois tocos de madeira enterrados quase rente ao chão. Esse engenho precioso impedia que assoalhos de madeira e cimentados ficassem totalmente emporcalhados. Só as visitas entravam calçadas, porque os de casa largavam do lado de fora os calçados. Quantos escorregões! Quantas bundadas naquelas poças de lama!

Digo à Dona Helena que minha mãe estava no galinheiro. Ela arranca o tamanco do barro e vai ao encontro dela. Não era qualquer barrinho que lhe fazia frente!

Da cozinha eu ouvia a voz alta dela, tentando convencer minha mãe de alguma coisa. “O comadre fala com a comadre, e se ela deixar, comadre leva Maria. Nós vai junto. Já tenho as cartão comigo. Eu sabe onde é, comadre!”

Curiosa como sempre, é lógico que assim que Dona Helena vai embora eu pergunto do que se trata.

- É a Dona Helena (não sei se já eram comadres) que tá com uma lenga-lenga de cartão de natal... que com o cartão cada criança pobre vai receber um brinquedo... Não sei não!... Essa mulher está sempre inventando coisa. Também, está sempre de porta em porta!...

Não é preciso dizer que a novidade me alvoroçou.

Não sei quem convenceu quem. Vejo-me com minha melhor roupinha, subindo a rua em direção à Vila Bela. Gesticulando e falando alto, lá ia Dona Helena, como era seu costume. Arrastava pela mão seu filho Pedrinho.

Em dado momento, passando pelas últimas casas, antes de chegarmos no topo do morro, lembro-me de que estou com as unhas pintadas. Trêmula, digo a minha mãe: “Eles não vão me dar presente, estou com as unhas pintadas, mãe! Como vão acreditar que sou pobre?!”

Diante das risadas das duas, fiquei mais confiante. Por via das dúvidas, mesmo assim, durante todo o trajeto tentei ir arrancando o esmalte com os dentes.

Fomos passando pela Vila Bela, Vila Lúcia, Vila Zelina, Quinta da Paineira e enfim Vila Prudente, onde pegaríamos o bonde “32”, que ia até à Praça da Sé. Dali seguiríamos andando até a rua da Consolação.

Minha mãe, cansada e nada satisfeita, de vez em quando soltava um suspiro e dizia entre dentes:

-Por que tenho de acompanhar essa louca!?

Eu e Dona Helena íamos saltitantes. Enquanto procurava abrir caminho espalhafatosamente entre o povaréu que se aglomerava em frente ao Cine Odeon, ia dizendo: “Vem comadre! O gente tem que entra!”

Minha mãe, temerosa, dizia-lhe que se entrássemos, como iríamos sair depois, com tanta gente no local? (Penso que ela teria um pouco de fobia).

À noite, enquanto meu pai jantava (nós jantávamos mais cedo), ela relatou, ainda indignada, os pormenores daquela aventura:

- Nos fecharam num enorme salão. E espera que te espera... Aquela multidão se acotovelando, crianças chorando, um calor insuportável. E nem sinal de brinquedos. Alguém dizia: “É lá a distribuição!”. E todos corriam para o ponto indicado. Quem não ia era empurrado. Até a comadre já estava desacoroçoada, arrumando confusão com os guardas que tentavam manter a ordem naquela bagunça. Perguntei a um guarda próximo onde era a porta da saída, e ele me respondeu que só depois da distribuição dos brinquedos é que seriam abertas.

- Finalmente, depois de vários vai-e-vem frustrados, nos pediram para formarmos uma fila e, com grandes cestas, distribuíram um pequeno lanche, diminuindo o alvoroço. A comadre me olhava meio sem graça: “Num dá nem pra encher a buraco da dente. Vai tomar na cu!” E depois de todo aquele sacrifício, olha o que nos deram (mostrando o lápis e o caderninho). Quando vi a porta do salão aberta, agradei a Deus.

Meu pai ouvia atento, solidário com nossa situação. De vez em quando me lançava um olhar que me fazia encolher toda. Resmungou:

- Não te digo para não ir na conversa dos outros?! Quando a esmola é grande, o santo desconfia! Você já viu rico dar alguma coisa pra pobre?

Seria o “Rotary” essa entidade beneficente?

Minha mãe, com um mau humor que eu não entendia na época, conseguiu empanar um pouco do brilho daquelas horas mágicas vividas por mim naquele dia. Acredito ter sido esse dia (exceção feita às idas e vindas do Instituto Pasteur) a primeira vez que vi a minha cidade de São Paulo. Meu mundo de então era restrito entre nossa vila e a Vila Prudente, onde moravam meus avós.

Um dia de tantas surpresas e novidades! O movimento dos carros e bondes. Pessoas bem vestidas. Senhoras elegantes com chapéus esquisitos na cabeça... Um mundo tão desconhecido por mim. Diante de algumas de minhas indagações, minha mãe sorria.

- Maria, anda. Não bole aí, não pode, filha... Ó lá o homem, ele fica brabo! Dizia quando eu, extasiada, parava diante de alguma loja e me atrevia a tocar em algum objeto.

E o Cine Odeon! Ah! O Cine Odeon! Com luzes cintilantes e coloridas na fachada! Com a ajuda de minha mãe, eu lia: ODEON, um risco de luz azul contornando as suas letras. Mais adiante, outro igual, só que em vermelho, um vermelho que me fascinava.

Como Pedrinho podia permanecer mudo e agarrado à saia da mãe diante de tudo aquilo? Acho que nem via nada. Para Dona Helena, nada parecia novidade. Dava mostras de conhecer tudo de cor e salteado. Sabia das coisas aquela mulher!

Eu e a Ozaide fomos surpreendidas naquele natal com presentes. Para mim, uma mobília completa de quarto. Guarda-roupa pequenininho, portinhas que se abriam. Ozaide ganhou bateria de cozinha: pratos, panelas...

E lá ia terminando o ano de 1940. Começo de outra década. Mas a magia do Papai Noel fora desfeita para sempre.

Minhas primeiras férias, muito embora com tão poucos meses de escola. Sentia-me leve sem as preocupações com as lições. Terminada a cartilha, passara ao primeiro livro, mediante algumas “trapaças”. Na hora da leitura, sempre lia as mais fáceis. Dona Cidinha não marcava a lição e muito menos dava visto. E ali em sua mesa ela ia seguindo a leitura, apontando-a com enormes unhas vermelhas, entremeando broncas pela bagunça do resto da classe:

- Silêncio! Silêncio! Si-lên-ci-ooo!

Certa vez, numa de suas faltas, o professor Miguel veio substituí-la. Desdobrou-se entre as duas salas. Tabuada dada na classe dos meninos, veio para a nossa, empunhando enorme ponteiro nas mãos. Com aquele pau roliço e comprido apontava a matéria da lousa. Sua presença era assustadora.

Em pé, em frente ao quadro-negro, atitude solene, perguntava a tabuada para alguma vítima, com a ajuda do tal ponteiro: 3x2, 3x6, 2x8 etc. A cada resposta errada, com voz impiedosa ordenava: “Para o canto!”

O aluno, cabisbaixo, ia até o fundo da classe, onde permanecia até o final da aula. Na saída, sabia o que o esperava: os colegas o acompanhavam até o final da rua, gritando em coro: “Castigueiro, bum-bum-bum! Vai pra guerra, mata um!”

A crueldade e a humilhação dos amigos doíam muito mais que o castigo.

Naquela vez, entre tantos castigados, até a Nair levou a pior. Eu me encolhia fazendo uma força danada para que o professor não me visse. Chamava por todos os santos, fazia promessas: “se me livrar rezo três ‘Pai Nossos’ de joelhos...” Agora sabia a importância das orações que minha mãe me obrigava a aprender.

Terminado o ano, eu não lia quase nada. Meus símbolos mentais continuavam substituindo a escrita. Para cada palavra arrumava um. Assim, “domingo” era uma figura mais ou menos como uma ampulheta multicolorida que pairava a uns cinco metros do chão. Lindo! Alegre! A palavra “São Paulo” me acompanhava há mais tempo, desde que a ouvira a primeira vez no interior.

MAIS HISTÓRIAS

Minha mãe, depois de ter deixado a “Bitona” no pasto amarrada, atiçava o fogo do fogão a lenha. Dona Helena irrompe pela porta da cozinha adentro, desarvorada, a contar a briga do dia, ou melhor, da noite. Desta vez era com o marido. “Sabe, comadre, a João é muito boa, mas...” E continuava seu falatório, ora dramática, ora rindo, achando graça de sua própria maluquice. “A comadre me conhece, eu muito bom, mas quando ‘fesa, fesa’ mesmo!!!” (enfazar era o que ela queria dizer).

Minha mãe, depois dela ir embora dizia:

- Coitado da João, precisa ser muito santo para poder aturá-la. Ela é boa de bico, veio me contar essa história para saber da nova vizinha. Ela deve ter visto Dona Maria lavando roupa aqui no domingo, e já veio especular. Joga verde para colher maduro, pensa que não sei?

Assim era: uns pelos outros. Quem tivesse água, cedia para quem ainda não tinha, mesmo com a preocupação da água do poço bastante diminuída no tempo da seca. “Água não se nega para ninguém,” diziam meus pais.

Eu cheguei da escola naquele dia, e a Ozaide veio com a novidade:

- Sabe Mari, hoje mudou gente nessa casa do lado. Sabe quem? São aqueles primos da Alzirinha, aqueles daquele domingo, quando fomos à casa dela!

Surpresa agradável! Ficara mesmo curiosa, principalmente pelo menino. Bem arrumado. Educado. Tão diferente daqueles grosseiros e briguentos da vila e da escola. Dessa malta só se salvava o irmão mais velho da Ester. Mas ele não se misturava nem para brincar. Vivia sempre dentro de casa, no quintal... Cursava o grupo escolar de Vila Bela. Acredito que nos achasse muito pirralhas para nos dar atenção.

Nosso novo vizinho, Vicente, mesmo depois de vários meses morando ali, apesar de todos nossos esforços para enturmá-lo, continuava arredio.

Cidinha, extrovertida e inconseqüente, quando o via, chamava sua atenção com gracejos até maliciosos - o que eu abominava.

Eu, bem mais discreta, mas com a mesma intenção, falava alto com alguém que não estivesse obedecendo às regras da brincadeira. No esconde-esconde, procurava passar perto dele, e na ciranda:

Por isso Dona Maria, faz favor de entrar na roda,
Diga um verso bem bonito, diga adeus e vá s'imbora!

Eu, no meio da roda, caprichava na dramaticidade do poema:

Batatinha quando nasce,
Se esparrama pelo chão
A menina quando dorme
Põe a mão no coração!

Teresinha gostava de brincar com minhas irmãs. Horas e horas no nosso quintal; nenhuma briga. Quando vinha buscá-la, seu irmão Vicente chamava-a do portão, e mesmo sendo convidado a entrar, nunca entrava. Não tinha amigos. Às vezes, brincava com seu primo Ademar, que tinha uns três anos.

LUTO

26 de dezembro de 1940. Recebemos a notícia do falecimento da tia Maria, irmã de meu pai. Ele decidiu tirar férias - a primeira em muitos anos - para visitar os parentes enlutados no interior.

Ao despedir-se de nós, naquela tarde de domingo, tinha os olhos vermelhos de chorar. Enquanto fazia recomendações, eu notava em seu único terno de casimira, azul marinho e lustroso pelo uso, aquela tarja preta em diagonal numa das lapelas. Era o sinal de luto, me explicaram.

Do terracinho de minha casa - ponto mais alto - fiquei olhando enquanto se afastava cada vez mais, até sumir no alto do morro em direção à Vila Bela. Dali cortava o caminho para a estação do Ipiranga, tomando o subúrbio para a estação da Luz. Finalmente tomaria o noturno para Paraguaçu na estação Júlio Prestes (Sorocabana).

Quando voltou, encontrou minha mãe com latas de 20 litros sobre fogos improvisados no quintal, tingindo de preto tudo que era roupa que aceitasse tinta. Só as nossas escaparam desse flagelo, “éramos inocentes”.

Meu pai não veio só. Trouxe Rosina, filha mais velha da tia Itália, sua irmã que morava em Guarantã, noroeste do Estado de São Paulo.

Meu pai contava as notícias. Ia da exaltação à tristeza, conforme a situação. Sua irmã havia morrido de parto naquele ermo de mundo, sem socorro ou qualquer recurso. E dizia, olhando para a sobrinha Rosina: “Se sua mãe estivesse lá, garanto que minha irmã Maria não tinha morrido! Sabe Lena, ela é uma parteira de mão cheia! Atende toda a mulherada daquela redondeza.”

Rosina, mocinha ainda, passou vários dias acabrunhada. Saudades da família, lugar estranho, bem mais feio e sem graça do que o sítio de onde viera, dizia. Fora desterrada para esquecer o namorado. Por ser ele escuro, a família não aceitava o namoro.

Com o passar dos dias, ajudada pelo carinho de meu pai, ela foi-se tornando expansiva e alegre. Minha mãe passou a ensinar-lhe costura e bordado. Fez muitas amizades entre as moças, freguesas de minha mãe. Eu gostava muito dela, era como irmã mais velha. Ensinava-me poesias e canções sertanejas aprendidas lá no interior. Fazíamos dupla enquanto lavávamos os pratos numa bacia sobre um caixote alto, do lado de fora, em frente à janela da cozinha. Usava-se cinza do fogão para dar brilho no alumínio e nos talheres de ferro fundido.

“Meu violão em seresta, à luz de um luar,
A natureza em festa, tudo parede cantar...”

Iolanda tornou-se sua amiga inseparável. Morava numa das ruas bem mais para baixo. Lembro-me tão bem daqueles vidrinhos de esmalte de unha “Cutex”, cor “Rosa Antigo”. Quando por descuido delas ficassem ao meu alcance... Minhas unhas ficavam grossas com tantas camadas.

VESTIDO NOVO

Tia Emirene, depois do nascimento de sua segunda filha, Edite, procurou logo um emprego, deixando as meninas aos cuidados da tia Amábile e da *nona*.

Caprichosa e muito inteligente, fazia sucesso trabalhando numa fábrica de roupas infantis, na rua Monsenhor Andrade, Brás. Logo arranjou com os patrões costura para minha mãe fazer em casa. Bom para minha mãe, pois ganhava mais e o dinheiro era certo. Diferente daquelas situações em que a freguesa, com a costura já pronta, só pagaria quando sobrasse dinheiro.

Muitas vezes, quando havia urgência da costura, tia Emirene vinha buscá-la em casa. Chegava geralmente no sábado à tarde e só voltava no domingo.

Elas conversavam sobre tudo, rindo muito até tarde da noite. Eu me encantava com suas roupas bonitas e caprichadas, e ainda mais com suas unhas compridas pintadas de um vermelho escuro. Iguais às que eu via nos figurinos de minha mãe. Eram figurinos onde as freguesas escolhiam os modelos dos vestidos. Ela possuía uma coleção do “Jornal das Moças”, que raramente nos deixava folhear. Numa dessas visitas, trouxe uma amostra de um ponto feito na talagarça - ponto Paraguai. Disse que estava fazendo com aquele ponto vestidos para as filhas, iria tirar fotografia das duas para mandar para os parentes no interior.

Minha mãe passou tempo bordando vestidos para a Ozaide e para mim com aquele ponto. Um barrado bordado no decote e outro na cintura, num tecido finíssimo, rosa, que ela chamava “Romen”. Nosso único vestido, para o inverno e verão. Foi o mais lindo que tive feito por minha mãe.

BACIA QUASE COMUNITÁRIA

Alguns vendedores se arriscavam até a vila longínqua. O mascate, esse batia de porta em porta. Quando sua entrada era permitida pela dona da casa, sempre muito amável, gentil, perguntando por todos, abria sua grande mala sobre a mesa e ia espalhando tudo à volta. Um tecido mais lindo que o outro! Percebendo interesse, não perdia tempo: pedia licença e, colocando o tecido sobre o peito da freguesa, levava-a para a frente do espelho, convencendo-a que, dentre todos, aquele era o que lhe ficava melhor, e que podia pagar em prestações, sem sentir...

E a relutância era muitas vezes vencida pelo poder de persuasão do “turco”. Ela só costumava deixar claro que ele não passasse para receber aos domingos, quando o marido estava em casa.

Quem tinha sempre serviço nas casas era o amolador. Amolavam-se as facas, tesouras e tesourinhas. Não podiam perder o fio. De longe o reconhecíamos pelo toque da gaitinha: “fiririu, farorou, fiririu, farorou...”

Entre todos os que batiam de porta em porta, quem permanecia mais tempo era o folheiro. Latas de massa de tomate vazias, ele as transformava em canecas de grande utilidade. Latas de óleo “Saúde”, em canecões utilíssimos. Terminado o serviço, ia para outro portão, batendo com um ferrinho numa frigideira: tim, tim, tim.

Naquele dia minha mãe lhe confiaria um serviço extra: deveria trocar o fundo da nossa velha bacia de folha, de tomar banho. Já fora comprada de segunda mão (por quantas mãos teria passado até chegar às nossas?) Agora, com seu fundo furado, gasto pelo tempo e pelo uso, jazia lá num canto. Essa bacia, além da função normal, teve uma outra, bem curiosa. Quando acontecia alguma morte na vila, meu pai era quase sempre chamado para lavar o defunto, e pediam também nossa bacia que, por ser grande, acomodaria bem o falecido. Meu pai fazia de bom grado, em respeito à família e ao defunto.

Mas minha mãe tinha horror a esse tipo de empréstimo. Quando a bacia voltava, passava um tempão esfregando-a com cinza, sabão e areia.

Naquela noite meu pai fora chamado à casa do João Miranda. Preto forte, família numerosa. Morrerá de repente. No dia seguinte, para provocá-la, contava detalhes:

- Sabe Lena, quando pelei o finado e pus ele na bacia com a ajuda do Adelino, o negão ainda deu um gemido: bu-a-a!

- Como? Se ele estava morto? - retrucava ela.

- Acho que era ar e ficou lá dentro. Você sabe que ele morreu tuberculoso, né!?

Enquanto falava, olhava para ela, esperando sua reação. Subitamente se calou, ficou pensativo como se lembrasse de algo triste. Olhar perdido, longe. Depois, como se acordasse, olhou para minha mãe e, com voz meio embargada disse:

- É, Lena, a vida é essa mesmo! Como diz meu pai: “Se nasce com la vertu, se morre com il culo em su”... “É... Até nas flores é diferente a sorte, umas enfeitam a vida, outras enfeitam a morte...”

Havia certas épocas em que minha mãe ficava muito nervosa, e pedia impacientemente minha colaboração:

- Maria, você é mais velha, precisa me ajudar. Você não vê que não tenho uma hora de sossego? “Óia” a cama que você arrumou, toda desbarrancada! O colchão todo cheio de buracos! Foi assim que eu te ensinei? E o “pissotto”, óia?

Enquanto esbravejava, ia arrancando tudo da cama e atirando ao chão.

- Eu não falei pra pôr a roupa da cama de vocês na cerca? Com três mijando na cama toda noite, como posso dar conta?

E remexia o colchão de palha furiosamente, com os braços enfiados nas pequenas aberturas - feitas para esse fim - até os cotovelos. Fazia com que o colchão, antes baixo, ficasse fofo, ganhasse espessura. Cama bem feita, orgulho da mulher!

O colchão dela era de palha de milho desfiada, e o tal “pissotto” que vinha sobre o colchão era recheado com penas de galinha. Era preciso habilidade para uniformizar a distribuição das penas. Os travesseiros também eram de penas

Uma vez, brincava com a Ozaide na cama de minha mãe. Com uma agulha de mão, espeta daqui, espeta dali, até que, sem querer, enterrei a agulha no travesseiro, não conseguindo tirá-la. Fiquei bem quieta, temendo a reprimenda. Remorso e preocupação enquanto duraram os travesseiros. Nos primeiros dias, assim que levantava, ficava sondando meus pais, para ver se não reclamavam de alguma espetada na cabeça enquanto dormiam.

Eu e Ozaide dormíamos numa cama de casal, num colchão de algodão, que empelotava com facilidade, caso não fosse bem mexido.

O mau humor de minha mãe durava até dias. Ozaide e Lisa eram poupadas. Só eu é que “pagava o pato”. Eu nunca respondia. Mas agora essas censuras me incomodavam muito, principalmente à vista de outras pessoas. Magoada, fechava-me em meu mundo interior.

Dessa época me lembro de um episódio escolar. Leonardo - o mais sapeca da classe - fora acusado de ter beijado uma das meninas. Não entendi o porquê da professora ter ficado tão zangada. Pelos cochichos e olhares cúmplices trocados pela classe, desconfiei de que havia alguma coisa misteriosa no ar. Como quando as senhoras tinham aquele tipo de conversa que criança não podia escutar.

Como aquilo continuasse me intrigando, resolvi indagar minha mãe sobre o ocorrido. Era sábado. Ela entretida na máquina, só se ouvia o barulhinho ritmado de seus pés pedalando, pedalando, no silêncio da tarde quente. Eu perambulava e espreitava, aguardando o momento mais oportuno. Lá pelas tantas, achei-me e falei num arranco:

- Sabe mãe, ontem na escola o Leonardo ficou de castigo porque deu um beijo na Geralda!

Parando a máquina, encarou-me lívida e virou-me uma forte bofetada.

- É isso que você está aprendendo na escola?

Naquele momento aprendi que nem tudo podia lhe contar. Informações silenciadas. Indagações não formuladas... Ela fora criada assim, sob princípios rígidos. Passou isso para os filhos. Não aceitava intimidade, perdia-se o respeito. Apesar de tudo, tínhamos certeza de seu amor para conosco. Numa doença, não havia mãe mais desesperada. Uma geração depois, será que acertei com meus filhos???

COTIDIANO

Elisa melhorou. Alimentava-se melhor. Andava por todo o lado. Ozaide sempre comeu bem, só eu continuava ruim de comer. Ultimamente ouvia meus pais muito sérios falando sobre um assunto da Ozaide: médico...operação... Normalmente falavam em italiano, mas quando o assunto era sério e discutiam, conversavam em português mesmo - português de caipira.

Dizia ele que seu patrão, Dr. João Batista Figueiredo, ficara sabendo do problema da Ozaide através do gerente, Sr. Teixeira (condóido, havia prometido ajuda para o tratamento). Meu pai trabalhava agora no L. Figueiredo - Armazéns Gerais SA, na rua Presidente Wilson - Ipiranga. Acredito ser o "L" abreviação de Leopoldo.

A vila continuava crescendo. Mais crianças, mais brincadeiras, mais brigas. Os meninos se juntavam na rua debaixo, em frente à casa de D. Ana. Ali, tanto brincavam como construíam seus brinquedos, sempre sob o comando de Vicente. Nessa hora, perdia sua timidez e dava ordens. Dali saíam carrinhos de rolimã e até patinetes. Na falta de papel de seda, faziam quadrados (pipas) e capuchetas de jornal. Com pedacinhos de papel jornal ou seda todo furadinho, faziam balõezinhos, envolviam numa pedra e atiravam o mais alto possível, acompanhando a lenta descida com muita gritaria e torcida.

Um aro de metal (seria de carriola?) conduzido rua afora por um arame grosso, especialmente moldado. O mais curioso dos brinquedos - esse, para as noites frias - era feito com lata de óleo vazia. Tiravam a tampa e cortavam uma pequena janela, embaixo, num dos lados. Arame para carregar preso nas extremidades superiores. Dentro, um foguinho de carvão ou tição de fogão, que era alimentado por gravetos, enquanto, a criançada conversava em rodinhas, ora contando causos, ora andando, girando o invento com os braços. Aquele foguinho em movimento era visto de longe, mesmo na escuridão.

A flor dos terrenos! E era mesmo! A rua principal que descia do morro bifurcando no nosso lote. Era passagem obrigatória. Nossa casa construída quase no extremo oposto do terreno, avizinhava-se com a casa do Vicente. Visão panorâmica!

Não perdíamos nada dessas idas e vindas. Muitas brincadeiras. Quando só os meninos estavam brincando, eu, do nosso terracinho, observava-os. Brincadeiras que às vezes terminavam em brigas: "uma na mula"... bolinha de gude... Os brigões se ameaçavam com socos. As brigas eram mais comuns entre meninos de longe da vila. E lá estava a turma do Leonardo! Jogo de bola era briga certa. Quando isso acontecia, Vicente era o primeiro a entrar em casa.

Quando ouviam as nossas cantigas de roda, os meninos menores se achegavam, só para arreliar. Acabavam participando do “pega-pega”, “barra-manteiga”, “boca de forno”. Eram ridicularizados os que ficavam para as cantigas de roda: “Margarida está no castelo”, “Senhora Dona Sângia” e a brincadeira de “passa anel”.

Com os pais trabalhando fora, Cidinha ficava o dia todo na rua. Dona Mercedes era operária de uma tecelagem no bairro do Ipiranga. Um pouco antes dos pais chegarem, Cidinha e os irmãos corriam para casa a fim de cumprirem as obrigações diárias impostas. Quantas vezes ajudei-a na arrumação da casa às pressas. Pais enérgicos; não toleravam desobediência. A vizinhança era testemunha das violentas surras aplicadas nas crianças.

PUXADOS

Na vila, todos os chefes de família sempre preocupados em fazer alguma benfeitoria. Tudo o que tivesse utilidade guardavam: pregos, tábuas, ripas... Era comum ver os homens voltando do trabalho carregando caibros, vigas de madeira, sobras de construção. Só que os anexos tinham que se adequar aos materiais disponíveis. Assim, a casinha da "Bitona", construída no lado de trás da casa, acabou ficando baixa, na altura das tábuas ganhas do Sr. Sétimo – fiel (encarregado) do armazém.

O “puxado” mais importante foi o da cozinha. Foi caprichado. Tábuas de pinho (macho e fêmea). Seguindo o corpo da casa, mais baixo devido ao declive do terreno; grande o suficiente para a cozinha e um quarto de despejo. Ali tomávamos banho também. Eu nunca entendia quando falavam “casa de duas águas, casa de quatro águas”. Sabia que esta última era uma casa melhor.

Raras eram as casas de quatro águas, citadas por eles, na vila. Pareciam cópias fiéis umas das outras: um retângulo, metade para o dormitório (4m x 4m). O restante era dividido proporcionalmente entre a cozinha e o terracinho, para o qual as portas se abriam. Com o passar do tempo, ganharam individualidade por conta dos “puxados”.

Nas noites de calor nos divertíamos vendo minha mãe, lamparina em punho, sapecando as baratas escondidas entre as frestas das madeiras:

- Toma, desgraçada! Toma, “maledetta!”

NOVA ESCOLA

Com a notícia de que brevemente abriria um colégio de irmãs ali perto, não voltei para escola de Dona Cidinha naquele começo de ano. A nova se espalhou de boca em boca, pois as irmãs Franciscanas do colégio de São José de Vila Zelina nunca confirmaram que o terreno fora doado pelo Dr. Giacoglino, para uma escola e uma capela em honra de Nossa Senhora do Carmo. O terreno ficava na Av. Dr. Giacoglino, hoje Costa Barros, com um enorme casarão.

Católica fervorosa, minha mãe apressou-se em me matricular, e eu, contagiada pelo entusiasmo, não via a hora das aulas começarem.

Dona Cidinha perdeu grande parte de seus alunos para as irmãs. Muitas crianças vizinhas também foram matriculadas.

Nervosíssima no primeiro dia. Cedo já tinha o material escolar na mala. Fui em companhia do Toninho, filho de Dona Ana. Ele todo encabulado, era seu jeito. Na chegada, irmã Evangelista e irmã Carolina nos receberam no terracinho e nos conduziram a uma grande sala (futura capela). Ali teríamos aulas provisoriamente, até que a escola ficasse pronta. Era uma construção simples com mais duas salas ao fundo do terreno.

Com gestos firmes, mas delicados, nos pediam silêncio. Sempre fui muito observadora e, olhando para aquela sala tão bonita, aquelas pinturas delicadas nas paredes, o que mais me tocou foi o cheiro característico da sala.

As irmãs tinham um aspecto estranho, causavam espanto. Vestiam-se de preto da cabeça aos pés. Um véu, negro por fora e branco interiormente, caía atrás, em ponta, abaixo da cintura. Um cordão grosso com três nós, amarrado à cintura, caindo do lado, de onde pendia um enorme terço. Só o rosto e as mãos ficavam descobertos. A cabeça coberta com algo que parecia uma caixa de tecido engomado branco, que descia e envolvia o pescoço. Um enorme “babador” redondo do mesmo tecido caía até o peito. Se não fosse os sorrisos e o carinho, acredito, teríamos voltado correndo para nossas casas.

Irmã Evangelista, no quadro negro, pacientemente nos ensinava a desenhar a letra “a”. Redondinha...fechada...levemente inclinada. Naquele dia nos contou a história dos dois ursinhos. Americanas, tinham sotaque forte, estranho. Muita ordem, muito asseio se percebia por toda parte. Tão diferente da outra escola...

Eu, que já estava no livro, tive que voltar para a cartilha, depois de uma avaliação. Irmã Evangelista não cansava de nos orientar nos cuidados para com os livros e cadernos. Nada de lápis na boca, nem “orelhas” nos cadernos e livros.

Já nas classes definitivas, foram divididas as turmas em duas salas, com seções A, B, C. Fiquei na C, mais adiantada. Até o recreio ficava com Dona Calisa, que dava leitura e português. Depois do recreio, com Irmã Evangelista: matemática e religião. Rezavam no começo e no fim das aulas, fazendo elas questão de um sinal da cruz bem feito.

Os colegas de que me lembro naquele ano: Néelson Bussolin, Antônio da Costa, Anésia e Edgard Onofre, Josefina, Ester, Alberto, Alexandre, Miguel, Leonardo, Sofia, Nair, Zezé Moreira, Natalino. Todos da mesma classe. Da outra classe... a memória já me trai.

A irmã era de uma energia suave. Comecei a gostar dela. Tinha novo entusiasmo para com o estudo. Esmerava-me para agradá-la. Ela me elogiava quando lhe mostrava a letra caprichada. Estava realmente preocupada com nosso asseio, que não era dos melhores. Com estampas relativas ao assunto distribuídas pelas paredes de toda a sala, ia nos ensinando higiene. Às vezes, perdia a paciência e intimava alguém a lavar as orelhas: “Na sua orelha dá pra plantar um pé de couve!” Quando alguém bocejava em sua frente, dizia: “Dá pra ver o café que tomou pela manhã” E assim os mais comportados iam entendendo o recado.

O hábito das freiras, a aparência da nova escola, parece que nos faziam mais respeitados. Já não parecíamos oriundos das classes anárquicas de Dona Cidinha.

Em casa, repetia tudo que a freira falara. Minha mãe também estava em estado de graça. “Agora minhas filhas vão ter uma boa educação. Vão aprender direito as coisas da religião”, coisas que ela não pôde ter... E passou a mandar uma lata de óleo por mês para a lamparina do sacrário.

Tempos depois, já tínhamos uniforme - saia azul-marinho, blusa branca, meias pretas, sapato preto. Eu agora ficava mais em casa. O desejo de ser boa se robustecia com as aulas de religião. Minha mãe dizia que eu mudara da água para o vinho. Até dava aulas para a Ozaide e Elisa, imitando o que a professora e a irmã faziam e falavam.

VISITAS

Naquela manhã de domingo minha mãe contava ao meu pai que vinha percebendo, ultimamente, a tristeza da Rosina. “Longe da família, morando na casa de parentes... nunca é como na casa da gente”. Meu pai ouvia em silêncio, e em tom solene anuncia: “Depois do almoço vamos todos passear na casa das *nonas*!” O almoço que saísse cedo!

Disse isso e saiu empurrando a bicicleta usada, que comprara para facilitar a ida até o trabalho. Não sabia andar nela. O amigo João Alcidino o estava ensinando. Difícil operação. Eu sempre o acompanhava nas lições. Treinava da esquina da casa do João quase até a casa de Dona Joaninha Batateira. Rua reta, plana.

Meu pai sentado no selim, seguro pelo João, que dava as instruções: “Segura firme o guidão! Não olha prá roda, olha lá adiante! Pé firme nos pedais...” E quando o instrutor o empurra por trás, forçando uma corridinha, ele se desequilibra e vai parar no barranco. Volta trazendo a bicicleta com uma risadinha amarela. E o João numa sonora gargalhada, mostrando os dentes brancos a contrastar com a pele negra. Eram dois irmãos: João e José, muito amigos de meu pai. Como meu pai não era de desistir, um dia aprendeu. Fiz muitos passeios com ele lá para as bandas das chácaras de Vila Ema. Tomamos vários tombos também.

Durante o almoço, meu pai ouve as queixas de Rosina, que dizia sentir falta de diversão. No sítio, dizia ela, havia as amigas, os bailes. Ele ouviu sério e depois disse com muita calma que concordava com tudo que ela dissera, mas que se lembrasse que seus pais a haviam deixado sob sua responsabilidade, e que, se algo acontecesse, ele seria o culpado. Que era tudo o que podia lhe oferecer. Disse ainda que cuidaria dela, faria com que aprendesse uma profissão... Quase a fez chorar.

Quando saímos, Rosina estava com um vestido cor de prata, de casinhas de abelha, feito por minha mãe. Ficava tão bonita com ele! Mas não parecia feliz, não!

Chegando à avó Pina, agradável surpresa! O tio Afonso (viúvo de tia Izetta, irmã de meu pai) lá estava. Meu pai tinha grande admiração por esse cunhado. Havia chegado há pouco do interior. Depois dos cumprimentos, ele mostrou orgulhoso uma vitrola que havia comprado. Explicava o seu manejo. Viera acompanhado de João, seu filho mais velho. Parece que havia se casado novamente e vendera as terras da Sorocabana. Comprara outras em Marialva, norte do Paraná. Terra boa. Terra da promessa. Estava desmatando o sítio para começar a plantar.

Rosina decidiu ficar com a *nona* Pina, assim conversaria um pouco mais com o primo. Mesmo assim, acompanhou-nos até à casa do ‘vô Henrique, pois lá, além da Amábile, havia os rapazes.

A casa da *nona* Maria vivia fervilhando de gente. Raro o dia em que não houvesse visitas ou gente do interior passando uma temporada. E só de tios solteiros havia quatro, sem contar os amigos que lá se reuniam. Tia Amábile ficou feliz ao saber que Rosina ficaria uns dias por perto.

Tio Lino estava no quarto dos rapazes tocando seu bandolim, só parou quando soube da nossa chegada. Meu tio respeitava muito meu pai, vendo nele quase um ídolo. Foram conversar

na salinha, pegada à cozinha. O *nono* pediu à Amábile que fizesse café, e ela foi para a cozinha num bate-papo solto com a prima. Minha mãe foi para o quarto da *nona* que, sentada na cama, ajeitava a Edite, adormecida. Tia Emirene tentava desembaraçar o cabelo da Odete, que chorava e corria pelo quarto. A mãe mal pode conversar com a *nona*. Tia Emirene não dava vez. Maldizia a sua pouca sorte na vida, levou uma tremenda repreensão. Mesmo assim, continuou esbravejando, e Odete sempre chorando, fugindo do pente.

Pronto o café, fomos levá-lo aos homens. Conversavam em voz baixa, só a voz de meu pai se destacava. Logo que a tia passou a bandeja, meu avô, na sua voz imperiosa, ordenou que saíssemos, “que não era conversa para mulher”. Falavam da guerra... que a Itália, com certeza ia ganhar... que às vezes conseguiam sintonizar pelo rádio os discursos de Mussolini... altas horas da noite, bem baixinho...

Meu pai às vezes comprava algum jornal para poder acompanhar os acontecimentos. Parece-me que nesse ano houve um jogo muito importante no Pacaembu. Palestra contra não-sei-quem. O pai convidou Tio Adelino, que gostava muito de futebol, para ir ao estádio. Nunca vi meu tio tão entusiasmado! Ficamos com a *nona*. Minha mãe adorou a idéia. Idolatrando a mãe, tudo que mais queria era estar ao seu lado.

Conversavam em italiano - a mãe lhe dizia que, além de falar e escrever o italiano, ainda entendia perfeitamente alguns dialetos como o vêneto, muito difícil. Eu conseguia “pescar” alguma coisa. Ao falarem da Rosina fizeram-no em português: “Que a Rosina andava cheia de nove horas... não tinha jeito, não caprichava na costura...”

A 'vó retrucava:

- É filha, para ser costureira é preciso nascer com o dom!

Ai, começaram a desfiar notícias e perguntas sobre parentes e conhecidos. A troca de correspondência com o interior era intensa. O único correio ficava no largo da Vila Prudente, onde se procurava a correspondência. A Amábile era bastante conhecida no estabelecimento, tanto levava como recebia cartas. Para minha mãe, só restava: “Quando escrever, manda lembranças minhas”

Naquela noite, meu pai e tio Adelino chegaram bem tarde do jogo, nervosos. Meu pai gesticulava e falava alto sem parar. Parece-me que dormimos na casa da *nona*, e minha mãe esperou meu pai acordada para saber do acontecido. Meu pai continuando a falar, minha mãe fazendo gestos para que fizesse menos barulho, pois todos dormiam. Tio Lino, com um risinho nervoso, confirmava as falas de meu pai: “Que a polícia teve que intervir... Gente pisoteada na correria, tomando cacetadas da polícia no lombo... Até eu e o Lino levamos umas chibatadas.” (e mostrava as costas, erguendo a camisa). Meu pai continuava o relato dizendo que apesar de tudo tinha valido a pena ver o Oberdan jogar. Era um jogador famoso da época.

OZAIDE OPERADA NOVAMENTE

Não me lembro da época, nem dos fatos que antecederam a internação de minha irmã.

Rosina já tinha voltado para casa de seus pais. Sentia saudades dela.

No trajeto para casa de meus avós a musiquinha que ela me ensinara martelava em minha cabeça: “A Garmela e o Vitório, fizeram combinação, Garmela toca viola e Vitório rabeção.” Rosina até me apelidara de “Garmela”.

Completamente alheia às angústias que tomavam conta de meus pais (a tortura se repetiria novamente), meu último olhar foi para minha mala de escola, jogada melancolicamente em um canto.

Eu ficaria na casa da *nona* Maria, com a Lisa. Adorava lá chegar e ver tia Amábile, mas daquela vez meu entusiasmo foi se esvaziando à medida em que a *nona*, ar solene, frio, fazia-me suas recomendações: “Você já é grandinha, tem que cuidar de sua irmãzinha. Aqui já tem muita criança...” E tinha mesmo. Além da Odete e da Edite, com dois anos havia também a Hilda, filha do tio Olímpio e de tia Regina passando uns tempos lá. Tinha também a Landinha. Sua mãe e irmã trabalhavam fora, e ficava ela aos cuidados da pobre *nona*...

Pela manhã, quando saía o sol, lá iam os colchões empapados com as últimas mijadas noturnas, para secar.

Confusa, atrapalhada, fazia de tudo para consolar a Elisa, que sofria com a falta de meus pais. Saudades de minha casa, de minha rotina tão diferente. Só com a Amábile eu encontrava um pouco de alento.

Como se não bastasse toda aquela desolação, acabei tendo uma forte crise de bronquite. Lá veio o ritual do purgante de óleo de rícino. Estranhei um pouco, veio acompanhado de um copinho de suco de laranja. “A laranja tira o gosto nojento do óleo”, dizia minha avó.

Com o passar dos dias, fui-me acostumando com toda aquela confusão. Mesmo em meio à balbúrdia, a *nona*, depois da Ave-Maria, tentava arrebanhar os netos para perto de si, ensinando-nos a rezar, e as coisas de Deus. Nessa hora, mencionava a Ozaide, que precisava de oração para que Deus a ajudasse a andar direito.

A pior hora do dia para mim. Aquele silêncio absoluto da Ave-Maria, exigido pela avó, somado aos acordes nostálgicos fazendo fundo à oração do rádio (Manuel Vítor, seria?), lembranças dolorosíssimas eram despertadas em mim. Às vezes, pensava na *nona* Pina... se pudesse ficar lá... Não ousava pedir ao meu pai nos raros momentos em que vinha me ver. Temia reprimendas. As crianças não se atreviam a pedir nada aos mais velhos. Tornara-me taciturna, calada. Landinha perguntava tudo. Amábile a chamava de “espícula de rodinha”.

Ilda tinha mais ou menos minha idade. Era mimada, chorona e birrenta. Apeguei-me à Landinha. Éramos incumbidas de fazer todas as pequenas compras perto de casa. A luta era sairmos sem sermos vistas pelo bando dos menores.

Um dia *nona* me pediu para escolher o feijão que se encontrava dentro de uma pequena bacia. Não sabendo como fazer, e não tendo coragem para perguntar, fiquei enrolando. Percebendo o meu embaraço, me ensinou com toda a paciência.

Ela lidava na cozinha até a hora do almoço, depois ia para a cama, só se levantando na hora da Ave-Maria. Sempre doente, tão doente...

Em frente à casa havia o empório do “Seu” Antonio, com aquela geladeira cheinha de sorvetes! A *nona*, de vez em quando, nas tardes calorentas (seria o verão de 41?), nos deixava comprar. Ah! Aqueles palitos de groselha! Mas o meu preferido de limão! Profusão de cores e sabores.

Sr. Antônio tinha uma única filha (Laíde?). Menina muito bonita. Bem vestida. Orgulhosa, não se misturava conosco. Ele tinha também um sobrinho, que trabalhava no balcão, o Elói. Ouvia alguns cochichos da Amábile com as colegas a respeito do rapaz bonito.

Hora de dormir. Colchões de crina e de algodão eram estirados pelo chão. Dormíamos todas no quarto da avó – o das mulheres. O outro era para os homens. Como cabia tanta gente naquela casa minúscula??? Em cada colchão dormiam dois ou três. Pés contra o rosto, empurrões. Só não íamos para o chão porque, com certeza, havia outro colchão pegado. A mijada de um se encontrava com a mijada de outro, formando grandes manchas marrons.

Hora da refeição virava piquenique. Amábile fazia o prato no fogão, onde as panelas permaneciam, e chamava os que iam comer. A gente pegava o prato e se espalhava – nada de comer na mesa.

No quintal de terra, comprido, bem no fundo, pegado à divisa, ficava a privada, cujo telhado esticado cobria também um barracão, escurecido pelo amontoado de bugigangas e pelos sacos de carvão, combustível para o pequeno fogão da cozinha.

Do tanque e do poço, que ficava na metade do terreno, um reguinho seguia até a rua, sempre mal cheiroso pelas águas já servidas. Edite gostava de brincar ali. À tarde, quando tia Emirene chegava do serviço, suspendia-a ao colo com expressão de nojo. Colocava a menina dentro do tanque para uma boa lavada e ria dos gritos sufocados da filha quando despejava água fria sobre sua cabeça.

Quanta briga... Quantas mordidas... Quantos puxões de cabelo naquele quintal...

Era noite. Minha mãe chegou, chorando, num automóvel, segurando a Ozaide deitada em seu colo. Tudo muito estranho. Parecia uma eternidade desde o dia em que ela nos deixara na *nona*. A *nona* sai, vai até o carro, e também começa a chorar.

A mãe sequer nos olhou... Já a caminho de casa, perguntei o que era aquilo branco que a Ozaide vestia, que ia do pé até o peito. O pai me disse que era gesso. Que ela iria ficar com aquilo um bom tempo...”Ela vai ficar boa, se Deus quiser... Vai andar como nós, logo, logo... Se Deus quiser, vou ver minha filha calçando sapatos como todas as meninas... Esse gesso vai ficar uns noventa dias. Ela reclama, chora muito, mas o que se há de fazer?”

Quanta angústia! Ozaide pisava com o lado externo da sola do pé, e foi se formando um calo grosso, doloroso, que chegava a sangrar. Com a cirurgia, os médicos diziam que seu pé iria ficar direito. Era tudo que meus pais desejavam!

Com o passar dos dias nossa vida voltava à rotina - quase. Ozaide, engessada até o peito, não podia sair da cama. Pesada - sempre fora uma menina forte -, era com grande sacrifício que minha mãe a levava para dar uma volta no quintal; o passeio mais longo era ir até à esquina.

Minha mãe, ainda muito emocionada, repetia a história da operação para cada pessoa que viesse visitar minha irmã. Nós ficávamos atentas, pois nunca vinham de mãos vazias. Traziam sempre um pacotinho de bolachas ou frutas, para agradar a doentinha tão sofrida.

Naquela manhã era Dona Líbera - mãe da Ester - que a visitava. Enquanto se encaminhavam para o quarto, mais uma vez os detalhes eram narrados: “... Que pela bondade

dos patrões, Drs. Leopoldo e João Batista Figueiredo, fora possível essa operação. Tudo de graça, não foi pago nenhum tostão. O hospital, uma maravilha! Tudo tão fino! Foi grande o sofrimento de minha filha, Dona Líbera. Principalmente o pós-operatório. Doía muito. Também, foram duas operações: uma do lado de trás do pé e outra atrás do joelho...! Não havia injeção que fizesse a dor passar. Até dormindo ela gemia. A dor dela era no corpo e a minha era na alma...”

O responsável pela operação foi o Dr Renato Bonfim. Sanatório Esperança, na Av. Brigadeiro Luís Antônio.

Elisa (3 ou 4 anos), de olho no pacotinho, começa a pedir bolacha, apontando para as mãos de Dona Líbera. Minha mãe, sem jeito, disfarça, dizendo para ela ir brincar. Do choro passa à birra, se jogando no chão. Pedindo licença, minha mãe agarra-a pelo braço e, afastando-se um pouco, aplica-lhe fortes chineladas no traseiro. E continua a narrar sua história:

- Sabe que até as irmãs foram visitá-la no hospital? Num domingo, irmãs Evangelista e Carolina apareceram por lá. Visita breve, sabe como é hospital. Levaram lindos santinhos para ela.

Sempre tinha alguém chegando. A casa ficou mais movimentada. Os parentes vinham aos domingos.

Tempo trabalhoso para minha mãe. Ozaide fazia tudo na cama. Refeições, banho, cocô, xixi... Para cocô havia a comadre. Eu, curiosa, não perdia o espetáculo! Ela sentia muita coceira onde o gesso pegava. Minha mãe tentava de tudo para aliviar-lhe o sofrimento.

Um dia, Elisa veio dos lados do galinheiro, agitada. Minha mãe a conversar com Dona Joaninha, esposa do batateiro. Depois de algum tempo, minha mãe percebeu o que a Elisa dizia:

- A galinha bica! A galinha bica, mãe! – voltou para o galinheiro

Minha mãe foi ver o que estava acontecendo. Tarde demais! Ela encontrou a Eliza no galinheiro, quebrando os últimos ovos da ninhada. Os pintinhos iriam nascer daí a alguns dias. Elisa, sempre fraquinha, era acostumada a tomar ovo cru. Até gostava. Eu nunca consegui tomá-los.

DE VOLTA À ESCOLA

Sentia-me deslocada ao voltar novamente para a escola. Parecia que estivera ausente por muito, muito tempo. Só o cheiro dela ainda me era familiar. Ouvi logo na entrada Dona Calisa entoar um canto com a classe:

“Faz três noites que eu não durmo, lá, lá
Pois perdi o meu galinho, lá, lá
Coitadinho, lá, lá, pobrezinho, lá, lá
Eu perdi lá no jardim.
Ele é branco e amarelo, lá, lá
Tem a crista bem vermelha, lá, lá
Abre o bico, lá, lá, bate as asas, lá, lá
Ele faz qui-ri-qui-qui!
Fui até o Amazonas, lá, lá
Mato Grosso e Pará, lá, lá
Encontrei lá, lá, meu galinho, lá, lá
No sertão do Ceará!”

Sem participar da aula, meio ausente, passei a explorar a sala com vagar. A voz da professora ficando longe... O crucifixo pendurado acima da lousa, o armário pequeno encostado à parede, perto do quadro-negro, onde eram guardados nossos cadernos “oficiais”, muito bem encapados com papel impermeável verde. O caderno de linguagem... o caderno de desenho... o de caligrafia... o de aritmética, todo quadriculado, um número em cada quadradinho... o livro de chamada... a caixa de giz...

Das paredes laterais pendiam estampas novas, bonitas e coloridas, representando os dias da semana. Na figura central, uma menina loura, muito loura, tinha para cada dia uma atividade diferente... No sábado, ela estava às voltas com uma tigela, colheres e ovos, dando a entender que fazia massa para bolo.

Nesse devaneio permaneci, indiferente aos apelos da professora pedindo atenção para a leitura no quadro, até perceber que ela começara a contar uma história.

No recreio eu era apenas espectadora das brincadeiras. O pátio tomado pela algazarra infantil. As meninas menores brincavam de roda, as de minha classe, maiores, de “barra-manteiga”, pega-pega, esconde-esconde. Os meninos, meio que separados - “senão viravam mariquinhas” -, divertiam-se com brincadeiras mais agressivas.

Sempre havia os líderes. Comandavam tudo. Bastava levantar a voz e obedecíamos unânimes.

O pátio de recreio era limitado por uma linha imaginária vinda da casa das irmãs, passando pelo pé de café e terminando no começo da horta. Pobre pé de café! Só tinha ramas verdes no alto!

Ao som mágico da campainha, todo aquele alarido e desordem transformava-se num silêncio total. Agora nossa classe era comandada pela irmã, ainda uma incógnita para nós. Ficávamos mais à vontade com a bondosa professora.

A freira fazia empenho para melhorar nossa caligrafia. Só depois da lição quase perfeita é que passávamos a escrevê-la no caderno encapado. Deixava em papel cartão o abecedário preso às paredes com letras maiúsculas e minúsculas. “Letra bem feita, altura uniforme. Prestem atenção no abecedário pregado nas paredes. Maria 'Carpanezi!' Olha esse 'M', parece um pescoço de girafa!” Enquanto falava, ia de carteira em carteira, corrigindo ou elogiando. Só bem mais tarde percebi sua grafia bem ao estilo americano. Pelo forte sotaque, às vezes tínhamos dificuldade para entendê-la.

No final da aula pergunta pela Ozaide e diz que a visitaria qualquer dia.

VISITA DAS IRMÃS

Inflamada pela grande esperança que tomava conta de seu coração com a melhora da filha, motivo de tantas tristezas e disfarçadas lágrimas, minha mãe entregava-se ainda com mais energia ao trabalho.

Naquele dia fazia uma faxina geral na casa. As irmãs viriam fazer uma visita. Começara pelo quarto. Mudava tudo. Até alguns colchões foram esvaziados. Seu recheio de algodão fazia um grande amontoado no meio do quarto. Parecia-me que trocava a cama de casal, onde dormíamos as três, por duas de solteiro, para mais conforto da doente.

Em sua costumeira humildade, minha mãe via nas freiras figuras sagradas. Ela contou ao meu pai:

- Quase morri de vergonha quando as irmãs chegaram! Não sabia o que fazer. Para chegar perto da Ozaide tiveram que levantar as saionas e pular o monte de algodão...

Aquela visita inusitada repercutiu na vizinhança, principalmente nas crianças. Na saída, as freiras foram acompanhadas por algumas delas. O Nardo, irmão menor da Cidinha, era um deles. Seguiu-as até a metade do corte de terra (rua cavada no morro para dar acesso à Av. Costa Barros), pedindo santinhos.

BITONA É MÃE

“Bitona” teve dois cabritinhos, ambos pretos com manchas brancas. Leite escasso, pois agora havia os pequenos para serem alimentados. Assim, minha mãe resolveu comprar outra cabritinha de uma senhora russa. A bichinha foi nomeada “Catarina”, em homenagem à russa. Forte e teimosa como ela só! Quando a levava para o pasto, tinha que fazer força para ela não me arrastar. Só ia para onde queria.

Tempos depois, Catarina deu à luz uma cabritinha branca, pêlos anelados, parecia um bibelô. Nós a chamamos Lanudinha. Por forte insistência de uma senhora, minha mãe acabou vendendo-a. Chorei muito.

Era uma delícia ver os cabritinhos brincando. Davam corridinhas e pulinhos, sempre juntos, atrás da mãe. “Tá vendo, eles brincam sem brigar! Não é como vocês que vivem encrocando!” Eram as alegrias de todos nós.

A avó Pina chegou um dia para matar e preparar uma das crias da "Bitona", sua especialidade. Quando soubemos, foi uma choradeira só,

O outro filhote da "Bitona" não teve melhor sorte. Foi dado ao patrão de meu pai, como gratidão pelo tratamento de minha irmã. Numa manhã, meu pai saiu puxando o cabritinho pela corda. Segui-os do terraço com os olhos marejados de lágrimas, até que foram engolidos pela densa neblina da manhã fria. Agora só ouvia seu berro fininho, cada vez mais longe, como se estivesse pedindo socorro. Parecia saber o que o esperava. Fora ofertado em holocausto.

Outra situação que nos causava dor e revolta eram os gaviões. Sempre rondando em busca de presa fácil. Quando tinha alguma galinha com ninhada, minha mãe a deixava solta pelo quintal, ou mesmo pela horta. Ela sabia que a galinha tinha que ensinar os filhinhos a achar comida. Não raro, tinha choca com sua prole ciscando entre o mandiocal.

Ao ouvir o pio do gavião, ela interrompia o que quer que estivesse fazendo e corria a defender a choca apalermada, sem saber para onde correr com os pintinhos espalhados. De vassoura em punho ameaçava: "Ô, maldito dos infernos".

Nessa luta, nem sempre saía vencedora. De vez em quando, lá ia mais um pelos ares, preso nas garras do "maldito", ainda piando...

A FAMÍLIA DO VICENTE AUMENTA

Com a chegada da tia Antonia, tio Zé e quatro filhos - duas moças, um rapaz e um menino de minha idade, de nome Osvaldo - a família (?) do Vicente aumentou consideravelmente. Gente alegre, extrovertida, logo fizeram amizade. As moças Lúcia e Nilce teriam uns catorze ou quinze anos. Interessadas em costura, não saíam lá de casa. Dona Antônia mantinha longos papos com minha mãe. Jamais esqueci uma frase dita por ela. Vinham dos lados do galinheiro e ela dizia: "Dona Helena, do jeito que o mundo vai, nossos netos verão coisas terríveis!"

Vicente agora se enturmava. No começo, pressionado pelo Vado, que não perdia um movimento na nossa rua. Aparecia sempre com desculpas de vir procurar o Ademar e ia ficando. Vado, alegre, brincalhão, não deixava ninguém sossegado. Era o tradutor dos segredinhos de Vicente. E por conta disso, às vezes, "saíam no braço".

Com a chegada dos dois, mais meninas se juntavam ao nosso grupo: Alzirinha, sua irmã Landinha e Nena, e as filhas de Dona Júlia, Ida e Ana. Vieram também a Cidinha e a Naura, sua irmã. Eram sempre as primeiras a chegar para as brincadeiras.

Ah! Que delícia aquelas noites de lua! Aos sábados e domingos começávamos logo à tarde pulando corda. Eu era boa nisso. Pulava foguinho, cordas duplas...

A cada mudança que chegava na vila, curiosas, logo íamos saber se havia crianças na família. Certo dia, Nilce me chamou para acompanhá-la à fábrica de chocolate "Pan", na Vila Barcelona, São Caetano. Fora despedida e ia acertar as contas. E minha mãe recomendava: "Essa menina é meio espelotada! Cuidado quando atravessar as ruas... Tanto carro..."

Depois de muito andar, chegamos à fábrica. Na minha ingenuidade, não sabia que o tal chocolate era uma guloseima.

Nilce abriu uma enorme porta e me disse que era naquela seção que havia trabalhado. Alegre, animada, acenava para todos. “Agora nós vamos ao escritório”, já me puxando pela mão escada acima. Essa palavra escritório, meu pai a usava muito. Agora ia saber o que realmente era isso. Eu, muda, recolhia silenciosamente as impressões... O que vi foi uma sala grande, onde, numa fileira de mesas, moças bonitas, pintadas, cabelos bem penteados, mexiam com os dedos numas máquinas esquisitas, produzindo um som diferente: toc, toc, toc. Um papel se movimentava, enchendo-se de letras. Extasiada, permanecia encostada numa das máquinas, enquanto Nilce, agora meio encabulada, mostrava uns papéis e respondia coisas que lhe eram perguntadas por uma moça de ar superior.

Na volta, perambulamos sem pressa. Olhamos vitrines. Até tomamos um sorvete. Ela me contando as peraltices que fazia junto com as colegas de fábrica. Até que numa das ruas vimos um movimento de gente numa casa. Ah! É um velório, vamos dar uma entradinha.

Nunca estivera num velório antes. Com medo, me agarrava a ela. Nilce pedia licença aqui e ali, até que chegou ao caixão. Ficou olhando silenciosa por uns instantes e depois passou a inspecionar as pessoas presentes, encarando mais demoradamente aquelas emocionalmente descontroladas.

Deu-se conta de que eu era muito baixinha para ver o morto, e pegou-me pela cintura, querendo me levantar. Eu a impedi, agarrando-me à beirada da mesa. Quase chorando, lhe pedia para irmos para casa. Aquele aglomerado de pessoas me apertando, cheiro de velas queimando, choro misturado com cheiro de flores já murchas (Nessas ocasiões era costume saírem pela vizinhança pedindo flores para o morto. Não havia quem negasse. Se fosse para anjinho, então...) Sentia-me enojada. Nosso passeio havia passado dos limites.

OZAIDE TIRA O GESSO

Era noite quando meu pai chegou com a Ozaide ao colo. Minha mãe, que o vinha acompanhando desde a esquina, fazia-lhe perguntas ansiosas. Ela ajudou-o a retirar as gases que envolviam a perna de minha irmã até acima do joelho, quando, alarmada, nota que sua perna esta pendurada como um trapo. Grita desesperada, assustando a todos:

- Milho!? Meu Deus do céu... a perna dela está esquecida... O que o doutor falou? Dio Benedetto! O que adianta o pé estar direito, se não tem força para andar? O que esse médico fez com a minha filha... Ao menos antes ela andava, com dificuldade, mas andava... O que ele falou?

Meu pai tentava interrompê-la, mas não conseguia. Também ele, olhar triste, reticente, falando pausado o que o médico havia explicado: Que era assim mesmo... que a perna iria voltando com o tempo... que exercícios iriam ajudar muito...

À medida que falava, como se quisesse convencer-se a si mesmo, ia se inflamando, retornando ao otimismo costumeiro.

O médico havia sugerido a compra de um velocípede para ela fazer exercício. “Quanto mais exercício, mais rápida será a melhora. Cê vai vê, Lena, logo, logo a Zaide tá aí andando! Só que prá isso vai precisar usar aparelho. Mas só por uns tempos.”

Assim, o sonho feliz de ver a filha calçando sapatos, como todas as meninas, foi relegado mais uma vez para um futuro incerto.

Naquela noite custei a dormir. Eu também achava que minha irmã, tirado o gesso, fosse chegar correndo, como uma de nós. Ouvia os lamentos abafados de minha mãe e os suspiros profundos de meu pai. Meu pai... Aquele gigante jazia ali, fragilizado e impotente ante a desventura da filha querida. Noite longa, como se sua negrura tragasse a todos nós.

-Bênça mãe, bença pai!

- Deus te abençoe, minha filha !

Dias depois, a chegada do tão esperado velocípede veio trazer novo alento a todos. Minha mãe, entretida, ensinava-a a andar. Naquelas manhãs, quando saíamos para a rua, logo se juntavam crianças, interessadas na novidade. Quando minha mãe parava, era a nossa vez de andar no brinquedo. Ozaide demonstrava pouco interesse, assim sobrava mais tempo para gente brincar:

- Façam fila aqui! Uma vez de cada um! A primeira sou eu, dizia eu.

Ozaide só assistia. Pulando num só pé, não perdia a brincadeira. Não era discriminada por nenhuma das crianças. Pelo contrário, por sua alegria e simpatia, era muito querida por todos. Para mim aquilo tudo era normal. Fazia parte da imagem de minha irmã aquele pezinho virado para dentro. Até aqueles pulinhos que dava ao correr.

Tempos depois começou a difícil adaptação ao aparelho ortopédico. Enorme bota de couro, reforçada. Uma armação de metal e correias prendendo a perna, chegando acima do joelho. Sentada numa cadeira, minha irmã reclamava de dor no pé, enquanto, ajoelhada em frente a ela, minha mãe calçava e descalçava a bota, ora esfregando vela na parte de dentro, ora dando marteladas naquele couro duro, na intenção de suavizar a pressão que ele fazia.

Tempos difíceis. Tempos amargos para meus pais. Mas os dias foram se sucedendo, e acredito que a fé os ajudou a suportar esse revés.

Minha mãe encontrava grande apoio espiritual em minha avó Maria, sua mãe. Mulher de uma fé inabalável. Disso deu provas durante sua vida, boa parte dela enferma. Sempre com palavras de consolo para quem delas necessitasse. Sempre que sentia as forças fraquejarem, minha mãe corria para junto dela; de lá voltava revigorada, mais aliviada. De uma dessas visitas voltou enlevada. Seria abril ou maio? Vento frio soprando. Juntou-nos na cozinha, portas e janelas fechadas. Procurou repetir o que ouvira da mãe sobre Jesus (*nona* Maria não perdia um programa religioso transmitido pelo rádio).

Permanecemos caladas ouvindo, contagiadas pelo amor e emoção dela emanados. Senti-me absorvida por aquela atmosfera de aconchego e carinho, talvez nunca antes experimentados. Ela terminou com as orações que sabia, incentivando-nos a acompanhá-la.

URUTU CRUZEIRO

Gritos de crianças surpreendem minha mãe, numa manhã bem cedo. Vinham dos lados da casa de Dona Júlia, onde ela tinha deixado Ozaide, Elisa e o velocípede. Aflita, corre para aquela direção, encontrando-as no meio do caminho.

- Acode, mãe! A cobra vai morder a Lisa! A cobra, mãe! Está lá!

Chamando por Santo Antônio e Nossa Senhora Aparecida, avança desesperada para a Elisa, que paralisada, continua sobre a bicicleta.

- Onde está a cobra?, perguntava, olhando para todos os lados.

- Ela foi pra lá! E apontavam para o barranco, assustadas.

Ainda muito aflita, minha mãe pede ajuda ao João Alcidino, que chegava do corte de terra, e vai correndo buscar o enxadão.

Com cautela, João vasculha os arredores e pergunta qual a cor da cobra. O tamanho, já sabia: “Uma cobra daqui até lá...” Mais calmamente ouvia as explicações das crianças, que falavam a um só tempo: “Quando nós vimos, a Elisa estava na frente da cobra, e a cobra estava de pé, só com a ponta do rabo no chão, bem pertinho dela. Elisa ficou parada, daí a cobra abaixou e foi indo embora...”

No domingo, João Alcidino exibia o troféu na casa de Seu Guerino. O couro de uma “urutu cruzeiro” esticado numa tábua de forro de quase dois metros. Passaram a manhã tirando o couro da “bicha”, numa grande algazarra entremeada com rodadas de pinga. Meu pai também foi dar uma espiada no tamanho da “bruta”. E lá ficou, ouvindo e contando “causos” do interior. Das cobras e outros bichos que haviam enfrentado no sertão.

Em casa, não perdeu a oportunidade de mais uma vez contar:

- Bicho feio! Tem uma cruz na testa. Daí o nome “urutu cruzeiro”. Diziam os antigos que num dia do ano ela falava: “Eu sou urutu cruzeiro, o que aleija quando não mata”. E olhando para a Elisa, dizia que Deus a protegera naquela hora.

- Vá, Milho! Deixa de contar bobagens! Aonde já se viu cobra falar?, dizia minha mãe, indignada.

- Lena, tá lá meu cunhado Túlio, vivo e são, que não me deixa mentir...

DONA CALISA

Uns 28 anos, alta e magra. Lábios finos, leve batom e pouco “rouge” nas faces encovadas; pele sem viço. Cabelos ralos com um resto de permanente nas pontas. Vestido simples, tecido de estampas miudinhas. Naquela manhã, fazia perguntas a respeito da historinha que acabara de contar:

- Vocês se lembram do menino que estava do lado de fora da mansão, olhando pelo balaústre do muro os outros meninos brincando com lindos brinquedos? O que ele era?

- Pobre - repetíamos em coro.

- O que os meninos ricos fizeram?

- Convidaram o pobrezinho para brincar com eles.
- O que deram a ele depois das brincadeiras?
- Serviram café com leite e bolo.
- Por que o menino comeu com muita pressa?
- Porque até aquela hora ele não tinha comido nada.

Em seguida passávamos aos exercícios de escrita. Pedia que escrevêssemos o que havíamos entendido.

Dona Calisa gostava de desenhar. Lembro-me das cenas juninas. Desenhava com giz no canto da lousa e deixava ficar por vários dias. Ah! Aqueles gizes coloridos tão desejados! A freira permitia que, após a aula, algumas alunas ficassem para fazer limpeza: varrer a sala, passar pano nas carteiras, apagar a lousa... era só o que queríamos. Era a oportunidade para brincar com o giz tão cobiçado.

Certa época daquele ano, Dona Calisa adoeceu. Sua irmã mais nova veio substituí-la. Moça bonita, alegre. Levava a classe mais na “maciota”.

Dona Calisa costumava contar histórias compridas, quem sabe numa tentativa de nos manter em silêncio. Demonstrava uma evidente preferência pela Sofia. Menina aloirada, sardas nas faces rosadas. Cheia de vivacidade, sempre com respostas na ponta da língua, enquanto a classe permanecia muda. Eu olhava para Sofia cheia de admiração.

Dona Calisa ouvia com deleite os casos da menina. “Ontem à noite, meus pais me pediram que olhasse meu irmão enquanto iam ao cinema. Eu não queria, pois meu irmão é uma peste, mas eles me prometeram trazer bombons. Quando chegaram, meu irmão dormia e eu comi o meu e o dele também.

Eu pensava: “O que seriam esses tais bombons de que ela sempre fala com expressão tão gulosa?!”

Algumas vezes Anésia, enciumada, rebatia as falas de Sofia, mas seus argumentos sem consistência caíam no vazio. Até na aula da Irmã Evangelista, Sofia, com seu jeitinho, conseguia algumas respostas às nossas dúvidas a respeito da vida delas no convento. As freiras nunca admitiam perguntas pessoais.

Eu, com muito esforço e dedicação, conseguia acompanhar as aulas. Minha mãe dizia orgulhosa a todos que nunca precisava me mandar estudar.

Se por ventura a freira me chamasse à lousa ou fazia alguma pergunta, eu gelava - ou melhor, congelava. A irmã se empenhava ao máximo com nossos estudos. Exigente e perfeccionista, examinava nossa letra, insistindo no asseio e capricho com as lições.

Estávamos nos preparando para a primeira comunhão, que seria no final de novembro. Tinha muito o que estudar. Decorava em voz alta as orações exigidas e as tabuadas, andando pela casa. Algumas vezes Vicente vinha perto da cerca e fazia coro na tabuada. Outras, chegava devagar, sentava-se no chão, encostado à parede, e ficava me observando, até que o Vado chegava e acabava com o clima, arreliando como sempre.

Enfileirados ao longo da parede exterior da escola, nossas vozes ecoavam, quebrando o silêncio da manhã:

Nas encostas da montanha

O café vamos plantar,

Mas primeiro bem devemos
O terreno preparar.
Vamos juntos para a roça,
Vamos um passeio dar.
Cinco anos já passaram,
O cafeeiro cresceu,
Vieram as lindas flores,
E belas cerejas deu.
Nas encostas da montanha
O café vamos plantar.
Vamos juntos para a roça,
Vamos um passeio dar

O vento fresco trazia o perfume do jasmineiro que crescia na beirada dos canteiros de verduras que o casal se serviçais cultivava. A área do colégio era quase toda cercada por um bosque com diversos tipos de árvores, predominantemente eucaliptos. As árvores de São Miguel, com seus cachos de flores lilases, delicadamente perfumadas... Éramos proibidos de passar pela cerca de arame que separava a escola do bosque, mas essa proibição era muitas vezes ignorada pelos meninos.

O que mais nos encantava era aquela árvore perto da casa das irmãs, no lado oposto da escola. Cássia mimosa, esparramando seus galhos desde o chão, em várias direções. Na época da florada enchia o ar com o perfume de suas minúsculas florinhas amarelas, contrastando com o verde quase cinza aveludado das folhas.

DENTE

Eu continuava torturada por dores de dente. Vários cariados, e o Guaiacol não surtia mais efeito. Então me levaram um dia, bem cedo, ao Círculo Operário de Vila Prudente - obra benemérita do Padre Damião aos pobres desse bairro.

Ficamos numa fila enorme, aguardando nossa vez. Enquanto esperava, fui ao banheiro várias vezes. Nervosa, mãos geladas, frio na barriga. Boca seca ao sentar-me na cadeira do dentista que, após me examinar, deu o veredicto: era caso de extração.

Chorei, esperneei, mas ele terminou o trabalho, mostrando o dente preso no boticão:

- Tá vendo? Não precisava tanta choradeira. Agora esse não vai doer nunca mais.

Dor horrível até chegar em casa. Na subida do morro de nossa Vila, pensava que não iria suportar. As lágrimas turvavam meus olhos, impedindo-me de enxergar.

MÃE DÁ TESTEMUNHO

O que eu aprendia de religião com as aulas diárias, encontrava eco e confirmação em casa. O entusiasmo de minha mãe não passava despercebido pelo cuidado em me aconselhar:

- Escuta com toda atenção o que elas ensinam. Obedeça em tudo. Esse é o único caminho para Deus. Agradeço a ele por essa graça. Não me importo com o sacrifício que faço para pagar as mensalidades. Tá certo, às vezes até atraso, mas o primeiro dinheirinho que recebo, corro pagá-las. Quero que minhas filhas aprendam o que nunca tive chance de aprender. Lá no mato, longe de tudo... As raras vezes que íamos à igreja, saíamos de madrugada, naquela escuridão. Chegávamos com o sol estalando, em jejum. Naquele tempo, nem água se podia pôr na boca depois da meia-noite, até a hora da comunhão. Descalços, só no último ribeirão antes da cidade é que lavávamos os pés e calçávamos os sapatos. Depois ainda havia o longo caminho de volta. Era um grande sacrifício. E hoje? Esse povo tem a igreja na porta de casa, e vê se vão?!

Além das orações e lições decoradas, irmã Evangelista lia trechos da bíblia, que eu absorvia com atenção. Gostava das leituras de Adão e Eva. O paraíso perdido pelo pecado, Noé e sua grande barca com casais de animais de toda a terra... E me lembrava da música: "Lá vem vindo 'seu' Noé, comandando o batalhão. Macaco vem sentado na 'cacunda' do leão..." História de José do Egito, que foi vendido como escravo pelos irmãos...

A classe em profundo silêncio. Ninguém ousava interrompê-la com perguntas.

HIGIENE

Havia sempre cartazes presos às paredes da classe, que iam sendo substituídos conforme a situação. Lembro-me daqueles cartazes sobre bons e maus hábitos. Bons: dormir com as janelas abertas, tomar banho todos os dias escovar dentes, etc. Maus: comer frutas sem lavar, dormir mais de duas pessoas no mesmo quarto, deixar moscas pousarem nos alimentos...

Gente pobre e ignorante, para quem muitos desses procedimentos eram impossíveis na prática. Mas dava para seguir alguns conselhos. Já não encarávamos a higiene dentária só como um luxo. Passei a me preocupar com as unhas, nem sempre limpas, com meus cabelos, não dispensando meu laçarote de fita.

Muitas crianças vinham à escola sem lavar o rosto, ainda com remela e nariz escorrendo. Éramos revistados diariamente.

- Natalino, há quanto tempo você não lava as orelhas? Nelas dá para plantar couve, dizia a irmã, desconsolada. Natalino não tinha jeito!

Certa ocasião, numa época de muito frio, Irmã Evangelista fez uma das meninas ir ao banheiro e tirar a calça de pijama de flanela que trazia por baixo como agasalho. Suas exigências deram algum resultado. O aspecto dos alunos melhorou muito.

CALIGRAFIA

Gostava das aulas de caligrafia. Havia uma régua grande, com a qual a irmã riscava no quadro as linhas correspondentes às do caderno. Depois escrevia lentamente a frase do dia. Chamava a atenção para onde deveriam chegar as maiúsculas e as minúsculas. Fazia questão da letra inclinada para a direita. Dizia que a inclinação para o lado oposto demonstrava falta de caráter. Nossa professora tinha o traçado vertical. Em que situação ela se enquadraria?

Incentivados pelas freiras, cada qual dava o melhor de si, quase desenhando as letras.

“Devagar se vai ao longe.”

”Quem tudo quer tudo perde.”

“Mocidade ociosa faz velhice vergonhosa.”

“Calar é ouro, falar é prata.”

“Quem semeia vento, colhe tempestade.”

Páginas e páginas cheias, quase perfeitas. Diziam que eram cadernos para o inspetor ver. E pelo jeito que pintavam o tal inspetor, comecei a temê-lo.

Material escolar escasso em casa. Na falta de borracha, apagávamos com miolo de pão.

BRIGÕES

Era manhã. Enquanto esperávamos o sinal, eu decorava uma difícil e longa oração. Em pares, algumas meninas brincavam de “corrupio” (mãos dadas, corpo inclinado para trás, girando rapidamente). Alexandre, de cócoras, encostado à parede, observava em silêncio.

Quase em cima da hora chega a turma da Av. Central. Parece que discutiam entre si. Os mais alterados eram Tomás, Anésia, sua irmã e Sofia - como sempre.

Iniciada a aula, os murmúrios continuam. A professora, irritada, bate com a grossa régua de caligrafia na mesa:

-O que está acontecendo? pergunta Dona Calisa a Nair, sentada na frente. Nair diz que não sabe de nada.

O falatório confuso prossegue. A professora ameaça com castigo, tentando pôr ordem naquela Babel. Miguel, interrogado pela professora, conta o ocorrido:

- É que ontem depois da aula o Alexandre e o Tomás se pegaram.

- Dentro da escola?

- Não. Lá perto da venda do Mineiro.

Tomás interrompe, enumerando suas razões, sendo atropelado por Alexandre:

-Você que começou a me xingar...

Anésia, tomando as dores do irmão, levanta e, apontando para Sofia, acusa-a:

- Essa aí, ainda ficava dando força para meu irmão dizendo: “Isso, Tomás, quebra a cara dele! Mostra pra esse jacu quem é o mais forte!”

- Sofia!? Estou decepcionada com você!!! Abaixei a cabeça. Esconda o rosto, menina feia!

Os brigões foram mandados para o fundo da sala. De costas, cada qual para um canto. Sofia permaneceu com a cabeça debruçada sobre os braços até o final da aula. Mas mesmo o fato desagradável não a impediu, algum tempo depois, de ser a única contemplada com uma vaga no “Grupo Escolar Senador Flaquer”, em São Caetano, onde Dona Calisa lecionava.

INSPETOR

Desde que a irmã nos falara da visita do inspetor à escola, eu me sentia preocupada e ao mesmo tempo curiosa.

- Mãe, a irmã mandou lavar o uniforme, que o inspetor vem na escola! Ma-nhê! O inspetor vem na nossa escola!

- Que inspetor é esse?

- É um homem que...

Meu entusiasmo esvaziou-se diante de seu pouco interesse. Agora ela só queria saber de picumã. Em pé, tremelicando sobre a mesa meio cambeta, com uma vassoura, limpava o teto da cozinha, preto de fuligem. Vassouradas em todas as direções. E vinham os picumãs para baixo, misturados às teias de aranha e poeira. Acabei ficando sem assunto, pois também não sabia o que era esse tal de inspetor.

Distraidamente apanho o pires com um toco de vela, acendo no fogo do fogão a lenha - hora de cozinhar o feijão - e começo a encher a palma da mão com os pingos daquela cera quente. Tudo coberto, palma e costa da mão, digo para Ozaide, que brincava com Elisa, perto do tanque:

- Aperta a minha mão. Me cumprimenta!

- Ai, que arrepio! Faz na minha também. Faz, vá, Marí!

Com ambas as mãos estendidas para mim, Elisa diz que também quer.

Brincadeira gostosa... Era só fechar a mão, a cera soltava de vez. O que sobrasse ia sendo retirado aos poucos.

A brincadeira durou até minha mãe perceber o motivo de nossa harmonia. Acabou rapidinho com ela: “Velas custam dinheiro!”

Tarde quente. Boa pra brincar em baixo do mandiocal. Sempre tinha alguma galinha choca com sua ninhada. Um e outro gato dormitando à sua sombra. Só o cachorrinho - naquela época, o Lírio, lulu, branco e preto - permanecia atento, sempre à minha volta.

Agora era artesanato: colares e pulseiras saídas do caule das folhas da mandioca. Ia-se quebrando a cada dois centímetros mais ou menos, tiravam-se os pedacinhos alternados, deixando a fibra lateral contínua.

Tardes quentes... O mandiocal...

Chegara o dia, afinal. Baixo, gordo e careca. Com uma enorme pasta. Foi entrando em nossa sala, mal cumprimentou a irmã, sentou-se numa cadeira ao lado da lousa. Nenhuma

simpatia. Parecia-me que nem a freira se sentia à vontade diante de tal arrogância. Classe em silêncio absoluto. Não perdíamos um só movimento.

Eu acompanhava com ansiedade o que ela escrevia no quadro negro. Respirei aliviada quando reconheci o problema: fácil, muito fácil. “Dudu tem 3 livros e Dadá 2. Quantos livros têm os dois juntos?”

A freira vira-se para a classe. Ouço meu nome ser pronunciado com voz cristalina e sotaque carregado:

- Maria Carpanezi, levante-se! Aturdida, sinto como se aquele som viesse de lugar longínquo, me sacudindo: “Ma-ri-a - Car-pa-ne-zi, leia o problema!” Um choque percorreu-me o corpo. “Meu Deus, ela confia em mim!” Levantei-me mecanicamente e li o problema em voz baixa.

“O que se quer saber?” Essa pergunta ela nunca fizera antes. Começo a me sentir insegura. Por que essa pergunta agora? E de novo a pergunta: “O que se quer saber, Maria?” Balbucio: “três mais dois são cinco...”

- Presta atenção para a pergunta, Maria!

Mais embaraçada fico ainda com os cochichos dos colegas. Alguns me olham entre paralisados e divertidos, principalmente Sofia. E me assopram: “3 mais 2 igual a 5! É cin-co! Cin-cooo!”

Com as faces afogeadas, a freira insistia na bendita pergunta. Paralisada, sentia seu olhar duro e frio. Sensação de que tudo ia ficando longe... os cochichos... a voz da freira...O chão parecia subir, efeito de meus olhos rasos d água.

Ao comando da irmã, sentei-me.

Cabeça baixa, não percebi mais nada do que aconteceu depois. Dei por mim quando Antônio da Costa, sentado numa das últimas carteiras perto da porta avisa que o inspetor, saindo da outra sala, estava indo embora.

-É, ele nem se deu ao trabalho de vir se despedir dos burros desta sala...

Os dias subseqüentes sumiram de minha memória. O que mais me doía era ter decepcionado Irmã Evangelista. Gostava muito dela.

PAI ME ENSINA

Acompanhava bem matemática, graças à competente professora, a irmã. Fazia as três primeiras operações sem nenhuma dificuldade (mas a exigência da multiplicação era a de só um dígito). Mas, quando entramos na divisão e na multiplicação com mais de um dígito, aí sim, senti dificuldade.

Numa noite em que o pai chegou cedo, pedi-lhe que me ensinasse. Ele fazia contas muito bem. Acostumada a vê-lo somar a caderneta, ficava intrigada com seus “noves fora”. Isso a freira não havia ensinado ainda.

“Quantas vezes o 2 cabe no 8?” me perguntava. “Quantas vezes o 2 cabe no 6?”

Meu relacionamento com as contas foi melhorando.

PRIMEIRA COMUNHÃO

Os dias que precederam esse acontecimento foram de grande euforia.

Nas aulas de catecismo ouvia com devoção o que a freira me ensinava. Alma e coração entregues sem reservas àqueles ensinamentos. O Deus, que eu acreditava estar muito alto no céu, agora o sentia bem próximo de mim. Quanta alegria ao saber que a hóstia consagrada, Jesus vivo, entraria no meu coração! Não entendia, mas ela dizia ser um mistério. Era a primeira a decorar as orações.

Eram dias de compras como nunca havia acontecido. E tudo só pra mim. O tecido do vestido, sapatos, meias, véu, grinalda, tudo branco. O livrinho, o terço e vela. O laço branco fora providenciado pela freira. Minha mãe bordou o véu de filó com linha de seda. Um deslumbramento. Vivia nas nuvens.

- Mãe! A irmã falou que quando se recebe Jesus na hóstia a gente deve pedir graças. Ela contou que um menino na véspera desse dia pediu para Jesus um cabritinho. Queria muito ter um cabritinho! Aí, ele ficou triste quando chegou em casa e não encontrou o animal. Então ela explicou que a graça a gente não vê. Que é um presente de Deus, mas a gente não vê! Não é assim, pedir um cabrito ou uma boneca...

Mas esse enlevo da alma não atrapalhava as brincadeiras. Quando juntava minhas amigas no meu quintal, levava-as para o quarto para verem minha roupa da comunhão. “Ano que vem vou entrar no colégio e também vou fazer primeira comunhão”, dizia Nena. “Eu também!”, diziam as outras em coro. Nena não chegou a fazer primeira comunhão. Morreria no ano seguinte, do coração.

- Guarda já tudo isso que vai ficar tudo sujo, Maria!, gritava minha mãe de algum lugar da casa.

Numa tarde, minha mãe costurava o meu vestido, a conversar com Dona Antônia. No terracinho, nós fazíamos bolhas de sabão com canudo de talo da folha do mamoeiro na latinha de massa de tomate “Elefante”.

Vado já chegou arreliando. Subia e descia as escadinhas, mãos postas, expressão compenetrada, rindo do meu jeito zangado. Tirei meu tamanco e atirei nele. Desgraçadamente, acertei na ferida do peito do pé - ele vivia sempre com os pés feridos. Da ferida inflamada escorriam sangue e pus. Assustada, chamei minha mãe. A Mãe de Vado nem se incomodou, já estava habituada.

Dias depois, ao cruzar com ele, triunfante falei: “Gostou?!”

- Gostei. Foi até bom. Tá quase sarando...

Outras noites, nos juntávamos, agarrados uns aos outros num bloco, e nos aventurávamos para além da última casa da rua. Íamos andando, cantando bem alto, pensando assim afugentar as possíveis assombrações ocultas no meio da escuridão.

Ao primeiro recuo de alguém mais medroso, o bando fugia em disparada, cada qual para sua casa. E logo, todo aquele alarido dava lugar a um silêncio profundo. Silêncio das noites de verão. Negrume no verão, só riscado pela luzinha frágil dos vaga-lumes.

Chegou a véspera do grande dia. Padre Alexandre, vigário da igreja São José de Vila Zelina, veio nos confessar. Muitos anos mais tarde, encontrei-o na matriz de Mauá, como cônego.

À tarde, depois de minha confissão, Nilse veio me fazer os já prometidos papelotes.

- Seu cabelo vai ficar todo anelado. Ele é muito liso.

Enquanto falava, ia enrolando as mechas de cabelos em pedaços de jornal. E como puxava! Minha cabeça parecia estar ficando enorme.

Dormi mal naquela noite. Parte pela ansiedade, parte por aqueles montinhos me cutucando a cabeça. Não deixei que Vado se aproximasse de meu portão naquele dia.

Dia seguinte bem cedo, minha mãe me vestiu, e tentou arrumar meu cabelo, tirando aquela geringonça toda. Como estivesse muito armado, teve que molhá-lo. Pronta, olhei-me no espelho da sala. Nossa! Eu estava tão diferente!

Fui só. Tinha que chegar bem antes da hora. Minha mãe não pôde ir porque ficou com minhas irmãs. Só meu pai assistiu à cerimônia, com disfarçada emoção.

Era o dia 30 de novembro de 1941.

O natal se aproximava. Irmã Evangelista nos incentivava a poupar nossos tostões destinados à compra de balas ou doces para a aquisição do menino Jesus para o presépio. Colocávamos nossas moedas em uma caixa de papelão lindamente enfeitada com motivos natalinos, com uma ilustração do Menino-Deus. Quando se encerraram as colaborações, a irmã nos deu um santinho como prêmio. Sofia trocou o santinho pela caixa enfeitada.

Ao dar meu santinho, irmã Evangelista me prometeu também uma lembrança especial. (Todo dia pedia para minha mãe uma moeda para o menino Jesus. Ela sempre me atendia, não se importando muitas vezes se eram elas destinadas à compra do pão. Afinal, a causa era mais do que justa, no seu entender religioso).

A irmã nunca mais se lembrou da promessa. E eu nunca a esqueci.

As moedas da época eram de níquel. Daí a expressão: “estou reduzido a níquel”. Lembro-me das moedinhas de 200 réis, as de 400 réis, as de tostão. Um doce, que poderia ser cocada, maria-mole, pé-de-moleque ou suspiro, custava um tostão.

Existiam também as de 5 mil réis. Por serem mais raras, meu pai as guardava numa caixa, não gastando sob hipótese alguma. Certa vez, em necessidade, minha mãe lançou mão de uma delas (acredito que não fossem muitas). Quando ele deu por conta foi aquele “frege”. Obrigou-a a ir buscá-la de volta. Parece-me que eram de prata.

Era começo de dezembro. Numa noite, meu pai lia o jornal, quase soletrando. Lia um trecho e passava a explicar a minha mãe. À medida que explicava, ia se exaltando e gesticulando cada vez mais. Minha mãe, cansada e sonolenta pela fadiga do dia, fazia força para manter-se atenta. O jornal, muitas vezes, era do dia anterior, surrupiado do escritório antes do seu destino final: o mictório.

Falava ele que os japoneses tinham afundado navios americanos, uma esquadrilha saída do Japão afundara navios nas praias americanas. “Foi lá na terra deles, Lena! No quintal deles!”

Intrigada, eu pensava: Não era esse país o das irmãs tão queridas? Meu pai continuava dizendo que não daria um ano para que a guerra terminasse, pois o Japão invadiria Norte América, e a Itália e Alemanha acabariam com o resto.

FÉRIAS

Longe dos livros e das lições. Sem horário para cumprir.

Levávamos as cabritas para o pasto mais tarde. A mãe deixava-nos dormir um pouco mais, mas sempre lembrando que era de manhã que o serviço rendia. “Deus ajuda quem cedo madruga!”

Amarradas, pastando gulosamente a relva fresquinha, ainda coberta pelo orvalho da manhã. Vagueio sem pressa pelas imediações, deixando-me levar ao sabor da imaginação e dos sonhos. Mundo dos sonhos, onde tudo era possível, como naquela história que minha mãe lera ainda solteira e que me contava de vez em quando: Reinações de Narzinho (bem mais tarde vim a saber que era de Monteiro Lobato). Com que prazer ela nos falava da boneca Emília, de Pedrinho... “Ainda um dia vou comprar esse livro para vocês. Meu pai, apesar de analfabeto, fazia questão que seus filhos aprendessem a ler e escrever. Os mais velhos, eu, o Ernesto e o Olímpio freqüentamos a escola uns 3 ou 4 meses. Quando o fazendeiro era bom para os seus colonos, dispunha de escola na fazenda para a criançada. À noite era para quem tivesse vontade de aprender. Naquele tempo, aprendíamos a escrever e fazer contas numa pequena pedra, onde escrevíamos com lápis especial. É essa que guardo até hoje”.

Por vezes, com meu olhar perdido ao longe, eu ia repassando todos os acontecimentos daquele ano. Ano cheio de novidades. Quase todas maravilhosas. O colégio, as irmãs que abriram os horizontes de minha vida pequena. As aulas de religião, minha primeira comunhão.

Agora já estava no segundo ano. Passara com uma das primeiras notas - média 98. Sentia-me adulta. Importante.

Naquele natal ganhei de meus pais uma mala maravilhosa. De couro, com duas repartições e chavinha. Não cabia em mim de contentamento, agora poderia me livrar daquela mala de madeira encardida e quebrada. Ozaide também ganhou uma mala mais simples, pois no próximo ano começaria no colégio.

O drama do aparelho continuava. Cada dia machucava um ponto diferente do pé. Minha mãe, fazendo tudo o que podia para aliviar esse sofrimento, lançava mão de todos os recursos que sabia, ora passando vela, ora dando marteladas com a bota enfiada no pé de ferro. Completava xingando os médicos: “Aqueles maledettos! Por que fizeram a operação se não era para melhorar!”

1942 – “SEU” GUERINO

“Seu” Guerino, pai do Vicente, era funcionário da prefeitura de São Caetano do Sul. Lixeiro. Seu carroção era tocado a burro (uma parelha ou duas). Percorria as ruas daquele município.

Começando seu turno muito cedo, chegava em casa bem antes de sua esposa. Assim, quando Dona Maria chegava do trabalho, o jantar já estava bem adiantado. Nessa altura, a família de Vado já alugara uma casa nas imediações. Ele estava sempre com o primo - davam-se muito bem.

Fora do tempo de safra, quando meu pai chegava cedo em casa, ele e “seu” Guerino reuniam-se à noite para a leitura do jornal. Ele era analfabeto, contava com meu pai para informá-lo sobre os assuntos da guerra, e meu pai tinha nele um ouvinte atento e cordato para seus comentários. Sendo esses encontros harmoniosos, acredito que também ele “torcia” para o eixo.

Nessas noites vinha sempre com o jornal debaixo do braço e acompanhado dos filhos. Era Getulista ferrenho, “pai dos pobres” e seu time era o Palestra Itália. Foi difícil acostumar-se com o Palmeiras (esse o novo nome do Palestra, por imposição do governo).

Minha mãe logo oferecia um café, pois meu pai não ficava sem essa bebida. Logo depois retirava-se para a saleta, para adiantar a costura ou o bordado - hora mais calma do dia.

“Seu” Guerino era sério e enérgico com os filhos. Pouca prosa. Só o via rindo com os comentários exagerados e espalhafatosos de meu pai.

Na maioria das vezes, ficávamos sentados nos degraus da escadinha. Se houvesse mais crianças, ele se sentia mais à vontade e até se revelava um grande imitador do “Mingau”, aluno da escolinha de Dona Olinda - programa diário de uma rádio de São Paulo, interpretado pelo famoso “Nhô Totico”. Outras vezes, contava anedotas ou falava das histórias de seus idolatrados gibis.

Naquela noite, conversavam baixo, como se passassem segredos um ao outro. Meu pai contava-lhe o que ouvira de meu avô Henrique sobre os discursos de Mussolini. Esses discursos eram ouvidos mais que clandestinamente.

LANTEJOULAS

Quase no final do ano meu pai semeou milho no terreno todo, até mesmo por entre o mandiocal.

E como era gostoso entrar no milharal, escolher uma espiga tenra e assá-la no fogo já mortiço do fogão. Esgueirava-me por entre as longas e ásperas folhas molhadas pela recente pancada de chuva de verão.

Comia gulosamente, procurando não ser percebida por minhas irmãs. Ouço minha mãe me chamando:

- Maria! Ma- ri- a-a!

Escondo a espiga e subo as escadas correndo.

- Vai no limoeiro e pega três limões (limão rosa). Estou outra vez com cãibra de sangue. Dizia ela sofrer disso há muitos anos. Eram cólicas abdominais, e as fezes estavam sempre sangrentas. Nunca procurou um médico. O único tratamento era tomar limonada com umas colheres de polvilho azedo. Acabou sarando. Seria esse o remédio certo?

Uma russa, moça bonita, muito charmosa, encomendara dois vestidos para um casamento na colônia. Seria dama de honra, portanto queria ficar muito bonita. Um era de “chamallotte” branco e o outro de tafetá verde (este para a festa).

- Casamento de russo se festeja uma semana, Dona Helena! Quero ser a moça mais bonita, meus vestidos têm que ficar mais bonitos do que o da noiva.

O vestido branco com saia godê duplo, comprido, mangas bufantes (presunto). Babadinhos franzidos no meio que, saíam da cintura e iam se alargando em direção à barra, para depois subirem de volta à cintura.

Quando veio fazer a primeira prova, trouxe uma preciosidade: Saquinhos contendo minúsculas rodinhas prateadas e verdes que brilhavam. Uma fascinação! Eram as lantejoulas, que eu nunca vira antes!

Prontos os vestidos, no dia de entregá-los, logo depois do almoço, minha mãe estendeu-os sobre a cama para evitar que amassassem.

Nunca havia visto vestidos mais lindos! Não pude resistir. Queria algumas daquelas lantejoulas para mim. Minha mãe havia me prometido algumas, mas não sobrara nada. No vestido branco, as prateadas, e no verde, lantejoulas também verdes. Umas juntinhas das outras, acompanhavam os babados. Difícil saber qual dos dois era mais bonito.

Eu tinha que ficar com pelo menos algumas daquelas lantejoulas. Com os dentes, fui retirando uma aqui, uma ali, de espaço em espaço. As verdes eram as mais belas. Como brilhavam! Minha mãe nunca soube. Também nunca deixei que as visse.

ESCOLA

Quando havia revoada se siriris, saíamos pelas ruas. O chão ficava forrado de asinhas transparentes. Também minha roupa, meus cabelos.

Eu gostava de acompanhar as mulheres russas, que saíam com baldes à procura dos 'iças, depois da chuva, no morro em frente à nossa casa.

“Elas comem aquilo! Credo!!!”, dizia minha mãe com expressão de nojo.

Mas agora se acabavam os folguedos, ou parte deles. Outro ano iniciando-se. As aulas recomeçavam.

Minha classe estava diferente. Muitos dos alunos não voltaram. Assim como não voltara Dona Calisa. Irmã Evangelista nos apresenta Dona Lurdes, a nova professora. Eu agora estava na primeira carteira, junto com a Ester.

As aulas de religião com leitura de trechos da bíblia prosseguiam. A preocupação da freira com nossa caligrafia continuava:

- Capriche na letra! Não tire o lápis antes de terminar a palavra! - Para isso nos dava uma frase para praticarmos em casa. No dia seguinte olhava caderno por caderno.

Para os cuidados com a higiene convocou um capitão para cada fileira de carteiras, que era substituído semanalmente por aquele que alcançasse maior número de pontos. Ao capitão competia examinar o uniforme, sapatos, meias, a cabeça, orelhas, unhas, dentes etc. Toda pontuação era marcada num quadro exposto.

Exigente com a matemática. Tabuadas na ponta da língua. Logo começaram os problemas, cada vez mais difíceis.

O primeiro ano ficava na outra sala, era lá que Ozaide estudava. A distância de nossa casa até a escola não era grande, mas para ela tornava-se penosa. Aparelho pesado e desconfortável. Fez amizade fácil com as meninas e a freira tinha-lhe um carinho especial.

Perto do mês de maio ela ensinou-nos a fazer flores de um capim que crescia nos campos, conhecido por “rabo de gato”. Toda tarde saíamos para colhê-lo e entregá-lo à freira no dia seguinte, orgulhosas. O capim era pendurado num varalzinho para secar (nessas colheitas minha mãe preocupava-se com as cobras).

O passo seguinte era ter em mãos folhas de papel crepom, tesourinha e goma arábica. Uma tira larga de papel era entregue a cada aluno; devíamos picá-lo o no menor tamanho possível. O capim com cola era envolvido no papel picado. Uma beleza, e fácil!

Naquele maio, tínhamos um altazinho no canto alto do quadro negro com a imagem de Nossa Senhora. Um vaso cheio de flores feitas por nós enfeitava seu altar.

Em casa, durante um tempo, não fazia outra coisa a não ser picar papel e fazer flores. Nosso oratório vivia cheinho de flores de rabo de gato de todas as cores.

Minha mãe ficava maluca com a sujeira, principalmente quando o vidro de cola virava sobre a mesa. Éramos três a mexer com cola e papel picado. E naquele ano, para o dia das mães, a irmã nos ensinou a fazer um mimo com papel e fita de cetim, desenho e dedicatória feita por nós. Acredito que minha mãe tenha ficado feliz. Entreguei-lhe o presente numa manhã de domingo, no jardim. Por sugestão da freira, dei-lhe um beijo também, o que para mim foi difícil, pois não era hábito beijá-la. E ela só beijava os bebês.

Logo depois de maio começamos a oração do Quarto Congresso Eucarístico Nacional de São Paulo - setembro de 1942.

“Ó Jesus, que nos extremos do vosso amor para conosco, instituístes a divina eucaristia, onde sois doce, companheiro de nosso exílio, o alimento celestial de nossas almas, a vítima sacrossanta de nossos altares. E que no desígnio de perpetuar através dos séculos estes inefáveis mistérios, enviastes a todos recantos da terra os sacerdotes da nova lei. Dignai-vos, Senhor, abençoar e coroar de pleno êxito o IV Congresso Eucarístico Nacional de São Paulo. Inspirai os trabalhos, sugeri os votos, confirmai as resoluções. Aceitai benignamente as solenes homenagens que vos serão prestadas. Inflamai os corações dos pastores e dos fiéis, dos pais e dos filhos, a fim de que sejam sempre mais perfeitamente conhecidos e devidamente praticados os adoráveis mistérios da Eucaristia. Rogamos também, ó Jesus, incrementar e desenvolver em nossa pátria a obra das vocações sacerdotais, concedendo-nos por meio delas muitos e virtuosos padres, modelados todos na escola do vosso coração eucarístico, assim seja.”

Aprendi rápido a oração, assim como o hino:

“Brasileiros! Levantemos nosso cântico fecundo.

Cristo vive, Cristo reina

Cristo impera em todo o mundo...”

Conservo comigo o livreto de canto e um postal. Esse aprendizado valeu-me muitos elogios da avó Maria.

OVOS COLORIDOS

Numa certa época do ano (vim a saber mais tarde que era tempo de páscoa) as mulheres russas se presenteavam com ovos coloridos: vermelhos, azuis, amarelos... Atormentava minha mãe. Eu também queria, achando ser uma coisa muito gostosa, muito mais do que apenas o insípido ovo de galinha cozido em que minha mãe teimava em me fazer acreditar. A irmã nos dizia que bastava que fossem cozidos com cascas de cebola. Tentei muito fazê-los, mas nunca consegui dar a cor almejada.

CAPELA

Naquele tempo só se comungava após confissão. Assim, com exceção das irmãs, eram raras as comunhões durante as missas.

Capela pequena, comportava no máximo 25 pessoas. No começo não havia bancos, depois colocaram uns três ou quatro.

O padre vinha da igreja de Vila Zelina celebrar missa aos domingos, às sete horas. De costas para os fiéis, em latim. Nada se entendia, mas se decorava... “Kyrie eleison, Christ eleison... Gloria in excelsis... Dominus Vobiscum... Orate frates... Pater noster... Agnus Dei...”

Aos domingos, antes das sete horas, eu já estava à porta da capela. Minha mãe ficava triste por não poder participar da missa. Tinha as pequenas para cuidar.

Antes que a missa iniciasse, ficava entretida olhando a postulante Joana acender as velas. Bastão comprido, fogueiro saindo de um pequeno pavio. Mal tocava na vela e sua luz suave irradiava a toda volta. No final da missa, ia sufocando suas tênues chamas com o abafador. Eu prestava atenção às suas perfeitas genuflexões ao passar diante do altar. O hábito dela era um pouco diferente: uma touca de tecido preto na cabeça descendo até o ombro, juntando-se num franzido atrás do pescoço. Achava uma lindeza.

Elas nunca nos falavam sobre a vida no convento. Nunca permitiam que passássemos além da capela. Era um mistério. Como o da Santíssima Trindade?

Não me lembro se as primeiras postulantes, Irmã Joana e Irmã Bruna, chegaram em 1941 ou 1942. Irmã Joana chegou a substituir professores várias vezes na escola. Era diferente das outras, acredito que por não ter sotaque. Numa ocasião contou-nos uma longa e bela história. Narrava com muita eloquência. Classe toda em silêncio absoluto. No auge da trama toca o sino. Campanha quase sempre esperada, naquele dia tão inoportuna. Prometeu contar-nos o final no dia seguinte. Nunca soubemos seu epílogo.

PRESENTE DO TIO LINO

Naquela manhã de domingo, fazia a lição de casa. Sobre a mesa da sala meu material escolar misturava-se às costuras cortadas de minha mãe.

Página em branco imaculada. Caprichava na letra do cabeçalho: Externato Nossa Senhora do Carmo... São Paulo... Maria Carpanezi...

Um vozerio vindo dos lados de baixo, perto da casa de Dona Ana, me chama a atenção. Eram os meninos jogando pião. Brincadeira que acabava sempre em desavenças. Por que os meninos viviam brigando? Discutindo? Sempre medindo forças? Às vezes se dividiam em lados opostos, uns ameaçando os outros: pernas abertas, dorso levemente abaixado, segurando o pênis sob a roupa, como se fosse uma arma

I. Vem! Vem!

Não era esse o caso de meus vizinhos. Meninos cujos pais os levavam com “cabresto curto”, como dizia meu pai.

“Seu” Guerino e meu pai conversam junto à cerca:

- Ah, Guerino, isso pro Getúlio é café pequeno...

Eu precisava da ajuda de meu pai com as lições, mas ele não me dava atenção. Desisto e vou para a balança (há pouco feita por ele).

Sento-me e vou impulsionando com o pé. Logo estou nas alturas. Quase solta no ar. Sensação boa. Me vem à cabeça um hino que estou aprendendo: “Liberdade, liberdade! Abre as asas sobre nós/ Nas lutas, nas tempestades...”

Depois do almoço fomos surpreendidos com a visita do tio Lino. Chegou vermelho, suado pela longa caminhada naquele sol quente.

Trazia-me um presente: um livro.

- Agora que você sabe ler, vai gostar desse livro.

Era um livro já usado (sebo?). Penso que era um livro de escola. Tio Lino, fala mansa, humilde, continuava com a saúde frágil. Trabalhava numa marcenaria na rua Lavapés. Salário baixo, apesar do Getúlio ser o pai dos pobres.

O *nono* continuava exigente com os filhos. Todos participavam no sustento da casa. Ele também trabalhava. Não me lembro ao certo se era na “Casa Magalhães”, na rua Pacheco Chaves. Casa de materiais de construção. Eu, sentada no chão, folheava meu livro, enquanto eles conversavam na salinha. Assunto sério. O tio, preocupado, viera se aconselhar com meu pai.

“...o pai está colocando todo o dinheiro da venda do sítio na firma onde trabalha... paga do próprio bolso os carregamentos de madeira que vêm do interior. Pior! Sem nenhuma garantia... já pedi pra mãe falar com ele, pois nós não podemos abrir a boca.”

Meu pai ouvia muito atento e comentava:

- Esse homem não vai pagar nada. Esse dinheiro que todos os irmãos trabalharam como condenados pra ganhar ele está jogando fora. Com esse dinheiro ele podia comprar uma boa casa e se livrar do aluguel.”

No final, meu pai ficou de ter uma conversa com o teimoso do meu avô.

Tempos depois, minha mãe conseguiu trazê-lo para ver uma casa que estava à venda na vila. Casa grande, bem feita, quatro águas.

Foi vê-la. Enquanto tomava o café em casa, desiludiu minha mãe de vez: “Não, não vou comprar casa agora, não! Quando acabar essa guerra, todos os estrangeiros vão voltar para a Europa, então vai ter casa quase de graça...”

Do presente do tio Lino, dentre todas suas histórias, guardo uma poesia:

“Achei um relógio / Gritava Janjão / Correndo e pulando / Com ele na mão/
Achei um relógio/ Com uma corrente/ Que belo, que belo!/ Agora sou gente/
E pondo-o ao ouvido/ A jóia escutava/ Fazer tic-tac/ E mais se alegrava/
Janjão ladrão, Janjão ladrão...”

BLACK-OUT

“Maria ! Ma-ri-a-a!” Chegam-me aos ouvidos as chamadas estridentes e inoportunas de minha mãe. Corro para ela, com medo de alguma reprimenda.

- Vai na dona Esperança comprar um quilo de “braço“. Depois passa no Mineiro e traz um quilo de fubá e um litro de querosene. Pega o litro que está no canto da cozinha. Traz também um quilo de toucinho salgado e meio quilo de pó de café. Com essa moda de ler jornal, não tem café que chega. Vá depressa! Não pare pelo caminho; cuidado com o dinheiro! Você está descalça outra vez? Cadê o tamanco? Depois fica doente e me dá um trabalhão!

Procuro os tamancos. Um, achei , e o outro?

Saio, passo rápido pelo corte de terra. Perto da avenida Giacagliani, de repente, um medo indescritível se apodera de mim. Medo do “Doce”, rapaz bobo e maltrapilho que vagava pelas redondezas correndo atrás das crianças. Talvez fosse porque os meninos maiores mexiam com ele.

Olho apreensiva para todos os lados. Não vejo nada. Tudo deserto. Só depois da avenida, as primeiras casas de vila Alpina. Vindo de uma das casas, ouço os acordes inconfundíveis que anunciam o “Repórter Esso”. Pelo volume, mais parecia uma rádio comunitária. Meu pai sentia falta de um rádio em casa. Continuava sua luta para trazer a prometida força da Light para nossa vila.

Chegando na venda do Mineiro, espero minha vez. Não levam em conta minha presença.

Seu José conversa com alguns homens que remexem pastas imensas. Os filhos do vendeiro brincam sobre os sacos de mantimentos ainda fechados. A certa altura, um dos homens pergunta carinhosamente para Tânio, que ameaçava pular de cima do saco:

- Você é São Paulino ou Corintiano?

- Eu sou um “tinta tuluna“!

Quinta coluna era uma palavra proibida na época, por designar um inimigo da pátria.

Meu pai e “seu” Guerino liam o jornal mais amiúde. O preferido de meu pai era o “Correio Paulistano”, e o amigo trazia “O Diário de São Paulo”. Comentavam com expressões sérias as possíveis convocações, caso o Brasil entrasse na guerra.

- Eles começam pelos jovens que estão servindo o exército. Os de primeira categoria. Depois, na necessidade, pegam até os de terceira categoria, que é o nosso caso.

Mas para minha mãe o assunto mais palpitante era o tal de “black-out”. Queria explicação.

- Brecaute... - meu pai tentava explicar-lhe enquanto lia o Diário de São Paulo naquela noite de 16 de outubro de 1942: “... - Será submetida, hoje, a capital do estado, a mais um severo exercício de escurecimento para treinamento da população em um dos mais necessários processos de defesa antiaéreo...”

- Entre uma baforada e um gole de café ele explica:

- Lena, esse tal de “brecote “é um treinamento, é pra cidade ficar no escuro, se caso o eixo fizer um ataque não vai saber onde ela fica no escuro.

- Vá, Milho...Como eles vão enxergar essa luzinha de lampião lá daquelas alturas?

- Ah! Eles têm máquinas que mostram até palito de fósforo aceso!

Ela sentia-se orgulhosa quando ele conversava com ela assuntos diferentes dos triviais .Ultimamente ele se animava mais quando ela lhe pedia para ir à casa de “sua gente”, aos domingos. Saíamos logo após o almoço, só voltando à noite. Era com os homens de lá - mais meu avô - que se inteirava das notícias dadas pelo rádio.

- Uma noite dessas - dizia um deles, não me lembro quem - pegamos parte de um discurso de Mussolini. – contava como certa a vitória da Itália.

Naqueles dias havia algo mais no ar que nossos problemas particulares.

RUSSOS PREOCUPADOS

Toda população andava agitada, como se esperasse alguma catástrofe naquele ano de 1942, principalmente os imigrantes russos e lituanos. Conheciam o que era sofrer os horrores de uma guerra.

As mulheres, com suas minguadas economias, faziam estoque de alimentos.

Aos domingos, na saída da igreja ortodoxa, aglomeravam-se discutindo alto em seus idiomas. Havia, às vezes, até discurso inflamado de algum bêbedo, pois era comum entre eles os que abusavam de bebidas alcoólicas logo pela manhã.

Os lituanos tinham seu núcleo na vila Zelina, vila Bela...

BOLHAS DE SABÃO

Cigarros. Comprados por mim, por minha mãe, nas compras do mês e até por ele mesmo nas emergências. Meu pai detestava entrar em bares. Fumante inveterado, não ficava sem eles. Era familiar aquele cheiro de tabaco em suas roupas, seus cabelos... “Carnaval“, ‘Yolanda “, “Macedônia”, e anos depois, o “Hípicos“, as marcas preferidas. Achava curioso ver a fumaça saindo pelo nariz e se desfazendo lentamente no ar.

Imitei-o várias vezes, às escondidas, com cigarros feitos de pedaços de folha de jornal. No terracinho, com a caneca de água e sabão, dava uma tragada no cigarrinho de papel e soprava no canudo de talo de mamão. Uma bolha branquinha cheia de fumaça subia serena - quanto menos vento, mais estável e redonda ela planava. Depois, baixando suave, era disputada pelos que a aguardavam descer. Estourada, saía a fumaça aprisionada.

PROMESSA NA PENHA

Maio ou junho. Tempo de frio. Fiquei muito doente, com forte gripe, que logo se transformou em crise de bronquite asmática. A mãe lançava mão de todos os recursos costumeiros, não faltando o infalível óleo de rícino. Não podia ir à escola, e o que me animava um pouco na convalescença era a leitura do livro “Narizinho”, de Monteiro Lobato. Dona Lurdes emprestava esse livro para os alunos.

Desanimada com os problemas que enfrentava, minha mãe resolveu fazer uma promessa: eu iria a uma missa e comunhão, vestida de virgem, na igreja da Penha.

Num domingo muito cedo, branco de neblina, eu e meu pai saímos para a igreja. Como minha mãe nunca podia ir, eu pensava com angústia em como iria me arrumar sozinha.

Uma viagem! Sem agasalho suficiente. Se no bonde da vila Prudente eu já passava frio, no bonde da Penha me sentia congelar. Bonde aberto, sem proteção alguma.

O pai pegou um quarto numa pensão próxima à igreja. Retirei da sacola o traje amassado - o mesmo vestido da primeira comunhão; de novidade, só a coroinha, mais bonita.

Enquanto me vestia, pensava na tia Amábile. Queria que ela estivesse ali para me ajudar. Ela sabia tudo. Depois de pronta, meu pai, bem desajeitadamente, me coloca o véu e a coroinha.

Em jejum, confessei e comunguei durante a missa. Terminada a liturgia, fomos ao fotógrafo tirar um retrato, ali mesmo na igreja, na sala dos milagres. Promessa cumprida. Guardo tudo na sacola novamente. Agora a longa volta.

No bonde, mais precisamente na avenida Celso Garcia, noto vários cartazes colados nos muros e nas paredes. A figura de uma bola (ou bomba?) e a inscrição: “Cuidado, sabotagem.”

Em casa, uma grande surpresa. Encontramos Rosina, que resolvera vir novamente para São Paulo. Viera acompanhada de seu tio Abel. Dessa vez ela estava decidida, o interior já não era mais seu lugar. Iria fixar-se na capital, mas nada de trabalhar com costura ou bordado naquela vila de fim de mundo. Tinha a intenção de trabalhar em casa de rico. Na cidade. Onde visse gente. Muita gente!

Como insistia na idéia, meu avô arrumou-lhe emprego de doméstica na casa da família Pedro Magalhães. Ficou ainda uns meses morando conosco. Eu fiquei contente com sua volta. Era companheirona.

TIA ANA

Lembro-me do dia em que, ao chegar da escola, vejo tia Ana na sala, descosturando seu vestido de noiva, enquanto minha mãe preparava o almoço. Era costume aproveitar o vestido de noiva reformado. Acanhada, eu beijo-lhe a mão pedindo a bênção. Agora tia Ana parecia mais simpática, agradável mesmo! Bem diferente de quando a vi pela primeira vez.

O relacionamento dela com a Amábile começou bem azedo. Era num domingo à tardinha, tia Amábile me chama para o portão e, contando sobre seu namorico com o André, ia observando o movimento da rua. A *nona*, desconfiada, vigiava-a constantemente. “Moça do interior, nova, algum ladino poderia se aproveitar.” Suas saídas eram controladas pelo relógio e, na maioria das vezes, sempre acompanhadas por uma criança. Era exatamente o que ela me dizia naquela tardinha de domingo:

- Você pede para a ‘vó’ que quer ir comigo à igreja, porque depois da reza tenho encontro com ele perto do cinema.

Percebo que a tia encara nas moças que vêm se aproximando. Eram três. Vinham de braços dados, e a do meio parecia ter dificuldade para andar. A mesma que ao passar por nós lançou um olhar feroz para tia Amábile e rosnou:

- *Sua italiana aguada!*

- Sua bicha d’água azeda! - foi a resposta incontinente de minha tia. Eu não sabia o que estava acontecendo.

- Essa bobona acha que é dona do seu tio Angelim. Fica danada da vida toda vez que me vê conversando com ele. E fui eu quem apresentou seu tio para ela.

Tempos depois, numa noite, tio Angelim, muito sem graça, comunica ao meu pai que precisaria casar. A moça ficara grávida...

JORNAIS

Os períodos de “black-out” eram rigorosamente obedecidos por nós, como se daquilo dependessem nossas vidas. Deitávamos cedo nessas noites. Muitas vezes o sono demorava a chegar. Esperávamos até ouvir o fon - fon da bicicleta de meu pai chegando em casa depois dos serões. Aos sábados ele era aguardado com ansiedade: era dia de pagamento. Dia em que nos trazia balas, amendoim japonês...

Naquele agosto procuravam freneticamente sempre mais notícias nos jornais. “seu” Guerino falava das conversas que ouvia entre os funcionários. Parecia-me que alguma coisa pairava no ar e a qualquer momento desabaria sobre nossas cabeças. O Brasil mergulhado numa ditadura via seu governo, numa guinada, voltar-se para as forças aliadas. Isso se deu quando os Estados Unidos, depois do episódio “Pearl Harbor”, declararam guerra ao Eixo nazi-fascista.

Não demorou muitos dias e já se lia sobre o afundamento de navios na costa brasileira por submarinos alemães - seriam alemães???

Havia forte pressão do governo americano para que os países da América do sul, principalmente o Brasil, se fizessem representar de maneira efetiva na luta aliada contra o Eixo.

Meu pai andava excitadíssimo. Teria ele consciência dessa ditadura imposta por Vargas? “Trabalhadores do Brasil...”

Em abril daquele ano ele lia jubiloso para minha mãe o anúncio do aniversário do presidente: “Comemoração do aniversário natalício do presidente Vargas. Excepcionais homenagens serão prestadas, nesta capital e em todo o Estado ao chefe da nação, festivais promovidos pelas associações de classe... Trabalhadores do Brasil!...”

ROSINA E OS COMÍCIOS

Vários comícios foram realizados em protesto contra o afundamento de nossos navios. Falava-se também na possibilidade do Brasil mandar à Europa um corpo de expedicionários.

Meu pai acompanhava com absoluto interesse todos esses boatos. Será que meu pai sonhava em lutar na guerra? Mas, e a sua Itália?

Um dia chegou falando: “Amanhã à noite tem um grande comício na cidade, e nós vamos assistir.” Diante do espanto de minha mãe, ele a sossegou: “Não é revolução, não! É coisa pacífica, discurso de políticos e até do próprio povo. Aproveite que minha mãe está aqui e você sai um pouco. Até a Rosina, se ela quiser, pode ir também”.

No café, na manhã seguinte, ouço os comentários:

- Como é, Rosina! Não arrumou namorado ontem, no meio de tanto estudante bonito? Perguntou meu pai, piscando para minha mãe.

- Qual o quê, tio! Só estudantes ricos. Não olham para moça pobre.

IV CONGRESSO EUCARÍSTICO

Depois de tanto preparo, tanta oração decorada, hinos ensaiados, crianças de toda capital e até do estado se reúnem no vale do Anhangabaú para render graças ao Cristo Eucarístico. Só crianças, naquele dia.

“Brasileiros, levantemos nosso cântico fecundo.

Cristo vive, Cristo reina, Cristo impera em todo mundo”.

Saímos com as devidas identificações no peito. Lá rezamos, cantamos e ouvimos as palavras dos padres e até do arcebispo.

Ester não foi. Seu pai proibiu-a, pois dizia que os alemães aproveitariam aquela aglomeração e bombardeariam o vale...

Nosso arcebispo, D. José Gaspar de Afonseca e Silva, morreu em agosto de 1943, e as pessoas diziam que ele teria oferecido a própria vida em sacrifício para evitar essa possível tragédia no vale.

Foi uma semana inteira de Congresso, quando o povo de São Paulo e do Brasil se congregou em orações, pedidos e louvores.

CARTILHA ESCOLA

Dona Lurdes de tantas lembranças... Doce, meiga. A mais bondosa das professoras que tive.

Cartilha terminada, passei ao primeiro livro. Pela dificuldade que eu ainda tinha nas leituras, as lições tornaram-se aborrecidas e incompreensíveis. “Professor Cláudio sai em viagem com dois filhos: Tom e Vinícius. Durante a viagem, explica-lhes lições de História, Geografia...” Uma das páginas explicava os limites do meu estado; lição mais aborrecida!

Sentávamos nas carteiras de madeira, com lugares para dois alunos, conjugando assento e mesa. No centro delas, um burquinho redondo para o tinteiro. “Do terceiro ano em diante, vocês só escreverão a tinta”, explicava a professora.

Ester e eu nos sentávamos na primeira carteira. Uma vez, ficamos de mal durante uma brincadeira em minha casa. Como era difícil sentar-me ao seu lado sem lhe poder falar! Um dia, ao copiar a lição do quadro, errei. Ela cedeu-me gentilmente sua borracha, sabendo que eu não tinha com que apagar. Acabou aí nossa zanga. Era o que eu mais queria.

Gostava muito da Ester. Admirava-a em tudo. Queria ter, assim como ela, uma caixa de sabonete para guardar as miudezas da escola. Caixa linda. Quando aberta, que perfume exalava!

Em casa não havia nem sabonetes, quanto mais caixas! Nossos banhos eram com sabão mesmo.

Eu cobijava também as lâminas da “Gillette”, com as quais se apontavam os lápis. A irmã possuía um apontador americano, que ficava preso à borda da mesa. Jamais permitia-nos seu uso. Uma vez troquei minha borracha vermelha e azul por uma “Gillette”. Fiquei frustrada quando o pai me disse que fizera um mau negócio. Tentei reverter a situação, mas Sofia me dissera que “quem troca e depois destroca vira lobisomem.” Assumi o prejuízo.

Começávamos a perceber agora a presença de Josefina, porta-voz, junto aos professores, dos alunos tímidos como eu. Naquele 7 de setembro houve uma pequena comemoração na escola. Poesia decorada, Josefina e eu declamávamos em uníssono:

“Já foi colônia, meninos/ pertenceu a Portugal
Os portugueses queriam / nossa pátria escravizar
Isso é coisa que se possa / de bom humor suportar?
Por isso mesmo D. Pedro / perdendo a calma e a paciência
Às margens do Ipiranga / gritou logo: Independência!”

Final de ano. Exames. Passei para o terceiro ano com média 81. Como o número de alunos aumentara, iríamos no próximo ano para um prédio maior, alugado pelas irmãs, no alto de vila Bela (esse prédio existe até hoje).

Férias para os livros e cadernos, que seriam esquecidos dentro das malas, em algum canto.

Férias! Correr pelos campos à procura de flores, frutas, ninhos de passarinhos. Aprendêramos que não devíamos mexer em seus ovinhos.

Terminava 42, mas parecia estar ainda tão longe o ano de 43...

Para mim, meu pai tudo podia. Junto dele nada dava errado. Sempre falador, animado. Trazendo sempre uma piada nova. Agora ele e minha mãe não falavam mais o italiano entre si. Relembavam "causos" passados.

Era ele que tratava de meus ferimentos: cortes, espinhos, bicho-de-pé. Era ele que enchia o quarto de bolas coloridas quando estávamos doentes. Balas, doces. Maior carinho quando tivemos catapora. Também ele arrancava meus dentes amolecidos. Tinha um método especial: amarrava a ponta de um pedaço de linha no dente e a outra ponta no trinco da porta. Com um pequeno empurrão, lá ficava o dente balançando na linha. Doía. A vítima saía apertando o lugar com as mãos, meio sem graça.

Mas eu não entendia esse mesmo pai que tanto admirava. Por que fazia minha mãe chorar? Discutiam, nem sei por quê. Discussões cada vez mais fortes. Ela, vencida pelos seus argumentos, quase sempre entregava os pontos.

- Você, Milho, é como o azeite. Fica sempre por cima. Está sempre com a razão. Sempre do seu jeito!

Ficavam zangados dias. Eu sofria com isso. Que alegria quando voltavam às boas. Ela indignava-se com sua mania de mentir.

- Lena, uma potoca de nada! Não estou prejudicando ninguém!

Muitas vezes, em conversa com alguém, contava uma de arrepiar, e no final acrescentava "Taí a Lena que não me deixa mentir..."

Quando a sós, ela comentava indignada:

- Milho, como você tem coragem de falar uma coisa dessa?

- Lena, é a pura verdade. Quer que chame fulano Pará confirmar?

Com ele não tinha jeito mesmo. Às vezes, ela saía do sério e, para atingi-lo, dizia:

- Você é de família de mentirosos. Lá só se salva teu pai, a Amélia e o Angelim. Olha o Basílio, não se aproveita nada do que ele diz!

E a discussão ia longe.

TIA ITÁLIA

Rosina trabalhava há algum tempo na casa do Pedro Magalhães. Ela estava toda feliz com a notícia de que em breve sua família viria residir em São Paulo. (Meu pai incentivava os parentes a emigrar para a cidade grande).

Tempos depois, amontoados provisoriamente na casa de “nono” Natal, lá estavam meus nove primos, de todas as idades. Era o clã da tia Itália e do tio Túlio, que viera desbravar a terra dos bandeirantes.

DR. UZEDA MOREIRA

Com dificuldade, eu tentava passar as pregas do vestido. Enfiado numa tábua estreita, suspensa entre a beirada da mesa e o espaldar da cadeira, forrada com lençol velho. Invenção de minha mãe para facilitar o trabalho.

Ferro reabastecido com mais umas brasas do fogão, saio para o quintal balançando-o pra cá e pra lá a fim de reanimá-las. Chama-me a atenção o Nardo, dando marteladas em um carrinho de rolimã e cantando alto: “Ó’ jardineira por que estás tão triste / mas o que foi que te aconteceu...” Parecia com isso querer abafar a algazarra da pelada com Vicente e os meninos mais para baixo da rua. O Nardo era quase sempre dispensado dessas brincadeiras.

Quando percebeu a minha presença, Orlando ordenou que parassem a "pelada" e gritou:

- Maria, porque você quebrou o aviãozinho do Vicente? Ele disse que foi você que quebrou!

Vicente passara a tarde anterior fazendo aviões de barro. Fizera também o campo de aterrissagem, bem nivelado, no canto do seu quintal, junto à minha cerca. Fora um acidente, eu não tive culpa. E Dona Ana, fingindo defender a vítima:

- É, Maria, ele falou que não te namora mais!

Envergonhada, desci rápido e voltei ao meu trabalho. “Como ele soubera que havia sido eu?”

Minha mãe chega naquele minuto e me diz:

- Toma um banho à tarde, na hora do sol quente. Lava bem essa cabeça que amanhã você sai cedo com teu pai para ir ao médico. Fica na “nona”, e depois do almoço ele te leva no Dr. Uzeda Moreira.

Pelo nome, lembrei-me de um anúncio que saía quase todos os dias no Correio Paulistano:

“Dr. Uzeda Moreira“

Pulmão, coração, aparelho digestivo, rins, raios-X

Tratamento da tuberculose e da asma

Rua Líbero Badaró, 452

Telefone: 2-3423

Consultas das 9 às 12 e das 14 às 19 horas

Residência: telefone: 5- 4055

Senti um mal estar. Detestava médicos. Invadiam minha privacidade.

À tardinha, ao chegarmos ao endereço indicado, havia algumas pessoas na sala de espera. A enfermeira anota meu nome numa ficha e pede que aguardemos a vez.

Pergunto ao meu pai o porquê daquela música tão alta na sala ao lado, ele me diz que era uma estação de rádio. A enfermeira abre a porta e chama pelo meu nome. Lembro-me do Instituto Pasteur e meu coração dispara.

O médico, sentado numa banquetta, nos cumprimenta sério. Faz perguntas ao meu pai, enquanto pede para eu tirar a roupa. Observo tudo atentamente. Nunca havia visto pessoa mais asseada. Cabelos, pele, dentes, tudo perfeito. Jaleco de um branco imaculado, deixando entrever o colarinho e punhos engomados. Uma miragem!

Triste contraste com minhas roupas velhas e amarfanhadas. Naquele dia, para maior desgraça, meu pai usava alpargatas velhas. Senti-me pequena, humilde.

Levou-me ao raio X. Enquanto dava explicações ao meu pai, eu continuava a inspeção, agora mais calma.

Nas paredes, algumas fotografias.

Interessei-me, entre elas, pelas que mostravam um navio com um casal no convés, em várias poses. Pareciam felizes. Era o doutor, reconheci. Talvez um pouco mais moço.

Diante do exagerado falatório de meu pai, encurtou a conversa, recomendando que eu tomasse os remédios receitados e que fosse bem alimentada.

Na volta, como estava em férias, convenci meu pai a me deixar ficar na casa da “nona”.

Na manhã seguinte, enquanto tia Amábilis lavava roupa - quanta roupa! -, contava-me seus segredinhos amorosos. Ela que estava “de linha” com o Valter, um rapaz que trabalhava no escritório do Círculo Operário de Vila Prudente (naquela época sua sede ficava na rua Capitão Pacheco Chaves).

- Ontem pela manhã, Maria, quando eu estava colhendo salsa e cebolinha no fundo do quintal para o almoço, levantei os olhos para a rua e surpreendi-me com um rapaz que, da calçada em frente, observava-me sorridente. Sabe quem era? Era ele, o Valter! Com certeza me seguiu para ver onde eu morava. Acho que logo logo ele me pede em namoro.

Ela dizia isso enlevada. Nessa época o rádio deixara de ser novidade, era agora um vício. Roupa branca no coradouro, e minha tia dizia-me: “Agora vamos ouvir o drama das dez horas” (seria a rádio São Paulo?). Acomoda-se numa cadeira com o bordado nas mãos, preparando-se para saborear mais um capítulo de seu palpitante enredo. O silêncio era quebrado apenas para me informar o andamento da trama.

Não muito interessada no que ouvia, eu acompanhava o movimento da agulha em suas mãos. Sobe e desce, enchendo aquele pano com flores, florzinhas, folhas e arabescos coloridos. Pontos... tantos pontos. Tecendo sonhos. Lindos sonhos.

Nas noites seguintes fomos tantas vezes à reza que minha avó acabou desconfiando. Na ausência da tia, fazia-me perguntas estranhas. Na minha ingenuidade, acabava complicando a tia com minhas respostas.

Os acordes da Ave-Maria soavam melancólicos. Saudades de casa. Do nosso mundinho quase pequeno, agora distante.

Voltando da estadia em minha vó, continuava evitando Vicente. Ainda sentia vergonha do acontecido. Até que, dias depois, ele veio à nossa casa. Fazia-me perguntas sobre onde passara aqueles dias. Ele conhecia Vila Prudente só de nome.

- Agora eu é que vou ficar na casa de minha avó. Meu pai vai me levar também. - dizia a Ozaide enciumada.

Elisa, para não ficar atrás, dizia: “Eu também vou!”

Vicente começa contar as últimas aventuras que lera nos gibis. Num gesto de generosidade, diz que vai emprestá-los a mim, já se levantando do chão, onde estávamos sentados.

Eu adorava ler, mas não histórias em quadrinhos. Mais ainda, depois que a freira nos proibira.

Por delicadeza, passei uma vista sobre eles naqueles dias. Ao devolvê-los, ele me empresta mais um monte deles. Era sua maior preciosidade.

FÉRIAS DA OZAIDE

Por insistência de minha irmã, meu pai levou-a para casa da “nona”. Ela não parava de reclamar seus direitos: também estava em férias.

Dois dias depois, já anoitecendo, chega o tio Olímpio esbaforido com a Ozaide ao colo. Percebemos a frente de sua camisa toda molhada, assim que a colocou no chão.

O que foi isso, Olímpio? Suor?

-Não! Foi uma mijada dessa safada.

A mãe correu pegar uma camisa de meia de meu pai (nome dado às camisetas naquela época).

- Ela chorou a noite toda, Lena. Queria voltar para casa, - falava meu, tio trocando de camisa.

VOLTA À ESCOLA

Enquanto minha mãe contava as maravilhas da casa da rua Dez, para onde *nono* Henrique se mudara recentemente, eu, bastante preocupada, juntava meu material escolar, principalmente meus lápis de cor.

Primeiro dia de aula na escola São Francisco de Assis. Coração descompassado, saí bem antes da hora. Fomos esperar irmã Carolina no portão da casa dela; irmã Evangelista não seria mais nossa professora, pois passara a morar na casa das irmãs em vila Zelina. Pena! Gostava tanto dela!

Sáímos numa turminha pequena. Alguns alunos já não estudavam conosco. Ester fora para o grupo escolar onde seu irmão estudava.

Ao chegarmos, entre intimidada e curiosa, tive a impressão de que tudo era grandioso. Paredes altas, tudo alto. Fomos para uma sala ensolarada. O cheiro...O cheiro de lugar novo.

Muitos colegas novos de vila Zelina e vila Bela. Classe cheia. Passados alguns dias, recebemos o material. Tantas novidades! Cadernos de Geografia, Ciências, História. A nova professora, fria e exigente. “Meninice” era o livro de leitura, cuja primeira lição - que mágica! - sei de cor até hoje, tantas vezes repetida.

Formávamos uma fila de cada lado de sua mesa, segundo e terceiro anos. Começava sempre pelo primeiro da fila do segundo ano. Por vezes a reprovação da professora iniciava-se logo no título. “O monjolo, a roda d’água e o passarinho“. Quanto mais ela berrava que se lia “d’água”, o aluno articulava nervoso “roda da água e o passarinho.”

- Reprovado! Vá se sentar e estude. Outro! - Agora era a vez do primeiro da fila do terceiro ano. Já começava gaguejando: “Que mágica. Jaci era uma menina loura, muito loura, cabelos encaracolados. Parecia uma bonequinha viva, andando, correndo pela casa . Uma gracinha! Tinha uns quatro anos quando a conheci . Certo dia...”

No primeiro erro de pontuação era-se reprovado. Passou-se uma semana, e continuávamos na mesma lição. A irmã achou melhor dispensar a professora.

Chegou Dona Francisca, ficando pouco tempo também. Quem ficou conosco até o final do ano foi Dona Norina. Penteado sempre perfeito e roupas muito bonitas.

Dentre todas as matérias, eu gostava mais de Português. Saía-me bem nos verbos. Continuava a ter dificuldades com matemática. Matéria dada pela irmã. Mesmo assim, era a primeira da classe.

CASA NOVA

Tudo era novidade na nova casa da *nona*. Começando pelo ferro de passar roupas. Não sei por que me fazia lembrar um bonde. Era grande, alça alta, cheio de janelinhas redondas embaixo, em toda a sua volta. Tinha até torneira na pia da cozinha, no banheiro e no tanque, era só abri-la e a água jorrava. Por que meus pais esqueceram de colocar aquelas torneiras lá em casa? Seria bem mais fácil do que tirar água do poço.

Casa alegre, cheia de luz em todos os lugares. Árvores frutíferas no quintal e uma casinha nos fundos, onde morava um casal com três filhos: Dona Joana, cabocla bonita, o marido Etoe Frederighi; os filhos Maria Onilda, Amerce e Menote.

O senhor Etoe pintava nas tardes de domingo. Costumava fazer arranjos com flores e frutas sobre uma mesa e passava a tarde reproduzindo numa tela. Às vezes, viajava para pintar igrejas em Minas Gerais. Ficava muito bravo com nossas correrias pelo quintal.

TIO AURÉLIO

Tio Aurélio tivera sorte. Trabalhava há algum tempo numa casa funerária no Largo Sete de Setembro no Cambuci, quando foi convidado para ficar sócio da empresa em franco crescimento.

Uma vez minha mãe perguntou-lhe se não tinha medo de passar noites inteiras entre caixões de defunto, e ele respondeu:

- Medo por quê? Não são os defuntos que vêm encomendar seus caixões!

O novo visual de meu tio vinha comprovar sua ascensão nos negócios. Roupas da moda, finas: paletó de “tweed”, ternos imaculados de “Albene”, sapatos caríssimos, solas de três andares, chapéus primorosos.

Comprou móveis novos para a sala: sofá, duas poltronas, escrivaninha, biombo escondendo a cama de casal onde dormiam tia Emirene e Amábile e, por vezes, alguma criança. Mesinha central e o tapete “congole” no meio da sala. De antigo só fora conservado o rádio, num pequeno suporte, e os quadros do coração de Jesus e de Maria.

Tio Aurélio sempre fora, dos irmãos, o mais extrovertido. Uma noite ele contava para tia Amábile como fora o baile de carnaval no municipal.

- A animação dos foliões! Fantasias, uma mais bonita que a outra. O teatro empolga só de se olhar para ele. Dá uma sensação! Uma ilusão de ser artista também!

Reconhecedor do trabalho estafante da tia Amábile - ela cuidava de todo o serviço da casa -, presenteou-a certa vez com um relógio de pulso. Ela ficou maravilhada. Sua única jóia.

COTIDIANO

Achei estranho quando a mãe voltou a comer arroz cru. Água com vinagre de vinho era agora sua única bebida. Estava esquisita. Às vezes, surpreendia-a parada, olhar longe, perdido. Fui percebendo aos poucos a gravidez, que ela tentava manter no mais absoluto segredo. Pudores?

Com um olhar, afastava-nos das conversas reservadas com alguma vizinha. Instintivamente, por conta de sua atual fragilidade, sentia-me com mais responsabilidades. Tomava, assim, outras tarefas sobre mim.

Um dia, quando ela vinha do galinheiro com um frango pendurado pelas pernas, disse-lhe que eu mesma iria matá-lo. Mais estranho achei quando ela concordou de pronto. Firme e segura, comecei por fazer como estava acostumada a vê-la fazer. Frango no chão, seguro pelas asas com um de meus pés, arranco algumas penas de seu pescoço onde iria cortar. Decidida, passo a faca em sua garganta. Vi o sangue quente jorrar sobre o prato, e o frango estrebuchando sob meus pés. Enquanto minhas irmãs festejavam gritando, fraquejei. Nunca mais voltei a matar qualquer animal.

Agora já conseguia tirar água do poço. Dificuldade maior era na hora de pegar o balde cheio e puxá-lo para a beirada. Muitas vezes, para agonia de minha mãe, soltava o balde, já chegando à borda, num descuido. O sarilho soltava-se e lá ia o balde descendo

vertiginosamente, batendo nos lados do poço. Acontecia também nessas ocasiões do sarilho bater nos braços.

Sempre atenta, ela gritava onde quer que estivesse:

-Tá dormindo? Não deixa suas irmãs olharem dentro do poço! Já vou indo...

Sem coragem para lhe perguntar, percebia as mudanças em meu corpo. Coisas acontecendo. Josefina, um pouco mais velha, rindo, me ajudava a desvendar alguns dos mistérios.

AVENTURA

De repente, a vila fora sacudida pelo ronco forte de um avião. “A guerra chegou!!! Ataque inimigo !!!”

Aos poucos pudemos ver melhor. Tratava-se de avião brasileiro: Teco-Teco amarelo com letras pretas. Vôos rasantes. Acrobacias. Chegava-se a ver o piloto.

Dias depois, lá vinha de novo o pequeno avião, fazendo as mesmas acrobacias. Isso se repetiu por várias vezes, até que começou a correr de boca em boca a notícia: a moça loura, linda exuberante, (segredo: ela ainda vive) era perdidamente apaixonada pelo aviador. Como num conto de fadas, a vila inteira na rua, comentando e acompanhando as temerosas acrobacias que o felizardo fazia sobre a casa da amada.

- Dona Helena, dizem até que ele joga bilhetinho na casa dela!, falava Dona Donária, mostrando as gengivas grossas sem dentes.

Vicente vibrando: Um dia ainda vou estar no comando de um avião desse!

Um belo dia, a moça linda desapareceu de sua casa. O avião também parou de passar sobre a vila. Fugiram. Numa tarde quente, quando eu e meu pai voltávamos do médico, a encontramos feliz a não poder mais, de braços com seu garboso aviador, tomando sorvete numa avenida da Mooca.

Meses depois ela retornou . Só, triste. Encerrou-se em sua casa e nunca mais se viu um sorriso naquele seu rosto tão lindo.

DONA NORINA

À medida que eu preparava a panela para cozinhar, com o caderno de geografia sobre a mesa, decorava em voz alta as estações da estrada de ferro S.P.R. (São Paulo Railway).

Caçarola velha de alumínio, furada, exigia um ritual diário. Antes de pô-la ao fogo, era necessário fazer um mingau de farinha de trigo sobre o furo e aquecê-lo até endurecer. Isso pronto, já se podia cozinhar o arroz sem o perigo de vazamento.

Tudo igualzinho ao que minha mãe fazia. Arroz tipo “catetinho” miúdo, o melhor! Feijão “mulatinho”. Fubá grosso para a polenta.

Lembrava-me de que no ano anterior o Alberto e o Nelson Bussolin me chamavam de “Maria Polenteira”. A irmã acabou com aquela história, defendeu-me, chamando-os de “Café Caboclo”.

Luz, Brás, Mooca, Ipiranga, São Caetano, Santo André, Mauá, Ribeirão Pires, Guapituba, Alto da Serra, Piassaguera, Cubatão, Santos.

Dona Norina era exigente. Queria que todas as estações das várias estradas de ferro do nosso estado fossem citadas em ordem rigorosa.

- Pode sentar, Maria ! Nota cem!

Só não ganhei nota cem na Araraquarense. Naquele dia , a Rosina, à procura de emprego, levou-me à avenida D. Pedro, no Ipiranga. Batia na porta das casas ricas, palacetes. Um mais lindo que o outro. As madames nos atendiam no terraço. Lembro-me de uma que vestia um “peignoir” azul celeste. Coisa do céu mesmo!

Naquele dia, sem estudar, tirei zero.

FOTO

Uniformes limpos, sapatos engraxados. Era o que as irmãs nos pediam naquela semana em que tiraríamos fotos das três escolas reunidas em Vila Zelina. Irmã Marcelina mandaria a foto para os Estados Unidos, onde ficava a "casa mãe".

No ano de 42 havíamos tirado a última foto, na festa da irmã Gertrudes. Ester, com vestido azul claro, séria e compenetrada, fez seu pequeno discurso. Fora escolhida para dar à irmã uma “corbeille” de flores e o ramalhete espiritual.

Novamente nos reunimos com os alunos de Vila Zelina. (Em outras ocasiões foi para receber a fita da cruzada eucarística).

Muitos filhos de lituanos. Todos louros, faces rosadas, impecáveis nos uniformes. Sentia que até nos olhavam com certo desdém.

Foi naquele dia da foto que morreu D. José Gaspar Afonseca e Silva, num acidente de avião, no Rio de Janeiro (27- 8- 1943).

MANCHETES

Quando meu pai chegava em casa com o jornal, eu era a primeira a pegá-lo. Procurava logo a página das historinhas em quadrinhos do “Melhoral”. Todo dia havia uma diferente. Minha mãe, preocupada, pedia-lhe que lesse sobre o racionamento. Ouviam-se notícias de que faltaria comida, pois toda a produção de alimentos seria mandada para os soldados aliados.

Naquele noite, no Correio Paulistano, meu pai lia em voz alta:

“Já foi iniciado o racionamento do açúcar.

O racionamento do açúcar, iniciado ontem nesta capital, está sendo executado com pleno êxito. O primeiro período do racionamento vai até o dia 5 do corrente, tendo sido fixada a ração de 1 quilo por pessoa, a qual valerá até o fim desse período.

A propósito, o Serviço de Racionamento da Coordenação da Mobilização Econômica baixou um edital de que constam as seguintes instruções:

‘A aquisição da quota correspondente a cada cartão será feita no estabelecimento do fornecedor onde o consumidor tiver sido registrado (.....)

O fornecedor fica obrigado a lançar nesse registro nº 1 do Cartão de Racionamento:

- a) a quantidade
b) o nome e o endereço do estabelecimento(.....)’ “
(sexta-feira, 02-07-43)

Há tempos havia dificuldade para encontrar não só o açúcar, mas também outros gêneros. E nossa dieta, já tão pouco variada! Tínhamos que adoçar o cafezinho diário com rapadura, mel... Ficava ruim à beça!

Meu pai, de tanto ler, já o fazia com maior desenvoltura. Começava lendo só as manchetes:

“Mussolini fala sobre o desembarque aliado no continente.” E seguia o texto de um longo discurso proferido por Benito Mussolini diante do partido fascista no dia 24 de junho último. E finalizava: “Aos que duvidam, declaramos que esta guerra tem possibilidades de desenvolvimento que não podem ser previstos”.

O pai achou curioso o anúncio do Círculo Operário, no "Correio Paulistano":

“Donativo ao Círculo Operário da Vila Prudente

O Circulo Operário da Vila Prudente acaba de receber da Legião Brasileira de Assistência um auxílio pecuniário de 10.000,00 (dez mil cruzeiros)”.

(sábado, 03 - 07- 43)

Meu pai , acabrunhado, acompanhava as notícias da Itália no Diário de São Paulo:

“Retiram-se da Itália as autoridades Germânicas

Londres, 17 - As autoridades alemãs estão se retirando da Itália, de regresso à Alemanha - diz o correspondente diplomático do ‘Dayly Mail’. Esse êxodo dos alemães inclui também os contingentes da Gestapo, que há muito vinham reforçando a polícia fascista na manutenção da ordem”

(Diário de São Paulo , 3ª feira, 18-05-43 - pág. 1).

Nesses últimos dias, “seu Guerino” saía calado, sem as risadas habituais.

“Aviões da RAF destruíram as duas maiores represas do Reich.

(Manchete do dia 18- 05- 43, terça - feira- pág. 1)

CABRAS EM PERIGO

Minha mãe, aos gritos, no pasto, pedia para que aqueles homens não levassem nossas cabritas. Grande confusão. Homens com laços à mão corriam de cá pra lá, enroscando-se nas cordas. Os animais berravam assustados, e toda a vizinhança, querendo acudir as cabras de D. Helena.

- Mãe, eles pegaram a Catarina! Pegaram a Bitona !, gritava eu angustiada.

Enquanto minha mãe avançava, arrancando a corda das mãos de um, o outro homem já tinha mais uma cabrita segura.

- Pelo amor de Deus, moço! Não leve minhas cabras!, pedia minha mãe

No final da batalha, com a boa vontade dos laçadores, não perdemos nenhuma delas para a “carrocinha”.

Mesmo não gostando de nenhum bicho de chifres (dois de seus irmãos, Aurélio e Ernesto, haviam sido vítimas de chifres de bois - ambos tinham enorme cicatriz perto da boca), minha mãe tinha grande carinho pela enorme e chifruda cabrita branca com seus três cabritinhos, também bem branquinhos. E que ubre!...

- Onde vai parar com tanta cabra? É só trabalho e despesa. Leite que é bom, é “manga de colete...”, dizia meu pai

Para nós, era lindo ver os cabritinhos correndo e pulando felizes, berrando à procura da mãe, e abanando os rabinhos quando abocanhavam suas tetas.

PAI PREOCUPADO

Há dias, meu pai lia nos jornais:

“Mudança de súditos do eixo

A Superintendência de Segurança Política e Social autorizou a mudança de domicílio dos seguintes súditos do eixo:

Afonso Quinto... Amadeo Menghiti... Gino Stefanelli..... Oceania Pfafmann... Sabae e Sashiko Yamada...”

Não convencido do que lia, acabava sempre indo buscar confirmação com meus tios e o avô Henrique. Eles tinham a facilidade do rádio.

- Má, como podem fazer isso!? Autorizou, não; mandou, exigiu. Gente que nem sabe o porquê dessa guerra; só querem viver em paz.

A proibição de falar o italiano e o alemão nas ruas e praças públicas já o deixara preocupado. Nono Henrique falava o Português com muito sotaque. Mas e seus pais, que só falavam o Italiano? O que seria deles?

PERMANENTE

Calor de agosto. Dia do meu aniversário. Resolvi ir à escola com os tamancos novos, de salto, todo vermelho. Como os da tia Amábile.

Naquele dia fui notada por todos. Tamancos a ressoar no assoalho da classe, grossos saltos de madeira. Por coincidência, era também o aniversário da professora. Ela me cumprimentou, e eu, sem saber o que responder, disfarcei, encabulada, rindo com a Ivone e a Francisca.

Aproveitei o dia do aniversário, e pedi à minha mãe para fazer permanente. Meus cabelos eram compridos e volumosos. Na maioria dos dias minha mãe os prendia em duas tranças. Ao menos ficava penteada o dia todo.

- Seu pai vai xingar o resto da vida se eu consentir nisso.

Como eu não desistia, ela, vencida pelo cansaço, cedeu. Dona Ana, em sua hora de almoço, marcou um encontro em um determinado lugar de São Caetano para nos levar ao instituto de beleza. No caminho, lembrava-me dos comentários de colegas de que o cabelo ficava preso por fios elétricos que esquentavam muito. Tarde demais para voltar atrás...

Esqueci-me de dizer que Landinha, sua filha, foi quem meteu essa idéia na minha cabeça. Ela também ia conosco para fazer a tal permanente. Meu Deus! Teria ela uns sete ou oito anos. Ia saltitando e falando o caminho todo, sem se preocupar. Como podia?!

Depois de conversar com a dona do salão - um lugar bem simples -, Dona Ana voltou ao trabalho.

Enquanto enrolava meus cabelos em “bigudins”, (e como puxava!) , a senhora mantinha uma leve conversa. Molhou tudo com um líquido forte e mal cheiroso. Explicava cada passo da operação, para deixar-nos mais calmas.

Terminada a molhação, puxa para junto de nós dois enormes aparelhos com uma grande cúpula, de onde saíam muitos fios compridos. Meu coração aos saltos. “Por que tinha que inventar? Ah, se pudesse fugir dali!”. Na ponta de cada fio havia uma espécie de prendedor. Foi prendendo cada um deles nos “bigudins”. Enquanto farrava minha cabeça com chumaços de algodão, dizia:

- Se tiver algum lugar queimando, fale. Aponte de longe, sem encostar o dedo na cabeça. Estão muito quentes.

Fui sentindo aquele calor aumentar. Que aflição, estar presa naquilo!

De repente, Landinha começa a gritar:

- Me tira daqui! Tá queimando toda minha cabeça! Quero ir embora! Foi um custo acalmá-la.

No caminho de volta, uma olhava para a outra. Estávamos diferentes.

Ao chegar em casa, minha mãe me olha intrigada. O cheiro era horrível.

Os dias que se seguiram não foram fáceis. Não podendo desembaraçar os cabelos, enchia-os de “Óleo Dirce”. Não podia pedir ajuda a minha mãe, porque além das broncas, ela não entendia nada de permanentes.

Meu pai, ao ver o tamanho do desastre, ficou um mês zangado com ela. Que saudades do meu cabelo liso!

Mesmo sentindo-me feia, não deixei de sair à rua para brincar. Foi numa noite dessas que me lembro de Vicente a apanhar vaga-lumes. Certa hora, aproximou-se de mim e, esfregando um deles no meu peito, fez a letra V. Olhei para aquela letra V brilhando em meu peito sem entender. No peito de Vicente, brilhava a letra M.

Emoções confusas. Coração alegre e perturbado ao mesmo tempo.

ITÁLIA CAPITULA

Começo de setembro. Meu pai chegou com o jornal.

- A Itália se rendeu, acabou . Mussolini está preso. Que vergonha!

Não teve paciência de esperar o amigo. Tenso, jantou rápido, e começou a ler as notícias para minha mãe.

- E agora, Milho, o que vai acontecer?

- Agora? Agora acabou! Acabou!, falava agitado

Ele não se conformava. Não acreditava no que lia sobre a rendição incondicional da Itália.

- Hoje fui almoçar com meu pai. Ele chorava como criança com a notícia. Rendição vergonhosa! Agora a Itália é terra de ninguém. Ou melhor, terra de todo mundo!

CASAMENTO DO TIO AURÉLIO

Foi em meados de 43 que o tio Aurélio se casou com a tia Janete, moça muito bonita. No dia do casamento, lembro-me de como estava enfeitada a casa da *nona*: uma grande mesa ao centro da sala com muitas flores. Toalha alvíssima. Muitos doces. Tio Aurélio, durante a festa, fez um belo discurso: "...minha esposa e eu..." Minha mãe, com vergonha da barriga de grávida, escondeu-se grande parte da recepção na cozinha.

Tia Amábile, num vestido de seda de grandes flores coloridas, conforme se usava. No peito, um broche com os dizeres: "Está terra já tem dono". Ela era só felicidade. Walter, seu namorado, entrara em casa pela primeira vez. Aproveitou a oportunidade para conhecer os futuros sogros e pedi-la em namoro.

NASCE TONINHO

Quando cheguei da escola, dona Helena em casa, conversando com minha mãe. Percebi algo diferente no ar. Minha mãe, como sempre muda, e eu fingindo que nada acontecia.

Mais tarde, Dona Helena nos levou para dormir em sua casa.

No dia seguinte, ao acordar, fui encontrá-la na cozinha. Assim que me viu, disse rindo:

- Maria, "seu" mãe ganhou "uma" menino! "Sua" pai está tão contente! Queria "uma" menino homem!

Fomos rápido para casa. Lá encontramos tia Itália (fora a parteira). Ela nos disse que podíamos ver o nenê. Para mim o nenê mais parecia uma trouxinha de roupa, só com a carinha de fora. Na cabeça, uma touca de lã verde cana, presente da tia.

Nunca vi meu pai mais alegre e entusiasmado. Ficava perto do nenê, e não deixava ninguém encostar a mão. Meu irmão nasceu no dia 17-09-43. Seu nome seria Antônio, em homenagem ao santo.

FIM DE ANO

Final de ano. Exames. Festa na escola.

Com a vinda do bebê, nossa rotina mudara. Eu estava mais ocupada. Pouca brincadeira na rua.

As irmãs prepararam uma apresentação muito bonita. Além de poesias declamadas, eu participaria de uma dança. Vestidos de papel crepom, feitos pelas irmãs, representavam as várias estações do ano. Eu iria para o quarto ano. Passei de ano (primeiro lugar da classe), porém continuava com dificuldades em matemática.

1944

O que minha mãe mais temia aconteceu. Depois de alguns dias seu leite secou, como ocorrera no nascimento da Elisa. Não sei se a conselho de sua mãe, tomou uma resolução que acabou dando certo: separar uma das cabritas, no caso a Bitona. Nas horas das mamadas, tirava o leite, ainda quente, e dava para o bebê. Assim, aquela cabra mansa e dócil acabou se

tornando ama de leite de meu irmãozinho. Por conta dessa incumbência, era tratada com muito carinho.

Aquela trouxinha se transformara, com o passar do tempo, num rechonchudo, sorridente e feliz bebê, amado por todas nós, e disputado por mim e pela Ozaide para carregá-lo no colo assim que acordasse. Entre as meninas, nossas amigas, não deixávamos que ninguém tocasse nele – puro ciúme.

Tão absorto e feliz, meu pai já não se preocupava com a guerra ou com leituras do jornal. Todo seu tempo disponível era para o menino.

Lembro dele no terraço com Toninho ao colo, cantando e dançando. Dentre as cantigas, uma:

“Chuva vai, chuva vem
Chuva miúda não mata ninguém.”

Um dia, minha mãe na máquina e a Ozaide sentada numa cadeira próxima, com o Toninho no colo, vestido somente com uma camisetinha. Fazia graças para vê-lo rir. Em dado momento, levanta o menino, gesto e palavras de carinho, e senta-o sobre seu rosto. Um berro. Atraída pelo alvoroço, corro para a saleta e, admirada, vejo minha irmã com o rosto todo amarelado coberto de cocô.

O menino, assustado, já estava no colo de minha mãe, que se contorcia de tanto rir. Ozaide xingava e cuspiam agoniada. Será que ela acreditava no que dizia minha mãe sempre ao limpar o bumbum do nenê: “Bunda dos meus filhos, não é bunda, é uma rosa.” Talvez por ter acreditado nisso se deu mal daquela vez.

MORTE DO NONO

Nona Pina, cansada das bebedeiras do *nono*, viera passar uns dias conosco. Esperta, dava conta de todas as tarefas, livrando-nos do serviço doméstico. Ajudava a levar os cabritos para o pasto; varria o quintal; cuidava do fogo. Enfim, onde estivesse alguém fazendo alguma coisa, lá estava ela por perto, auxiliando no que precisasse.

Naquele dia, 6 de janeiro, estávamos almoçando, quando, estranhamente, meu pai chegou num carro de aluguel (táxi). Agitado, dizia para que nos apressássemos. Iríamos para a casa da nona, pois o *nono* ficara gravemente doente.

Logo nos acomodamos no carro e saímos para a Vila Prudente. Durante o trajeto, meu pai se mantinha calado, rosto afogueado.

Nas imediações de Vila Zelina, antes da igreja, o som de uma música vinda de um rádio de uma das casas atingiu-me a alma. Sensação de profunda tristeza, como um presságio.

Quando chegamos, a casa estava cheia de gente. Meu avô, o *nono* Natal havia morrido. O corpo tinha seguido para o I.M.L.

Tia Itália, que morava com ele na época, contou o que ocorrera: morreu afogado. Foi encontrado de bruços, com a cabeça dentro da água do poço raso que ele mesmo cavara para regar suas plantas. Estava com um maço de cebolinhas em uma das mãos.

- Colhia verdura para levar para vocês. Disse que depois do almoço iria para casa do “Milho”, e que voltaria à noitinha com a *nona*.

Tia Itália nos contava isso enquanto enxugava as lágrimas com a ponta do avental.

Ah! avô Natal! Caprichoso com a terra. Cercara o terreno vazio pegado, onde cultivava uma grande horta. Além das verduras que distribuía para os parentes e vizinhos, cultivava

também suas amadas flores: palmas, cravos, dalias. Era com tanto orgulho que ele nos mostrava tudo aquilo...

Uma sensação estranha ficou em mim por um tempo. Pela primeira vez tomara contato com a morte de um ente querido.

A avó passou a morar conosco desde então.

VOLTA À ESCOLA

Adoçado com mel ou rapadura, o café da manhã deixou de ser uma hora gostosa de brincadeiras e conversas com a mãe. Difícil conseguir um mero quilo de açúcar.

Logo depois, íamos para nossas tarefas diárias que, com a presença da *nona*, tornaram-se mais leves.

A Ozaide passou para o terceiro ano e iria estudar na escola de Vila Bela comigo. A distância era maior, era com sacrifício que acompanhava a freira e demais crianças. Quando se cansava, eu e ela ficávamos para trás.

Começo de ano. Emoções novas.

O quarto ano ficou na sala da frente. Nossa professora, Dona Dirce Rossi. Grande expectativa com a chegada de material escolar. Com que avidez eu folheava o livro de leitura, “Sei ler”... Não via a hora de desvendar todos os mistérios dos livros de história e geografia: rotação, translação, paralelos, meridianos, mapa mundi.

Acrescentado a tudo isso, ainda começaríamos a escrever a tinta. Melhor pena para escrever: a “Mosquito”.

Naquele ano ficamos reduzidas a três meninas: Ivone, Josefina e eu. Os meninos em maior número. Dos novos havia o encapetado do Tomás, e o Eugênio a se sobressair pela beleza e inteligência. Ele usava camisas de seda, uniforme impecável, contrastando com as nossas, de tecidos baratos, e muitas ainda feitas com pano de sacos de farinha e de farelo. Faces rosadas, cabelos sempre bem penteados. Como podia manter aquela aparência tão limpa e fresca, se seu pai era carvoeiro? Moravam nos fundos do depósito de carvão, próximos à Vila Zelina.

Eugênio, sempre orgulhoso e distante, sempre de cara amarrada, não dava confiança para ninguém, principalmente para as meninas. Bom em matemática, eu perderei o primeiro lugar para ele. Certo dia, Alexandre, menino que vivia criando caso, não sei se a propósito, consegui sujar a camisa de Eugênio de tinta.

Desde o terceiro ano eu já não contava com a ajuda do meu pai na matemática. Ele só aprendera as quatro operações. Que pena!

TIA EMIRENE SE CASA NOVAMENTE

Muita preocupação e incerteza. Minha avó desabafava com minha mãe sobre o recente namoro da tia Emirene. Namoro meio arranjado pelo Sr. José Robatini. O namorado era um senhor bem mais velho, engenheiro, viúvo, e que trabalhava na “Fundição do Bugre”.

- Toda noite - dizia a *nona* Maria -, ela pega o crochê, depois da janta, e sai rápido para a casa de D. Lúcia. Diz que vai lá para se distrair um pouco. Mentira tem pernas curtas... Não preciso sair daqui de dentro, as notícias chegam rápidas.

Minha tia Mirene, prendada na arte do crochê, fazia enormes e pesados “estores” para janelas. Essas encomendas ajudavam nas despesas da casa.

O namoro deu mesmo em casamento.

Num sábado de fevereiro, 19 -02-44, a casa da *nona* estava novamente limpa e reluzente pelas mãos da tia Amábile. Flores, toalhas bonitas e muitos parentes. Com muito custo a *nona* nos mantinha longe da mesa de doces.

Depois da cerimônia na igreja e no civil, ao subir os dois degraus para o terraço de entrada, a noiva abaixa-se para abraçar as filhas, Odete e Edite e, emocionada, diz: “Agora ele é o papai de vocês!”

Minha tia estava sempre bem arrumada. Para aquele dia ela havia feito um vestido muito elegante de seda pesada, cor cinza-azulado. Ombros, decote e mangas bordados com delicadas miçangas do mesmo tom.

As meninas, vestidos novos, tecido de fustão branco com “pois” azuis. Como era moda, grandes laços de fita nos cabelos.

O nome do noivo era Francisco. Também tinha duas filhas moças: Adelaide e Francisca. Esta última se tornou uma grande amiga da Amábile. Adelaide logo depois se casa também.

A nova família foi morar em Vila Formosa, onde já morava o tio. Casa bonita, parecia uma chácara. Belos jardins. Muito verde. Pomar. Tudo bem arrumado.

O tio falava de maneira estranha. De origem austríaca, comunicava-se com enorme dificuldade. Pelos padrões da época, a tia se casara com um homem muito rico. Um partidão!

Todo final de semana, vinham visitar a *nona* com o carro que o tio possuía. Era um carro a gasogênio. Lá deixavam as meninas para irem ao cinema e jantar fora. Francisca sempre os acompanhava; às vezes convidavam a Amábile.

Homem bom. Foi um verdadeiro pai para minhas primas.

COTIDIANO

Toda manhã, Nardo e algumas crianças se postavam na esquina do nosso terreno, aguardando o carro de entrega do pão de uma padaria da Quinta da Paineira. O carro dirigia-se à venda do Való.

Ao avistá-lo no topo do morro, gritavam em alegre algazarra o nome de seu motorista: “Bru-no! Bru-no! Bru-no-o-o!” Isso durava até o carro sumir na baixada. Pelo sorriso do motorista, parecia que gostava daquele ritual.

Era o único carro a trafegar por aquelas ruas de terra mal conservadas. Nem tínhamos consciência da existência de uma prefeitura, com as devidas obrigações para com os contribuintes. Só sabíamos dos deveres para com ela: pagar os impostos.

O russo, com seu carroção, onde carregava barricas de especiarias em conserva. Parava na esquina, e depressa era rodeado pelas donas de casa, em especial russas e lituanas. Entre bom papo e risadas, ia vendendo suas mercadorias: pepino azedo, conserva de repolho, as mais procuradas entre outras tantas. Eram apreciadas até por nós. Menos por meu pai.

- O que esse candango vem vender? Se ao menos prestasse para comer.

Outro era o padeiro de uma padaria da Av. Zelina. Carroça menor, fechada. Além do pão em filões, trazia pãezinhos doces apetitosos. Algumas vezes, por muita insistência nossa, a mãe saía do sério e comprava um para cada um de nós.

Naquele dia, ele mexia comigo:

- Maria, não tem namoradinho?

- Não, ela quer ser freira.

- Oh, Dona Helena, mocinha tem que ser alegre, dançar, namorar. Não ficar carregando aquele saco preto nas costas...

Não estava gostando do rumo da conversa. Era um segredo meu.

VISITA DA TIA AMÁBILE

Domingo à tarde, ia chegando a criançada para as brincadeiras, sempre na frente de nossa casa.

“Nesta rua, nesta rua tem um bosque
Que se chama, que se chama solidão
Dentro dele, dentro dele mora um anjo
Que roubou que roubou meu coração

Se eu roubei, se eu roubei seu coração
Tu roubaste, tu roubaste o meu também
Se eu roubei, se eu roubei seu coração
É porque, é porque te quero bem.”

Essas cantigas misturavam-se com as de meu pai. Cantigas que ele cantava no terraço, para fazer adormecer o Toninho.

“Lá vem vindo o meu trolinho
Vem rodando de mansinho
Pela estrada além
Vem trazendo meu amorzinho
Vem com todo seu carinho
Que eu não troco por ninguém
Upa1 Upa1 Upa! Cavalinho alazão!
Ei! Ei! Ei! Não faz assim comigo não!”

Toninho, agora com nove meses, estava uma gracinha. Era amado por todos nós. Já querendo ficar em pé e falar. Uma delícia chegar da escola e poder pegá-lo e acariciá-lo. Muitas vezes, íamos acordá-lo no berço. Meu pai, sempre carinhoso com os filhos, com o Toninho chegava ao exagero.

No entusiasmo de uma das brincadeiras, nem percebi a aproximação da tia Amábile; era muito raro ela nos visitar. Vinha de braço dado com o Valter e uma amiga. Apresentou-nos a amiga, enquanto o Valter, com sua simpatia, brincava com todos da casa. Eu já o considerava como um tio. Senti o inconfundível perfume do “Leite de Colônia” quando a tia se abaixou para me beijar. Esse odor me lembrava a tia Mirene, usuária assídua do produto. Eu ficava observando como elas faziam: primeiro o leite de colônia era passado sobre o rosto e colo. Em seguida, com uma esponja de veludo, o pó de arroz “Lady”, que vinha numa caixinha redonda azul. Finalizavam com um pouco de baton. A ‘vó Maria sempre achava que exageravam.

Na hora do café, minha mãe foi para cozinha, e a Amábile a acompanhou. Enquanto a mãe fazia os bolinhos de chuva, a tia contava as novidades. A certa altura, mostra, orgulhosa, o lindo anel de ouro com pedra vermelha brilhante que trazia no dedo anular. Ficara noiva no último sábado; era costume o noivo presentear a noiva com um anel de rubi no ato do noivado.

Eu gostava demais da tia Amábile. Só depois que ela se foi demos início às brincadeiras. Já escurecendo, vimos Vicente e Vado chegando dos lados de São Caetano. Vado, sempre desleixado, cabelos revoltos, fazendo um triste contraste com Vicente, sempre impecavelmente arrumado. Com a chegada dos dois as brincadeiras animaram-se ainda mais. Numa das vezes em que corri para o fundo do quintal para me esconder, Vicente me seguiu. Ele, que não tinha a menor intenção de participar do esconde-esconde, ficou me contando coisas do filme que assistira na *matinée*.

E foi ali, perto do tanque, que ele se achegando cada vez mais perto de mim, tirando um vidrinho do bolso do paletó, me oferece como presente. Segurando o vidrinho, permaneço muda, sem saber o que fazer ou responder. Apresso-me a sair daquela intimidade, mesmo que relutante, pois aquilo era tudo para mim. As vozes das meninas gritando iam ficando cada vez mais distantes: “Acusada a Laura atrás do poço... Acusada a Cidinha no canto do jardim... Acusado...”

Mais tarde, no quarto, junto ao lampião, examino o objeto com cuidado, e percebo que era o mesmo perfume que ele estava usando. Violeta. Forte, enjoativo.

Meu pai, que me observava, exclamou, mexendo comigo:

- É, parece que você tá “alumiando” esse Vicente, hein!...

No dia seguinte, depois da aula, tomo banho, penteio o cabelo olhando-me no espelho, e saio para o portão, esperando por um novo acontecimento que nem eu mesma sabia o que seria.

FAMÍLIA CABRAL

Meu pai os reencontrou morando na Vila Alpina. Felício, o filho mais velho, recém liberto da Penitenciária onde cumprira pena pelo assassinato da Helena, estava em liberdade condicional por bom comportamento. “Não parecia nem de longe o rapaz alegre, bem apessoado que fora”, diziam meus pais. Taciturno, passava os dias sentado num sofá, olhando o teto.

Não fora só a Helena a perder a vida...

Família numerosa. Havia filhos de todas as idades. Os maiores, já trabalhando. Como eram lindas as duas moças: Jacinta e a mais nova, não me recordo do seu nome. Entre eles, Jacinto, um dos mais velhos, por quem Rosina havia nutrido uma paixão secreta.

Dona Carolina, a mãe, preferia vender bananas na rua a ficar em casa, aturando o marido ranzinza, aposentado.

-Ah, dona Helena, ele fica a “amolaire” as panelas o dia inteiro, dizia rindo com sotaque carregado, pondo à mostra seus dentes com várias incrustações de ouro.

Vestia-se ainda à moda de sua aldeia em Portugal. Saias pretas sobrepostas até quase o chão. Lenço amarrado na cabeça. Eu não tirava os olhos de suas mãos. Unhas roídas até fazer sangue. Dedos cabeçudos, esquisitos. Ela gostava muito de minha mãe. Quando sobravam bananas, passava em casa à tarde e dava-as para ela fazer bananada. Isso no tempo em que havia açúcar.

DESPEDIDA

Na salinha, minha mãe costurava. Eu tentava decorar a poesia para a festa da irmã Júlia, na escola de Vila Zelina. Não conseguia avançar. Pensamentos se embrulhando em minha cabeça. Há dias, a família de Vicente mudara-se para São Caetano. Parece que de repente tudo ficou descolorido, até o sol. Procuo me concentrar na poesia e recomeço:

O credo - Olavo Bilac

Crê no dever e na virtude;
É um combate insano e rude
A vida, em que tu vais entrar.
Mas, sendo bom com esse escudo,
Serás feliz, vencerás tudo:
Quem nasce vem para lutar.

E crê na pátria! Inda que a vejas
Presa de idéias malfazejas,
Em qualquer época infeliz.
Não a abandones! Porque a glória
Inda hás de ver numa vitória
Mudar cada cicatriz.

E crê no bem! Inda que um dia,
No desespero e na agonia,
Mais desgraçado que ninguém,
Te vejas pobre e injuriado,
De toda gente desprezado,
Perdoa o mal! E crê no bem!

E crê no amor! Se pode a guerra
Cobrir de sangue toda a terra,
Levando tudo à assolação,
Mais pode, límpida e sublime,
Caindo sobre um grande crime
Uma palavra de perdão!

Dias depois, numa tarde, chamam-me a atenção vozes vindas da rua. Era a voz de Vicente, não tinha dúvida. Com o Toninho ao colo, chego perto do portão. Ele jogava bola com o Vado. Ao me ver, fica tímido, não respondendo nem às provocações do primo:

- É, ele falou que vai falar com seu pai, Maria!

Calados, só nos olhávamos furtivamente. E tantas coisas havia para dizer...

Foi a última vez que vi Vicente.

Ah! Como são volúveis os homens, esquecem-se tão depressa...

COTIDIANO

Meu pai ultimamente voltava nervoso do serviço. Nervoso com o encarregado e com a tabela, que era baixa. Trabalho a contrato, cada serviço com seu preço estipulado. Para isso havia a tabela.

Nossos vizinhos agora eram Dona Rosa, russa, seu marido espanhol e seus três filhos: Joãozinho, Pedrinho e a caçula, Rosinha. Gente boa. Como trabalhava fora, somente aos domingos ela vinha à nossa casa conversar um pouco com minha mãe.

Irmã Carolina começou a nos ensinar inglês depois das aulas. Primeiras palavras: *apple, book, one, two*.

Minha mãe me ensinava um pouco de costura, e eu cheguei a fazer dois macacõezinhos para o Toninho. Mas era tempo de balões. Eu gostava deles, e pensei num jeito de fazê-los mais rápido. Costurava-os na máquina; eram de jornal. Evitava, assim, fazer a tão demorada cola de farinha de trigo no fogão. Botava fogo neles no terracinho e corria para baixo a fim de pegar o que sobrasse da fogueira. Subir mesmo, eles não subiam.

A matemática judiava de mim. Um dia Irmã Carolina usou de todos os meios imagináveis para nos explicar a maneira de achar metros cúbicos. Com um cubo, nos mostrava a largura, a altura e o comprimento. Achei ter entendido. Comprei caderno novo, caprichei na capa. Fiz margem, desenhei e pintei flores. Copiei o problema, “solucionei-o” ... *somando* a altura, a largura e o comprimento: $4+4+4=12$ metros cúbicos...

No dia seguinte, quando a irmã passou de carteira em carteira verificando nosso progresso, diante de sua reação ao ver meu caderno, confesso que temi pela sua saúde.

Naquela noite, meu pai chegou com o jornal, e comentava sobre a ida do primeiro esquadrão de expedicionários que deveriam lutar ao lado dos aliados na Europa. Transcrevo aqui trechos do livro de Joel Silveira:

“... A primeira citação é do Gal. F. Paula Cidade. Diz ele: ‘Os apelos das autoridades militares, chamando para as fileiras da tropa expedicionária a todos os homens aptos, ficaram sem eco entre as elites mais expressivas. Assim, a força expedicionária brasileira teve de ser organizada com a juventude pobre do Brasil.’ A outra citação é do Gal. Mascarenhas de Moraes que comandou a FEB desde a sua formação até o seu retorno ao Brasil, finda a guerra: ‘Antes da segunda guerra mundial, o exército brasileiro adquiria a totalidade do seu aparelhamento bélico na Europa, o que significava afirmar que não havia, entre os reservistas convocados e os soldados aproveitados na FEB, elementos que houvessem visto, pelo menos, o material que iriam utilizar’.”

Assim, as notícias da ida do primeiro escalão, a dois de julho de 1944, foram acompanhadas por meus pais com profundo interesse e preocupação.

NOVA MUDANÇA

Nossa casa foi vendida para os tios da Ester. Iríamos morar agora na Vila Zelina ou, quem sabe, na Vila Prudente. Meus pais, preocupados, ocupavam-se em encontrar uma casa à venda com preço dentro de nossas possibilidades. Depois de muita procura, um dia nos deram a feliz notícia: acharam uma, perto da *nona*, na Quinta da Paineira. Nunca vi minha mãe tão bem humorada.

A notícia de que iríamos nos mudar logo se espalhou. Os vizinhos, nossos amigos sentiram.

Chegando o dia, logo cedo, as camas começaram a ser desmontadas. Outros móveis, já empilhados do lado de fora da casa, encostados às paredes. Nossas roupas, amarradas em lençóis, tornando-se grandes trouxas. Colchões, com marcas amareladas de nossas mijadas, ingenuamente expostos.

Aos poucos, nossa casa foi ficando vazia. Tristemente vazia. Coração aos pulos, quando o caminhão chegou. Ajudantes pegaram nossas coisas, apressados e indiferentes. A Naura, aproximando-se, leu vagarosamente “Armazéns Gerais L. Figueiredo S/A” nas laterais da carroceria. Perguntou-me o que queria dizer S/A Não sabia e não estava disposta a entender naquele momento tais detalhes.

Feliz por saber que iríamos para um bairro melhor. Teríamos rádio, luz elétrica e, principalmente, ficaríamos perto da tia Amábile. Teríamos oportunidade de passear. Ao mesmo tempo, coração apertado porque sabia que a vila e os amigos ficariam para trás.

Deixava a vila e os dias felizes de minha infância. A vila onde não havia luz elétrica, mas que se iluminava nas noites de luar. Um céu imenso, pontilhado de estrelas. Dezenas de vagalumes riscando a escuridão com suas luzinhas.

Tínhamos a imensidão daqueles campos recobertos de flores e frutos. Pássaros, borboletas coloridas...

Lembranças, quantas lembranças
Dos tempos que já lá vão
Minha vida de criança
Minha bolha de sabão

Infância que sorte cega
Que ventania cruel
A enxurrada que carrega
Meu barquinho de papel

Vai para o céu a fumaça
Fica na terra o carvão
Mas sempre sem que te iludas
Cantando no mesmo tom
Só tu, coração, não mudas
Porque és puro e és bom.

Caminhão aberto. Tudo amarrado. Ia sempre um ajudante para assegurar-se de que nada ficaria pelo caminho. Eu ficaria para a segunda viagem. Sobrara ainda muita tranqueira para levar.

Contrariando meu pai, minha mãe não se desfez das cabras. Só a Bitona não nos acompanhou. Morrera uns dias antes. Amada como era, lhe demos um enterro digno. Quando minha mãe nos ajudou a colocar seu corpo inerte sobre a carriola, - fora enterrada na descida do morro - seus olhos abertos pareciam ainda nos fitar. A mãe chorou. Eu chorei..

E assim lá iam meus pais retornando à Vila Prudente. Agora não mais como inquilinos, e sim proprietários. Fruto de trabalho, raça e coragem. Era o dia 12-08-44.

NOVOS DESAFIOS

Casa nova. Para mim, agradáveis sensações. Uma varanda na frente, dando entrada para a sala. Tinha só dois cômodos: um quarto e uma sala, que servia de cozinha também. Em baixo do quarto havia um porão, onde ficava o vaso sanitário. A porta desse porão dava para a rua, e era ali que meus pais guardavam “tudo o que um dia poderiam precisar”.

- Logo, logo a gente vai aumentar a casa. Vamos fazer um quarto para vocês. E uma cozinha, se Deus quiser..., dizia minha mãe, cheia de entusiasmo, nunca achando dificuldade em nada. Vivia nas nuvens. Ainda mais agora, tão perto da mãe.

Da varanda descia uma escada de uns dez degraus, se abrindo, acompanhada de uma muretinha baixa, que terminava com pequenos pilares de ambos os lados, sustentando uma floreira.

Uma trepadeira, lançando fios em quantidade, como uma cortina, circundava a parte lateral da varanda

Porta com janelinha de vidro. Uma lindeza! Rua Vinte, nº 54. Última rua, com apenas três casas, terminando já encostada num enorme barranco que descia para a várzea do rio Tamandateí. Além do rio ficava a estrada de ferro S.P.R., ladeada pelos armazéns gerais onde meu pai prestava serviços (ali as empresas estocavam café, algodão e outras mercadorias).

Só tínhamos um bico de luz, ficava na porta, entre o quarto e a sala, cedido pelo vizinho, “seu” Guido. O sonho de meu pai de ter um rádio abortara. O último poste na esquina da praça só cobria a distância até a primeira casa da rua.

Segundo quem nos vendera a casa, seria apenas fazer um requerimento para a “Light” e tudo se arranjaría.

O poço também, contrariando a afirmação de Dona Vicentina, a antiga proprietária, tinha muito pouca água. Assim, logo começou a peregrinação de minha mãe de vizinho em vizinho pedindo um balde de água.

Nossa cama foi armada na sala, que passou a ser também dormitório. Perdemos nosso fogão a lenha. Voltamos a cozinhar naquele infame fogareiro a carvão. Usávamos a espiriteira para coisas mais rápidas: café, ferver leite...

- “Milho”, quanto será que custa para afundar esse poço? Quem sabe com mais uns cinco metros ele aumenta a água. Não agüento esmolar água por aí...

E para isso guardava cada tostão. Economizava o que podia. Para fazer render o carvão, aprendera a fazer bolas com o resíduo que ficava no fundo do saco. Com esse resíduo, misturado com terra e água, faziam-se bolotas, deixando-as secarem ao sol. Todas nós participávamos desse trabalho. “Nona” Pina era incansável nisso. O quintal ficava forrado de carreiras de bolotas.

Outro tormento era descer o barranco com as cabritas. Só lá embaixo havia pasto para elas. Por isso minha mãe, a contragosto, se livrou delas, vendendo-as. O Toninho já tomava leite de venda.

Com tantas novidades em nossas vidas, meu aniversário daquele ano foi totalmente ignorado por todos. Só eu me lembrei.

Não conhecíamos ninguém, a não ser nossa vizinha, Dona Amélia e seus três filhos. Solidão de amigos. Relacionamento quase hostil, com as pessoas todas preocupadas com a escassez de água em seus próprios poços...

Nossa distração era contar os vagões de trens de carga com destino a Santos, ou ficar observando a prensa dos “Armazéns Gerais Colúmbia”, naquele barulho ritmado, soltando fumaça branca por cima do telhado, como se respirasse. Como nas histórias de dragão.

A escola ficara bem mais distante. Difícil naquele calorão do meio-dia. Tornara-se um suplício para a Ozaide. Irmã Carolina reservou-nos vaga na escola de Vila Zelina. Eu, com medo da irmã Marcelina - sua fama de brava corria entre as crianças - não aceitei. Além do que, eu tinha orgulho de ser da primeira turma diplomada de Vila Alpina e Vila Bela.

A *nona*, irrequieta, cheia de vida para sua idade, pajeava o Toninho o dia todo. Ela o distraía, passeando pelas capoeiras dos terrenos baldios em frente à nossa casa.

A nossa vizinha da direita – a dona da luz -, Dona Amélia, tinha três filhos: Cláudio, uns nove anos, Ermelindo, seis e Eunice, talvez um ano e meio. Não saíam da nossa casa. Mexiam em tudo. Isso irritava minha mãe. Não havia cerca entre as casas, acesso livre.

- Ah.... “Milho”, Não vejo a hora de fazer esse muro...

- Dona Helena, tenho até vergonha. Meus filhos não saem da sua casa. Até a Nice, ela gosta tanto de suas meninas..., desculpava-se dona Amélia.

- É... ela fala assim, mas bem que gosta de ficar sossegada fazendo seu serviço, enquanto eu...

Dona Amélia ouvia o rádio na cozinha. Como era sem forro, o som se propagava, dando-nos a oportunidade de ouvi-lo claramente.

Começamos a perceber os diferentes programas da noite: “A hora do Brasil”, “O crime não compensa. Mas do que meus pais gostavam mesmo era do programa de música sertaneja de Torres, Florêncio e Rielli, das alpargatas Roda (as que meu pai usava). Ele até assobiava, acompanhando o trio. Seria na Rádio Record?

Aos sábados à tarde havia o famoso programa de calouros "Peneira Rodine"- bons calouros. Aos domingos pela manhã, "Clube Papai Noel", comandado pelo Homero Silva, onde crianças se apresentavam cantando (entre elas Enéas Fontana e ? Gonçalves

Do lado esquerdo, uma família de negros. Dona América, Seu Manoel e seus filhos: Joaquim e Ciro. Moços bonitos. Saíam cedo para o trabalho, bem arrumados e perfumados.

MÃOS À OBRA

Começou o trabalho no poço. Seu Tibúrcio, o poceiro, um preto de poucas falas, trabalhava dentro dele até o almoço, enquanto seu ajudante puxava baldes e baldes de terra para cima, sem cessar. Depois do almoço revezavam. Era preciso muito cuidado, dizia ele, pois o poço não fora entijolado, e corria o risco de desbarrancar.

Na maior aflição, minha mãe vivia examinando a terra retirada. E balde sobe, balde desce... Balde sobe, balde desce, e nada da terra mudar...

- Meu Deus! A terra não muda nunca. Continua saindo esse taguá grudento. Nossa Senhora da Aparecida há de ajudar que logo logo eles vão encontrar um bom veio.

Para que isso acontecesse, tiveram que afundá-lo mais doze metros. Assim, um dia a terra mudou. Acharam areia, era sinal de fatura de água. Media então 32 metros! Agora tínhamos água em abundância.

Tempos depois, começou o tão esperado aumento da casa de “seu” Emílio. O pedreiro era conhecido de meu pai, e fez um quarto e um corredor lateral, dando para a cozinha. Tínhamos um quarto para nós, agora. Como a do de meus pais, a porta do nosso dava para a sala.

A ‘vó Pina dormia conosco. Toninho, no berço, ao lado da mãe.

O acabamento foi feito por nosso vizinho "seu" Guido: barra lisa nas paredes da cozinha e corredor, com a pintura imitando mármore.

- “seu” Emílio, esse acabamento só é feito em casa de gente rica! É coisa fina!!!

Sacrifício e determinação marcaram o término dessa etapa de nossa casa. Meu pai não perdia serão para aumentar o minguado salário. Agora já começava a tirar terra do barranco do fundo do terreno. Com as sobras de material, aproveitou para construir um banheiro, cujo telhado avançava cobrindo o tanque e o poço.

Nem bem acabado, minha mãe construiu o seu fogão a lenha, como tanto desejava, perto do poço, encostado à parede do banheiro.

- Agora tenho tudo no jeito. Poço com água, tudo coberto, chão cimentado... - minha mãe vibrava de alegria.

A bicicleta, de meu pai fora vendida. Com aquele enorme barranco para subir e descer, seu uso tornara-se inviável.

FINAL DE ANO

Logo estaria diplomada. Sentia-me mais adulta diante dessa perspectiva. Notas disputadas entre eu e o Eugênio. Ele sempre levando a melhor.

Naquele ano a irmã vacinou-nos contra a varíola. Febre, mal estar...

Poucas vezes a freira se referia à guerra. E nessas poucas vezes, era sempre para ressaltar a bravura dos soldados da América. Nessas ocasiões, me sentia mal, assim como a nova aluna do terceiro ano, filha de japoneses (sua família teve que deixar Santos, onde moravam, em 24 horas).

- Para cada membro de família americana morto em combate, colocava-se uma estrela na janela das casas...

As irmãs desdobravam-se naquele semestre preparando-nos para os exames finais. Ostentávamos fitas verde e amarela presas à blusa.

- Só para os que têm condições de fazer o exame.

Pois é... Seria o terrível inspetor a fiscalizar o exame. Faríamos junto com o quarto ano da Escola S. José, em Vila Zelina.

No dia, fui uma das primeiras a chegar. Escola ainda fechada. A turma de Vila Bela foi chegando. Apreensivas, comentávamos a respeito. Indiferentes, os meninos brincavam, correndo e gritando. As alunas de Vila Zelina nos olhavam com superioridade. Não se enturmavam.

Ufa! Que alívio no final! Senti até uma atmosfera de desvelo das professoras de Vila Zelina para conosco.

Terminado o exame, irmã Marcelina nos falou sobre o curso Comercial: inglês, taquigrafia, contabilidade e máquina de escrever para quem pretendesse trabalhar em escritório.

As notas só vieram dias depois. Tirei o primeiro lugar. Vencer o Eugênio foi minha maior satisfação. Uma correntinha com medalha de prata foi o troféu conquistado. Fui escolhida para fazer o discurso de despedida. Como presente, ganhamos também um passeio ao Museu do Ipiranga. Nossa professora, Dirce Rossi, nos acompanhou.

- Está triste, Maria? O sapato novo está machucando seu pé?

Sapato salto “Anabela”, de verniz preto. Fora batalhado arduamente. O primeiro salto alto.

A fotografia de formatura foi tirada na Rua São Caetano, “Photo Bernardo.”

FESTA DA FORMATURA

Seria em dois horários, no sábado. Pela programação, eu seria a primeira a discursar, e preocupava-me para não engasgar no discurso.. Falaria em nome dos alunos da Escola São Francisco de Assis. Quando me anunciaram, subi rápido os degraus para o palco. Falando nervosa, esquecendo as entonações

exaustivamente ensaiadas, disfarçadamente lendo na palma da mão aquela palavrinha que teimava em fugir da memória. Ao terminar, trêmula ainda, fui cumprimentada pelas freiras e professoras. Era como se tivesse tirado um enorme peso dos ombros.

Escola São José de Vila Zelina; número grande de alunos. Administrada pelas mãos férreas da irmã Marcelina. Alunos conduzidos com muita disciplina. Nessa festa apresentaram números de sapateado, canto, poesias. Irmã Marcelina nos acompanhava ao piano. Lembro-me com saudade de uma marcha tocada quando as alunas subiam ao palco.

Era, enfim, chegada a hora do número principal, a cargo das diplomandas.

No palco, deslumbrantes em longos vestidos rosa de tecido fino, enfeitados com flores. Na cabeça um gracioso chapéu rosa de abas largas, inteirado com as mesma flores. Amarrado com laços de fita rosa. Dançavam em rodopios ao som da valsa, separando-se e unindo-se aos pares, sincronizados e perfeitos.

De repente, luma das componentes, minha xará, ao passar valsando e sorrindo orgulhosa por um dos cantos da parede, enroscou seu chapéu no vaso de flores que enfeitava o altar de N. Senhora. Nervosa, lívida, numa das tentativas em se desvencilhar de tão indesejável situação, virou o vaso, entornando toda a água sobre seu deslumbrante vestido.

Mal estar geral. Maria tentou desajeitadamente retomar o ritmo, não mais com aquele sorriso confiante. Terminou com a entrega dos diplomas, aquela festa que teria tudo para ser perfeita.

Nossa professora, Dona Elisa, morena clara, batom e unhas muito vermelhas, quadris enormes, poucas palavras e menos explicações, colocava na lousa um período e mandava-nos fazer análise léxica. Terminado o tempo, mandou, um por um, em seqüência, à frente da classe, para ler o resultado. Decorei muito de tanto ouvir – pouco sabia. Restou a certeza de que os alunos daquela escola eram bem mais adiantados.

Enquanto isso, ela, sentada à mesa, silenciosa, olhar perdido.

Era mais fácil fazer amigas entre as recém-chegadas. Nos agrupávamos nas últimas carteiras.

Ofélia, menina dois ou três anos mais velha, falava de umas coisas. Ria ao perceber que eu não entendia nada..

- Hoje estou de "chico" – e contava de sua vergonha ao surpreender o namoradinho espiando por cima do muro, ela estendendo seus paninhos no varal...

a escola, uma construção térrea, atrás do terreno da igreja: quatro salas ao comprido. A diretoria ficava no centro, funcionando ali também a pequena biblioteca. Livros dispostos num pequeno armário. Escolhiam pelo título através de suas portas de vidro. A prateleira de cima era a parte de romances: M. Delly proibido para nós.

O PAI VIRA CAPITÃO

Naquela tarde, o pai chegou mais cedo e, ofegante pela subida do morro, enquanto falava atropelando as palavras, ora gaguejando, engolia o café:

- Eu sabia que aquele negão estava roubando!... Hoje, quando ele pôs na pedra o total do dia de ontem, não agüentei! Quando falei que estava errado... que era bem mais, ele me desacatou, dizendo que era aquilo mesmo, e que eu é que não sabia fazer contas! Pedi para que me desse os vales, que iria levá-los ao escritório para uma confirmação. O negão só não deu, como começou a me destratar na frente de todos. E todos caladões. Daí, fui falar com o fiel. Fui reclamar. Não admitia que ele ?????? com nosso dinheiro ganho no maior sacrifício. Agora à tarde o fiel me chamou o Gandolfo, dizendo que estava com a razão e que de amanhã em diante eu passo a ser o capitão da turma. O negão foi demitido.

Sentia-se transbordante, vitorioso. Com que entusiasmo descia o morro, de manhã, em direção aos armazéns. Seus colegas de trabalho chamavam o Toninho pelo apelido carinhoso de "capitinha".

Muitos anos depois, levava de carro meu filho adolescente, que fazia um serviço como funcionário da firma de meu pai, nos escritórios da Cia Brasileira de Armazéns Gerais, adora dirigida pelo Toninho. Ao chegar à portaria, quando o apresento a pessoas conhecidas, me dou conta que já era a terceira geração a pisar naqueles armazéns, e me vem à mente a escalada corajosa daquele homem que, de simples carregador de sacos, tornara-se grande empresário. Firma de mão-de-obra conceituada, trabalhando para grandes e importantes armazéns, inclusive junto ao Armazém "L. Figueiredo", onde tudo começara.

A FAMÍLIA AUMENTA

Naquele começo de ano, sabedores da situação difícil – através de cartas – de sua irmã Nené, meus pais, generosos ao extremo, os convenceram a vir para São Paulo. Em São João Novo, onde moravam, perto de São Roque, onde o tio ?????? na roça e cuidando de um pedaço de terra, onde não conseguia dar o necessário para a família.

Convencidos pelo entusiasmo de meus pais, aceitaram a proposta. Era só por uns tempos, enquanto, com a ajuda de meus pais, construíam a casa. O tio tinha emprego garantido no armazém. José, com 14 anos, já poderia trabalhar.

A rotina de nossa casa mudou muito com a chegada dos parentes. As meninas dormiam em nosso quarto. Cama de casal na sala para os tios. Zé e Antonio dormiam no chão da sala.

Tio Orlando (o irmão mais novo de minha mãe) trabalhava numa fábrica de artigos de metal e conseguiu um lugar para o Zé. O Zé era o responsável pela primeira confusão da manhã. Eu acordava com a tia chamando o Zé da cozinha, enquanto preparava o café: "Zé, levanta, Zé! Você vai perder a hora! Levanta,Zé! Você ainda não levantou?" Ia assim até que o tio perdia a paciência:

- Levanta já daí! Não escutou sua mãe?... Te arranco o couro já!

A tia, naquela sua fala chorosa, continuava:

- Zé, cadê o dinheiro que te dei ontem para a condução? O que você fez dele? Tinha que sobrar para hoje também.

- Perdi, dizia ele choramingando.

- Perdeu outra vez!

Num domingo, a tia esgotava todos os argumentos para convencê-lo a lavar a cabeça:

-Zé, como é que você vai toda a manhã com esse cabelo todo ensebado? Zé, você não tem vergonha?

Ele, fingindo que toda aquela cantilena não era com ele, de cócoras, perto do poço, consertava um estilingue.

Minha mãe ficava incomodada com aquelas discussões que nunca acabavam. "O que os vizinhos vão pensar?" Eles falavam gritado, como se estivessem ainda no sítio. A mãe sempre chamando a atenção da irmã, sem resultado.

Às tantas, Zé, enfezado, levanta e mergulha a cabeça numa bacia sobre a cadeira, onde tinham acabado de coar o macarrão do almoço. Quando minha mãe olha para ele e o vê com os cabelos ensopados daquele mingau grudento, começa a rir e rir. Até teve que se sentar. Risada geral. Quando mais ríamos, mais enfezado ele ficava.

Nós, meninas, também arrumávamos confusões. Quase sempre na hora de dormir. Brincadeiras que quase sempre resultavam em brigas. Uma noite, depois de cansar de chamar nossa atenção, minha mãe entrou no quarto munida de um cabide comprido, e distribuiu tantas cabidadas em nossas costas... Marcina e Cida se esquivavam e ainda riam e faziam fusquinhas para nós. Ai, que raiva!...

Noutra ocasião, nossas mães foram comprar retalhos por quilo, no Ipiranguinha, em Sto. André. A sós em casa, brincadeira vai, brincadeira vem, começamos uma briga. Numa hora mais quente da discussão, agarro a Marcina pelos cabelos, e ela agarra os meus.

- Solta!

-Solta você primeiro!

-Não, solta você...

Ficamos o resto da tarde sem nos falarmos, de mal.

No dia seguinte fui procurar o meu trabalho de tricô. Há tempos tia Janete vinha me ensinando: "um tricô, meia, 1 tricô...". Só encontro um emaranhado da lã amarela. Marcina, em represália, havia desmanchado todinho o meu trabalho.

PROBLEMAS

No quarto, em frente ao espelho, a mãe luta para arrumar seu cabelo. Era desajeitada nesse particular. Tenta cobrir o rolo – enchimento preso em volta da cabeça -, com cabelo (era moda na época), finalizando com uma rede que ajudava a segurar o penteado. Depois de várias tentativas, arranca-o e atira longe.

- Tá ficando bom, mãe.

Nem nossas palavras de consolo adiantaram.

- Se ao menos seu pai me deixasse fazer permanente... olha a dona Amélia: ela também tem pouco cabelo, mas com a permanente o cabelo fica mais cheio.

Preparava-se para a maratona de procurar gêneros alimentícios em falta. Principalmente a carne para meu pai. "Precisam de sustância para enfrentar o serviço pesado".

Certos dias da semana, saía lá pelas 2 da manhã, caminhando a pé, seguindo o rio, até a entrada de São Caetano para conseguir um pedaço de carne.

Na falta de pão, quanta polenta *brostolada* na chapa quente daquele fogão comemos. Aliás, faltava tudo

Na vendinha de "seu" Francisco, na pracinha, não adiantava nós procurarmos pão. Quando chegava, era distribuído para os fregueses mais antigos. Na ausência de seu marido,

era D. Maria que ficava no balcão. Tinham 3 filhos: Ignez, de nossa idade, Claudinei e Orlando, mais novos. Eram compadres da D. Amélia.

Ignez, saúde frágil, era muito poupada por sua mãe. Como não gostasse do nosso bairro, onde não fazia amizade com ninguém – tinha vindo do município de São Caetano - ficava a maior parte dos dias na casa de sua tia, com sua inseparável prima Ivete.

Com informações positivas de nós sobre o colégio, d. Maria decidiu matricular Ignez também. Foi por pouco tempo; ela desistiu logo.

AGOSTINHO

Agostinho e seu irmão mais novo, Ramão, eram filhos de um casal de espanhóis que morava da rua de cima. Agostinho fazia o primeiro ano na escola de Comércio Orozimbo Maia – Rua Cap. Pacheco Chaves. Estudava à noite e estava trabalhando no balcão da venda do “seu” Francisco durante o dia. Durante um tempo em que a Ivete ficou com os tios da venda, foi se criando um relacionamento sólido entre ele, a Ignez e a prima. Eu tentei me enturmar (uma vez ele nos ajudou na lição de inglês), mas percebi que não havia espaço para mim.

Prima Marcina estava trabalhando na fábrica do Lorenzetti, com "papel do juiz". A tia Janete, trabalhando lá, arranjava-lhe vaga. E eu agora me sentia mais só. Sem amigos, senti falta da vila Toni. Os poucos da escola não eram amigos, só colegas.

A d. Amélia fofocava: “Imagina, d. Helena! O Agostinho está apaixonado pela Ivete!... Pode?! Comadre Maria levou-o junto com ela para Caieiras, na casa de sua irmã, onde as meninas estão. Ele não parava de falar na Ivete. Ah, no nosso tempo... Sabe, d Helena, eu fui muito namoradeira. Só moço bonito, se tivesse falta de algum dente, não queria saber. Mas veja a ironia do destino: quando comecei a namorar o Guido, ele tinha falta de 3 dentes, e na frente!”

Eu era Filha de Maria na igreja S. José do Ipiranga, uma das que o Pe. Balint administrou. Apesar de muito devota, uma vez me tiraram a fita por 3 meses. Alguém foi contar que me viram dançando num baile de carnaval.

D. Amélia cantava no coro da igreja. Tinha uma bela voz. Músicas de Vicente Celestino ("Porta Aberta") e tangos eram seu repertório predileto.

CARTAS

Naquela tarde fui à casa da *nona* Maria, a pedido dela, para responder e escrever cartas para amigos e parentes. Sentada perto de mim, com uma das cartas recebidas nas mãos, me ditava as respostas. Eu achava curioso aquele invariável começo nas cartas recebidas: "Espero que ao receber essas mal traçadas linhas..."

Dentre todas, uma dispensou atenção especial: a do tio Toni, Internado num asilo para leprosos em Três Corações, sul de Minas. Minha avó era avessa a sentimentalismo, mas mal disfarçava a emoção diante daquela tragédia. Por muito tempo ela mandou uma ajudinha em dinheiro ao tio.

O tio Tônico se casou em maio, e o quarto de frente foi cedido para o novo casal, o tio e a tia Josina. Ele sempre a chamava de Rosa. Por que?...

O pai quase não se preocupava mais com as notícias da guerra. Nem a tomada de Monte Castelo pela FEB o empolgou. Só se mostrou emocionado quando da notícia da morte de Mussolini. Hitler se foi dois dias depois. "Esse bem que mereceu..."

Continuava *amarrado* no Getúlio, justificando: "Foi ele que deu as férias, indenizações, descanso remunerado, para os trabalhadores. Graças a ele não o assalariado não era mais escravo". E a cara do Getúlio aparecia nas moedas, nas notas de 10 cruzeiros... "o sorriso do velhinho faz a gente trabalhar"...

Ele gostava de ir à casa da *nona* à noite, quando não tinha serão, ouvir as histórias do *nono* velho (Angelo Fressatti, meu bisavô).

Distraída, observava meu pai comendo. Comia rápido, com seu garfo especial, enquanto falava sem parar. Também ficava admirando-o quando se barbeava, quando lavava o rosto na pequena bacia. Gostava de observá-lo.

Agora percebia o quanto ele falava errado. Tinha falta de vários dentes superiores. Às vezes sentia vergonha dele, dependendo de com quem estivesse falando. Depois me sentia culpada. A freira falou que nunca devíamos ter vergonha de nossos pais.

Mas acima de tudo, era o meu ídolo. Depois que se tornou "capitão", com a obrigação de calcular as diárias das turmas, trazia papéis para fazer cálculos em casa. Passou a me ensinar a fazer todos aqueles cálculos. Não se passou muito tempo, e já deixava tudo a meu cargo. Percepção aguda, sabia com um olhar onde havia erro

IGREJA

Passamos a participar da missa dominical da igreja de V Zelina. Padre Pio era o vigário. Naquela época só se comungava depois de confissão. Uma vez por mês a freira marcava. As meninas com véu branco cobrindo a cabeça. Pecados a serem confessados devidamente decorados, aguardávamos a vez em quase silêncio.

Perto do confessionário, encostado à parede, havia um banco comprido. A extremidade próxima era ocupada pela menina que estava esperando que o padre a chamasse. A outra menina ficava na ponta oposta, para não ouvir nada. Quando era chamada, ela se levantava. E o que sempre acontecia, que já era esperado mas não evitávamos, porque era engraçado, era que o peso da outra confessante desequilibrava o banco. Um tombo e muito barulho...

Padre Pio saía de dentro do confessionário e passava um *sabão*, quando não puxava orelhas.

No trajeto para casa, desço a Av Zelina só, pensamento solto, quando meus olhos dão no muro com aqueles letreiros pichados "Assembléia Constituinte. Liberdade sindical". O que seria aquilo? O que queria dizer? Via essas pixações em vários lugares.

Agora atravesso o bosque de eucaliptos para sair na rua Ibitirama, e me vem à cabeça a música que cantávamos na escola durante a semana, e que vinha impressa nas costas dos cadernos de brochura - A canção do expedicionário:

Por mais terra que eu percorra,
Não permita Deus que eu morra
Sem que volte para lá.

Nossa vitória final
Que a mira do meu fuzil

.....

A dona Amélia tinha um parente que era expedicionário. A tia Rosa do tio Lino também o Sílvio que lutava na Itália. Será que cantavam essa canção ?

Irmã Marcelina falou da morte do Presidente Roosevelt com muita tristeza. Também disse que lavar o rosto com a água em que se lava o arroz é bom para espinhas e pele oleosa. Preciso fazer isto...

Nesta altura, sempre em devaneios, já estou subindo a rua 17. Nem percebi ter atravessado a rua Ibitirama. Ah, mas também, quase não tem trânsito...se bem que a mãe sempre pede para ter cuidado.

É no ano que vem que a 6ª série vai ser das 4,30 às 7,30 hs. Ano que vem vou escrever a máquina, não vejo a hora! Como aquelas moças do Chocolates Pan.

FEIRA DAS NAÇÕES UNIDAS

Aos domingos gostava de ir à casa da *nona* para ouvir no rádio o Teatro Manoel Durães, com ele e sua esposa, Edite Moraes. Totalmente envolvida pela trama romântica ou dramática, não perdia uma só palavra.

Nos intervalos, hora da propaganda, era uma delícia ouvir o locutor ou locutora, com suas vozes sonoras, como que sussurrando na penumbra: "Vinagre de Vinho Nova Era... Ao Movelheiro.."...

Excepcionalmente, naquela tarde fiquei mais interessada na novidade que a tia Amábile me contava:

- O Aurélio foi na Feira das Nações da Água Branca, e disse que é a coisa mais linda. Tem a parte da exposição e também tem um parque de diversões tão grande que não existe igual nem no Rio de Janeiro! Tem um trem fantasma que entra por um túnel escuro!... Ele prometeu me levar num desses domingos, você vai também.

Ela labutou pelo passeio, e chegou o domingo tão esperado. Quase não comi, tal a minha ansiedade. Fui com um vestido que a tia Janete me dera. Era de segunda mão, rosa, seda pesada. Tinha até enchimento nos ombros. Sapatos? O único par para inverno, verão, dia, noite...

Cheguei à casa da 'vó vermelha do sol, estavam almoçando ainda. Por que não tinham pressa? E além de tudo, a tia tinha que deixar a cozinha em ordem... Por que?

Quando íamos saindo portão afora, eu, a tia Amábile e o tio Aurélio, reconhecemos aquele grupo que se aproximava: eram os Pianca, da Freguesia do Ô.

Voltamos para dentro acompanhando-os.

A tia, sempre tão afável, alegre, sorria amarelo, dando notícias da saúde da *nona*.

Eu, frustrada, decepcionada, via o tão esperado passeio acabar ali, por causa daqueles "Piancas" malditos... Por que tinham que chegar naquela horinha?...

Quando a tia Amábile deixou a sala para fazer café, segui-a até a cozinha .

-Tia, agora não vamos mais? Perguntava suplicante, com a voz embargada.

- Vamos sim, vai chamar a Janete lá na casa dela (moravam num quarto e cozinha alugado, no lado oposto da rua, perto da rua Amparo). Ela fica aqui fazendo sala.

O *nono* entabulava uma conversava animada, fazendo seu cigarro de palha. A *nona* já se levantara e também estava na sala (ela tinha muitas tonturas)

- Mas vocês estavam saindo...Não queremos atrapalhar. Podem ir, nós viemos fazer uma visita rápida...

- É... nós íamos ao Parque da Água Branca. Se vocês não repararem, nós... – a tia se desculpou meio encabulada, evitando os olhares de reprovação dos avós. Nós saímos rapidamente.

Nem acreditei quando já íamos pela rua S Roque, em direção ao ponto do bonde. E como esse bonde demorou...

Já no parque, em frente àqueles portões monumentais, o tio pergunta para alguém sobre aquele movimento de policiais, ficando sabendo da chegada do presidente Getúlio Vargas. Ele iria fazer uma visita à feira, o tio nos informou, cheio de entusiasmo. Já havia muita gente postada lá dentro, nos dois lados da alameda, atrás das correntes de contenção. De quando em quando, soldados em sentinela, eretos, parecendo estátuas. Vi quando o presidente passou, no meio de um bloco de homens e soldados, pertinho da gente. Era inconfundível! Muito mais bonito que nas fotografias. O tio cutucou a tia:

- É esse aí de terno branco e óculos!

Vistoso, simpático, carismático mesmo! Aparência imaculada. Aquela aparência que só os ricos tinham. E sorria, e sorria. Acenava para a direita e para a esquerda. ("trabalhadores do Brasil...")

Ao povão fora proibida a entrada no salão da exposição. Só uns ilustres convidados.

Quanta emoção para um dia! A visão do presidente, a sensação de terror misturada com prazer que sentira no trem fantasma...

O pai parecia muito interessado no que eu contava na volta; parecia beber minhas palavras, mas só aquelas com respeito a Getúlio

- Se soubesse, tinha ido também, "porco boia!

Ele tinha umas expressões! candango, brederodes, deslindar, zebedeu...

O povão não mostrou muita indignação com a notícia dada pelo rádio, sobre as bombas atômicas jogadas pelos Estados Unidos no Japão (Hiroxima e Nagasaki), a 6 e 9 de agosto de 45). Primeiro pela ignorância a respeito do poder das bombas, e depois... o Japão era longe demais. Já tínhamos nossos próprios problemas. Esse lamentável fato ocasionou a total rendição do Japão

A guerra terminou a 7 de maio de 1945, mas para nós nada se alterou. Continuava faltando de tudo, principalmente o pão. Não entendíamos por que aquela guerra acontecia, em países longínquos, como se fosse noutra galáxia.

ELEIÇÕES

Em outubro Getúlio fora deposto, depois de uma longa ditadura. Foram convocadas eleições para 2 de dezembro: escolha do sucessor

Entre os candidatos, o general Eurico Gaspar Dutra, o Brigadeiro Eduardo Gomes, Rolim Telles (o que menos votos teve)

O candidato de meus pais, naturalmente era o Dutra, indicado por Getúlio. Com certeza as coisas iriam melhorar... O povo, eufórico, votaria de novo, após tantos anos de ditadura.

Era domingo. Sol bonito brilhando, como que sinalizando bons presságios. Logo depois da missa das 7 hrs, meus pais seguiram para o local de votação: prédio do correio da vila. Contaram que houve um grande tumulto, ninguém queria ficar sem votar. Sem nenhuma organização, teve gente que entrou pela janela. O povo sempre confiando...

A hora do almoço já passara há muito e, como nada deles chegarem, decidi fazer macarronada pela primeira vez (minha mãe já deixara o molho pronto de véspera). O pacote de macarrão sobre a mesa. Aquele pacote comprido, de um papel firme, azul forte, da fábrica Matarazzo. Não tinha erro, fazia tudo como deveria fazer: abria uma das pontas do pacote e ia quebrando o macarrão sobre o caldeirão de água fervente previamente salgada. Fácil – assim pensava. Acabou ficando uma cola indigesta, todos os fios grudados entre si.

Meus pais voltaram da votação já pela tarde e, quando meu pai me viu tentando separar os fios do macarrão com um garfo, começou a me gozar. Minha mãe, solidária comigo, pedia que ele se calasse, pois via a minha frustração. Ou será que havia descoberto o meu segredo? Desde o dia anterior eu me esforçava para controlar minha confusão diante daquele fato inesperado: A primeira menstruação. Sensação de desamparo. Não sabia como lidar com aquela coisa indesejável e incômoda. Como gostaria de correr para ela e lhe contar... Gerações criadas para serem fortes. A própria vida lhes impunha, desde muito cedo, atitudes rudes - nada de choro ou pieguice.

Assim, guardei o incidente só para mim. Nem com a minha irmã Ozaide eu comentei. Muitos anos mais tarde vim a saber que ela guardava o tal segredo há muito mais tempo do que eu.

HUMILHAÇÃO

Naquele sábado eu me preparava com esmero e entusiasmo para ir confessar-me. Até banho tomara. Esse entusiasmo ficou por conta de uma blusa que minha mãe acabara de ajustar para mim. Branca, de cetim. Um luxo! Blusa do vestido de noiva da tia Mirene. Quem teria herdado a saia? Nunca soube. Modelo original mantido. Até o babadinho que, saindo dos punhos, ia se estreitando à medida que sumia ao chegar ao cotovelo

Subia a avenida, orgulhosa de minha blusa "nova-velha". Usava-a com uma saia de corpete – também reformada.

Depois da confissão, conversávamos em grupos pequenos no pátio, em frente à igreja. Os recém-chegados ao colégio formavam grupos separados.

Em dado momento, Maria Z ??? chegou-se ao meu grupo, mais especificamente a mim e, segurando no babado de uma das mangas, pergunta:

- Esta blusa é muito antiga, não é?

Chocada com a impertinência da pergunta, instintivamente nego:

-Não é, não, é nova. Minha mãe acabou de fazer!..

Como se de repente o chão me faltasse sob os pés, mantinha-me hirta, humilhada. Ela se afastou sem graça, percebendo o desapontamento que me causara, deixando um mal estar geral. Mas logo o grupo recomeça o falatório

mais para disfarçar aquela situação delicada. Nunca mais vesti a blusa. Tão pouco contei a minha mãe o triste ocorrido. Não me lembro do fim que ela deu à blusa.

Pai alemão e mãe espanhola, Maria fora aquinhoada com grande beleza. Farta cabeleira castanho-claro até os ombros, levemente ondulada. Pele clara de porcelana – época em que a maioria de nós lutávamos contra espinhas, cravos, poros dilatados, a dela era perfeita. Grandes olhos de um azul profundo emoldurados por espessos cílios e sobrancelhas escuras. Dentes brancos, perfeitos. Numa ocasião, ao receber um elogio à sua beleza, responde com a maior naturalidade:

- Eu sei que sou bonita, eu sei...

Segura, inteligente, até chegava a questionar com as professoras e as irmãs. A única a ter esse atrevimento. Um a admiravam, outras a invejavam.

Depois do episódio da blusa eu a evitava, mesmo ela procurando conversar comigo. Sentia-me tímida, pequena em sua presença. Acredito que sua intenção nunca fora a de me humilhar. Mas humilhou... Sentando numa carteira à minha frente, muitas vezes me ajudava nas questões difíceis.

Irmã Marcelina começou a ensaiar um coral de alunos naquele último semestre:

Meu sininho, meu sininho, meu sinão

Toca de mansinho

Dim, dem, dom , dim, dem, dom

My bonnie lies over the ocean

My bonnie lies over the sea

My bonnie lies over the ocean

Oh, bring back my bonnie to me

Bring back, bring back

Bring back my bonnie to me

Ho, bring back, bring back,

Bring back my bonnie to me...

Ecoavam no espaço nossas vozes infantis

FESTA DE NATAL NA ESCOLA

Naquele ano haveria uma festa de Natal para as 5^a, 6^a e 7^a séries. Seria a despedida para a 6^a e a 7^a. Não voltariam no próximo ano, por conta da reformulação desse curso.

Assim, no domingo que antecedeu o Natal, bem antes da hora marcada já estávamos na escola, aguardando a chegada das freiras. Do lado de fora da sala, através dos vitrões, as mais curiosas podiam divisar um enorme pinheiro, todo enfeitado, o que aumentou nossa expectativa. Quando as irmãs chegaram – mais sorridentes que de costume – com enormes e misteriosas caixas, entramos na sala. As freiras colocaram um pano branco sobre a lousa. Com uma máquina estranha, passavam filmes mostrando a escola e seus alunos, com freiras iguais às nossas. "Escola nos Estados Unidos. Essa é a casa-mãe", explicavam-nos. Até chegamos a criticar meninas numa procissão, com vestidos de mangas curtas – coisa inadmissível para nós. Com isso, nos descortinavam cenas de vida bem diferente das nossas; visões maravilhosas do que era a vida nos E U.

Depois de rodarmos em volta da árvore, decorada com anjinhos, sinos coloridos, figuras do menino Jesus, bombons e balas apetitosas, cantamos canções natalinas em inglês, sempre com a irmã Marcelina ao piano. Nossa sala, sem as carteiras, toda enfeitada, nem parecia aquela mesma de todo dia.

Terminamos a festa com a distribuição de saquinhos tirados daquelas caixas coloridas, cheios de balas e chocolates.

Na volta, fui surpreendida por uma pancada forte de chuva quando descia a Av. Zelina, na altura do bosque. Não tendo onde me abrigar, enfrentei o aguaceiro, correndo o mais que podia.

Quando cheguei, os sapatos novos de camurça estavam deformados, e os pés escurecidos pela tinta que se soltara dele. Minha mãe vem correndo com uma toalha, me enxugando os cabelos, temendo por um resfriado.

Sentada numa cadeira na cozinha, eu tomava uma xícara de leite quente para quebrar a friagem. Meu saquinho de há muito fora arrebatado de minhas mãos pelas minhas irmãs, que agora brigavam pela sua divisão.

Todo aquela euforia natalina desapareceu quando comecei a olhar nossa casa, tão triste, tão simples. Nem um enfeite, nem um sinal que pudesse mostrar a data festiva... tão diferente daquilo que vivera há algumas horas. Lentamente volto dessa divagação, ouvindo as vozes de meu pai no corredor, treinando futebol com o Toninho, já com 2 anos:

- Isso, filho! Chuta forte, filho! Ah, ele é canhoto. Tem mais força no pé esquerdo!... Caiu? Levanta!

O pai passava as tardes de domingo com aquele menino lindo. Era a nossa alegria. Na volta da escola, era o primeiro que procurávamos. Sempre com sua incansável babá, *nona* Pina.

Apesar de ter vivido aquele ambiente de sonho, eu também me sentia bem no meu mundo. Afinal, essa era a minha casa. Eles eram os meu laços muito fortes, que eu não poderia trocar por uma quimera.

Final de 45. Passara para a 6^a série. Notas baixas. Sentia dificuldade em todas as matérias. Não me aplicava. Um turbilhão de pensamentos me agita, confundindo-me. Fantasia e realidade, não consigo distinguir.

A Ozaide tirara o diploma do 4^o ano e a Elizia passara para o 2^o ano.

1946 - MORTE DO TIO JERÔNIMO

O dia amanhecia naquela modorra, como se estivesse com preguiça de começar. Tempo chuvoso. Nada de sol. Solidão de amigos. Sentia saudades dos que ficaram na Vila alpina.

Nada para fazer além das terríveis obrigações da casa. Tarefas previamente estabelecidas por minha mãe, para evitar brigas. Livros e cadernos permaneciam esquecidos dentro das malas penduradas atrás da porta do quarto.

Rara era a noite que não brigávamos antes de dormir – coitada da *nona*, que dormia em nosso quarto... Às vezes a mãe resolvia aquela balbúrdia descendo umas cabidadas em nossas costas.

Naquele começo de janeiro fomos sacudidos pela notícia da tragédia, trazida pelo tio Orlando. Eu estava na janela olhando para o vale do Tamanduateí, contando vagões de um trem de carga, quando ele gritou lá do portão:

-Lena, o Jerônimo morreu!

Minha mãe levou um choque, desnorreada. Depois que tomou pé da situação, gritou, com as mãos na cabeça:

- Cadê o Milho?! O milho já sabe?!

- Está tratando dos papéis. Tenho que voltar depressa. Tenho que avisar os outros parentes.

Vi-o sair apressado em sua farda do exército verde-oliva. Terrível a situação de minha tia Nené, com quatro filhos. Haviam chegado do interior havia um ano, e agora essa perda tão dolorosa.

O pai ajudou-a em tudo, principalmente no recebimento da pensão (burocracia interminável).

José trabalhava e estudava à noite no já citado Orozimbo Maia da Rua Capitão Pacheco Chaves. Marcina, com autorização do juiz ("papel do juiz") – pois não tinha ainda 14 anos – arranjou vaga na fábrica Lorenzetti, com a ajuda da Rosa, namorada do tio Orlando. Tempos depois foi para a Indústria de Papel Simão. Muitas moças também na fábrica de linhas Corrente ("os ingleses", como era conhecida a fábrica).

Outra grande firma que empregou muita gente foi "os Jafet". Havia, de acordo com o dizer popular, "Jafet", "Jafetinho" e "Jafetão", em diferentes endereços, todas no Ipiranga. Os operários iam em turmas alegres de moças e rapazes, cortando caminho por aqueles campos. Algumas dessas fábricas mantinham até 3 turnos.

Era na laminação Santa Olímpia, na esquina da rua Silva Bueno com a Rua dos Patriotas, que já trabalhava o futuro marido de nossa prima Marcina, o João. Se conheceram nos encontros das turmas que iam com as que voltavam. Quantos casamentos saíram desses encontros, e mesmo entre os colegas das mesmas turmas. Era a única maneira de se arrumar namorado. Outra opção eram os famosos "vai-e-vem" dos sábados e domingos, na Praça Pe. Damião.

Acredito que até a origem do nome "bonde Fábrica", que saía da praça da Sé com destino ao Ipiranga – final da R. Silva Bueno – se deve ao grande número de indústrias nesse bairro tão populoso.

VILA PRUDENTE

Os Irmãos Falchi, italianos de Salerno, adquirindo grande gleba de terras naquele bairro, em 1890, deram início ao loteamento, cujo projeto fora entregue ao engenheiro e grande amigo de Emígdio Falchi, Antonio Prudente de Moraes, primo-irmão do Presidente da República, Prudente José de Moraes Barros.

Dias depois de ter deixado a presidência da república, o Dr. Prudente, a pedido do primo, fez uma visita à nova vila, sendo recebido pela população com muito entusiasmo. Os irmãos Falchi e outras famílias inauguraram na ocasião placa alusiva a esta visita.

A primeira indústria já ia funcionando (fábrica de bala e chocolates Falchi, 1897), com quase todos operários imigrantes italianos, que procuravam morar próximo, dada a falta de condução na época. A segunda indústria começa a funcionar, a Cerâmica de Telhas e Tijolos. E assim a vila foi crescendo, chegando novas indústrias:

- Ind de Graxas Duas Âncoras e Cera Parquetina, de Alexandre Brehmer.
- Cia. Paulista de Papéis e Papelão "Búfalo"
- Manufatura de Chapéus Oriente – e futura Capelifício Crespi.

Em épocas diferentes. o nome do Brasil foi evidenciado, graças às medalhas de ouro ganhas nas exposições de Londres, Bruxelas e Paris, pela Indústria de Louças Zappi, cujo endereço, Rua Boacica, fora mudado para Rua José Zappi, em homenagem ao seu fundador. Além de louças finas, ali se fabricavam azulejos decorados, peças de adorno e artefatos sanitários.

Mas o que mais envaidecia V Prudente era um morador ilustre, Ettore Ximenes, idealizador e construtor do Monumento do Ipiranga. Foram moradores da vila para esculpir e modular rostos e corpos de personagens do referido monumento (informação essa do livro de Mário Ronco.

O bonde "Vila Prudente", o 32, foi inaugurado a 19 de julho de 1912. Ia da Praça da Sé até a Praça Jequitay (hoje Pe. Damião). Sua melancólica extinção se deu em 25/11/61.

A primeira linha de ônibus a funcionar foi por volta de 1934, da Empresa Paulista de Ônibus. Operava do Largo de Vila Zelina à Rua da Mooca, esquina com Paes de Barros

CIRURGIA

A conselho médico, ficou estabelecido que eu faria operação das amídalas.

Para me confortar, o pai contava vários episódios de suas doenças na infância e adolescência: "Operei as 'grânula' em Valparaíso, com 15 anos. Naquele tempo era só sertão, sertão bruto (Valparaíso, na Noroeste – só trem chegava naquele fim de mundo). Eles arrancavam uma e depois de 15 dias é que iam arrancar a outra. Aquilo é que era sofrimento. Fiquei sozinho no hospital. Meus pais não podiam pagar hotel para ficar perto de mim". Ele se orgulhava de ter o sangue tipo "O" universal.

Num dia bem cedo, eu, meu pai e minha mãe descemos do bonde de Vila Prudente, na esquina da Rua Silva Bueno, e subimos a pé a Rua dos Patriotas, até o Hospital Leão XIII. Muito nervosa e apreensiva, mas calada, aguardei pela hora. Sem anestesia; dor insuportável. Gritei muito.

Era o dia 24 de janeiro de 1946. O cirurgião, Dr. Moacyr Lobo. De nada adiantou essa operação. Minhas crises de bronquite me deixavam prostrada, tirando-me da escola umas duas vezes por ano, por 15 ou 20 dias. Impossível recuperar as aulas perdidas.

TONINHO ADOECE

Tarde da noite, fomos acordados pelo pai. Parecia transtornado:

- Como é que vocês podem dormir sossegados, enquanto seu irmão está morrendo?!

- Não faz assim, "Milho". Não assusta as meninas. Minha mãe procurava acalmá-lo, mas também aflitíssima, com o Toninho ao colo, recostado ao seu peito, pálido, inerte, com os olhos entreabertos. Nem parecia nosso irmãozinho gordinho, corado, sorridente.

- Vocês fiquem com a *nona* que nós vamos levá-lo ao doutor.

A *nona*, já levantada, se lamenta em voz baixa:

- Madre mia! O que aconteceu com o menino? Ontem estava tão esperto, brincando!

Varda agora...Jesus Cristo!

Muito tempo depois escutei-os chegarem com meu irmão nos braços; parecia desfalecido.

- Demoramos porque ele precisou tomar soro, e até achamos um farmacêutico disposto a nos atender... O Dr. Salim falou que era desidratação, lamentavam meus pais, já no limite de suas forças. Pediam que rezássemos por ele. Vizinhos iam chegando, e alguns até choraram.

O silêncio só era quebrado pelo esbravejar incontido de meu pai, criticando e culpando minha mãe. Tudo o que ela fazia erra errado. Nada estava certo...

Expectativa. E como custavam a passar aquelas horas! Parece-me que seria domingo.

Não sei quanto tempo se passou. Mais gente se aglomerava na área de serviço, com expressão triste, como que aguardando um mau desfecho. Eu, sentada na beirada da muretinha baixa que circundava o piso, de repente, como que caindo na realidade, tive uma visão que me aterrorizou: mentalmente vejo meu irmão deitado num caixãozinho branco, cheio de flores também brancas. Faces lívidas de cera...

Angustiada, suplico com todas as forças de minha alma, que Deus salvasse meu irmão. Em troca, lhe oferecia minha saúde. Aceitaria sofrer daquela bronquite o resto de minha vida. (A minha bronquite alérgica, com o passar do tempo, e com a futura mudança para o Ipiranga, tornara-se asma crônica. Só fui libertada perto dos 40 anos. Negava-me a fazer tratamento, pois sabia que o Senhor ouvira minha prece).

Naquela angustiante espera, passou-se a tarde, a noite. Mas no dia seguinte começamos, emocionados, a ver que ele melhorava.

Lá pelas onze horas da manhã o Dr. Salim chegou em casa para ver o pequeno paciente (morava no largo de Vila Prudente, veio a pé)

e constatou sua melhora. Fez recomendação para que o levassem ao Ambulatório do Círculo Operário para a continuação do tratamento.

Acompanhei minha mãe a uma de suas idas ao ambulatório de Círculo Operário) (Rua Boacica, atual José Zappi).

Parece-me que Toninho estava tomando uma série de injeções. Assim que a freira nos chamava para a saleta, meu irmão começa a chorar – sabia o que o aguardava. A freira mandava, quase ríspida, que despíssemos o menino. Essa atitude estava bem de acordo com a

frieza do ambiente: paredes brancas, cama branca revestida com roupas imaculadas. Até o pequeno armário era branco, envidraçado, onde se viam frios objetos de metal.

A única nota acolhedora, quase um acalanto, vinha de um cartaz afixado à parede sobre a mesinha de metal (branca..). Mostrava um ninho de passarinhos com três filhotinhos, bicos abertos, ansiosos pelo alimento que a mãe, já pousada na borda do ninho, trazia no bico. Bem destacada, ao alto, a palavra "Nestlé". O seu significado eu sabia: ninho. E o texto incentivando as mães a alimentarem seus filhinhos com aquele leite "completo para alimentação de bebês".

VIAGEM À PENHA

Não sei exatamente a data desse triste acontecimento, se no fim de 45 ou começo de 46.

Com a melhora do Toninho, meu pai estava numa euforia só. Ele era muito carinhoso com os filhos, em situação de doença, não sabia como agradar. Assim, num dia avisa-nos de que no domingo seguinte iríamos à igreja da Penha.

Diante desse ultimatum, minha mãe correu comprar tudo para uma roupinha para o Toninho – o único a ganhar roupa nova. Eu e a Ozaide com nossos vestidos de "homem?", e a Elizia...

Iriam pagar alguma promessa? Com certeza. Depois do almoço, num restaurante próximo, fomos ao fotógrafo documentar nossa visita àquela igreja tão procurada por fiéis agradecidos por graças e milagres.

INÍCIO DO ANO ESCOLAR

Quantas novidades! Mudamos de sala, lado oposto à diretoria. Só voltávamos para a antiga sala do piano quando se ensaiavam cantos.

Devido à nossa turma estar bem reduzida (5 meninas e 6 homens), dividíamos essa sala com o 5º ano: Ozaide, Encarnação, Aparecida, Dona entre elas.

Irmã Dolores continuava ensinando inglês, taquigrafia e religião, e dona Elza, a nova professora, português, matemática e contabilidade.

Mudara também o uniforme: gravata e saia de quatro pregas-macho, azul marinho. Blusa e boina, azul celeste.

Sentia-me importante subindo a Avenida Zelina com meus cadernos e aquele uniforme tão bonito!

Foi mudado também o horário: aulas das 16,30 às 19,30. A mãe se preocupava no tempo do frio. Ela e o pai iam nos encontrar na subida da avenida, perto do bosque.

COTIDIANO

Às vezes, sentia falta de quando dormia com meus pais. Falta das orações, das suas conversas antes de pegar no sono. Até daquele leve chiado de meu pai, quando dormia, parecia um assobio. Acordada, me passavam tantos pensamentos pela cabeça... Não sabia onde ele tinha arrumado aquele culote caqui da força pública que passou a usar. Não tirava do

corpo. Era uma dificuldade para minha mãe lavá-lo. Será que por ser capitão achava que deveria andar fardado?

Continuavam faltando gêneros alimentícios, principalmente pão e açúcar – os mais importantes para mim. Polenta "brostolada" na chapa do fogão era o cardápio no café da manhã.

Há algum tempo, a mãe ajudava dona Deolinda, portuguesa, mãe da Rosa, namorada do tio Orlando, a costurar capotes para o ministério da guerra. Eram retirados aos molhos (lotes com mangas, golas, etc., devidamente cortados), na intendência do exército, na Rua Cons. Brotero. Várias senhoras na vila faziam esse serviço – reforço na economia doméstica.

Rigorosos na seleção das costureiras, exigiam um teste, que constava em costurar na própria repartição, durante algum tempo. Davam notas às costuras, depois de devidamente inspecionadas. Para isso cada costureira tinha sua própria caderneta. Algum tempo depois, a mãe, aprovada, passou à condição de costureira efetivada. Todas nós participávamos desse trabalho na medida do possível.

Sem amigos, nossa única diversão continuava a de contar vagões de trens de carga. Às 11,30 impreterivelmente passava o "Cometa" para Santos (trem de passageiros, 3 ou 4 vagões, elétrico). E ficávamos observando os trabalhadores passarem a caminho dos armazéns. Cortavam caminho descendo aquele enorme barranco no final de nossa rua. A fábrica de automóveis Studbaker já estava funcionando ali. Anos depois passou a haver uma parada de trens (Parada Studbaker), para facilitar o acesso dos trabalhadores. Até tínhamos uns admiradores. Por exemplo, Joel, mulato. Quando meu pai soube da história, pela "enxerida" da Elizia, tratou de esfriar a situação:

- Ah, o Joel... aquele negro está sempre bêbado, não sei como não rola barranco abaixo...

Ozaide, mais extrovertida, contava com mais admiradores. O Neco, da vizinhança, vinha à noitinha e, parado no terreno baldio defronte nossa casa, assobiava modinhas em voga, para chamar sua atenção. Outro era o Arlindo, da rua de cima (17) ??????

TRISTE NOTÍCIA

- Maria, vamos ao "ponto" (por essa palavra se entendia o miolo do comércio entre a Praça Jequitay e parte da Rua Capitão Pacheco Chaves). Vou comprar linhas e remédios, dizia a Amábile, enquanto passava batom nos lábios. Eu a observá-la atentamente – Voltamos logo, que tenho muita roupa para lavar ainda.

"Volta já mesmo", recomenda minha avó. "Não vai ficar conversando com todo mundo que encontrar pela rua, como faz sempre."

Seu jeito alegre e expansivo preocupava minha avó, que punha os irmãos, na maioria congregados marianos, a vigiar-lhe os passos. Isso valeu muitas discussões entre ela e os manos, principalmente tio Lino. Esse conflito só teve fim quando começou o namoro em casa, e posterior noivado.

Nona sempre elogiava meu comportamento sério, e a Amábile valia-se disso, pois minha companhia facilitava-lhe as saídas

Assim que pegamos a Rua Ibitirama, na altura da padaria, minha tia deu um longo assobio inspirado. Era hábito na época, mais entre rapazes, para chamar a atenção de alguma moça em quem estivesse interessado.

- Preciso falar com aquela moça! Ela é amiga do Walter.

Apertamos o passo. A moça abraçou-a efusivamente. O diálogo que se seguiu foi triste para mim, mais em solidariedade a minha tia. Era a respeito do Walter. Sabia que estavam brigados. Mas achava que era com aquela vez no "vai-e-vem" de domingo à noite. Ele, postado na calçada com alguns colegas e ela, de braços dados com amigas, subiam e desciam, da praça até o cinema. Numa das vezes, uma das moças, no intuito de mexer com ele, fala-lhe:

- Ei, Walter! Sozinho hoje?

- É, hoje estou no desvio – responde meio encabulado.

No final do "vai-e-vem", Amábile e Valter acabaram indo para casa juntos. E eu sempre "segurando vela". À medida que caminhavam, minha tia se exaltava.

- Eu tenho testemunhas, não uma, mas duas, que viram você naquele sábado, dançando no Centro do Professorado, depois que saiu de minha casa!

Foi uma discussão feia. E agora a amiga em comum dos namorados comentava:

- É, pelo que ele diz, não tem intenção de voltar para você mais. Se fosse comigo, perdia o orgulho e ia procurá-lo.

- Não, procurar não procuro. Ele é que tem de me procurar, afinal o errado é ele. Não é a primeira vez. cansei de relevar!

Certa ocasião, a mãe dele insistiu para que ela fosse procurá-lo no serviço. Iria junto até o escritório – Moinho Santista, na Rua São Bento. A tia recusou, não iria se rebaixar.

Ela disfarçava, mas todos sabiam que sofria muito. Dizia-me na volta:

- Com que alegria limpei o barro de seus sapatos deixados no piso em frente à cadeira em que costumava sentar-se na sala. Fiz questão de ir com a Regina em Aparecida do Norte naquele domingo, pois tinha certeza de que ele viria à noite. Queria que não me encontrasse em casa! Que batesse com o nariz na porta!

Aquela rusga de namorados que parecia passageira, por um orgulho bobo, pôs fim a um romance tão bonito.

Pelo jornalzinho do Círculo Operário, no caderno social, acompanhamos a notícia do noivado, casamento e nascimento da primeira filha de Valter.

VISITA DA NONA MARIA

Foi uma surpresa quando o carro do tio Francisco parou defronte à nossa casa (Chevrolet preto?). A última a sair foi a *nona*. Subia os degraus amparada pela tia Mirene e minha mãe. As filhas não sabiam o que fazer para deixar sua mãe mais confortável.

A avó Maria nunca saía. Nem conhecia nossa casa ainda.

Devagar, foi olhando cômodo por cômodo e elogiando a bravura de meus pais.

A mãe a encaminhou para o nosso quarto e a recostou numa das camas. Ali sentados, todos conversavam. Nossa sala, naquela época, era só sala mesmo, não estava mais servindo de dormitório para nenhum hóspede. Até um "buffet" e a tão sonhada mesa elástica ela conseguira comprar. De segunda mão, claro. O "buffet", no canto da parede, tinha duas partes: a superior, com as laterais e as portas de vidro trabalhado; e a parte de baixo toda em madeira (imbuia?), com duas portas. Um luxo!

Mais tarde, para encher mais a sala, a mãe resolveu dividir o móvel ao meio. Metade num canto, metade no outro, e a mesa no centro com as cadeiras.

Logo depois do café, um dos meninos da dona Amélia nos avisa que os moleques haviam esvaziado um dos pneus do carro. O tio Francisco desceu rápido as escadas, querendo pegar o infrator com a boca na botija. Qual nada...Rodeavam o carro, todos com cara de anjo, nenhuma suspeita. Depois de constatar o estrago, ele vira-se para meu pai e esbraveja, com seu forte sotaque:

- "Fia" da puta, "essa" moleque! Si pega, arranca três pena "da" cu!

O PRIMO SALVIANO

Num belo dia o primo Salviano, casado, chega com sua mulher e um bebê de meses em nossa casa. Cansado da luta no interior, vem tentar a vida na capital.

O pai acha mais fácil construir um quarto e cozinha no nosso quintal; mas para isso era preciso tirar o barranco de uns dois metros, que começava logo depois da área de serviço;

- Salviano, você que está acostumado a dar duro, vai ser fácil derrubar parte do barranco. Sei que você é um "pé de boi". Te conheço bem, meu sobrinho!

O primo levou dias cavoucando a terra, e com uma carriola despejava lá no fim da rua, barranco abaixo. Construído o quarto e cozinha, a mãe ajuda a comprar uns móveis usados. Sabia onde encontrá-los. Assim eram meus pais. Sempre generosos.

(Mas logo aconteceu uma tragédia com o casal: Laurinda, a bebê, contrai uma gripe e morre de bronco-pneumonia.

123

DIÁ DAS MÃES

Preocupava-me em dar-lhe um presentinho. Por sugestão e ajuda da tia Amábile, acabei comprando um pano para bordar (minha mãe gostava de ter sempre um afixado à parede da cozinha). Escolhi pela frase sugestiva de um deles: "Amor e união até a eternidade". E flores, muitas flores para bordar.

Bordava de parceria com a Ozaide, sempre às escondidas. Era surpresa. Terminada a tarefa, levei-o à casa da *nona* para a sua finalização. Amábile pregou à máquina um arremate em toda a volta. Tecido azul celeste contrastando com o bordado. Bem passado, fizemos um embrulho e, orgulhosas, no domingo cedo lhe ofertamos.

Muito, muito tempo permaneceu na parede sobre a mesa da cozinha.

ESCOLA

Naquela tarde subíamos a Avenida Zelina: eu, Ozaide, Greta, Vilma, Aparecida Sakalauskas e demais que iam se juntando a nós durante o trajeto.

Disfarçadamente examinava o minúsculo relógio de pulso – objeto de ardente desejo – que ganhara de meu pai. Decepção... estava parado outra vez! Quando isso acontecia, eu tinha que balançar o pulso. Hora certa, nem pensar...

- Filha, é de ouro legítimo. Cuidado para não perder...

Era bem típico do meu pai!

Depois do recreio, irmã Marcelina dispensou os meninos, reunindo só as meninas na sala do piano. A freira manda distribuírem uns livrinhos. Eram da Johnson & Johnson, cujo título "Ser quase mulher... e ser feliz" me intrigou bastante. Irmã Marcelina, corajosamente, nos dá uma aula sobre menstruação. No final:

- Isto tudo eram as mães de vocês que deveriam explicar. Leiam com calma em casa...qualquer dúvida, me procurem.

E eu que nunca supus que elas menstruassem. Sequer mijassem!...

Entusiasmadas com o livrinho (já conhecia de propaganda), Olga e eu combinamos comprar um pacote (dez?) e dividi-lo. Por vergonha, num sábado cedo, fomos comprá-lo bem longe, numa drogaria na Rua da Mooca... Na hora de pedir, quanto embaraço!

Na aula da professora (de contabilidade ??) andava às voltas com os livros de escrituração: borrador, diário, caixa, conta corrente, razão, história geral, matemática, juros, capital, tempo, taxa, juros capitalizados, amortização, português (correspondência comercial), etc.

No mês de março, mês do patrono da escola, todos os alunos participaram da reza, à noite, terminada com a ladainha cantada pelas senhoras, em lituano. Até já sabia algumas palavras do idioma.

Irmã Marcelina, tão temida: era dinâmica, empreendedora. Estava construindo um colégio bem maior, num terreno próximo.

Começaram os ensaios das festas do final do ano. Irmã Dolores ensaiava conosco um bailado (minueto). Usaríamos perucas e vestidos da época. E declamaríamos em inglês:

It was the night before Christmas

When all ?????? the house

Not a creature was ??????

Not even a mouse

Cada aluno declamaria um verso intercalado com o refrão. O coral por conta da Irmã Marcelina:

A igreja da vila

É branca e bonita

Serena, singela

Da cor do marfim, dlim, dlim, dlim, dlim

Parece que fica no alto cantando

Tranqüila, sorrindo

Rezando por mim, dlim, dlim, dlim, dlim

e outras canções mais, a duas ou três vozes, estava lindo!

RÁDIO

- Quando será que chega essa bendita luz? Como seria bom ter um rádio para ouvir o programa da "Ave Maria", do Manuel Victor e os dramas, lamenta minha mãe.

O pai, de quando em quando saía depois do almoço para ir à Light, sem lograr algum êxito. Diziam que a rua não constava "não sei onde" da prefeitura. Era a desculpa de sempre. Assim, continuávamos contando com a boa vontade da dona Amélia.

Aos primeiros acordes do tema musical do horário das 13 horas (não sei se na Tupi ou na Difusora), corria para a casa da vizinha. Acompanhávamos "Três Destinos", "Mestiça" e outros.

Quando o pai chegava cedo, ficava no escuro, sentado perto do poço, ouvindo música caipira de que o Sr. Guido também gostava. Torres, Florêncio e Rielli eram seus preferidos.

PRIMOS DO NORTE DO PARANÁ

Quase no final do ano recebemos a visita dos primos de Marialva: Natalim, Nica, Mariinha e Osvaldo, filhos de tio Afonso, que já havia falecido. Natalim ficou na casa da tia Itália (a tia tinha muitos filhos, alguns moços)

O caçula, Osvaldo (Nenê), rapazinho de uns 16 ou 17 anos, viera para tratar da vista. Quietos, acanhados, ficavam sempre perto das irmãs. Não sei como minha mãe fazia para sustentar toda aquela gente, com a carestia de alimentos.

Maravilhados com a profusão de mercadorias em oferta nas muitas lojas, não sabiam o que escolher. Rua Direita, Barão de Itapetininga, com suas lojas sofisticadas. Rua São Bento, com suas inúmeras lojas de sapatos. Numa das vezes, Nica comprou um par de sapatos "Anabela" cor Havana e marrom, idêntico ao da minha professora. Na rua Direita havia também a "Casa dos dois mil réis", famosa pela diversidade de mercadorias. A mãe ficou ocupada em costurar seus vestidos.

Eu olhava para aquela agitação, preocupada de que não desse tempo de fazer o meu vestido da festa. O tecido já fora comprado: tafetá chamalotti rosa.

Visita a parentes até deixaram para a próxima viagem. Entusiasmados, já falavam em não demorar a voltar. Parece-me que era a primeira vez que vinham a São Paulo.

FIM DE ANO

Quanta emoção para um final de ano!... Exames, ensaios diários para a grande festa que seria realizada no Conservatório Dramático e Musical, à Avenida São João. Fomos incumbidas de vender os ingressos.

Na semana que precedeu o evento, fizemos o último ensaio no próprio conservatório. Ozaide participava de várias apresentações.

Irmã Dolores fora incumbida de fazer nossas perucas. Modelava com entretela e recobria com camadas de algodão em rolinhos, terminando com alguns pequenos cachos atrás. As meninas que faziam o papel de príncipes estavam garbosas em seus trajes.

Meu vestido ficou lindo! Longo, com babados e flores enfeitando a blusa. Saia ampla com babados enfeitados.

Meu pai levou minha 'vó Pina e minhas primas. Mas aquela que tanto trabalhara para o êxito desta festa ficara em casa. Sequer fora cogitada sua presença.

Nunca entendi porque a irmã Dolores fez naquele ano uma pausa nas aulas de taquigrafia, substituindo-a por desenho e canto. Material todo americano. Era uma delícia trabalhar com aqueles papéis coloridos e aqueles excelentes lápis de cera.

Escolhíamos um desenho no livro de religião. Ozaide fez um trabalho multicolorido. Parece-me que era a reprodução da Arca da Aliança. Eu, a cidade de Belém.

Gostava muito daquele canto melancólico:

Gone are the days
When my heart was young and gay
Gone are my friends
From the cotton fields away
I heard those gentle voices calling
Old, black joy!
I heard those gently voices calling
Old, black joy!...

E este de natal:

Holy old Saint Nicholas
Lean your ears this way
Don't you tell a single word
What I'm going to say

Christmas eve is coming soon
Now you ???????? old man
Whisper what you'll bring to me
Tell me if you can

Johnny wants a pair of skates
Suzy wants a dolly
Nelly wants a history book
She thinks dolls are foolish

As for me, my little (brain?)
Isn't very bright?
Bring to me, old Santa Claus
What you think is right!

Ah! Nesse ano, logo depois das férias, ganhei a caneta-tinteiro igualzinha à do Eugênio, até na cor, causando brigas em casa, com Ozaide, a ponto de termos de mudar nossos horários de fazer a lição de casa.

No final do ano, me apavorei com a chegada dos exames. Alfredo (menino inteligente, o único a dialogar com as freiras e professoras em classe), ao contrário dos demais meninos, se enturmava bem conosco. Numa rodinha, comenta:

- Agora ela deveria dar exame de desenho, e não de taquigrafia.

Nossos desenhos afixados às paredes só foram devolvidos no último dia de aula. Gostava de ficar olhando para aquele trabalho: tão serena aquela cidade de Belém!

A única lembrança desagradável nesse ano fora minha operação de apendicite e a da Elizia, com poucos dias de diferença. Fomos operadas no Hospital Matarazzo, na Alameda Rio Claro – antigo hospital Umberto I, pelo Dr. Baeta Neves, grande médico, dizia meu pai.

1947

Saudades das amigas circunstanciais. A única que vez por outra vinha em casa – da classe da Ozaide – era a aparecida Sakalauskas. Certo dia, tanto insistiu que minha mãe foi obrigada a arrancar um pé de limão de uns oitenta centímetros para ela plantar em seu quintal.

Além dela, uma vez, aparece-me para copiar uma lição de casa, a Vilma, moradora da rua – também da classe da Ozaide. À sua frente, senti-me envergonhada pela simplicidade de nossa casa. A Vilma morava numa casa grande, móveis bonitos. Eu insistia com minha mãe para encerer a sala, ao menos aos sábados. Como admirava as casas cujo assoalho vermelho-brilhante produzia um aspecto de riqueza.... A mãe nunca quis saber. Preferia lavá-lo de tempos em tempos. Eu não me sentia segura quanto ao ritual. Primeiro esfregava-se palha de aço grossa em todo o assoalho, para torná-lo uniforme e liso. Para colorir, passávamos duas ou três camadas de um preparado ao qual davam o nome de "vermelhão". Só então é que era passada a cera e dado o brilho com o escovão. Que trabalho...

OUTRA MORTE

Foi com grande pesar que soubemos da morte de meu bisavô, Angelo Frezzatti, pai da *nona* Maria. Tinha uns 95 anos. Depois de fraturar a perna numa queda, não havia mais condições de tratá-lo em casa. No instante da notícia, me vem à mente, ele saindo de casa carregado sobre uma maca, para o asilo, lá pelas bandas do Jacanã. Ao despedir-se da filha chorosa, tinha também os olhos rasos d'água. Parecia adivinhar que não voltariam a se ver. Não sei precisar a data. Acabara-se o *nono* velho – assim o chamávamos. Não mais veríamos sua figura grandalhona, encurvada, apoiado na bengala, andando devagarzinho pelo quintal. Às vezes nos ameaçava com sua bengala, quando a algazarra era demais.

COTIDIANO

Finalmente começaram as aulas de datilografia. Horário matinal, obriga-me a subir até a escola duas vezes por dia. No porão da casa das irmãs, duas máquinas: uma "Underwood", a melhor, e a Remington, velha, muito ruim, dura, pesada... Procurava chegar antes da hora, para pegar a melhor.

- A S D F G, espaço... sem olhar para o teclado, Irmã Dolores insistia.

A professora que substituiu Dona Elza, dona Carmelita, velha para nossos parâmetros, era amiga da mãe da Greta, da Rua Ibitirama.

Para as maiores, fora liberada a leitura de romances – aqueles que ficavam na parte mais alta da estante da biblioteca. Romances mornos de M. Delly – sempre achei que fosse uma mulher – "Arremessada ao mundo", "Torneio de valsa"

Dona Carmelita, perto do dia 13 de maio, propõe uma composição alusiva. A melhor teria um prêmio. Depois de verificar uma por uma, pediu-se que lesse em voz alta, na frente. Fui bem e ganhei o primeiro prêmio. Havia escrito onze páginas do caderno. (Mas nunca recebi o tal prêmio)

Além dos afazeres em casa e das lições, reservava a noite para ajudar meu pai a calcular o ganho diário dos carregadores dos armazéns. Mas ele ficava de olho, e de vez em quando achava um "gato", obrigando-me a refazer todo o cálculo da turma respectiva. No tempo da safra, o volume de vales era grande,

trabalho sem fim. Pedia ajuda para a Ozaide, mas ela não queria saber...

Nessa época o pai passava o domingo de vila em vila, à procura de trabalhadores com prática ou, conforme a necessidade, até sem prática.. Com exceção dos irmãos de minha mãe, que aprenderam cada um sua profissão, os demais parentes, novos e mais velhos, passaram pelos armazéns ou na futura firma de meu pai. Serviço bruto, pesado. Tinha que ser "muito homem".

Minha mãe continuava socorrendo as costureiras em seus apertos. Trabalho esporádico, ganhava pouco, mas sempre ajudava. Nunca mais quis saber de costura particular.

Certa vez, dona Amélia, com um figurino incluído no "Jornal das Moças", e um molde semi-cortado, veio pedir-lhe explicação. A mãe a ajudou cortar o vestido, e fez um também para ela. Seda pesada. Verde garrafa. Seu único vestido de sair já estava ficando puído.

Foi com este vestido que foi a um festival na rádio Tupi, no Sumaré, parece-me que no encerramento de um drama de muito sucesso. Ela me convidou, e é claro que fui também... Fomos de unhas pintadas de vermelho vivo. Eu, pela primeira vez visitava um estúdio de rádio. Pela primeira vez trocava o imaginário pela realidade.

Antes de iniciar o show, no imenso corredor em frente ao auditório, sentadas no murinho, observávamos os astros e estrelas passando para lá e para cá, com ares importantes... Eu, sem coragem de encará-los, tal a minha inibição. Mesmo assim, vi Yara Lins, num conjunto de linho manteiga, de braços com o namorado; a dupla romântica, Sônia Maria e Nélio Pinheiro, Aldaíza de Oliveira (heroína), Walter Forster

Vilma Bentivegna e Walter Avancini ensaiavam num canto o "Encontro das cinco e meia". Ela com sua eterna vozinha dengosa.

Seria naquele mesmo auditório que se realizaria o "Clube do Papai Noel", comandado pelo extraordinário Homero Silva. Participavam Sônia Maria Dorse, Enéas Fontana. O acordeonista, Carlinhos Mafazolli .

NOVO HÓSPEDE

Com a chegada do primo Osvaldo do Paraná para morar conosco, meu pai faz-nos uma preleção:

- Quero que tratem esse rapazinho como se fosse seu irmão mais velho. Teve a má sorte, minha finada irmã morreu quando ele nasceu. Foi criado de casa em casa. Quero fazer tudo por ele. Estimava muito seu pai, meu finado cunhado Afonso.

Sua presença calada nos inibia, tirando-nos a espontaneidade. Fora das vistas de meus pais, fazíamos piadinhas e conseqüentes risinhos espremidos, deixando-o mais encabulado.

Minha mãe também sentiu-se incomodada de ter que voltar a juntar as duas peças de seu rico "buffet", para armar a cama "patente".

Dias depois, Osvaldo já trabalhava como office boy no escritório dos Armazéns L. Figueiredo.

Revezando dois ternos que o pai lhe comprara – um era cor de café com leite – descia e subia o morro, sempre com uma pesada pasta.

Seria agosto ou setembro. À noite eu, sentada à mesa, compenetrada, calculava os vales do dia. Ele, sentado em sua cama, tocava o inseparável cavaquinho. Sabia partes de umas três músicas, entre elas "Saudades de Ouro Preto".

Lentamente fomos fazendo amizade. Ozaide até já brigava com ele, quando deixava rastro de seus sapatos no cimento recém lavado, ou quando encontrava cinzas de cigarros espalhadas (Hollywood era sua música predileta).

Um belo dia o pai chegou de carro de praça trazendo o Osvaldo, mancando, com um pé enfaixado.

- Nada de grave; foi só uma torção. O médico do seguro deu 15 dias de repouso, falou meu pai.

Nem poderia ir à tia Itália passear com os primos no final de semana.

Sem nada o que fazer, ficava me observando

fazer aqueles intermináveis exercícios de taquigrafia (coisa misteriosa e inexplicável para ele). Às vezes dizia da saudade que sentia do sítio de seu pai em Marialva. Dos amigos, dos irmãos e principalmente das meias-irmãs pequenas, a Dora e a Geny – filhas do segundo casamento de seu pai. Solidária, procurava consolá-lo. Aí começou um envolvimento. Não sabia bem o que era.

Salviano comprara um terreno e construía uma casinha no município de Utinga. Dona Amélia alugara seu quarto para um casal, Rosa e João. Seu Guido construía uma cozinha de tábuas no fundo do quintal. Dona Rosa estava grávida. Eu achava curiosa aquela barriga redonda e grande.

VISITA DO TIO RENATO

Terminado o inventário do nono Natal e a conseqüente venda de sua casa da Rua Pindamonhangaba – seu último bem – o pai, deixando avisadas as partes, marcou uma reunião em nossa casa. Fiquei feliz com a chegada do tio Renato, e decepcionada por não ter trazido tia Amélia.

Naquele domingo, logo depois do almoço, sentados à volta da mesa, ouviam as explicações de meu pai. Num tom meio que cerimonioso e compungido, lia o texto que me pedira para fazer uns dias antes. Uma espécie de declaração e recibo. Ficava muito contente com o resultado, até pediu-me que o lesse várias vezes.

Raramente nos deixavam ir às matinês. Mas nesse dia, aproveitando o estado emocional de meu pai, arrisco pedir-lhe. Já tinha ido no domingo anterior, tinha visto o trailer, prometia ser um filmão. Acho que era "A Irresistível Salomé". Ele deixou e ainda foi pródigo no dinheirinho. Deu para a entrada e para algumas balas. Então fomos, o Osvaldo, a Ozaide, a Elizia e eu. Sentei-me junto ao meu primo. Ambos desconcertados.

RIFA-SE UM CARRO

Naquele final de ano, irmã Marcelina rifa um carro recém-chegado dos E U, para ajudar na conclusão das obras. A cargo dos alunos ficou a venda dos números de rifa (a rifa seria sorteada pela loteria federal). Para melhor resultado, grande parte seria vendida no centro da cidade – Rua Conselheiro Crispiniano. A 6ª e a 7ª séries foram incumbidas, cinco ou seis alunos, revezando-se, ficando dispensados das aulas.

Nos reuníamos no colégio em horário pré-estabelecido, e o motorista nos levava e nos trazia à tarde. O carro ficava exposto na rua. Lindo, bordô brilhante.

Durante os dias que participei, em alguns fui campeã de vendas. Nosso uniforme de colegial ajudava a convencer as pessoas a comprar as rifas.

Num dia, Olga e eu, entusiasmadas, fomos oferecendo as tais rifas rua afora, até chegarmos perto da Light. Nos perdemos e tivemos que pedir ajuda para voltar. Mas, antes de percebermos que estávamos perdidas, admirávamos boquiabertas aquela parte da cidade, perto do Teatro Municipal, tão majestoso. Me lembrei que fora ali que o tio estivera em bailes de carnaval.

Perto do ponto de venda, descobrimos uma atração. O nosso objeto precioso ficava no corredor da entrada de um prédio.(???) Ali funcionava também estranho comércio. Pela tarde chegava uma senhora, com uma cesta de vime cheia de macinhos de violeta, que oferecia para os transeuntes, principalmente para senhores acompanhados de suas damas.

CARTA DOS ESTADOS UNIDOS

Na hora do almoço, o pai tira do bolso da "gandola" um envelope meio amassado e diz:

- O Sétimo (funcionário do Armazém L. Figueiredo) recebeu esta carta de sua sobrinha, filha de uma de suas irmãs que mora nos Estados Unidos, e pediu para traduzir. Ele não entende nada. E como vocês estudam inglês, achei que dava para fazer isso. Não dá?

Tentei traduzir, mas só reconheci algumas palavras. Na escola, recorri ao Alfredo, mas ele não foi de grande ajuda. Acabou irmã Dolores vindo em nosso socorro. E apontou-nos vários erros no texto.

De qualquer modo, com a tradução na mão, meu pai se orgulhou dos filhos.

FINAL DO ANO

Término do ano escolar. Era o fim do nosso curso. No próximo, só aulas de inglês para quem estivesse interessado, e isso à noite, no colégio novo – rua escura e isolada. Ao nos despedirmos, sentíamos a tristeza de uma separação definitiva. Poucos se encontrariam novamente. Cada qual seguiria o seu rumo. A maioria iria trabalhar. Já tínhamos nosso diploma da datilografia.

Muitos anos depois, Maura me contou que irmã Marcelina arranhou-lhe uma vaga na General Motors, em São Caetano. Maura continuava morando em Vila Alpina. Sua irmã Anastácia, muito amiga da Ozaide, não voltou a estudar depois do 4º ano. Sua mãe tivera mais uma filha e Anastácia cuidava da casa e do bebê – sua mãe trabalhava fora.

CASAMENTO DO TIO ORLANDO

Na casa da nona começavam os preparativos para o casamento do tio Orlando, o caçula dos homens. O tio se casaria com a Rosa, filha de dona Deolinda, a portuguesa que também costurava para o exército, e que morava quase em frente à casa dos nonos. Como sempre acontecia com os filhos recém-casados, tio Orlando e senhora ocupariam o quarto da frente. E

era nisso que a Amábile estava empenhada: fazer caber tudo no único quarto pegado – o da nona. A tia voltaria a dormir na sala, protegida por um biombo.

Tempos depois de terminado o noivado com o Valter, ela voltou a freqüentar o "vai-e-vem", sempre meio às escondidas. Mas já não se sentia tão ameaçada pelos irmãos, que agora tinham mais o que fazer além de cuidar dela. Eles já não saíam de casa com regularidade, nem para ir à igreja. Para os moços, serem membros da congregação mariana, só era permitido até o casamento. E havia uma cerimônia especial para a "filha de Maria" que se casava: na igreja, suas companheiras, uniformizadas, se colocavam lado a lado ao longo da nave central, aguardando a noiva, que entrava com a fita azul ao pescoço, então retirada pela presidente, enquanto entoávamos um hino de despedida. Momento de muita emoção. Muitas já entravam chorando.

Naquelas rezas, a tia procurava ficar nos bancos bem atrás. Depois de uns cinco ou dez minutos, me puxava pelo braço e saíamos.

Ficávamos subindo e descendo, ela rindo com colegas. Os moços mexiam, assobiavam (aquele assobio fino, inspirado), e eu morrendo de vergonha...

Quando divisávamos alguma mulher da Pia União que subia até o cinema para "ver o cartaz" (desculpa), íamos embora para não dar na vista.

Do casamento do tio lembro-me bem pouco. A festa foi na casa da noiva, que, como já disse, ficava quase em frente à casa da nossa avó. Houve baile, a Amábile não perdia uma dança. Até a mim me puxaram para dançar. Que vergonha! Tão empolgada estava com nossos vestidos brancos de lezer que me sentia pairando no ar... Daquela vez a mãe extrapolara. Deu-nos dois: estreei um na missa do galo (sobrara um pouco do tecido e nossa mãe comprou tafetá rosa e fez ????? do tecido que sobrara). Eu e a Ozaide vestidas iguais. Lindos! E o mundo prometia mil venturas...

1948

No começo desse ano Salviano muda-se para Utinga, onde, com grande sacrifício e ajuda de meu pai, concluiu sua casinha. Dona Rosa passou a morar no quarto e cozinha. Grávida, já tinha um

filho – o Celso, com um ano.

Seu marido, João Afonso, de descendência espanhola, era de pavio curto, destemperado: "Me cago en la leche! Me cago en dos leguas al redor!" – e cagava muito mais. Era só ficar levemente contrariado e...

Ao nascer seu segundo filho, ficou tomando conta do menino. Celso tinha um cabelão encaracolado, armado (não cortavam seu cabelo – alguma promessa). O pai trazia-o para o quintal, prendendo-o entre suas pernas, só deixando a cabeça para frente, e ia desembaraçando o cabelo, não se importando com seus gritos e choros. Trabalhava na fábrica de papéis e papelão, na época junina trazia enormes balões (parece que já os trazia prontos da fábrica). No dia de soltá-los - domingo– mais trabalho: fazer a tocha, com breu, querosene, estopa... Lá pelo começo da tarde ou à noitinha, tacava fogo no bicho. Vários ajudantes seguravam os gomos abertos, outros subiam no barranco e, com auxílio de tábuas, mantinham o bico elevado e esticado.

- É um balão de umas duzentas folhas! Olha só o tamanho da tocha!

Eram poucos os balões que subiam. Mas valia pela alegria, pela expectativa e torcida. Era uma festa.

CASA NOVA

De sociedade com o vô Henrique, meu pai construiu uma casa num terreno cuja frente dava para a pracinha. Casa grande para comportar duas famílias. A doença de minha avó se agravava e não mais poderia depender só dos cuidados da Amábile.

ROMANCE ACABADO

Quando, naquele dia, meu pai chamou o Osvaldo para uma conversa séria, ao primeiro momento não entendi porque uma quase brincadeira tinha tomado proporções tão alarmantes. Seu tom compungido o denunciava.

- Te trato como um filho...esperava que você retribuísse... vocês estão de namoro?

- Sim, tio. Gosto muito da Maria, foi a resposta de meu primo.

Quando meu pai veio falar comigo, eu chorava. Por nada neste mundo queria perder sua confiança. Tanto que minha resposta foi negativa. Faria qualquer coisa naquele momento para apagar o que quer que tivesse feito de errado. Mesmo assim, por precaução, Osvaldo foi "desterrado" para a casa da tia Itália.

Os dias foram passando... abrandando aquele firme propósito. A verdade é que sentia falta do primo. Muito, muito...

SÓ PARA MULHERES

Mal cheguei à casa da *nona*, naquela tarde (levava costuras para ela – dois vestidos e uma camisola), a tia, empolgadíssima me explicava o programa que ouvia atenta na rádio Record. Parece que era comandado por Blota Júnior e sua esposa, Sônia Ribeiro. O animador anunciava mais uma vez: "Todos os rapazes que têm estas características, compareçam à Rádio Record até as tais horas. Caso um seja escolhido pela linda senhorita que os aguarda em nosso palco-auditório, receberá como prêmios (e os citava)... Se você se chama Osvaldo, tem até 28 anos, moreno-claro, olhos e cabelos escuros, altura até.....

Diante da descrição, bateu-me um choque no peito. Quase as características de meu primo! A cada novo candidato que chegava, ouviam-se palmas, assobios e gritinhos no auditório.

COTIDIANO

Freqüentei as aulas de inglês no nosso colégio por uns meses. Era à noite, rua escura, a mãe não estava gostando nada dessa situação. Acabei desistindo.

Agora tínhamos um novo cinema. Fora inaugurado há pouco. Sua construção, grande, por sinal, tomara parte do terreno do bosque. Mas deixaram, passando pela lateral do prédio, a trilha que cortava caminho para a rua Ibitirama. Às quartas havia soirée das

moças – concorrida, pois as senhoritas não pagavam entrada. Pena que coincidia com dia e horário do grêmio de ex-alunos, recém fundado pelas irmãs no colégio. Fizemos muitas coisas juntas: bailes, festas juninas, quando então íamos com roupas condizentes. Tínhamos em pequeno coral. A irmã Bernarda nos orientava.

Num dos regressos do cinema, a Cida e eu encontramos o noivo de sua irmã, que nos acompanhou na travessia o bosque com segurança. Nunca soubemos de nenhum acontecimento desagradável naquele trajeto. Mesmo assim, nossos pais se preocupavam.

Ozaide fazia o 7º ano e datilografia, mas à tarde. Elisa continuava no colégio antigo.

Ouvíamos o famoso Bob Nelson("Tiro le-í-ti, tiro le-í-ti"); Vicente Celestino("Porta Aberta...", "Na Guanabara um barco a vela navegava..."). Dona Amélia acompanhava com sua linda voz! Também cantava canções italianas muito bem. Quando estava em casa, seu Guido caçoava: "Ô, 'porta aberta', vê se passa minhas calças e a camisa prá amanhã, viu?"

Dormíamos cedo, sem nenhum lazer, sem luz, sem rádio, esgotados pelo cansaço do dia. As visitas à casa da nona é que tiravam meu pai dessa rotina. O tio Renato levava a nona Pina para passar uns meses com a filha.

FOTO

Num domingo, no começo de 48, saímos todas: Elisa, Ozaide, eu, Cida, Cidinha, Naura, para um passeio. Temos uma foto nos jardins do museu do Ipiranga, que selou nossa amizade.

Pelo adiantado da hora, estranhamos a visita de João e Osvaldo. Minha mãe, já deitada, não se levantou. Vinham despedir-se dos tios. João, o mais velho, já trabalhava como motorista de caminhão. Osvaldo iria voltar para o sítio de seu finado pai, onde, além de sua madrasta, sua irmã casada, Nica ficara no sítio, numa casinha próximo à casa grande (com a morte do pai, o sítio fora dividido entre os herdeiros).

Conversaram na cozinha. João e o pai mais ao fundo, perto de mesa. Osvaldo, sentado próximo ao corredor que dava para a sala. Fui para o barracão fazer o café. Mariquinha sobre a mesa, despejava lentamente a água fervente no pó do coador. Na posição em que estava nem o pai nem João me enxergavam, mas eu tinha plena visão do Osvaldo. Fiquei a olhar, tentando chamar-lhe a atenção. Ele se mantinha firme, fingindo ouvir a conversa. Mas, a certa altura, não se contendo, lançou-me um olhar furtivo, segurando um riso debochado.

Servi o café, passei defronte a ele e segui o corredor até a sala. Rasgo uma folha de caderno e escrevo-lhe rapidamente um bilhete de despedida, onde declaro meu amor e a tristeza por sua partida. Termino com uma quadrinha:

O fogo, quando se apaga,
Deixa na cinza o calor.
Do amor, quando se separa,

No coração deixa a dor.

Dobrei muito bem a folha e disfarçadamente coloquei em sua mão, na hora da despedida.

SONETO

Se te procuro, fujo de avistar-te
E se te quero, evito mais querer-te
Desejo quase aborrecer-te
E se te fujo, estás em toda parte

Distante, corro logo a procurar-te
E perco a voz e fico mudo ao ver-te
Se me lembro de ti, tento esquecer-te
E se te esqueço, cuido mais amar-te

O pensamento assim partido ao meio
E o coração assim também partido
Chamo-te e fujo, quero-te e receio!

Morto por ti, eu vivo dividido
Entre o meu e o teu ser sinto-me alheio
E sem saber de mim, vivo perdido
Bonifácio (o moço)

REVISTA

Ávida por leitura, não tendo mais acesso à biblioteca da escola, era uma dádiva ter uma revista para ler. Além do "Jornal das Moças" (era mais um figurino), vez por outra conseguia um dinheirinho com minha mãe para comprar "O Cruzeiro", **????** entrar em contato com um mundo tão diferente do nosso. Mundo de gente sofisticada, bonita. Deliciava-me com o catálogo, em forma de figurino, da americana "National Bellas Hess" – eram roupas sapatos, bolsas, etc. num colorido que aguçava a imaginação. Colônias Perfumadas Coty, Talco Johnson para crianças, pó-de-arroz Lady, Leite de Colônia, Presunto Swift, "Kolinos ilumina o seu sorriso", "A beleza da pele das estrelas – Pan Cake Make up da Max Factor, Hollywood, Fermento em Pó Royal, "A boa iluminação é uma necessidade! Philips, a lâmpada mais econômica"...

Tomava conhecimento por alto das palavras em inglês, geralmente para qualificar astros e estrelas do cinema. "Glamour", nunca entendi realmente o que era. Lembro-me, certo dia, irmã Marcelina referindo-se aos artistas de cinema:

- Aqueles macacos, sempre fazendo imitações. Eu espero um grande castigo para os E U por esses pecados de impureza que seus filmes espalham para o mundo todo...

FÉRIAS

Nas férias daquele julho fizemos uma viagem ao norte do Paraná. Conosco iam regressar à sua cidade o Olímpio e a Zezinha, filhos de tio Ernesto. Vieram à casa da nona para estudar. Não se adaptaram e quiseram voltar. Num entardecer meu pai nos levou à estação da Sorocabana, onde embarcamos com destino a Ourinhos, divisa São Paulo-Paraná. Em Ourinhos faríamos a baldeação, que mais preocupava minha mãe, com tanta criança e o Toninho pequeno ainda. O outro tem ira até Londrina, fim da linha. Daí, Mandaguari, de "jardineira".

Tarde da noite do outro dia, quando chegamos a Mandaguari, estávamos sujos, cansados e famintos. Tínhamos preparado um bom farnel para a viagem. Tia Mirene fez uma torta de palmito, ovos e ervilha. Uma delícia! Mas foi devorado ainda no primeiro trem.

Nos acomodamos e, assim que levantamos, no dia seguinte, tia Mariquinha rapidamente começa a enrolar os colchões com lençóis e travesseiros dentro, tanto os das camas quanto os do chão. Logo entendemos, ao sair. A rua era coberta por uma camada espessa daquele pó fininho como pó de arroz (aspecto de Toddy?). A cada caminhão que passava levantava-se aquela nuvem de poeira. Nem com janelas fechadas se livravam daquela praga. Tudo coberto por aquele pó marrom.

Perto do tio Ernesto moravam também tio Olímpio, e no fundo da "data" ficava a casinha do tio Aurélio. Olímpio e Aurélio tinham juntos uma oficina de folheiro. Na "data" do tio Ernesto, mais para a esquina, a venda e moradia da irmã da tia Mariquinha, Julieta. Além dos primos Olímpio e Zezinha, meus tios Ernesto e Mariquinha tinham mais três: os pequenos Oripe e Oride, com 5 ou 6 anos, e o Zezinho (José Maria), bebê de dois anos, lindo e robusto.

Eu havia me esmerado nos preparativos para essa viagem. Pela primeira vez usei sapatos de salto. Meias de nylon. Bolsa de camurça. E o primeiro penteado feito em cabeleireira. Mas aquela poeira vermelha impregnava sapatos, meias, bolsas, vestidos, cabelos, tudo.

- Não morava aqui nem prá ganhar o maior dinheiro do mundo!

Apesar de tudo, tenho lembranças gostosas daqueles dias. Havia quermesse à noite, na praça da matriz. Assistíamos à reza e depois ficávamos passeando pelas barracas. Juntava muita gente, principalmente moços e moças (lá também tinha o "vai-e-vem"). Do alto-falante não parávamos de ouvir um bolero muito em moda ("Quizás", com Gregório Barrios?):

Siempre que te pregunto
Por como, cuando y donde
Tu siempre me respondes
"Quizás, quizás, quizás..."

Y así pasan los días,
Y yo desesperado
Y tu, tu contestando
"Quizás, quizás, quizás..."

Estás perdiendo el tiempo,
Pensando, pensando
Por lo que tu más quieras
Hasta cuando, hasta cuando

.....
.....

Tio Ernesto nos levou ao sítio da tia Lázara, em seu caminhão. Quando descemos a estradinha do sítio, meu coração dava pulos, procurava só uma pessoa.

Pousamos no sítio naquela noite. Só vi o Osvaldo de longe. Não nos falamos a sós. Não tivemos oportunidade. Na saída, disse que pretendia ir a São Paulo para o mês de setembro.

Do sítio fomos para a cidade de Marialva (de carroça?). No domingo fomos para o sítio do tio Renato e da tia Amélia, onde a nona Pina estava.

Quando vi minha tia Amélia, quase não a reconheci. Estava tão envelhecida... Abraçounos chorando de contentamento. Percebi que a nona Pina estava ansiosa para voltar para nossa casa: "Naquele buraco não tinha nada para ver. Só mato! Coitadinha da Amélia..."

MUDANÇA

Mais uma mudança. Em agosto de ????, novamente. Quando entramos na casa, ela ainda não estava pronta. Passamos vários dias pintando janelas, portas. E estávamos horrorizadas com as cores impostas pelo nono Henrique – um quarto pintado de azul, outro de verde, a sala de ????

Por aqueles dias a nona Maria estava internada na Santa Casa de Misericórdia. Faziam nela aplicações de radium.

Agora tínhamos luz elétrica em toda a casa, inclusive no banheiro (que o vô Henrique teimava em construir no exterior da casa, mas que ficou no devido lugar). Casa grande: três dormitórios, sala e cozinha. Mas ainda nada de água encanada – lá também tínhamos que apelar para um poço.

Dentre todas essas novidades boas, a que mais nos deu prazer foi o rádio velho do nono. Só para nós. Já não precisávamos ouvir no vizinho. E quantas emissoras naquela caixa milagrosa! Rádio Bandeirantes (Irmãs Galvão); Rádio Panamericana (na qual os homens ouviam entusiasmados as partidas de futebol); Rádio Piratininga; Rádio Record (Torres, Florêncio e Rielli); Rádio Tupi-Difusora. Mas nosso xodó era a "Rádio São Paulo, PRA-5, uma poltrona em cada lar..." E sempre seguíamos a Ave-Maria das 6 da tarde.

A convivência com o nono Henrique não era muito fácil. Ele era muito severo, sisudo, sempre a postos para passar pitos. Quando ouvia barulho de louça quebrando na cozinha, virava bicho!

Havia a tristeza de ver a nona Maria muito doente, quase sempre na cama. Mas, por outro lado, estávamos felicíssimas por conviver com a tia Amábile na mesma casa. Foi ela que me deu o meu primeiro sutiã (usado, claro – ficara pequeno para ela). Era "Mourisco", sua marca predileta. E a tia Amábile também sofria. Sabia da doença incurável da mãe. Tratava-a com quase devoção. (mencionar que após 7 anos a Amábile também morreu de câncer, e que tinha problemas cardíacos?)

A casa era bem cuidada. Trabalhávamos sob o comando da mãe e da tia, limpando tudo, raspando tinta do assoalho com cacos e vidro, até conseguirmos mantê-lo bem encerado. Até o cardápio melhorara. Nos domingos, almoço caprichado – até "gnochi" tinha...

Naquela ocasião recebemos como novos vizinhos duas ou três famílias grandes, com filhos moços, dos quais logo ficamos amigos. O que não acontecera em anos, acontecia agora. A mãe lhe costurava, de vez em quando, belos vestidos. (para quem?).

A Amábile começou a namorar um parente, o Antonio (sobrenome?). Aversa àquele namoro, minha avó, vivia dizendo: "Mábile, larga desse moço. Isso não vai dar certo. Ele é seu segundo primo, e primo até a quarta geração, a Igreja não aprova casamentos". Mas suas ladainhas não eram levadas em consideração.

Segurei muita vela nesse namoro. Foi ótimo. Me rendeu conhecer muitos cinemas – minha paixão – no centro da cidade. O Cine Alhambra, na Rua Direita, muito chique! O hall de entrada todo atapetado de vermelho, escadas com correntes e pilastras douradas... naquela vez passavam um

filme com as Esther Williams, anterior ao "Escola de Sereias". Assisti inebriada.

PROCURO EMPREGO

Comecei a manifestar o desejo de trabalhar em escritório, ignorando as dificuldades da falta de trabalho e falta de prática. Geralmente comprava o "Diário Popular", onde, com o título de "auxiliar de escritório", vinham no máximo três ou quatro anúncios. Fiz alguns testes, sem sucesso.

Naquela manhã, fazia um teste no escritório de advocacia. Rua Álvares Penteados. Batia à máquina uma carta de apresentação (eu já a tinha de cor). Não sei como o colar que trazia ao pescoço se arreventou, espirrando imitações de pérolas para todo lado, quicando alto várias vezes sobre o piso de madeira, antes de se acomodarem em baixo de mesas, armários... Quando o advogado abre a porta, atraído pelo ruído, encontra-nos, eu e a recepcionista, de cócoras, catando as rebeldes bolinhas. E eu precisava achar todas elas, pois o colar era emprestado... Acho que conseguimos resgatar todas, e eu saí, deixando a carta pela metade na máquina.

NONO CALCULA SEUS DIREITOS

Trazia tudo na cabeça. Fazia verdadeira mágica com sua mente aguçada. Não sabendo ler, fazia tudo melhor do que muitos letrados. Naquela tarde me explicava mais uma vez aquela "novela" do Alfredo Magalhães: "Os filhos querem que eu esqueça essa dívida, mas não esqueço não... Empréstei-lhe o dinheiro, e ele tem que me devolver com juros capitalizados. Agora vou cobrar juros sobre juros... e você vai calcular direitinho. E vou à casa dele, quer ver?" – e fazia ameaças feias.

Quando apresentei a folha de caderno com os cálculos, ele duvidou. Eu também não estava segura. Dias depois, me falou ter mostrado ao contador da firma, que constatou meus erros. O nono nunca chegou a receber essa dívida.

NOVELAS

Horário nobre –21 horas. Logo aos primeiros acordes do tema musical do horário (nos familiarizamos com trechos de música clássica, graças às novelas) já estávamos na sala, esperando o desenrolar de mais um emocionante capítulo. O galã do horário era o Waldemar Ciglioni, com sua voz maviosa:

- Idely, Idely, filha querida!...

Os "mocinhos" eram Idely e Sidney (nome do futuro filho único da tia Amábile).

1949 - PRIMEIRO EMPREGO

Tio Orlando trabalhava como enfermeiro na firma Ferragens e Laminação Brasil, na Vila Zelina – Rua Venda Nova. Foi ele quem me arrumou uma vaga para trabalhar. Um pouco desiludida, pois não era bem no escritório que iria trabalhar, e sim dentro de uma "gaiola", na seção de estampanaria. O Sr. Kostas, mestre, um lituano de meia idade, foi muito paciente com minha inexperiência. Eu cuidava do controle de peças produzidas. Olga, minha amiga da escola, trabalhava na expedição, extraindo notas fiscais. Em minha seção trabalhavam moços, senhores, senhoras. Os homens naquelas prensas enormes. Mulheres e moças nas frezas, um tipo de prensa menor. Saíam da fábrica cremonas para venezianas, dobradiças para janelas e portas e uma porção de peças de metal.

Aos poucos fui me adaptando e fazendo amizades

Sempre tinha gente na minha "gaiola" entregando mercadorias, para conseqüente baixa nos pedidos. O chefe examinava as peças meticulosamente, só depois é que dava ordem para a baixa. Eu tinha tempo ocioso. Li muitos livros emprestados e escrevi muitas besteiras naqueles ????? da firma. Até em poesia me aventurei.

Uma revista muito apreciada pelas moças era o "Grande Hotel", com romances em quadrinhos, histórias (escritas?), etc. em sua capa sempre aparecia um casal deslumbrante pela beleza e sensualidade. Parece que chegava às segundas-feiras. Ao regressar do almoço, passava na banca de jornal do Largo de Vila Zelina. Dinheirinho contado, comprava quando podia. Lia e relia, e até emprestava para algumas das moças, que iam ler no banheiro.

Não era o emprego que queria. Gostaria de trabalhar num escritório de verdade, como aquele da Rua Direita, onde fiz experiência de uma semana, mas quem ficou efetivada foi outra moça.

Escritório das Casas Lú-Musseline, com filial ou matriz à Rua Barão de Itapetininga. Tecidos e roupas. Lá sim que era bom. Tanta coisa para se ver no caminho: Casa Alemã, Marcel Modas, Casa Henrique, lojas Americanas (antiga Loja dos Dois Mil Réis), Casa Beviláqua, Cine Alhambra, Bar Viaduto, Casas Slopper. Lojas bem no gosto das moças e senhoras. Artigos finos em bijuterias e roupas, calçados e bolsas. Caro para as nossas posses. Mais à frente, perto da igreja de Santo Antônio, a Casa Fachada, loja de perfumes, finíssima, onde namorados marcavam encontro. A Francisca, filha do tio Francisco e enteada da tia Mirene, marcou muitos encontros ali. A Amábile também. Sem contar que a Rádio Record na esquina do Largo da Misericórdia com a Direita, fazia, nos andares superiores (???). Na Rua Direita havia também, aos sábados e domingos à noite, uma reunião curiosa – só negros e negras fazendo "vai-e-vem". Brancos eram mal vistos no pedaço.

MUDANÇA DA TIA MIRENE

Há algum tempo tio Francisco adquirira um bom terreno na Rua Pedro Magalhães, uma travessa da Avenida Dom Pedro que termina no monumento do Ipiranga. Construiu uma casa. Foram lá morar já em fevereiro de 48. Tia Mirene ficou radiante por deixar a Vila Formosa.

DOENÇA

Sombras negras se formavam no horizonte de nossas vidas. Tudo começou com uma rouquidão que não passava. Depois do resultado da biópsia feita em meu pai, constatou-se necessidade de cirurgia. Dr. Moisés, médico do IAPETC (explicar?), operaria no Hospital Matarazzo, na Alameda Rio Claro. Caso muito grave – câncer na laringe. Noutro hospital, na mesma ocasião, nona Maria também sofria cirurgia. A mãe, angustiada, se dividia entre os doentes. Amábilis fez companhia à nona no hospital.

Numa tarde, a mãe chega do hospital onde o pai estava e, sem se conter mais, chama-nos para o quarto onde eu estava deitada, e conta-nos a realidade, chorando convulsivamente. Choramos todos juntos por muito tempo. Fui dar banho no Toninho, e ele me olhava assustado, não entendendo minhas lágrimas. Nona Pina participava silenciosa, com certeza com medo do que poderia acontecer. Dias terríveis.

A volta do pai foi traumática para todos nós. Fraco, barbudo, aniquilado. O que mais impressionava era aquela chapinha metálica que trazia no pescoço (traqueotomia). Sem voz, mal psicologicamente, não conseguia se comunicar, o que aumentava seu nervosismo.

Mas, aos poucos foi se recuperando, sempre ajudado pelo Dr. Moisés, que o animava:

- Ô, Emílio, você está curado! Disso você não morre, não. Ânimo, homem. Pode voltar à vida normal, esqueça o que houve – ele garantiu que o tumor estava pouco desenvolvido, e fora possível extirpar o mal definitivamente.

Num domingo logo após a operação, fomos, eu e ele, à missa das 10 h, na igreja de Santo Emygdio. Calados, cada qual procurando disfarçar sua angústia. Do meu lugar, olhava para ele, na outra ala, mais à frente (naquela época havia separação entre homens e mulheres

Cheia de tristeza, pensava: "Será que no ano que vem ele estará entre nós ainda?..."

Na volta para casa, começou como que me dando conselhos, disfarçando a emoção:

- Filha, você é a mais velha, vai ter que lutar muito. Não vou deixar nada para vocês, infelizmente, apesar de ter trabalhado como louco a vida inteira. Põe bem sentido no que estou te pedindo. O dinheiro que empreguei na casa era da sua avó, minha mãe, dinheiro da venda da casa de meu finado pai... te peço, filha, esse dinheiro terá que ser devolvido a ela, custe o que custar.

Não pude responder, embargo na voz. Grossas lágrimas rolavam pelo meu rosto.

Mas, com o passar do tempo, ele foi se reanimando, adquirindo certeza da cura. Ressurgiu cheio de planos. Logo iria cumprir a promessa feita: primeiro na Aparecida do Norte, e vivia dizendo que depois iria a Roma, para falar com o Papa XII....

Quanto à vó Maria, infelizmente nada mais a ser feito. Só esperar a hora. Sua religiosidade confortou-a (e a nós) na doença e no sofrimento. Faleceu a 4 de junho, santamente.

Contava minha mãe que a nona, desde que se casou, isso aos 15 anos, sempre fora muito doente. Com 16 anos já tinha a primeira filha, a própria minha mãe, que, por ser a mais velha, sempre foi a mais sacrificada. Muitos filhos nascidos: dezesseis. Um por ano. Contava que em certo ano teve dois.

Certa ocasião, internada no hospital, acredito que em Presidente Prudente, tivera forte hemorragia. O médico lhe diz que não podia ter mais filho, aconselhando uma operação, pois correria risco de vida. Encarando seriamente o médico, responde:

- Antes morrer do que pecar contra Deus. Aceitarei quantos ele me mandar.

Teve ainda vários. Martha, a penúltima, morreu com mais ou menos um ano, assim como a última, Aparecidinha. Sem leite, o recém-nascido alimentava-se inadequadamente, causando doenças e morte. Aparecidinha morreu entre um e dois anos.

A mãe contava que no enterro da Martha, como os homens e moços não podiam aparecer na cidade, pois correriam o risco de serem convocados para lutar na revolução, chamaram o nono Natal para levar o caixãozinho ao cemitério. ele amarrou-o no lombo do cavalo e partiu para a cidade.

MÃE GRÁVIDA NOVAMENTE

Nesse clima, nessa fragilidade psicológica, ela se mostrava arredia, calada. Atribuíamos isso aos acontecimentos desagradáveis. Mas, tempos depois, a tia Amábile nos conta que minha mãe estava grávida. Não sei minhas irmãs, mas minha reação foi de perplexidade. Como?? Ela já era uma velha! Sentimentos contraditórios tomavam conta de mim. Desde a raiva, revolta, até sentir pena dela. Como, naquela situação de incerteza quanto ao meu pai, eles poderiam pensar naquilo? Divagando, ia alimentando minha revolta, num dia em que subia a Avenida Zelina.

Avenida tão conhecida, cada buraco, cada reguinho, recebendo a água suja, mal cheirosa, dos encanamentos das casas pobres. Não tinha calçamento, era mal conservada. Além das casas simples de comércio, de uns tempos para cá surgia uma novidade: meio que escondido, com portas meio abertas, dava para ver o movimento. Senhores de idade faziam um trabalho com lã bruta. Seria uma fição manual. Às vezes eu diminuía o passo para ficar olhando aquele trabalho esquisito. Isso quando voltava do almoço, pois de manhã subia correndo – medo de bater o cartão atrasada – ainda agora que mudaram o horário. Pela primeira vez, tínhamos horário de verão. Saía de casa com o escuro da noite.

Me sentia enfasiada, sempre a mesma coisa. Bem que a irmã Marcelina nos falou certa vez: “Vocês não querem sair da Vila Zelina? Não têm ambição para melhorar de vida?...”.

AMIGOS DA VIZINHANÇA

Para a praça convergiam três ruas: a dezoito, a dezenove e a vinte. Chegava uma família numerosa de mudança para uma das casas da praça, vizinha à venda. Fizemos amizade imediatamente. Vera, de nossa idade, seu irmão mais velho, Zeca, bonito, noivo. Mas seu estado não impedia as investidas das mais ousadas. Mais dois irmãos casados moravam nos fundos. Formavam dupla de música caipira. Aos domingos à tarde nos reuníamos em algum portão próximo para ouvi-los cantar, acompanhados pelo violão. Gente boa, gente simples do interior. Lembro de uma das músicas:

Na casa de Mané Pedro
Foi numa festa de São João
Cantei moda de viola
Cateretê lá do meu sertão

Todas paraguaianas
De mexer com o coração
Eu fiz as véias chorá
E as moça sentir paixão

Ao terminar essa festa
Eu fui-me embora
Mas deixei alguém
Saí tocando viola
Na estrada afora, como ninguém

.....

Não tardou muito e já Vera organizava bailinhos, participando toda a família. Brincadeiras com a vassoura, com o lenço... eram brincadeiras animadas. Principalmente quando o Zeca chegava da casa de sua noiva. Era disputadíssimo.

Mesmo anteriormente aos bailes da Vera já havia o hábito essas brincadeiras entre vizinhos. Animadas pelo som da vitrola, ou mesmo por programas musicais de rádio. Luiz e seu irmão Paulo, sobrinhos da Luzia, amiga da Ozaide, exímios bailarinos. Havia também entre nós que dançava muito bem.

Certa vez Vera, querendo melhorar o brilho do piso encerado, derreteu um pedaço de cera de abelha na lata de cera comum, sem se preocupar muito com o risco. Não deu outra: a cera pegou fogo e queimou-lhe o rosto e os cabelos, ralos, que ficaram na raiz, num dos lados. Anos depois, já morando no Ipiranga, Ozaide cometeu a mesma imprudência, deixando nossa cozinha, até então branquinha, preta como carvão.

NASCE ZÉLIA

Numa manhã, exatamente do dia 7 de dezembro, entro no banheiro apressada, canecão de água à mão para a higiene, e encontro minha mãe penteando os cabelos, frente ao espelho. Quando me viu, disse que estava indo para o hospital, para o parto – o primeiro dela em hospital. Aceno com a cabeça e nada lhe digo, sequer me despeço. No entanto, durante todo o dia rezo, pedindo por ela.

No dia seguinte, dia de receber a fita verde de aspirante a Filha de Maria, recebo a notícia do nascimento de nossa irmã, Maria Zélia.

Dias antes minha mãe lera um livro religioso que contava a história de uma mãe de família do começo do século passado, com numerosos filhos, todos religiosos. Quando enviuvou, entrou para um convento, tornando-se freira, adotando o nome de Sórora Maria do Santíssimo Sacramento, me parece. (o primeiro nome dela era Maria Zélia???)

Quando a mãe chega em casa com aquela menininha, rosadinha, tão linda, caímos todas de amor e carinho. Ela chegava trazendo a felicidade, depois de tantas tristezas. Viera substituir lágrimas por alegria. Até a grande preocupação de minha mãe, falta de leite materno, foi

aplacada, dada a grande quantidade de leite. Zélia mamou até uns três anos. Como se a nona Maria, lá no céu, nos enviasse bênçãos e carinho.

MÓVEIS...QUASE NOVOS

Passados os primeiros meses do nascimento, a nona Pina torna-se babá do novo nenê. Toninho, já com seis anos, não precisava de tantos cuidados. Agora os olhos da nona eram para aquela menininha. A mãe, mais tranqüila, passou a despender menos energia no trabalho. Nas horas vagas ela e meu pai inventavam. Da cabeceira de uma cama de casal (parece-me estilo Maria Antonieta), serrada ao meio, num domingo inspirado, criaram portas para a penteadeira do banheiro. Noutra ocasião ganharam um colchão de molas bem velho. Como já era imprestável como colchão, resolveram retirar as molas e pregar de uma em uma no estrado de nossa cama. Mas aquela invenção me foi muito incômoda. Eu vivia me espetando nas pontas das molas, que não tinham sido devidamente tratadas. Parecia uma cama de faquir.

Nesse final de ano, Eliza tirou o diploma. Não continuou no colégio. A mãe passou a queixar-se do reumatismo (seria bom aludir ao reumatismo em trechos anteriores). Faço um curso de culinária de três meses no Sesi da R. Juvenal Parada, na Mooca, com direito a diploma e festa de formatura.

1950

Declarado pelo papa o Ano Santo. Muitas solenidades. Muitas indulgências. Com muita seriedade e devoção, cumpro fielmente as regras da Pia União das Filhas de Maria. Dona Julieta, nossa presidente vitalícia, sisuda e compenetrada, cuidava para que ninguém vacilasse, cabendo suspensão e até expulsão para as infratoras. Segundo domingo do mês, com obrigatoriedade de uniforme completo, na missa das sete, ela ficava na entrada (a igreja de Santo Emygdio ainda não estava terminada, e usava-se o porão), examinando os uniformes, fitas, véus, meias. Numa das reuniões, desabafa:

- Como posso saber quem está sem meias, com essa moda agora de meias sem costura?

Dona Genoveva, mestra das aspirantes, alegre, jovial. Delícia participar de suas reuniões. Ela também dava aulas de bordado e pintura no Círculo Operário. Fiz com ela algumas aulas.

Depois da reza dos sábados, era a hora do ???? de Nossa Senhora. Ainda guardo na memória grande parte dessa ??oração. Em coro:

Salve, Senhora do mundo
Dos céus rainha ditosa
Sois a estrela da manhã
Virgem das virgens gloriosa

Salve! Sois cheia de graça
Fúlgida luz divinal
Acorrei com vosso auxílio
Salvando o mundo do mal.

Terminávamos com o hino "Eu prometo":

Eu prometi, sou Filha de Maria

De meu Jesus, por mãe a recebi
Amá-la-ei na dor e n'alegria
É minha mãe, amá-la prometi

estribilho

Eu prometi, fiel serei
Por toda a vida à minha mãe querida
Eu prometi, fiel serei
Que ditosa alegria – filha sou de Maria

Emocionava, principalmente as já casadas. Emociona-me até hoje.

Quando me despedi, devido à nossa mudança para o Ipiranga, exercia o cargo de primeira secretária, fazendo atas e avisos, lidos nas reuniões realizadas aos segundos domingos à tarde.. Concorrida missa das 10 h, cuja homilia inflamada era feita pelo grande sacerdote Padre Sabóia de Medeiros. Frequentada mais por moças e rapazes elegantes, a nata da sociedade da vila. Diziam até que era verdadeiro desfile de modas... Até o doutor Salim chegava de mãos dadas com sua noiva, invejada por muitas moças casadoiras. O casal Stanbunas (?) – ele maestro – cantava nessa missa.

QUERMESSES

Eram organizadas todo ano , para ajudar a conclusão da matriz. Várias barracas montadas na Praça Jequithay, a cargo das várias associações, animavam os sábados, domingos e feriados. Até o "vai-e-vem" passava a entre as barracas. Correio elegante, concurso de miss, comes e bebes. Enfim, grandes atrações para um povo tão carente de tudo.

Nossa barraca enfeitada com maior esmero, com as cores azul e branca. Uniformes especiais caprichosamente confeccionados.

DESEMPREGADA

Cheguei à fábrica e havia um silêncio estranho. Nem um operário com seu passo apressado de cá para lá. Por dez dias, o Sr. Kostas, Grigoli, seu imediato e Sr. Antonio, auxiliar e cunhado do mestre, contavam todo tipo de peças e iam anotando num grande bloco. Era o balanço anual da fábrica. Terminado um dia antes, me mandaram para a seção de expedição, onde minha amiga Olga trabalhava. Me senti aliviada ao sair do tédio daqueles últimos dias. Entre a extração de uma nota e outra, conversávamos sem parar, ou melhor, quando o chefe saía.

Olga estava muito diferente. Não tinha nada daquela ???? dos bancos escolares. Desinibida, me contava dos salões de baile chiques que frequentava, dos namorados.

- Sabe, eu nunca tomo "chá de cadeira", danço muito bem. Sou muito requisitada. Até sei dançar o "quadrado".

Eu, para não ficar atrás, fazia cara de sabida. É, a Olga estava muito diferente...

Há tempos havia tomado a decisão de sair da firma. Queria trabalhar numa grande empresa, onde pudesse por em prática o que estudara. Só esperava vencer o ano para receber

minhas férias em dinheiro, como o tio (qual??) tinha me aconselhado. Quando saí porta afora no último dia, senti um alívio e uma coragem muito grande para vencer. Realizar aquilo que tanto queria. Mas, no dia seguinte, ao abrir a carteira de menor, lendo a data de admissão e da demissão, e assinatura do Sr. João, gerente, senti um profundo desalento. Naquela hora senti a realidade nada promissora. O pouco que ganhava ajudava bem em casa, com dizia minha mãe. Mas minha decisão foi respeitada.

Às vezes sentia pena de ver minha mãe trabalhando nas costuras, naquele porão úmido, até altas horas. Ozaide se revelava uma exímia costureira. Já havia mais uma máquina, essa profissional, comprada de segunda mão. Tinha até motor.

O serviço manual, que não era pouco, ficou por minha conta. Eu, Elisa, Amábile e até a nona, num aperto, ajudavam.

RÁDIO SÃO PAULO

Começa a peregrinação em busca do emprego ideal. Ah! Se pudesse trabalhar no escritório da Studbacker... toda manhã e à tarde passavam em frente à minha casa

levas de moças, a maioria trabalhadoras dessa firma. Com uma ponta de frustração me perguntava como Alfredo, Vilma e alguns outros conseguiram esse essas vagas. Cheguei a fazer um teste com taquigrafia, por apresentação da Vilma. Não fui aprovada.

Meses depois, para desenvolver a datilografia, aluguei uma máquina. Me instalei no porão. Mãe e irmã costurando, e eu catando milho.

Numa manhã saio com o endereço em punho. Atenderia a uma solicitação de emprego no centro. Amábile resolveu ir comigo. Depois que tirou o luto a tia voltou a se vestir bem. A mãe comprou-lhe um casaco três quatros e uma bolsa a tiracolo, de acordo com a moda. Vez por outra lhe pedia emprestadas essas preciosidades.

Ao chegarmos ao endereço indicado, a sala de espera estava cheia de candidatos, e eu desanimei. Ao perceber meu estado, minha tia teve logo uma brilhante idéia:

- Vamos à Rádio São Paulo, que não é longe. E na volta...

Concordei imediatamente com sua proposta. Fomos a pé, era no começo da Avenida Brigadeiro Luiz Antônio. Jamais teria coragem de entrar numa estação de rádio sozinha.

Logo na entrada cruzamos com o Odair Marzano, o galã mais famoso da época. Lá dentro nos atenderam com muita gentileza e até nos convidaram para assistir ao capítulo em andamento. Só não podíamos fazer barulho. Não seguia os dramas pela manhã, tinha muito o que fazer. Sem entender nada, ficamos observando atentamente, parece-me Alfredo Todaro, Ilka de oliveira e mais outros que conhecia por fotografia. Ozaide e Amábile pediam e recebiam muitas fotos autografadas pelo correio.

Havia uma revista que só tratava de artistas. Era a Revista do Rádio, feita no Rio de Janeiro, pouco se referindo a São Paulo. Não sei que ano começou a ser impressa aqui a revista Televisão; trazia até capítulos de novelas em quadrinhos, com os próprios atores! Por ela conhecemos muitos deles: Vida Alves, Hebe Camargo, Walter Forster, Lia de Aguiar. Eram mais artistas da Tupi. A Rádio São Paulo começou a editar a pequena revista Radiolar, que satisfazia em parte a curiosidade dos fãs.

Nesse ano de folga pude acompanhar o rádio teatro "Maria sem nome", com Newton Sá e Ceci de Alencar. Entre os programas, alguns eram mais populares: "Cadeira de barbeiro",

sátira política, na hora do almoço; "O crime não compensa", escrito por Osvaldo Moles; "Obrigado, doutor" (Tupi?)

PASSEIOS DA TIA

Amábilis, agora sem as censuras da nona, saía mais. Estava com mais roupas, sapatos. No começo desse ano fez uma viagem ao interior, onde tinham o sítio, visitando parentes e amigos. Freqüentava bailes, encontrou-se com antigos namorados – agora casados, com filhos. Quando voltou, não cansou de contar novidades e notícias de famílias conhecidas. Eu continuava a escrever e responder suas cartas, agora em número maior.

Naquele domingo foram numa turminha à matinê. Eu fiquei enrolada nas cobertas, curtindo cólicas. Na volta, quando chegou, foi logo me dizendo que uma rapaza falara com ela e a acompanhara até em casa. "Vem ver, ele ainda está na frente da casa da Chica". Corri para a porta e lá estava o galã. Terno branco e guarda-chuva pendurados no braço... "Mábilis, que caipira!..." terno branco e guarda-chuva derrubava mesmo...

Mas começaram a namorar. E eu fui me afeiçoando ao Jair. Alegre, sempre de bom humor. Conversava com todo mundo. Até uma vez trouxe um primo seu para me conhecer. Eu não quis nada, não!

A tia continuava a fazer o enxoval, já esquecida do rompimento com a Valter. Eu também bordava alguma coisa para mim.

FOGUEIRA E FOGOS

Tia Mirene estava com uma loja na Rua Silva Bueno, de roupas e presentes. A Edite continuava internada no Colégio. Próximo ao mês de junho também abasteceu a loja de fogos, que vendiam muito nessa época.

Penso ter sido idéia do *nono* trazer uma quantidade de fogos lá para nossa casa, para vendermos. Assim, nosso próprio quarto passou a ser o depósito de fogos, e pela nossa janela fazíamos as vendas. Eram busca-pés, rojões, estrelinhas coloridas, bombas, traques, que acabavam sendo soltos na praça mesmo. Fazíamos bom movimento. Quando ficávamos sem estoque, a tia vinha com mais uma boa quantidade.

Numa daquelas noites gostosas de outono, alguns rapazes e meninos organizaram uma grande fogueira na praça. Estava ali quase todo o povo das redondezas. Os moradores da praça traziam cadeiras para fora, onde se sentavam para assistirem à guerra de fogos. Foi muito animado. Esse dia foi nosso recorde de vendas.

INAUGURAÇÃO DA TELEVISÃO

Depois que fiquei sabendo da inauguração, pelo jornal e rádio, intimei meu pai a me levar. Por nada neste mundo perderia esse fato histórico. Saímos numa turma, inclusive minha mãe, e fomos ao bairro do Sumaré, onde achávamos que se daria o acontecimento. Com muita antecedência, pois íamos de ônibus. Tomávamos na Rua Ibitirama, até a cidade (ver o que está escrito na lateral). Chegando ao Sumaré, nos informaram que a inauguração seria na sede dos Diários Associados, na Rua Sete de Abril. Eu já me sentindo agoniada, pois perderíamos todo o

programa, peço ao meu pai para irmos de táxi. Ainda tivemos que esperar horas. Os técnicos americanos não conseguiam fazer funcionar os aparelhos instalados no saguão dos Diários. O povão só veria as imagens em aparelhos importados às pressas, estrategicamente pendurados nas ruas. O andar de cima, onde o acontecimento se desenrolou, era para os figurões. Assim, só vimos o convidado especial, frei José Mojica (um cantor que largou a carreira pela batina), pela tela. Mesmo assim, foi emocionante.

A primeira vez que vi televisão fora da vitrine do Mappin, foi na ocasião do festival de cinema em São Paulo, na rua 16, na casa de amigos da Doroti. A única família das redondezas a possuir esse aparelho milagroso.

FITA AZUL

Nesse 8 de setembro do ano santo, recebo a fita e faixa azul, numa cerimônia muito bonita. Agora sou filha de Maria completa. Nesse dia Zélia completava seu primeiro aniversário. Naquele ano, na época da semana santa, jejuei a semana toda. Ia para o serviço sem tomar café e ficava sem comer até o almoço. No domingo de páscoa, passei mal na hora da missa, tendo que ir tomar ar lá fora, perdendo a sagrada comunhão. Participei de todas as procissões. A procissão da ressurreição era às 5h da manhã.

CASAMENTO DA AMÁBIL

Marcaram o casamento para o fim do ano. Nessa época, Jair trabalhava numa padaria na Avenida Zelina.

Não sei muito bem como se deu o fato, mas meu pai comprou um terreno na Vila Ema, e começaram a construir uma casinha. Começaram só com quarto e cozinha, mas se precaveram em deixar amarração nas paredes externas, para futuros

aumentos. A mãe dava andamento no enxoval. Comprava peças de percal ou morim, para a roupa de cama. Tudo branco, como era costume. Mandou-se passar ponto a jounas??? e fronhas. Até as minhas peças de enxoval foram anexadas. A mãe justificava que meu casamento ira demorar muito (premonição?)

ROMARIA AO MONT' SERRAT

Parece-me que foi um trem especial. Organizada pelos padres Lourenço – vigário -, e seu irmão Pe. Vitalis Barendse, aquela romaria a Santos foi uma preciosa oportunidade para conhecer o mar e as praias.

Nona Pina sempre falava naquele mar sem fim, que um dia atravessara para chegar a estas terras. Muitos dias e noites naquele navio sem conforto, com uma criança pequena. Coração em sobressalto diante das incertezas da sorte que os aguardava.

Várias vezes manifestou o desejo de voltar a ver o lugar que, num longínquo dia, desembarcara. Viagem sem volta. Fria insensibilidade a nossa. Nunca voltou a ver o mar, o porto, nem a casa da Imigração, onde permaneceu vários dias, à espera do futuro patrão, que os levaria para bem longe da capital.

- Na Europa, no tempo de inverno, tudo coberto de neve, passávamos os dias fazendo agasalhos de lã.

Enquanto tricotava um pé de meia, ia contando coisas de sua terra, tão distante, tão saudosa.

- Nas festas, nos bailes, era a primeira a sair dançando pelo salão...

Sáimos cedo de casa para a estação ferroviária do Ipiranga, onde o trem já estava num dos desvios.

Risos alegres se misturavam às recomendações dos organizadores, ao passarmos sobre os trilhos em direção ao monstro de ferro.

Quando paramos no alto da serra, ficamos assistindo com curiosidade à separação dos vagões para a descida. Chegamos a Santos e fomos direto para o Mont' Serrat.

Rezando e cantando hinos, subimos a escadaria até o topo do morro, onde se encontrava a igreja Nossa Senhora do Mont' Serrat. Pe. Vitalis, demonstrando muita vitalidade, subia os degraus com um garotinho ao colo.

Missa, cantos e rezas. Grande parte do povo ficou fora da igreja. E até muita gente sequer chegou lá. Tomaram o bonde direto para as praias.

Já havia visto o mar no cinema, mas ali na realidade era mais grandioso. Aquela água verde-azulada, aquela espuma branquinha... ? experimentam suas águas, que deviam ser bem salgadas. Andamos pelos jardins que margeavam a praia. Não sabíamos da facilidade de alugar cabines e nem "maillots" havíamos trazido

O fotógrafo que nos perseguia acabou tirando fotos de nosso grupo. Todos em trajes sociais. Os primos, filhos da tia Nenê estavam conosco. O Zé, de terno e gravata. A Marcina, a Cida e o Tônio. Eu, com meu traje oficial de procurar serviço, a Ozaide, no seu vestido branco de lezer. Assim fomos fotografados. Ao fundo o mar imenso.

CASAMENTO DA TIA AMÁBILE

Estava marcado para o dia 23 de dezembro de 1950. Minha tia ia se casar com o Jair. À medida que se aproximava o dia, aumentavam os afazeres. O que mais tempo tomava era distribuir os convites. Assim, fazíamos muitas visitas, eu sempre junto. Bairros distantes. Fomos aos Pianca, parentes do lado de minha mãe, lá para os lados da Freguesia do Ó. Fomos também a Pirituba. O problema não era só a distância, mas também a dificuldade de condução – havia muito poucas linhas de ônibus na época.

A tia Amábile e o *nono* se desentenderam, numa noite, a respeito da festa que ela queria dar, e ele, "seguro" como sempre, não concordava. No final ela ganhou. O noivo, Jair, em situação financeira delicada, não podia ajudar em nada.

O vestido de noiva foi confeccionado pela Ida, professora de costura da Ozaide. Mas o modelo foi escolhido por mim. Lindo!

Depois da festa, tarde da noite, quando eles deixaram nossa casa, fui ao banheiro e dei expansão à minha emoção. Chorei com a separação. Nossa convivência nunca mais seria a mesma. Agora ela teria outras responsabilidades.

COTIDIANO

A mãe continuava se queixando do reumatismo, mas seguia costurando sem parar os uniformes do exército. Além de suas cotas, com dia certo para entregar, ainda socorria Dona Deolinda e Dona Henriqueta, sempre atrasadas com as entregas.

Eu odiava. Ainda mais quando era obrigada a levar aqueles molhes pesados de costura até a Intendência do exército. Subir de descer do ônibus era muito difícil. A mãe tinha que agüentar o meu mau humor durante todo o percurso. Agora já tinha coragem de enfrentá-la, discutir com ela sobre coisas que não me agradavam.

A *nona* Pina, coitada! A mãe sempre enterrada naquele porão, deixava a *nona* Pina tomando conta do Toninho e da Zélia. Não sei como apareceu um rádio, e ele ficava ligado o tempo todo, nos rádio-teatros e outros programas.

Acho que foi neste ano que foi lançado no mercado o “Bom-Bril”. A campanha de lançamento incluiu uma operação que nos deu um tremendo susto. O Toninho, que brincava com os filhos da Dona Maria “Russa”, também mãe da Ana e da Kima, veio correndo nos chamar para ver o que estava aparecendo no céu. Céu límpido, azul. Mas, aos poucos, iam se formando finas linhas de fumaça branca, que pareciam nuvens aparecendo do nada. Nós conseguíamos enxergar um pontinho no céu, que parecia ser a origem daquilo (só depois chegamos à conclusão de que era um aviãozinho “teço-teco”).

- Acho que vai aparecer a palavra “paz”, eu arriscava.

E a vila toda sobressaltada, com os olhos fixos no céu. Muitos comentários, dos racionais aos mais disparatados:

- Meu Deus, parece um sinal do céu!
- É o fim do mundo!
- Vai começar outra guerra!

No final, a palavra “Bom-Bril”, já conhecida no rádio e nos jornais. Quase se diluindo, e o aviãozinho sumindo no azul do céu.

Há tempos o pai arranjara um secretário para calcular os vales. Funcionário do armazém, com máquina de calcular à sua disposição. Modernismo!

A Elisa fora promovida a cozinheira. Arroz e feijão, a sua especialidade, diariamente. Gritava da porta da cozinha para a mãe, lá embaixo, no porão:

- Mãe, o que eu faço de mistura?
- Vai na venda comprar um salaminho...

Foram nascendo primos ao longo desses anos:

Da família do pai:

- tio Basílio – só a Luzia;
- tio Angelim – Toninho, Vanda, Cida, Valter e Cláudio

Do lado da mãe:

- tio Aurélio – Paulo Egídio, falecido em 1965;
- tio Tônico – Maria Ignez e Celso;
- tio Adelino – Eduardo, Jorge e Cecília;
- tio Orlando – Osvaldo, Fátima, Odair e Osmar (gêmeos);
- tio Olímpio – além da Hilda, nasceram o Orlando e o José;
- tia Amábile – só o Sidney.

Toninho, um dia, tomou uma indigestão juntamente com os filhos da Dona Maria “Russa” (Vássia e Paulo). Eles comeram sementes de mamona, e meu irmão ficou três dias vomitando.

Uma família grande se mudou para uma casa na pracinha: Dona Brasília, José Maria, Catarina, Ivone, Elvira – ainda menina – e Hélio. Fizemos logo amizade. Todas as moças, com exceção da Elvira, trabalhavam em fábricas no Ipiranga, bairro de onde vieram (rever o original).

O pai continuava preocupado com sua doença, não acreditava na cura. Quando caía em depressão, nos dava conselhos para que seguíssemos em frente com coragem. A mãe, depois de sua morte, iria precisar muito de todos. Essas conversas sempre terminavam em choradeira. A mãe se fazia de forte em nossa frente, mas eu sabia que vivia chorando e rezando. Dias tristes, nebulosos.

O que nos animava era visitas, aos domingos, de parentes, principalmente da Amábile. Vinha logo cedo, depois da missa. Vinham nos dar apoio. Essa doença era sinônimo de morte certa.

Assim termina o ano santo de 1950.

1951

Naquele começo de ano, mais do que nunca, estava disposta a arranjar um emprego. Esse objetivo fora temporariamente abandonado com os preparativos para o casamento da Amábile. Assim, numa tarde do começo daquele janeiro, folheava um jornal, quando deparei com um anúncio pequeno: “Precisa-se de moça maior, com prática de serviços gerais de escritório”. Nesse anúncio constava o endereço de uma rua da Vila Carioca. Não devia ser firma grande, nem importante, naquele lugar de enchentes e ruas de terra. Mas iria arriscar. Pedi ao meu pai para ir tirar informações, pois não era longe dos armazéns. O que ele disse a respeito minhas aptidões, não sei, mas falou que eu poderia me apresentar no dia seguinte ao SR. Manoel.

Chegando lá, percebi tratar-se de uma grande serraria.

Depois de uma breve conversa com o tal senhor, acertamos que eu começaria no dia seguinte, a título de experiência. O ordenado oferecido? Bem mais que o dobro do último emprego!

O escritório era acanhado, sem nenhum conforto, junto da serraria, dando frente para a rua Santos Dumont. Aspecto deplorável. Serragem por todo lado. Foram dias penosos de aprendizado, cálculos de madeira complicados. Diversos romaneios na chegada das toras do interior, para serem calculadas por mim. Tudo em metros cúbicos. Só a madeira de pinho já vinha em tábuas e o cálculo era de acordo com medidas estipuladas pelo Instituto Nacional do Pinho. A meu cargo estava também a seção pessoal, os livros fiscais, enfim, todo o trabalho de escritório.

Logo no primeiro dia seu Manoel me fez uma preleção dramática a respeito do livro fiscal, onde eram registradas as notas sujeitas ao Imposto de Consumo “Ad Valorem”:

- É como moça virgem. Não pode deixar estourar o saldo.

Senti o rosto afogado. Por muitos anos tive pesadelos por causa desse livro de registro. Com um formulário preenchido, depositava-se o imposto na Secretaria da Fazenda e ia-se abatendo a importância do imposto, 4% de cada nota.

Fui conhecendo a empresa. Fiquei sabendo tratar-se de uma sociedade de 4 irmãos e o pai. Três deles tinham diferentes funções, mais um sócio minoritário, Sr. Antônio. Este passava

o tempo todo coberto de pó de serragem, entre entradas e saídas de madeira. Era o mestre, ou gerente. O Sr. João era o mais velho dos irmãos. Manoel cuidava da parte financeira, só trabalhando meio período, de manhã. Mas era o suficiente para transformar o escritório, certos dias, num manicômio. Prepotente, mal-criado. O Sr. Antoninho cuidava da compra das madeiras, pela manhã, no Jaguaré (entreposto de madeira). Passava no escritório à tarde, sem muita assiduidade. O Sr. José, médico, era sócio sem função. O Sr. Antônio, o pai, senhor português, falava ainda com forte sotaque, não obstante ter chegado ao país ainda rapazinho. (conferir os nomes). O Sr. Ernesto, o contador, trabalhava em período integral. Fora designado para me orientar. Pobre Ernesto, quanta paciência...

Passei os primeiros dias aprendendo a calcular com as máquinas “Brunsviga” e “Original Horne”. Às vezes saía à tarde com a cabeça zonga de tanta informação e tantas dúvidas. Evitava fazer muitas perguntas na hora que “seu” Manoel estava por lá. Mesmo assim percebia que ele não estava nada satisfeito com meu trabalho. Tanto que ao contatarmos sobre a vaga, ele respondia que ainda não havia sido preenchida.

Numa tarde saí bem desanimada. Ao invés de pegar o atalho, fui andando até perto da Vemag. Não queria ser derrotada mais uma vez. Sabia da importância desse emprego. Estava tendo a oportunidade de aprender tudo relacionado a escritório. Chorando, fazia uma prece ao Senhor, mas que fosse feita a vontade Dele. Entregava-me em suas mãos.

Num dia, conferindo uma nota fiscal extraída pelo Sr. João, encontrei um erro de cálculo, prejudicando a firma. Comuniquei a ele, que então percebeu a minha capacidade, e sua intervenção foi decisiva para que o Sr. Manoel me mantivesse como funcionária.

Nas raras conversas com o Sr. Ernesto, fiquei sabendo que meu antecessor havia dado um desfalque (não sei como conseguira ludibriar o “Manezinho”...). Daí resolveram colocar moças no escritório. “Custavam menos e eram mais humildes, fáceis de lidar”.

Mas aos poucos, fui conseguindo me safar das dificuldades. Terminado o prazo de experiência, fui registrada. Só admitiram mais uma moça. O serviço e a responsabilidade eram muito para uma só. Cecília começou a trabalhar. Dividíamos o serviço. Ela ficou com a seção pessoal - a firma tinha uns dez operários e dois ou três motoristas para os caminhões. Cecília, moradora do Ipiranga, perto do ponto Fábrica. Era alta, vistosa, e logo se interessou pelo Ernesto, o contador, solteiro. Certa vez convidou-o para um baile em sua casa. Penso que ele não se interessou por ela. Dias depois, ela pedia demissão. Fiquei novamente com todo o serviço. Achei que meu ordenado ia dobrar. Doce ilusão!

MEU PRIMEIRO RELÓGIO

Agora não havia mais perigo de perder o emprego. Com que prazer trazia o envelope com o ordenado – era um bom salário na época -, dando-o aos meus pais. Sentia que eles se orgulhavam de mim. Isso me fazia muito bem.

Logo nos primeiros meses, disse que queria um relógio de pulso. Tão sonhado relógio!

Numa tarde, pedi dispensa no escritório e fui para a cidade na companhia de meu pai. Visitamos algumas lojas, até que escolhi um. Delicado, da marca “Eska” (“Nem esta, nem aquela. Eska no pulso ou no bolso... Precisão a serviço da pontualidade...”). O pai queria que eu levasse logo o melhor, o da marca “Omega”, tradicional (ele pronunciava sem o acento no “o” e com o “e” aberto).

O COMEÇO

O pai ia regularmente ao Dr. Moisés, por conta de sua insegurança. Vivia auto examinando a boca. Numa das vezes, o médico aconselhou a fazer uma limpeza, extraindo os cacos de dentes que ainda restavam. O fantasma “daquela doença” sempre a perseguiu-lo. Tempos depois também operou restos de amídalas. Finalmente, quando se convenceu da sua cura, foi como uma ressurreição. Como se nascesse outra vez. Cheio de planos para o futuro. Como era gratificante para todos nós... Com se o sol voltasse a brilhar depois de tenebroso inverno.

Voltou a dedicar-se ao seu “bico” de empreitadas de pequenos serviços para vários armazéns. Muito comunicativo, não era difícil saber qual o armazém que estava precisando de mão-de-obra temporária. Tanto que o incêndio ocorrido no ano anterior num armazém no limite com São Caetano foi-lhe providencial. Conseguiu uma turma para fazer o serviço de limpeza e remoção do lixo que restava daquela enorme quantidade de sacos de amendoim incinerado. Sua condição de “capitão” (chefe) proporcionava pequenas fugidas do L. Figueiredo para controlar a turma no outro armazém.

Depois de uns dias, serviço concluído, dinheiro recebido, pagos os trabalhadores. Foi com parte desse dinheiro que ele mandou construir a casa da Amábile. E esse foi o começo de uma firma de prestação de serviços em armazéns, que durou muitos anos.

Mas o pai continuava o mesmo. Mesma linguagem, os mesmo modos, as mesmas roupas desleixadas...não mudava. Eu ficava pensando: “Como ele não tem vergonha de se apresentar daquele jeito diante dos chefões de aparência impecável...”

CASAMENTO DA PRIMA MARCINA

Cotidiano agitado. Elisa fazia, desde março, um curso de Comércio no SENAC, no centro da cidade, junto com sua amiga, – a mãe estava contrariada com essa amizade:

- Aquela menina é uma “chivetona”.

A mãe no porão ficava perdida entre as roupas verde-oliva. O porão era pequeno para tantas fardas.

Ozaide, além das costuras, fazia um curso de enfeite de bolos com uma senhora alemã, perto de casa. O pai, na hora do almoço, tentava iniciá-la nos cálculos dos vales de serviço.

Horário estranho o do meu almoço. Saía às dez horas e retornava ao meio dia. Isto porque a seção de vendas permanecia aberta durante a hora de almoço. Eu costumava almoçar em casa. Subia o morro quase correndo, chegava sem fôlego, apanhava a lata de água quente e ia direto para o banheiro tomar banho. No verão costumava tomar banho a essa hora, para melhor agüentar o calor da tarde. Morria de medo de cheirar “cc”. apesar de usar sempre o desodorante em bastão “Frigia”. A *nona* Pina ficava incumbida de esquentar a água. Ela ficava aflita ao ver-me subindo as escadas com a lata:

- Cuidado, Maria! Você pode cair, “Dio Santo!”

À tarde, depois do serviço na serraria, tinha o meu turno no porão das costuras. Remate de capotes ou calças. Era tudo por minha conta. A mãe não dava folga.

O casamento da Marcina se aproximava, e eu participei dos preparativos. Levei-a na casa da Ivone para que combinassem os detalhes de seu vestido de noiva. Retive uma cena

na memória: ao fazer a prova, com o vestido, grinalda e véu, a Marcina não quis se olhar no espelho.

Ozaide passou dias preparando o grande bolo de noiva. Ficou lindo

MÁQUINA FOTOGRÁFICA

Em meados desse ano de 1951, com o consentimento de meu pai, comprei uma máquina de fotografia. Muito embora o vendedor tenha me orientado quanto ao uso, tive dificuldades nas primeiras fotos. Difícil regular a claridade, distância, velocidade, etc. Num domingo à tarde convidei a turma toda para umas fotos lá na baixada, perto da “Studebacker”. Conservo ainda essas fotos.

Amábile, com sua enorme barriga, também nos acompanhava. Viera passar o dia lá em casa. Acredito que, como nós, também sentia saudades. Parece que grande parte de sua alegria sumira. No final da gravidez estava passando mal com seus problemas cardíacos e no dia 18 de setembro nasce seu único filho, Sidney.

MORRE TIO FRANCISCO

O segundo marido da tia Mirene foi internado várias vezes e sofreu uma cirurgia, que não adiantou nada. Tinha fortes dores no estômago. Tratamento sem fim, e seu estado de saúde cada vez pior. Lembro-me bem da última vez que o vimos. Foi numa tarde de domingo. Calor abrasador. Estava ele recostado sobre uma pilha de travesseiros, sob um cobertor, com uma pasta cheia de papéis sobre os joelhos, e dava instruções para Francisca, que, para animá-lo, fazia muitas piadinhas, o que o deixava exasperado. Quando minha mãe perguntou se estava melhor, respondeu com voz fraca: “O que estou passando, cunhada, não desejo ao meu pior inimigo”. Ele estava mesmo muito abatido, magro, faces encovadas. Acabou falecendo no dia 23 de novembro de 51. Francisca ficara órfã de mãe e pai. Só contava com a tia? E sua única irmã, Adelaide, que morava na mesma casa de Vila Formosa, onde seu marido tinha uma oficina de conserto de automóveis. Dos jardins caprichados não restava mais nada. Naquela altura Francisca trabalhava no escritório da “SANAF”, firma da Rua Florêncio de Abreu, no centro.

CARTA PARA OSVALDO

Sabendo que Osvaldo estava tendo problemas no sítio de Marialva, no norte do Paraná, meu pai me pediu, certa manhã, que eu lhe escrevesse uma carta em seu nome. Que contasse sempre com o tio em caso de alguma necessidade, que ele era filho de sua finada irmã, portanto, seu sangue; e pelo muito que considerava seu finado pai. Datilografei a carta no escritório, na hora do almoço, em nome de meu pai. Nenhum indício de que fora eu que a escrevera.

O pessoal do interior continuava a se hospedar lá em casa. Às vezes famílias inteiras. O milagre que minha mãe fazia para acomodar a todos, não sei.

1952

Nesse começo de ano o povo de Vila Prudente foi sacudido pela notícia trágica da morte, por afogamento, de seu querido vigário, Pe. Lourenço Barendse.

Fora descansar uns dias na praia de Itanhaém do intenso trabalho dos últimos meses com o término da igreja matriz. Dias antes, D. Carlos Carmelo de Vasconcellos, cardeal arcebispo, viera benzer a nova matriz, em meio a grande festa. E agora, nesse começo de fevereiro, nosso vigário estava morto. Como que ouvindo uma voz de comando, todos os homens, mulheres e crianças rumaram para a igreja, que se tornara pequena para tanta gente. O silêncio só era quebrado pelos soluços mal contidos. Esperávamos pelo corpo, sem acreditar no que acontecera. Pe. Vitalis, seu irmão, celebrou missa de corpo presente, firme, encorajando os fiéis como só pessoas de fé inabalável podem conseguir nesse dolorosos momentos. Houve luto por muito tempo. A prefeitura o homenageou, não sei em que ano: a praça que fica na confluência da Av. Zelina com a Rua Ibitirama tem seu nome.

MISSÕES

Lembro-me das missões na igreja de Vila Prudente. Missionários vindos de fora, dotados com o dom da oratória, cheios do Espírito Santo, pregavam ardentemente, suscitando arrependimento e conversão. Muitas conversões aconteceram.

Tais movimentos era coroados pela confissão e comunhão pascal de homens, mulheres e crianças, em dias diferentes. As pregações também eram separadas.

RETIROS DE CARNAVAL

Tenho retidos na memória aqueles dias que passávamos fechados em orações, meditações e cantos, entre as práticas do sacerdote designado para pregar o retiro – toda Filha de Maria tinha por obrigação fazê-lo. Entrávamos cedo, no domingo, no Orfanato Cristóvão Colombo, na Rua do Orfanato. começávamos com a santa missa. Só saíamos à noite, depois da última prática, para retornar no dia seguinte, até a terça-feira. Fazíamos as refeições no próprio orfanato. Nessas horas relaxávamos um pouco o silêncio obrigatório. Geralmente depois do almoço passeávamos entre os canteiros do belo e vasto jardim.

Os cantos das meninas internas, durante as missas, tornavam aquela hora mais fervorosa. Especialmente uma solista, voz maviosa, angelical mesmo. Era como se o céu se abrisse e anjos descessem entoando hinos. O único contato com o mundo exterior vinha do sibilo dos escapamentos dos carros que passavam.

COTIDIANO

A mãe tem ido muito a médicos. Seu reumatismo não lhe dá tréguas. Continua costurando, mesmo assim. Entre entregas de costura, nos faz algumas roupas. Eu começava a não gostar muito do resultado... Um dia, depois de muito eu insistir, me acompanhou à “Modas Clipper”, no Largo Santa Cecília, loja ultra-fina e famosa.

-Mãe, lá eles fazem crediário. Paga-se um pouco por mês. É como pagar a prestação.

Dentro daquela imensa loja, sinto-me insegura, mas faço cara de entendida. Ao terminar a burocracia da abertura do crediário, a moça da caixa nos entrega várias cartelas.

- Mas isso é papel! Como pode valer dinheiro?, exclama minha mãe.

A moça nos explica que, à medida que fomos adquirindo mercadorias, pagamos com aquelas cartelas. Minha mãe continuava desconfiada. Ao final de duas horas liquidamos com as cartelas. Comprei um conjunto roupa e uma bolsa. Magrinha como era, tinha dificuldade com tamanhos. A mãe escolheu uma carteira de crocodilo para a Ozaide e algumas bugingangas para terminar com o restante das cartelas. Para a Elisa não sobrou nada.

Nunca mais comprei na Clipper. Não gostei daquela maneira de crediário.

Agora não podia tomar emprestadas peças de roupa da Amábile, como fazia quando ela morava conosco. Até cheguei a freqüentar aulas de corte e costura dadas pela Ivone. Mas, para desgosto de minha mãe, não levava jeito mesmo. Comprava algumas peças na feira de domingo, no Largo de V. Prudente, como saias e blusas, que tinham que ser ajustadas, dada a minha magreza. Minha mãe contava:

- Não é para me gabar, mas no meu tempo de moça, na colônia, não tinha moça mais prestimosa que eu. Bordava a máquina qualquer tipo de trabalho com a maior perfeição. Costurava tanto roupa de mulher como de homem. Aquela fotografia da família, fui eu quem costurou todas aquelas roupas. Era elogiada por todos que me conheciam. Trabalhava na roça, sob as ordens do nono, e não via a hora de chegar para pegar na costura ou bordado. E, olha que era com luz de lamparina ou lampião. Enquanto não ficasse do modo que queria, não desistia. Costuro desde meus 15 anos. Numa ocasião, a nona, com a maior dificuldade, sempre doente, me costurou um vestido. Eu não gostei do modelo... Ela pegou o vestido, jogou sobre a máquina de costura e me falou que, daquele dia em diante, minhas roupas, eu mesmo costurasse. Pois eu nunca mais parei...

O velho rádio continuava no mesmo lugar, fiel, sempre em ação. Agora só podia ouvi-lo depois do serviço. Havia um programa na hora do almoço: “Cadeira de Barbeiro”. Satirizava os políticos – muito popular. Bem a gosto do público.

O teatro de romance era sagrado, às 21 horas, na rádio São Paulo (“PRA 5, a emissora do lar”). Com os primeiros acordes de tema musical, todos na sala, perto do aparelho. Nesse ano some por uns dias o mais querido galã, Odair Marzano. Ele reaparece na recém-inaugurada rádio Nacional de São Paulo, na novela “O grande inimigo”, de Ghiaroni. A Nacional já chegou poderosa, abocanhando os melhores astros e estrelas das concorrentes. Walter Forster, “o índio louro da taba Tupi”, teve o mesmo destino. E muitos outros

Programa humorístico popular na emissora era o “Balança, mas não cai”, à noite.

Eu não deixava de comprar a revista da rádio São Paulo, “Radiolar”, para saber da vida dos artistas. Era lida, relida, emprestada e depois guardada a sete chaves. Tesouro! A rádio São Paulo era a rádio do coração das mulheres.

Arranjo emprego para a Elisa, na “Mosaicos e Cristais Veneza”, firma da Av. Pres. Wilson. Seu gerente, Sr. Nelson, italiano, vinha constantemente ao nosso escritório fazer telefonemas importantes. Telefones raros na época, várias firmas da vizinhança usavam o fone da serraria. Muitas vezes fui ao escritório da Veneza para transmitir recados. O Sr. Manoel ficava muito bravo quando queria se comunicar com a serraria e a linha estava ocupada.

- Dona Maria, a senhora tem que pôr ordem. Exija que dêem um tempo entre um telefonema e outro...

No final do ano eu ganhava sempre um vaso de cristal de brinde (fabricação deles: pastilhas para recobrir paredes externas e objeto de adorno, como vasos, cinzeiros).

MEUS VINTE ANOS

Tirei férias no mês de meu aniversário. Eu e meu pai fizemos uma viagem, para ele muito significativa. Para Pederneiras, onde ainda moravam um tio e muitos primos. Primos criados juntos, lhe traziam recordações. Naquelas paragens, na condição de imigrantes, que um dia o destino separou. Mais tarde meu nono Natal se bandeou para os lados da Sorocabana, onde comprara um pequeno sítio, e seu irmão caçula permaneceu, constituindo numerosa família, os Carpanezzi.

Viajamos uma noite inteira de trem. Chegamos pela manhã, a tempo de assistirmos à missa na matriz. Era domingo. O pai contratou um carro de aluguel, que nos levou à Lagoa dos Patos. O motorista conhecia aquela gente toda, foi só dizer o sobrenome. À medida que o carro avançava, meu pai ia reconhecendo alguns lugares e recordava-se de fatos de sua juventude, junto aos parentes tão queridos.

Quando o carro parou na frente de uma das casas. A primeira de uma série, que rodeava uma grande lagoa, muitos se achegaram, curiosos e cheios de expectativa. Ah, quando reconheceram o “Milho”, foi uma alegria indescritível. Difícil foi decidir em qual das casas entrar primeiro.

Quando vi o “noninho” (como chamavam o tio de meu pai) chegando, encurvadinho, baixinho, passos ligeiros, percebi logo grande semelhança com o ‘vô Natal.

O pai, em papo animado com os primos Artur, Armando, e o mais novo, Sebastião, e eu disputada pelas mocinhas e rapazes. Olhavam-me com curiosidade e admiração. Também, pudera! Trajes muito refinados para o lugar. Vestia um “tailleur” marrom, blusa de renda branca, luvas brancas de linha. Acabei deixando parte da maleta de presente para as moças. Uma delas, Terezinha, era uma simpatia. Na segunda-feira era meu aniversário. Teve festinha com doces de mamão, banana, laranja, e até um bolo. Nesse dia ninguém trabalhou. Ninguém tomou conhecimento do sino chamando para o trabalho, bem de madrugada. Eram colonos numa grande usina de açúcar. Cortavam cana.

Terra vermelha, entranhava até a alma. Fui a bailes, jogo de futebol, onde não deixou de ter uma briga entre os times rivais, que meu pai registrou com minha câmera. Difícil foi a despedida. Difícil também acreditar que eu já tinha vinte anos!

COTIDIANO

Nessa altura o pai obrigou a Elisa a sair de onde trabalhava para organizar os papéis do serviço dele. Os cálculos de vales se acumulavam. Parece que meu pai já estava cuidando de abrir a firma. E eu, na serraria, mesmo debruçada sobre livros fiscais e cálculos de romaneios, não podia deixar de ouvir as conversas, bem na minha frente. Na parte da manhã seu Manoel, andando pra lá e pra cá, mastigando sua maçã de cada dia, e gesticulando, tom de discurso, tinha sempre alguém para censurar, mormente quem atrasasse o pagamento das duplicatas:

- Fulano veio pagar? Mas me prometeu ontem! – indo ao telefone - Ciclano telefonou?

Manhãs agitadas. Eu detestava o seu Manoel. Mas quando passei a tomar conta do escritório de meu pai é que percebi o quanto aprendi com aquele homem. Até hoje me lembro de algumas citações dele: “Ninguém é insubstituível. Nem a própria mãe do filho”... “Do couro saem as correias”... “Enquanto vai e vem a correia, folgam as costas”...

Seu João também, de vez em quando, “descia das tamancas”, geralmente com os motoristas, por eles não acharem o endereço das entregas: “Só dando com um gato morto nas fuças, até fazer o gato miar!” ... “Com quem casei minha filha!”

Eu já dava conta de todo o serviço que me era atribuído no escritório, o que não era pouco. Cálculos de madeira: uma “barbada”. Depois do faturamento mensal e pagamento no dia dez de cada mês, até tinha uma folguinha.

Seu Ernesto passou para mim a escrituração do livro caixa. Faziam-se os lançamentos mediante fichas de cores diferentes para débito e crédito. Letra caprichada. O “ad valorem” continuava a me pôr em sobressalto. O contador, homem de poucas palavras. Só nos falávamos sobre assuntos relacionados ao serviço. Timidez de minha parte e, acredito da dele também. A única hora que se descontraía era a do café, pela tarde, trazido pelo filho do Sr. Antônio, garoto de uns dez anos. Vinha tomá-lo conosco, na sala da frente, quando fazia algumas pilhérias com o menino.

As tardes eram mais calmas. Em algumas delas, seu Ricardo, dono da fábrica de arames São Judas Tadeu, nosso vizinho, vinha bater papo com seu João. Sentava-se ao lado de minha mesa, encostado à parede, e ficavam conversando calmamente sobre vários assuntos. Mas a conversa preferida era sobre carros. Seu Ricardo a elogiar o seu “Mercedes” a óleo diesel. Seu João tinha um “Studebaker” vermelho.

MORRE GRANDE CANTOR

Naquele dia de manhã – era domingo – depois da missa, arrumava nosso quarto. Rádio ligado na sala. Programa interrompido para dar a triste notícia da morte, num acidente, na Via Dutra, do cantor Francisco Alves. Era o dia 27 de setembro. Estivera cantando num grande show em São Paulo, na noite anterior.

Quando chego ao alto do morro, quase sem fôlego, num sobressalto, me lembro ter deixado o copiador na prensa. Era ordem do Sr. Antoninho que nenhum livro ou talão de notas, depois do expediente, ficasse fora do cofre. Isso pelo fato de que a serraria de Londrina, no Paraná, (deles?) havia sido devorada por um incêndio. E pela experiência amarga que eu havia passado, com ele gritando comigo por ter deixado um talão fora do cofre, estava agora desnorreada. Pensava: “Para voltar ao escritório terei que ouvir outro sermão”. Telefone, só um na redondeza, o da farmácia do seu Amadeu, no alto da Vila Zelina.

Entrei em casa apressada, tomei um café e corri para a farmácia, rezando para que não fosse seu Antoninho a atender. Deus ouviu minhas preces. Estava salva. (quem atendeu?)

1953

A firma de meu pai prosperava, e nossa situação financeira começava a melhorar, minha mãe trocou o fogão de lenha por um a gás, branco, bonito. O antigo ficou para ferver roupas, esquentar água para banho... O novo foi para a cozinha de cima (A casa tinha 3 quartos, sala, banheiro e uma cozinha, mas meu pai construiu um barracão de madeira nos fundos, em nível mais baixo – o terreno era bem inclinado – onde também construiu um fogão a lenha. Esse barracão servia de cozinha, e nele ficava também o poço e uma enorme tina para água, água essa que era usada para beber e para os “meio-banhos”).

Na hora de se lavar, Toninho perguntava à mãe se aquele era dia de banho. Às vezes, a resposta era:

- Só os pés, cara e mãos...

Nós o remedávamos:

- Olha o “pecaramão... olha o pecaramão...

SR. ERNESTO NOS DEIXA

Sr. Ernesto me segreda que prestara um concurso para a Caixa Econômica Federal, Se entrasse, iria viajar por todo o Brasil, fiscalizando agências. Mas, que ficasse só entre nós. “Não quero que eles saibam ainda. Pode ser que eu não consiga”.

Mas ele conseguiu Seu título de economista o ajudou bastante na classificação. Em meados do ano de 1953 o contador despede-se de nós. Fiquei desolada. Sentia-me só. Tão acostumada com ele na outra salinha. Silencioso, sempre debruçado sobre papéis, mas ali...

Talvez esse fato tenha dado ensejo a umas idéias que começavam a tomar vulto em minha cabeça. Eu também queria mudar. Queria novos desafios. A solução seria uma firma grande, onde pudesse progredir, conhecer mais gente.

Lia muito jornais. Comprava-os aos sábados e domingos, pra me inteirar das ofertas de emprego. Na serraria, só lia a “Folha da Tarde” e a detestável “Gazeta Esportiva”. Aproveitava a hora de almoço, quando estava praticamente só no escritório, para ler.

Para melhor me preparar, fiz um curso de português por correspondência no Instituto Universal Brasileiro, de péssima recordação.

Um dia, através de informação de amigas, fui ver um emprego na Rua do Glicério. Entrevistada umas duas vezes pelo gerente, Sr. Emílio, ficou acertado que trabalharia na contabilidade. Ordenado inicial de dois mil e quinhentos cruzeiros mensais.

No dia seguinte, até me surpreendi ao colocar a carta de demissão sobre a mesa do Sr. Manoel. Ao me inquirir sobre o motivo, deixei claro que era tão somente pelo ordenado.

- Quanto de ofereceram?

- Dois mil e oitocentos, arrisco.

- Se esse é o motivo, nós cobrimos. Você tem se mostrado uma funcionária eficiente, e gostamos muito de você.

Isso tudo endossado pelo Sr. João e Sr. Bastazim. Foi assim que dei um golpe no “Manezinho”.

TARDES AMENAS

Parece-me que foi nesse ano que Francisca, a enteada da tia Mirene, trocou seu emprego da Sanaf pelo do escritório de uma grande casa de modas na Rua Independência: Modas Scala. Lá eu passei a comprar minhas roupas. E, já morando no Ipiranga, era ali que fazia meus vestidos de baile, sob medida. Bailes de formatura. Lindos bailes. No salão do aeroporto de Congonhas, Club Homs...Lindos vestidos! Lindos bailes!

Também nesse ano, Sr. Bastagim trouxe seu filho, Edem, o mais velho (uns 14 anos), para aprender datilografia comigo, e também me ajudar nos serviços, sempre pela tarde. Menino muito educado, aliás como todos os seus filhos.

Nas tardes mais calmas o Sr. João sentava-se perto de mim na mesa e me contava dos programas de televisão: Club do Artistas, às sextas-feiras à noite; Almoço dom as Estrelas, comandado por Aylton Rodrigues e Lolita, sua mulher. Contava também sobre o cotidiano de sua casa. Suas comidas, seu banho de dia marcado: às quartas e sábados, na sua banheira, cuja água aquecida pelo aquecedor de uma marca famosa, não tinha igual. Dos perfumes que usava “só para sair”. E chacoalhava seu lenço perto de meu rosto para que eu sentisse o perfume.

- Este aqui é “Itamarati”, não é gostoso? Tenho outros em casa. Seu João, tão simples, tão bom... diferente dos irmãos. Por telefone, fiz grande amizade com sua sogra, D. Rosa. Mas eu ia percebendo a diferença que nos separava. Afinal, eram os patrões. Acredito ser esse ano que nasceu sua terceira filha – já tinha dois meninos que, quando vinham ao escritório, chegavam a subir nas mesas... Um dia ele me pede para acompanhá-lo, como testemunha, ao cartório do Ipiranga, para registrá-la. Fomos numa hora de almoço. Ele, eu e Amâncio, rapaz bem apessoado, prepotente. Começara a trabalhar no escritório da fábrica de arames. Em pouco tempo tornou-se chefe.

No cartório, Sr. João comenta:

- Minha mulher quer que o nome da menina seja Beatriz, mas vou registrar com o nome que eu gosto.

E a menina acabou recebendo o nome de Rosa Maria.

Já morando no Ipiranga, foi seu João quem me incentivou a comprar um aparelho de TV. Levou-me à Eletro Radiobraz, no começo da Rua Celso Garcia, apresentou-me ao gerente, e foi meu fiador na compra de um móvel conjugado: TV, rádio e vitrola (a marca era “Monarch”, fabricação inglesa). Seu João era assim, bom, bonachão. (Há poucos anos soube de sua morte, com tristeza).

Não sei se foi neste ano ou no ano anterior que se deu o falecimento de seu pai, o velho Grillo. Exatamente no dia de meu aniversário. Dias antes tínhamos ido visitá-lo no hospital, eu e meu pai.

Nas conversas, o Sr. João convenceu seu Ricardo a colocar moças no escritório. O velho preconceito: “São mais humildes, e saía muito mais barato”. Aproveitando, consegui colocar a Elisa no escritório dele. Era a segunda tentativa dela de trabalhar fora. O pai sempre dava um jeito de fazê-la trabalhar para ele. Ela detestava.

FESTIVAL DE CINEMA

Acredito ter sido nesse ano que houve um festival de cinema (americano?) em São Paulo. À noite, na hora do jornal, íamos num bando até a Rua Dezesesseis, numa senhora que possuía TV, a fim de ver os artistas. Eu conhecia muitos deles por nome. Comprava regularmente a “Cinelândia”, que cobria o mundo dos astros e estrelas da tela. Fazia sacrifícios

para adquiri-la. Na volta do escritório, depois de caminhar meia hora e ter subido aquele barranco, ainda ia até o largo de Vila Prudente, o único lugar a ter banca de jornais e revistas.

Naquele festival vimos a Píer Angeli, Tab Hunter, Debbie Reynolds, Jane Powell, e outros. Eram momentos de enlevo e fantasia. Parece que Deus os tinha dotado de algo sobrenatural. Não eram reais.

José, filho da tia Nenê, de há muito batalhava uma oportunidade no cinema. Chegou a fazer umas pontas em filmes, como “Uma pulga na balança”. Não passou disso

ENCHENTES NA BAIXADA

Naquele domingo, noite chuvosa, Amábile, que dormira em casa com o Sidney, ainda pequeno, me fala da janela: “Como vocês vão atravessar toda essa lameira para chegar ao serviço amanhã? Tem pontos de alagamento feio!”

A parte pior era a ponte sobre o rio Tamanduateí. Na verdade, era uma pinguela: uns paus roliços fincados, com grossa camada de terra por cima, que era levada por qualquer chuva pesada. Nos dias mais críticos a mãe ficava nos olhando da beirada do morro até que a atravessássemos. Lugar por onde atravessavam tantos trabalhadores. Tão mal feita e mal conservada.

A ponte, passamos bem. Mas, quando chegamos perto da Av. Presidente Wilson, tínhamos que pular um córrego que passava bem perto de um armazém. Nós o pulávamos com relativa facilidade, mas naquele dia a enxurrada estava muito forte, e o córrego bem largo. Ficamos num impasse. É aqui, é ali... marcando um local, mãos dadas, pulamos. Caímos as duas bem no meio da água...

Elisa ria, e eu chorava e xingava. Dois rapazes que passavam nos ajudaram a sair daquela água escura e mal cheirosa. Transtornada, ainda andei um pouco e, pondo uma das mãos no bolso da capa de plástico que usava, senti que estava cheia de água. Cheguei na serraria em lastimável estado. Sr. João mandou um motorista nos levar de volta para casa.

De há muito estava numa guerra acirrada com meus pais, para sair da Vila Prudente. Queria morar em um bairro melhor. A Quinta das Paineiras quase não tinha ruas asfaltadas. Um poucas, as principais, eram calçadas com macadame. Só parte da R. Capitão Pacheco Chaves tinha o luxo do asfalto.

Agora meu pai podia arriscar. Poderíamos pagar em prestações. Eu admirava muito onde a tia Mirene morava, numa travessa da Avenida Dom Pedro, chegando no monumento do Ipiranga. Casas lindas e mansões, muito verde.

- O que? Você pensa que fiquei rico? Tem idéia de quanto custa uma casa por lá. Não sabe do que fala. Sabe de quanta gente tenho nos ombros?

FESTA DA OZAIDE

Neste ano a Ozaide conseguiu, a duras penas, fazer uma festa no dia de seu aniversário (14 de junho). Um grande baile, com os parentes e a vizinhança. Muitos doces e um bolo em forma de livro aberto, que ela mesma fez. Houve até grande queima de fogos na praça. Vaidosa, fez também um lindo vestido, todo rebordado com lantejoulas.

MAIS UMA EMISSORA DE TELEVISÃO

A 27 de setembro era inaugurada a Televisão Record, de Paulo Machado de Carvalho. Quanto entusiasmo e expectativa...

1954

Nossa casa era muito freqüentada pelos parentes. Aos domingos havia sempre gente para almoçar. Eram domingos alegres. Na cozinha de cima, a mesa grande acomodava todos que chegassem.

A tia Nené nos visitava mais durante a semana. Sempre vinha com algumas coisinhas. Quando não eram mangas da mangueira de seu quintal, eram verduras de sua horta ou qualquer coisa. A tia era muito engraçada.

“Por nos terem educado na fé crista e legado ensinamentos, orientações e exemplos de trabalho, caráter, dentro de vida humilde e de muito amor ao próximo... generosidade para com todos”.

CAUSOS

Tio Aurélio poucos antes de morrer, numa tarde em sua casa, nos conta, dando risadas contagiantes.

- Quando chegamos a São Paulo, viemos em duas levadas. Nós, os mais velhos, ficamos para tomar conta do sítio e dar as últimas providências, isso seguindo as ordens de nosso pai. Por precaução ele veio nos buscar no sítio. Patética foi nossa chegada, carregando sacos, malas, os inseparáveis violões, sem contar que não escapamos das piadinhas: “ô caipira, ô bié”... Para atravessar as ruas, esperávamos suas ordens de comando. Com um dos braços levantados, falava alto: “Trevesa ligero!”. Eu, morrendo de vergonha, mantinha-me um pouco afastado do grupo. Aquele que titubeasse, ouvia um sermão bem alto. Chegando na estação do Ipiranga, seguimos para a rua do bonde (R. Capitão Pacheco Chaves). Um bonde veio se aproximando, e o pai reconheceu o número 32 (O avô Henrique não sabia ler, mas conhecia números): “É esse, embarca, rápido!”. Nos agarramos nos balaústres, nos acomodando como podíamos. Só que o bonde ia em sentido contrário. Fomos parar na Praça da Sé.

A mãe conta que, após seu casamento, moraram uns tempos na casa da *nona* Pina. Foi nessa ocasião que assistiu a um fato hilariante. Havia um senhor morando nas redondezas, que se intitulava barão. Contavam que na Itália era um homem muito rico, título de nobreza, proprietário de muitas terras, que foram confiscadas, tornando-o pobre como o mais pobre de seus lacaios. Numa tarde esse senhor chega para uma visita (gostava de conversar com meu avô). A *nona*, atraída pela barulheira, sai porta afóra para ver o motivo do estardalhaço. Quando vê o barão rodeado pela cachorrada indócil, sente-se constrangida com aquele desrespeito canino, e, armando-se de uma vassoura, distribuía cacetadas nos lombos dos animais. Respeitosa, pede que o barão entre:

- Intra, barão!

E com outra lambada no cachorro:

- Pussia, barão!

Agora era meu pai:

- Sofremos muito com o vício de meu finado pai – pinga. Quantas vezes ele, na bebedeira, jogava todo o enxoval de minhas irmãs, guardado num baú, pela janela. Quando chovia, o estrago era pior. Quantas vezes minha finada mãe teve que ficar do lado de fora da nossa casa, com minhas irmãs, até de madrugada, esperando a bebedeira passar e ele dormir. Por isso, não chego perto de bebida nenhuma. Por causa dele sofri muito. Não se podia confiar nele para nada. Desde muito novo, passei a ser o esteio da casa.

A mãe atalhava:

- Seu pai, bêbado, não dava para aturar. Mas quando estava são, não tinha melhor pessoa. Gostava de contar causos da Itália. Era alegre. Gostava de cantar. Era muito amoroso... e não mentia... Ele chegou ao cúmulo de esconder garrafas de pinga pelo cafezal, em moitas de capim. Eu mesma cheguei a encontrar algumas. Às vezes, vinha da cidade tão bêbado que chegava a cair do cavalo e lá ficava até o outro dia. Cavalo manso. Voltava só e ficava parado na frente da porta como se quisesse avisar que o dono ficara para trás.

A mãe conta de sua família:

- O meu pai não lia nem escrevia. Por isso fazia questão de que os filhos aprendessem. Toda noite o pessoal da colônia se reunia em nossa casa e, em volta da grande mesa da sala, sempre tinha alguém ensinando o que sabia. Meu pai nunca “ridicô” na compra de livros. Fazia-nos ler em voz alta, para que todos aproveitassem da leitura. “Escrava Isaura”, “Reinações de Narizinho”. Eu gostava dos romances.

Tia Mirene contava essa história muitas vezes. A última foi um pouco antes de falecer. Numa noite, em plena aula, na sala, em volta da velha mesa, os alunos se empenhavam na lição do dia. A tia, em dado momento, saiu sorrateiramente de seu lugar e se encaminha para a dispensa, cuja porta dava para essa sala e, pula daqui, pula daí, e com um maior impulso pula na pilha de sacos de feijão (ou milho?) agarrando-se num dos sacos, e assim ia seguindo na brincadeira, até que, numa das vezes, sentiu uma picada quente no pé descalço. Saiu disfarçando o mais que podia, mas não teve jeito. Apesar da dor, o que mais temia era a zanga de meu avô que, ao olhar seu pé, iluminando com a lamparina, disse logo:

- E picada de cobra!

Bem que procuraram descobri-la ente a sacaria. O remédio foi o usual:

chupar o ferimento e cuspir fora, por um bom tempo, depois desinfetar com fumo fervido em urina. A tia ainda falava que o que ganhara daquela vida foi também a doença que se manifestou na meia idade, e que a matou aos 83 anos – a doença de Chagas.

Nas horas mais amenas o pai contava não só histórias, mas também piadas. A do papagaio: um homem fanho leva seu papagaio para uma feira, a fim de vendê-lo. Oferece para um, oferece para outro. Muitos parando para apreciar a ave. Querem mais informações:

-Ele fala?

- ‘ala...

- E o que come?

- ‘ome ‘arne, ‘ome ‘apim, ‘ome ‘uta...

E assim ia prosseguindo aquele mesmo interrogatório, e na de vender o bichinho. Às tantas, ao informar mais uma vez, responde:

- ‘ome ‘arne, ‘ome ‘apim, ‘ome ‘uta, ‘ome ‘ocê, ‘ome ‘ua mãe, ‘ome a ‘uta ‘e o ‘ariu!

Havia um homem numa cidade, muito preguiçoso. Tão preguiçoso que sequer plantava para comer. Um dia a população resolveu enterrá-lo vivo, não tinha mais jeito. Botaram o infeliz numa rede e partiram para o cemitério. No trajeto, muitos se apiedavam dele, e diziam: “Não façam isso com o pobre, eu me encarrego de dar-lhe isso, aquilo”... Um deles chega bem perto do cortejo e diz:

- Eu me encarrego de dar-lhe feijão para seu sustento...
- Lá na rede onde ia deitado, Poe a cabeça para fora e pergunta:
- É cozido?
- Não, é cru.
- Então, segue o enterro...

Estórias do *nono* Henrique:

Certo dia, Gustim saiu para visitar o compadre que morava a uma bela distância. Chegando lá, foi direto à porta da cozinha e grita: “Ô, de casa”. Lá de dentro sai a comadre, secando as mãos no avental. Vermelha, suada da quentura do fogão. “Ô, compadre, entra. Como vai a comadre, as crianças? E, voltando à panela, enquanto mexe a polenta, informa que o marido tinha ido apartar uns bezerros, mas logo chegaria para almoçar. Insiste: “Entra, compadre, e fica pra almoçar com a gente”. Gustim, relutante, permanecia do lado de fora, mesmo porque a mulher esta só na casa, e ia pegar mal. Foi quando um fato lhe chamou a atenção: o nariz da comadre estava escorrendo. Quando a coriza ameaçava cair na panela, ela, numa forte inspiração, o líquido sumia narinas adentro. E aquilo continuou subindo e descendo, ameaçando cair na panela. Nessa hora o compadre tomou uma decisão: “Si va, vago. Si sta, stago”. E o *nono*, rindo nos explicava: se o *narotcho* caísse na polenta, ele iria embora. Caso contrário. Ficaria para almoçar...

MORTE DO MEU MARIDO

Doloroso dever me obriga a fazer uma pausa nestas reminiscências, para registrar o falecimento de meu esposo, em 10/08/03. Companheiro de tantas lutas, tantos anos, pai extremoso, talvez a maior de suas virtudes tenha sido a mansidão.

Nas manhãs, esse meu trabalho era quase sempre embalado pelas músicas tocadas em seu teclado: valsas, choros, boleros, de nosso tempo de juventude.

NA FIRMA DE MEU PAI

Parece-me que a firminha do pai progredia a olhos vistos. Até já fizera sociedade com um jovem senhor. Modesto era seu nome, e tinha alguma experiência em administração, e muita visão – visão até demais... – (Ele continuava ainda como funcionário dos armazéns L. Figueiredo).

Quando meu pai me propôs sair da serraria para ajudá-lo no escritório, depois de alguns dias, constatando a bagunça generalizada, e talvez proposital, que reinava no escritório, dei-lhe um ultimato: só ficaria caso ele se livrasse daquele sócio. E assim ele fez. Isso em meados de 1955. Antes de ir definitivamente para o escritório, ainda trabalhei como secretária da firma Fiação e Tecelagem Assumpção. O Dr. Paulo Álvaro Assumpção e seu sobrinho Rui Assumpção, de agradável lembrança. Essa firma ficava na Av. do Estado, na Mooca, pegado à Johnson & Johnson.

Quando comecei a trabalhar definitivamente com meu pai, houve necessidade de limpeza geral, não só na bagunça, mas também demiti todos do escritório – contador, advogados, funcionários. Comecei com gente nova, sem os maus hábitos.

O SONHO SE REALIZA

De quando em quando o assunto de nossa mudança vinha à baila, sempre com grandes discussões (ambos tínhamos gênios fortes). Finalmente, ele consentiu. Concordara, finalmente, e eu não perdi tempo.

Primeiramente comecei procurando por anúncios em jornais e, aos sábados à tarde e nos domingos, íamos para o bairro do Ipiranga, procurando pelos endereços anotados, e por placas de “vende-se” nas casas. Chegava dessas incursões extenuada e mal humorada. Casas velhas, caindo aos pedaços, e as boas cujos preços eram inacessíveis. Mesmo assim, não me aventurava a procurar nos locais mais caros, como travessas da Av. D. Pedro (onde morava a tia Emirene e o Sr. João), Vila Monumento, onde morava o Manezinho. Nos baixos do Ipiranga eu não queria. Meu sonho era morar perto do museu.

A Marta morava nos baixos do Ipiranga, local de terríveis enchentes (R. Gal. Lecor). O Sr. Ernesto morava nessa mesma rua, só que entre a Manifesto e a Silva Bueno.

Muito andei, muito procurei, sem êxito.

Certa tarde, ao chegar do serviço, dou com minha mãe com ar de júbilo:

- Sabe, filha, hoje eu saí com teu pai pra dar umas voltas, e chegamos num lugar onde estão construindo uns sobradinhos, lindos, lindos. Já tem alguns quase prontos. Nunca vi coisa mais maravilhosa, e é onde você quer, bem perto do museu. Pertinho da Av. Nazaré, aquela avenida onde fica o colégio em que a Edite internada. É claro, todo branco, bem arejado, muita luz. Seu pai vai ao escritório deles amanhã.

À medida que falava, seu rosto ia se iluminando. Nunca a vi tão feliz. Dias depois fui vê-lo. Era tudo o que sonhara. Dias depois foi fechado o negócio: uma entrada, e o restante financiado, que, à luz da tabela Price, quanto aumentara o saldo devedor!

Rua Ethel, 2, o nosso sobrado.

A mãe escolheu o do começo da rua, por ter entrada lateral para carro, o mais caro (o sonho do carro foi realizado 2 anos depois). O pai dizia:

-Se é para adquirir um bem, tem que ser logo o melhor.

Ele também se sentia feliz e orgulhoso pela cquista. Sensações confusas. Sentia agora uma ponta de remorso pelo nosso relacionamento nada amistoso, desde que fora chefiar o escritório. Eu, ordem e clareza em todo serviço. Assim aprendera. Ele já era de rolos e confusões. Irritava-me aquele bando de puxa-sacos gravitando à sua volta.

Eu, arrogante e sempre dona da verdade, assim me posicionava sempre. Ele voltara a ser, sob certos aspectos, o grande homem que fora para mim tempos atrás. Acordara em mim aqueles velhos sentimentos. Como ele conseguira realizar aquele negócio tão facilmente. Mágico, carismático.

Ah, pai, nunca consegui falar que te admirava, e que te amava muito. Ah, pai, se se pudesse passar a vida a limpo...

E assim, a 6 de julho daquele ano, mudamos para o bairro do Ipiranga, perto do museu. Local e casa suplantaram as expectativas.

Família de 7 pessoas, mais a *nona* Pina e o *nono* Henrique. A mãe conseguiu, a custo, depois de muita insistência desligar-se de seus antigos móveis, tipo “faça-você-mesmo”. Tudo novo, nada que lembrasse aquela pobreza.

Naquele ano, entre tantas festividades, a Igreja comemorou o primeiro centenário do dogma da Imaculada Conceição.

Finalmente, a consagração da nossa querida catedral.

E, por coincidência, termino estas recordações, depois de vários anos escrevendo, exatamente no ano em que se comemora os 450 anos da nossa amada cidade e

São Paulo, minha cidade. Cidade esta que um dia adotou meus antepassados, oriundos de diferentes pontos da Itália.